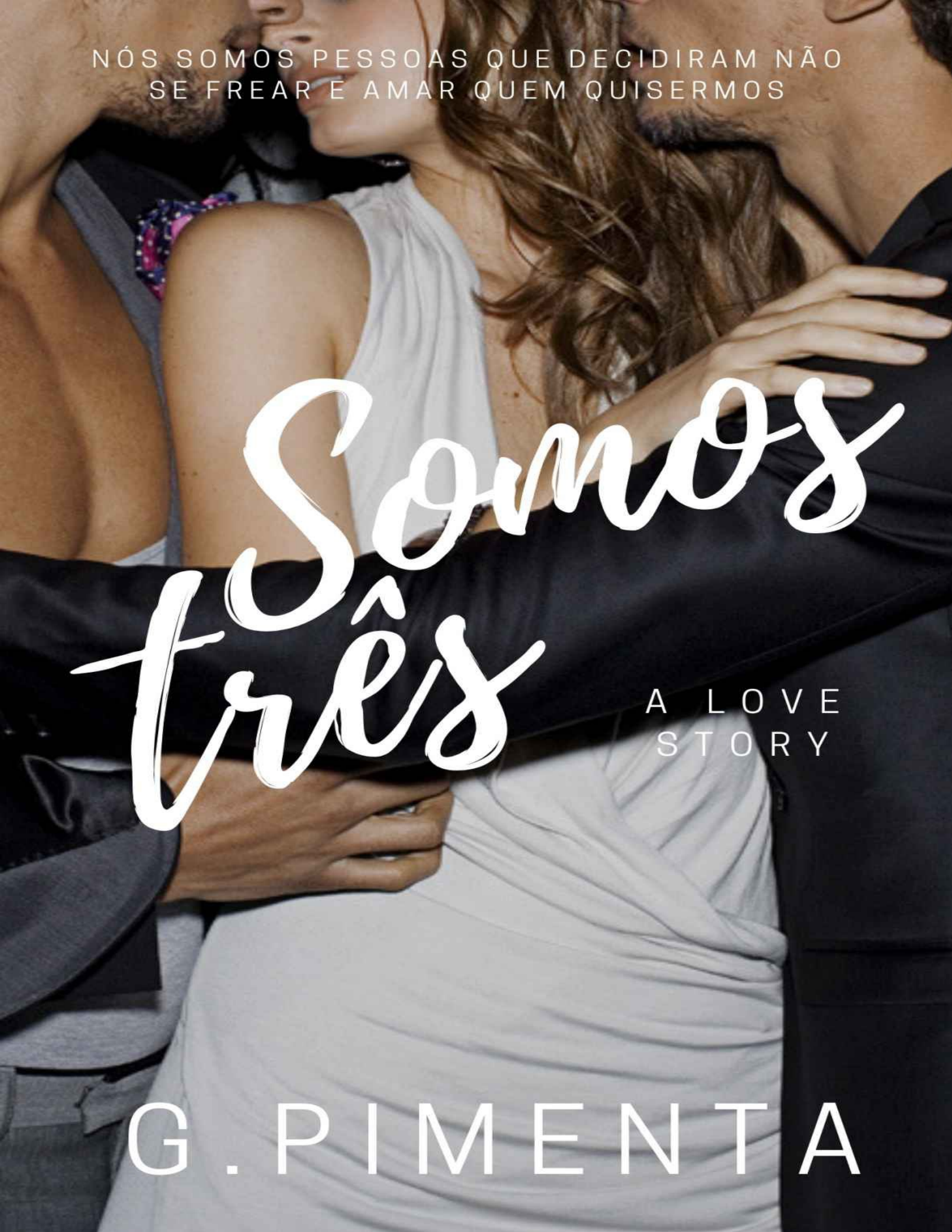




NÓS SOMOS PESSOAS QUE DECIDIRAM NÃO
SE FREAR E AMAR QUEM QUISERMOS

Somos três

A LOVE
STORY

G. PIMENTA



Somos Três
Gabriela Pimenta

Capítulo 01

CHRISTOPHER

O clima em nossa casa sempre foi agradável. Apesar de não passarmos muito tempo aqui por conta das viagens e do trabalho, fazemos questão de que a todo o momento o lugar que chamamos de lar e compartilhamos a quase três anos seja o mais alegre e aconchegante possível. Tentamos ao máximo não trazer os problemas de fora, pois, aqui é o nosso refúgio.

Só que isso mudou há dias atrás. O nosso recanto, que antes era cheio de ânimo, agora vive em uma tensão constante. Bem como nós dois. E tudo por que ainda não conseguimos encarar o fato de que Rebe... Ou melhor, que Yanna, a quem achávamos ser Rebecca e Poliana, nos enganou sem um pinga de escúpulo.

Fez a nós dois de idiotas.

Porém, antes o problema fosse apenas esse.

Algo cresceu e aflorou ao longo dessas semanas, e não digo somente por mim. Em nenhuma outra circunstância Elliot e eu estaríamos tão estressados por causa de uma mulher com quem transamos casualmente. E mesmo que eu queira explicar esses sentimentos controversos usando o fato de que estávamos dormindo com a mesma mulher sem saber, não passaria de balela.

Desde o começo reconheci que sentia algo diferente por ela e isso se concretizou nos dias em que visitei o “apartamento do seu amigo”, que hoje sei ser uma grande mentira, assim como tudo o que rolou entre nós. Mesmo querendo acreditar que uma pequena parte do que aconteceu tenha sido real, fica difícil quando a lembrança de que confessou suas intenções volta a rondar minha cabeça, as quais ela sequer teve a decência de disfarçar. Sem contar que eu já estava aborrecido por tê-la encontrado toda íntima e

sorridente com aquele cara (o tal Nam 'alguma coisa') na semana retrasada.

E quanto ao Elliot, bem, seu humor é a prova de que está tão chateado quanto, e eu o conheço demais para não perceber que há algo mais.

A questão é: será que ele sente o mesmo que eu?

Essa dúvida também vem me perturbando bastante. Em seus olhos são nítidas a raiva e a decepção, mas, lá no fundo, existe um brilho que sou incapaz de identificar. Eu ainda o amo tanto quanto sempre amei, só que a incerteza de que os seus sentimentos não sejam parecidos com os meus é angustiante.

Elliot é uma parte importante de mim e depois de tantos anos, não me vejo mais longe dele. Construímos uma vida juntos, ultrapassamos barreiras demais para que eu possa contar e não há planos em que eu não o tenha incluído.

Se essas emoções confusas em meu interior não forem iguais as dele, tenho receio de que isso afete o nosso relacionamento. Não é a melhor das minhas decisões, mas prefiro continuar mantendo esse turbilhão para mim, ao menos por enquanto. Eu nunca escondi nada do meu namorado, nem mesmo o fato de que estava visitando a tal mulher com quem tive um caso em Veneza. Só que, pela primeira vez, acho que devo esperar o momento certo para falar disso.

Pela primeira vez em quatro anos, eu estou com medo.

Enquanto trabalho na edição de algumas fotos, ouço um barulho alto vindo do quarto no fim do corredor, a sala de treino. Respiro fundo. Elliot está extravasando no ensaio e eu sei como provavelmente vai terminar. Ele não está focado e, conseqüentemente, vai ficar ainda mais nervoso com as suas falhas.

Outro baque e um xingamento ecoam pelo o apartamento, fazendo-me suspirar de novo. Elliot sempre foi muito temperamental. Seu gênio é dolorosamente difícil quando fica irritado ou frustrado, e ele está assim desde aquele dia. Em outras palavras, seu humor encontra-se pra lá de péssimo.

Eu, por outro lado, sempre fui mais comedido. Não sou o tipo que faz alarde

pelo o que não merece. Independentemente do quanto um assunto ou circunstância me irrite, tendo a analisar tudo antes de tomar uma real atitude. Totalmente o oposto de Elliot, que age tão impulsivamente quanto uma criança de vez em quando e eu tenho que trazê-lo de volta aos eixos.

Às vezes somos como fogo e água.

Claro que não sou feito de ferro e cheguei a perder a cabeça um instante durante aquela discussão (e ainda estou profundamente bravo com tudo isso), mas não é do meu feitio. E esse meu lado sistematicamente analítico e um tanto apático atrapalha tanto quanto se eu fizesse a primeira coisa que viesse à cabeça.

Ou seja, a minha racionalidade se equilibra perfeitamente com a impulsividade dele, e vice-versa. Além disso, os anos ao seu lado me fizeram aprender a lidar com seu temperamento difícil.

Assim que música para de tocar, eu fecho o notebook. Ponho-o de lado, dou um impulso e levanto. Não podemos continuar assim. Deliberadamente concordamos em não tocar no assunto até que estivéssemos mais calmos, mas há dias que nada se resolve e protelar não está ajudando. Pelo contrário, virou o “*elefante na sala de estar*”. Grande e chamativo demais para seguirmos ignorando.

Caminho normalmente até a última porta do corredor e me apoio no batente com os braços cruzados sobre o peito e observo meu namorado escorado na barra de frente para o espelho. Ele respira ofegante pelo esforço do ensaio que interrompeu e não sei dizer se o suor que escorre por suas têmporas é por causa da dança ou da própria raiva.

Eu odeio vê-lo desse jeito. Embora não possa dizer muito porque sinto o mesmo. O sentimento de ser traído e magoado. De que falta uma peça que antes não faltava e agora parece essencial por motivos que não quero entender.

— Eli.

Ele ergue a cabeça e sou incapaz de não admirá-lo um instante, tão lindo com

os fios loiros úmidos e grudados em sua testa. Seus intensos olhos azuis brilham e percebo pequenas marcas na pele logo abaixo. Essa visão é muito parecida com a que tenho durante as nossas loucas noites de amor. Mas ao invés de indignação, é tesão que brilha em suas esferas azuis.

Eu queria dizer que fiquei absorto apenas em sua imagem, porém, estaria mentindo. As lembranças de um olhar esverdeado e ardente, mechas rosadas espalhadas nos lençóis e gemidos profundos, cruzam a minha mente e me cegam por um segundo. Tem sido assim desde aquela merda de noite.

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos e devolvo a atenção a Elliot.

— Eli, temos que conversar. Não podemos continuar fingindo que nada aconteceu, isso só está piorando as coisas. Eu também não estou feliz, mas...

— Eu estou bem. — É curto e grosso — Além disso, não estou à fim de falar.

— Mas nós precisamos.

Com seu jeito emburrado, ele dá de ombro e lhe oferece um sorriso. Eu sou o mais novo, mas ele que parece o verdadeiro caçula as vezes.

— Vá tomar banho. Eu vou preparar café para nós enquanto isso.

Ele beija suavemente os meus lábios antes de sair com a toalha enrolada no pescoço. Observo-o atravessar a porta e solto o ar com força, fazendo o mesmo e indo para a cozinha. Essa conversa não vai ser fácil, principalmente se eu criar coragem de exteriorizar o que ando sentindo.

Acho que eu deveria ter sugerido uísque ao invés de café.

Ponho o pó na máquina e fico concentrado vendo o líquido descer para as canecas, e ouvindo o som abafado do chuveiro de longe. Não demora mais do que dez minutos para que Elliot entre na cozinha vestido apenas com uma de suas calças da Puma (que o deixa muito gostoso, a propósito) e os cabelos ainda molhados. Ele senta em uma banqueta e eu entrego a sua caneca cheia até a metade com café bem quente.

— Já disse que você precisa secar os cabelos depois do banho. — Sento de

frente para ele – Você pode acabar pegando um resfriado.

— Hoje não está tão frio.

— Mesmo assim...

Ele bebe um pouco do café, provavelmente para não soltar uma resposta grosseira e eu até riria se não estivesse tão tenso. Nós dois estamos.

Durante alguns minutos, apenas tomamos a bebida em silêncio.

— Como você se sente? — Pergunto, iniciando a tão famigerada conversa.

— Puto é a palavra, com certeza. — Olha-me por cima da borda da caneca e suspira impaciente — Eu não deveria, mas estou.

— Eu também estou. Não pense o contrário.

— Só está envolto em sua redoma de gelo, eu sei. — Ironiza, fazendo-me erguer a sobrancelha – Você tem essa mania quando está bravo ou chateado, e não diga que é mentira. Estamos juntos tempo demais para que eu saiba disso também.

Passo a língua no interior da bochecha e respiro fundo. Isso está prometendo ser mais complicado do que eu imaginava. Puta merda.

E por que eu pensei que não seria?

Agora sou em quem toma um gole de café para reprimir uma grosseria. Estamos ambos com os nervos à flor da pele e, como eu disse, não sou de ferro. Especialmente no que se refere a Elliot Park e sua ironia gratuita. O que só me dá a certeza de que a última coisa que faremos é conversar calmamente.

— Você pode continuar com a sessão de sarcasmo ou podemos conversar como dois homens adultos. — Respondo calmamente, querendo manter os ânimos – Você escolhe.

Ele solta um risinho cínico e me encara com seus arrogantes olhos azuis.

— Olha, Christopher, eu realmente não estou com paciência para falar sobre o que aconteceu. Então, obrigado pelo café... — ergue a caneca para mim e dá um último gole — Mas vou voltar para o quarto porque preciso ensaiar.

Incrédulo, eu o observo. Porra! Eu sugeri um banho para que pudesse se acalmar, mas parece que ele voltou pior. Só que, como eu disse, os anos de convivência me ajudaram a aprender como lidar com o gênio dele.

Elliot pode ser pior do que uma criança birrenta quando quer.

— Não, você não vai. — Retruco — Pode tratar de ficar sentado aí e me ouvir.

— Como é?

— Isso o que você entendeu. Fique aí!

— Escute aqui, Christopher...

— Não, escute você. — Interrompo-o — Nós temos um problema. Um problema bem grande, e temos que resolvê-lo. Não dá para continuar assim.

— Continuar assim, como?

— Assim! Vivendo nesse clima péssimo e fingindo que nós dois não fomos enganados. Porque, sim, foi o que aconteceu e não podemos fingir o contrário.

Ainda que totalmente a contragosto, ele põe a caneca sobre o balcão e cruza os braços, fazendo um gesto qualquer com a cabeça para que eu fale.

— Vamos lá, esperto, diga o que tem que dizer.

Ele não facilita mesmo. Típico.

— Você sabe que não chegaremos a lugar nem um desse jeito. — Suspiro.

— Eu não quero chegar a lugar algum, Chris. — Esbraveja — Não quero falar sobre essa merda! Ela foi uma mentirosa que brincou com nós dois e ponto.

Mais um pouco. Só mais um pouco.

— Não Elliot! – Pressiono — Temos que conversar. Vejo só como você está.

Ele joga os cabelos úmidos para trás e olha para o teto. Suas pálpebras trêmulas são o sinal de que está prestes a romper, assim como fez e anda fazendo em seu quarto de ensaios há dias, e escondendo atrás de xingamentos e movimentos descoordenados. Eu lido melhor com as minhas emoções do que ele. Se Elliot teimar em guardar para si, não vai demorar muito para que desmorone de vez.

Além disso, se eu conseguir fazê-lo soltar o que está verdadeiramente sentindo, confessarei o que estou remoendo. Tudo depende do que ele disser. Sei que é errado forçar, mas várias coisas dependem do que for dito aqui e agora.

— Eli...

— Por que ela teve que mentir para nós, Chris? Por que ela inventou essa merda de história toda, se passando por outras pessoas enquanto... Porra!

— Eu sei tanto quanto você. Ou seja, não faço a mínima ideia do porque a Rebe... Quero dizer, a Yanna agiu como agiu. Eu só sei que não estou feliz, você também não está, e precisamos fazer algo para resolver essa situação.

Apertando as mãos em punhos, Elliot soca o balcão com força. Aí está, sua frustração finalmente vindo para fora. Levanto e me aproximo, e logo estamos frente a frente. Afasto alguns fios revoltos de seus olhos.

— Ponha para fora, amor. Eu estou aqui com você, não precisa aguentar sozinho. Fomos nós dois, não haja como se eu também não fizesse parte disso.

Por um instante, ao sentir seu corpo tremelicar em meus braços, penso que o fará. No entanto, ele se endireita na banqueta e respira profundamente.

— Eu não vou! – diz contundente. Seu olhar é tão frio que me surpreende – Além do mais, essa situação já se resolveu por si só. Não há o que resolver.

— Elliot...

— O que mais há para explicar? Ela pensou em tudo e fez a nós dois de otários.

— Eu estive pensando e não acho que seja o caso. Afinal, a Rebe... Grr! A Yanna sequer sabia quem éramos. Fomos apenas sexo casual em cidades diferentes. O motivo deve ter sido outro, embora eu não tenha tanta certeza já que ela confessou que faz isso com outros e...

— Você a está defendendo? - ele estreita os olhos e rosna – Sério isso?

— Não! Não estou devendo ninguém. Eu só acho que nós dois...

— Eu não quero saber ou ouvir falar daquela mulher. Entendeu?! – corta-me, praticamente gritando – Apenas esqueça essa merda. Pronto e acabou!

Espantado com seu comportamento, consinto e me afasto alguns passos. Ele levanta e deliberadamente dá por encerrada a nossa discussão, caminhando silenciosamente de volta para o último quarto do corredor.

É isso.

Nossos sentimentos, apesar de conflitantes, não são os mesmos.

Encosto o quadril no balcão e respiro o mais profundamente que sou capaz.

Tudo o que vim guardando terá que ser escondido em algum lugar no fundo do meu coração. Porque, apesar de custoso, eu prefiro mil vezes esconder essas emoções do que perder o Elliot. Eu o amo e isso não mudou. Não vai mudar.

A única coisa da qual eu tenho certeza em meio a esse furacão de mudanças.

Os dias passam e o que eu pensei estar sob controle, se mostrou um verdadeiro engano. Sabe aquela história de lidar bem com as emoções? Pois é...

Tolamente eu acreditei que poderia superar esses sentimentos, só que eles parecem crescer a cada dia mais, assim como a saudade que estou sentindo.

E o pior é que não contar para o Elliot está me machucando.

Talvez se eu contasse de uma vez, as coisas poderiam se resolver. Mas os olhos dele às vezes refletem tanta mágoa, que acabo recuando. Nós nunca tivemos uma briga ou desentendimento sério antes, e temo que tocar nesse assunto possa desencadear exatamente isso. O cenário já está bastante complicado.

O clima em nossa casa permanece o mesmo: tenso. Ele vive praticamente para os ensaios e eu para os meus trabalhos. Há uma aura incomoda pairando sobre as nossas cabeças, o peso de palavras que não foram ditas e de emoções que tentamos desesperadamente não ver. Mas que se intensificam desenfreadamente.

Mergulhado de novo em trabalho, com a música num volume considerável para fugir de qualquer distração e ocupar ainda mais a minha cabeça, sigo tratando as imagens do evento que cobrimos no sábado e que preciso entregar até a tarde de amanhã. Elliot está mais uma vez trancado no seu quarto de ensaios. Haverá uma apresentação no final do mês e ele está repassando a coreografia, compensando o tempo em que se deixou levar pela raiva.

No entanto, apesar da música, o apartamento parece muito silencioso.

Só que isso muda completamente quando a sala é preenchida pela melodia inconfundível de "*Dear God*" do Avenged Sevenfold.

Meus dedos instantaneamente paralisam em cima do teclado e eu posso ouvir as emoções berrando. Oh, merda! Eu fugi dessa droga de canção justamente por saber o que causaria, só que o universo a joga para mim como um tapa na cara.

Apesar de estar tentando reprimir tudo dentro de mim, não posso mais segurar. Fecho o notebook em meu colo e também os olhos, encosto a cabeça no sofá e suspiro. Deixando-me levar pelas lembranças, acompanho baixinho a letra da música que retrata tão bem as minhas emoções nesse momento.

Na verdade, que retrata tudo do que venho fugindo desde aquele dia.

*"Querido Deus, a única coisa que peço a você é
Para abraçá-la quando eu não estiver por perto
Quando eu estiver muito distante
Todos nós precisamos dessa pessoa que pode ser verdadeira com você
Mas eu a deixei quando a encontrei
E agora eu queria ter ficado
Pois eu estou solitário e estou cansado
Estou sentido sua falta de novo, oh, não
Mais uma vez*

*Não há nada aqui para mim, nessa estrada abandonada
Não há ninguém aqui enquanto a cidade dorme
E todas as lojas estão fechadas
Não posso evitar em pensar nos tempos que tive com você
Fotografias e algumas memórias irão me ajudar a passar por isso, oh, sim”*

A cada verso, sinto as lágrimas se formando no canto dos olhos, e vejo-me frustrado. Eu não posso e nem quero chorar por uma mulher que sequer pensou em meus sentimentos. Em nossos sentimentos. E apenas usou o que tivemos para escrever uma porcaria historia, que fingiu ser outra pessoa para arrancar o que queria e descartar como se fosse lixo. Eu me nego!

Me nego terminantemente.

*"Querido Deus, a única coisa que peço a você é
Para abraçá-la quando eu não estiver por perto
Quando eu estiver muito distante
Todos nós precisamos dessa pessoa que pode ser verdadeira com você
Mas eu a deixei quando a encontrei
E agora eu queria ter ficado
Pois eu estou solitário e estou cansado
Estou sentido sua falta de novo, oh, não
Mais uma vez"*

Aperto as mãos em punhos e pressiono contra os olhos. Não vou permitir que essas lágrimas desçam. Não vou! Ela não merece sequer uma migalha desse sentimento. Elliot não merece que eu chore por ela. Se eu sucumbir a isso, significa que sucumbi a mais coisas do que pretendia e eu não suportaria as consequências do que esse choro sufocado provavelmente traria.

— Chris?!

De repente, a voz dele chama a minha atenção. Rapidamente me recomponho, respiro profundamente e encaro-o.

— O que foi?

Meu namorado, parado debaixo do batente da porta e quieto, vislumbra-me.

— Eli, o que...

— Você sente falta dela. — diz ele.

Arregalo os olhos.

Não é uma pergunta. É uma afirmação.

Merda!

Observo-o por um instante e solto o ar com força, como se tal afirmação me fizesse cair na realidade que tanto lutei para não cair. Mas que, de alguma forma, sabia não poder resistir contra por muito mais tempo.

Elliot se aproxima cautelosamente e senta ao meu lado no sofá. Sua mão segura a minha, um gesto comum entre nós, como os sentimentos conflitantes que passaram a envolver-nos nas últimas semanas.

Desligo o aparelho de som e a sala cai num silêncio profundo. Durante alguns minutos, olho para os nossos dedos unidos de maneira tão íntima e familiar, e a clareza de que não posso mais guardar despenca sobre mim igual a uma bomba. Prosseguir com essa omissão é um erro e eu tenho que consertar.

— Eli...

Minha cabeça pende para o lado e encaro fixamente os olhos azuis do homem que amo. Meu coração martela dentro do peito, mas eu tenho que falar. Tenho que ser honesto como sempre fui e prometi ser. Jamais lhe faltaria com a sinceridade, embora a omissão tenha parecido mais fácil nos últimos dias.

Elliot é meu companheiro. Aquele com quem dividi tantos momentos difíceis e que me apoiou independentemente do motivo. Eu não poderia ser mais grato por ter alguém como ele em minha vida. E é exatamente por isso que devo dizer.

Então, num murmúrio, confesso:

— Eu estou apaixonado por ela.

Ele se mantém calado. O aperto de seus dedos fica mais forte e as batidas do meu coração também, tanto que chega a doer. Nós nos entreolhamos longa e profundamente. Mais do que espanto, percebo entendimento em seu rosto.

A compreensão de que estraguei tudo faz com que a minha garganta se

comprima com um soluço. Quero agarrá-lo e pedir mil desculpas. Não era para ter acontecido, mas... Simplesmente aconteceu!

Nervoso com o rumo da situação, pego em suas mãos, pronto para jurar o que quisesse. No entanto, as palavras somem da minha boca quando ele sussurra:

— Eu também.

Capítulo 02

ELLIOT

Christopher nunca foi de chorar muito. O que eu tenho de impulsivo e temperamental, ele tem de comedido e sensato. Por isso vê-lo quebrar dessa maneira parte o meu coração. Eu deveria ter sido sincero em relação aos meus sentimentos antes que chegássemos a esse ponto, só que admitir que estava (estou) apaixonado por Poli... Yanna se mostrou tão assustador de início que preferi fugir.

Não somente pela mentira, mas por que aceitar e, principalmente, assumir essa paixão poderia acabar com tudo o que Chris e eu construímos. E eu não suportaria perdê-lo para sentimentos que, apesar de mais fortes a cada dia, ainda eram muito contraditórios. Ele é o meu companheiro, meu amigo e amado, e não merecia ter as minhas dúvidas lançadas sobre si como se os quatro anos que vivemos juntos não fossem nada. Eu não queria que ele duvidasse do meu amor.

Então, fugir foi a atitude mais razoável e imediata que encontrei. Assim como me esconder atrás da máscara do ódio – embora nem um e nem outro tenham funcionado como o esperado.

Apesar de descobrir que fui enganado e que todos os momentos com ela não passaram de um roteiro pré-determinado para as suas histórias, eu não consegui verdadeiramente odiá-la e isso só mostrou que as emoções que estava desenvolvendo desde o começo eram mais sérias do que eu imaginava.

Sem contar que me recusava a reconhecer a minha (nossa) falha.

Por esse motivo, quando Christopher insistiu tanto para que conversássemos sobre o assunto e que eu dissesse o que sentia, adotei a

postura mais fria possível e esbravejei que não queria saber e nem ouvir falar daquela mulher quando, na realidade, só desejava tê-la em meus braços mais uma vez. Vislumbrar seus expressivos olhos verdes enquanto nos entregávamos ao prazer e venerar cada parte do seu lindo e delicioso corpo.

Para não remoer os pensamentos e esquecer o assunto, mergulhei nos ensaios e afastava qualquer lembrança dos encontros intensos que tivemos naquele apartamento, da mesma forma que o meu namorado andava fazendo. No entanto, a cada dia que se passava, mais difícil se tornou e não digo só por mim.

Levar esse silêncio foi um erro.

Tanto Chris quanto eu guardamos palavras demais, sendo que, assim como várias outras coisas, também compartilhamos sentimentos pela mesma mulher. O clima em nossa casa e entre nós ficou estranho graças a isso, e eu já não sabia mais o que fazer para reverter sem piorar a situação. Logo, vê-lo à beira do choro e então ouvi-lo admitir estar apaixonado, mais do que levar um peso enorme dos meus ombros, me deu coragem para confessar que ele não é o único, que eu também me encantei profundamente por ela.

E aqui estamos.

Afasto uma mecha castanha de seus olhos e seco algumas lágrimas fujonas com as pontas dos dedos. Christopher continua me encarando de forma temerosa e dou-lhe um sorriso para que se acalme. Acaricio suavemente seu maxilar e paro ao chegar em seu queixo, me inclino para depositar um beijo em seus lábios.

- Está tudo bem, Chris. Não chore.

Ele funga e vai aos poucos se acalmando. Seus lábios encontram os meus novamente e, mais tranquilo, diz:

— Você não está com ciúmes e nem bravo?

— Ora, porque eu estaria? Acabei de dizer que também estou apaixonado por ela.

Ele sorri e joga os cabelos para trás.

— Me desculpe. Eu deveria ter contado antes, mas fiquei com medo do que poderia acontecer entre nós.

— Eu que preciso pedir desculpas. Também fiquei com medo e acabei escolhendo fingir do que ter uma conversa franca com você. Só que estava tudo tão confuso que eu não sabia como lidar com essas emoções.

Suspiro, sentindo-me um cretino. Sempre prometemos ser sinceros, independentemente do motivo, e não foi o que aconteceu. Por isso tenho a sensação de que falhei como namorado.

— Você não tem que se culpar, Elliot. — ele fala, tirando-me dos devaneios — Eu estava igualmente confuso e com medo. E, de alguma forma, acabei escondendo de você e não sendo honesto. Não posso dizer que erramos, porque não foi necessariamente o caso, mas enfim.... Acho que você entendeu o que quero dizer.

Sorrio um tanto sem jeito. Chris realmente me conhece. Por mais desagradável que seja, além da mania de ser perfeccionista, eu também tendo a me culpar de vez em quando. É mais forte do que eu.

No silêncio da sala, continuamos expondo as nossas inseguranças e conversando sobre o sentimento que descobrimos ter por aquela mulher.

— Apesar de estar apaixonado por ela, eu ainda amo você. É tão...

— Estranho. — completo, deixando um riso fraco escapar — Até nisso somos parecido, pois eu sinto o mesmo. Amo você, Christopher, nunca deixei ou vou deixar de amá-lo. Mas, eu tenho a impressão de que um espaço em meu coração foi aberto para ela, e esse sentimento se mescla com tudo o que eu sinto por você. Mais do que estranho, parece tão... certo.

Encaro o homem que adoro e aperto sua mão entre as minhas. Ele consente. Nós realmente fomos feitos um para o outro. Pois, tudo o que acaba de dizer, é exatamente o que eu sinto em relação a Polia... Yanna.

Vai levar um tempo até eu me acostumar.

— Você tirou as palavras da minha boca. – solta, fazendo-me rir – Não que antes o meu coração não estivesse completo, só que agora...

— Ele parece transbordar.

Chris concorda e mais uma vez fico impressionado com o quanto estamos em sintonia. Sorrimos um para o outro, porém, logo estamos sérios e nos observando fixamente.

— O que faremos, Eli? Embora tudo o que tenha acontecido, ela nos trouxe mais do que decepção. Eu ainda estou chateado com o que ela fez, contudo, estou ainda mais por não tê-la por perto.

— Eu pensei sobre isso, ainda que parecesse que só estava destruindo o quarto enquanto ensaiava. – ele dá risada e me joga em suas pernas. Sua mão vem parar instintivamente em meus cabelos louros – E se tentássemos nós três?

— O que? Como assim?

— Estamos apaixonados por ela e, aparentemente, apesar de toda essa invenção, ela também gosta da gente.

— Está querendo dizer para propormos um trisal a ela? – questiona – Mas a ideia inicial era apenas “chamá-las” para eventualmente participar das nossas transas, certo? Só que nesse caso...

Dou de ombros, como se não fosse nada demais, só que por dentro estou tremendo com a possibilidade de que não concorde com essa proposta relativamente absurda.

Minha confiança está começando a falhar.

— Mesmo não permitindo que falasse aquele dia, eu sei o que estava pensando e cheguei a mesma conclusão. Não fomos justos com ela, principalmente eu que só soube gritar e gritar, ao invés de tentar entender suas explicações. Sem contar que, apesar das mentiras, nós também não

agimos com tanta sinceridade assim. Ok, não sabíamos que era a mesma pessoa e tínhamos concordado em contar antes de tudo vir à tona, mas ainda assim escondemos o noivado.

— Você tem razão. — suspira — Nós nos deixamos levar pela raiva e fomos hipócritas ao não enxergar a nossa própria falha. Nós três agimos errado. Na verdade, acho que não teve ninguém mais errado ou mais certo nessa história.

Sua mão corre por meus cabelos num carinho pra lá de gostoso e acabo suspirando. Ele prossegue:

— Também mentimos e a enganamos. Taxar a Rebe... Yanna como culpada foi um equívoco da nossa parte. Claro que eu só consegui enxergar isso depois de estar mais calmo e o mesmo valeu para você, só que é melhor do que continuarmos cegos, certo?

— Sim. — assinto — Além disso, querendo admitir ou não, éramos apenas uma foda casual. Ela jamais prometeu algo mais sério, tanto para mim quanto para você, e vice-versa.

— Pois é...

— Talvez esse arranjo não vá funcionar, mas eu quero ir até onde pudermos. — confesso — Eu quero tentar todas as possibilidades. Já havíamos conversado sobre a ideia de propor a “Poliana e Rebecca” que participassem do nosso relacionamento de alguma forma. Agora que sabemos que elas são uma única pessoa, não soa perfeito?

Christopher permanece quieto, pensativo. Eu faço o mesmo.

Meu coração bate em expectativa.

— É uma ideia meio maluca, mas o que não está sendo louco desde que a conhecemos, não é? — comenta risonho e joga os fios da minha franja para trás. Seu olhar recai sobre o meu — Vamos fazer isso. Vamos atrás dela.

Me levanto e sento de frente para si.

— Tem certeza? — indago.

— Se você está disposto assim como eu, não vejo porque não. — dá de ombros — Além do mais, eu nunca imaginei que um dia encontraríamos alguém que agradasse a nós dois igualmente e ainda em circunstâncias tão inusitadas. Agora que essa pessoa apareceu, seria burrice não tentar.

Sorrio e maneo a cabeça concordando com o que diz. Seria realmente uma burrice não tentar quando estamos ambos apaixonados pela mesma mulher e ela, aparentemente, por nós dois. Qual a possibilidade de acontecer de novo?

Ainda que houvesse outra oportunidade como essa, nenhum de nós gostaria que fosse outra pessoa à não ser Yanna.

— Mas a questão é: será que ela irá nos perdoar? — Chris pergunta, apreensivo — Porque agimos como verdadeiros babacas.

— Vamos pensar em alguma coisa. — respiro fundo, não muito certo do que acabo de dizer — Infelizmente agimos como patifes sim, mas podemos mostrar que somos mais do que isso.

Christopher deita no sofá e eu me ajeito sobre o seu peito forte e definido. Meu rosto fica próximo ao seu e sinto um arrepio subir a espinha quando suas mãos contornam os meus quadris.

— Vamos mostrar que não somos dois babacas.

— Apesar de sermos de vez em quando.

Ele sorri e não me contenho em selar os seus lábios. Pressiono minha boca na sua e rio com o toque sorrateiro da sua língua. Porém, me afasto antes que o seu beijo leve toda a minha capacidade de raciocínio. Ainda tenho algo para falar.

— Nós temos muito o que conversar antes de colocar esse plano em prática, mas acho melhor continuarmos depois que voltarmos do almoço na casa da minha mãe amanhã. Tudo bem pra você?

— Putz! — ele arregala os olhos — Com toda essa confusão, acabei

esquecendo que é o final de semana que a visitamos. Será que dá tempo de fazer a sobremesa que eu prometi?

— Não se preocupe. Vamos apenas comprar um bolo no caminho e depois marcamos de levar a sobremesa.

— Tem certeza? Se eu correr, acho que posso terminar ainda ho...

Calo-o gentilmente colocando as pontas dos dedos em seus lábios e sorrio maliciosamente. Ele me encara.

— Já disse para não se preocupar.

Seus dedos relaxam contra a minha pele por baixo da regata e não me contenho em roçar os lábios bem no canto de sua boca tentadora, querendo reiniciar o beijo que interrompi. E avançar para mais.

É uma mudança drástica de clima? Sem dúvida nenhuma. Mas é impossível resistir a seriedade sexy desse homem. Além do mais, após várias semanas, não estou aguentando tanto tesão acumulado.

— Ao invés disso, o que acha de empregar a sua energia em uma coisa melhor? — murmuro provocativo — Estou ansiando por você há dias. Cada minuto, cada segundo. Querendo cada centímetro do seu corpo, Chris.

Ele respira com força e crava as unhas curtas em minha cintura, do jeito que eu gosto. Perco-me em seu olhar um instante.

— Senti a sua falta.

— Eu também senti a sua.

— Eu amo você.

Sem perder mais tempo, lanço minha boca na sua e o devoro com o desejo que tenho reprimido desde que o clima entre nós ficou estranho, mas que fui tolo o suficiente para não consertar antes.

Sua língua desliza sensualmente sobre a minha enquanto seus dedos agarram a barra da minha regata, num sinal claro para que eu a tire. Livro-me dela por

cima da cabeça e jogo no chão. Debruço outra vez e capturou seus lábios num beijo tão profundo quanto o anterior.

Me ajeito melhor em seu colo e suspiro com a elevação de sua bermuda esfregando entre as bandas da minha bunda. Movo os quadris para frente e para trás, seu pau duro roça no meu, e nós dois ofegamos com esse contato tão íntimo.

Trato de desaparecer com a camiseta que está usando só para provocar seus mamilos sensíveis e erigidos, uma parte que eu sei excitá-lo muito. Chupo um polegar de cada vez e deslizo em círculos suaves por suas auréolas, e depois nos bicos. Minhas carícias o fazem perder a cabeça. Seus gemidos soam mais e mais alto, e o movimento do seu quadril contra a minha bunda fica se intensifica.

— Você é tão sensível, não é, Chris?

— Não sou o único. Só preciso achar o ponto certo e você se desfaz em segundos.

Não demora para que a sua mão esteja bombeando o meu pau, que trato de esfregar o máximo possível em sua palma quente enquanto sinto a sua glândula procurando espaço no tecido da minha calça de malha. Ele o puxa para a fora ao desamarrar o cordão e qualquer resquício de força de vontade que eu pudesse estar guardando, se vai num piscar de olhos. Seu polegar escorrega ao redor da cabeça jorrando pré-goço e eu quase deixo vir.

— Seu filho da...

— Você tem uma boquinha muito suja.

Chris lança um sorriso travesso e continua me masturbando mais um pouco.

No aperto do sofá, nossos corpos se emaranham em busca de satisfação e o que restava das roupas já enfeita o chão. Estamos sedentos um pelo outro, como sempre estivemos e vamos estar.

Completamente nus e tomados pelo tesão, nós nos encaramos depois de mais um beijo de tirar o fôlego, e não é preciso que eu diga o pensamento que

permeia minha mente. Pois, vejo o mesmo desejo em seus olhos castanhos. Ambos queremos Yanna entre a nossa luxúria, recebendo-nos e gemendo os nossos nomes enquanto lhe damos o máximo do prazer.

Beijo-o novamente com exigência e, num movimento rápido, coloco-o de quatro para mim. A visão do seu traseiro forte e firme é uma delícia, tanto que sinto água na boca. Meu pau dá uma fígada.

— Eu gostaria de estender a brincadeira um pouco mais, só que não estou aguentando...

Subo e desço as mãos pela curva de suas costas, absorvendo a maciez de sua pele.

— Eu vou te foder hoje. — imponho, sem dar-lhe qualquer chance de dizer o contrário — Você é todo meu!

— Eu sempre sou todo seu.

— Talvez em alguns dias, uma bruxinha esteja compartilhando o seu corpo comigo.

— Contanto que depois ela compartilhe o seu comigo, não tenho do que reclamar.

De costas para mim e colado em meu peito, seguro firme em seus cabelos e puxo suavemente a sua cabeça para trás, até que minha boca esteja colada em seu ouvido.

— Imagine ela aqui. — sussurro — Nossas mãos passeando por seu corpo, nossos lábios em cada curva.... Os cabelos rosados deslizando em nossas peles...

Christopher rosna excitadíssimo e empurra os quadris de encontro ao meu pau.

— Eu na frente e você atrás... — ele sussurra de volta, entrando no clima da fantasia — Nossos corpos se movendo juntos e os gemidos dela ecoando em todos os cantos da nossa casa, assim como os seus e os meus. Nós três

delirando com um prazer intenso e inigualável.

Fecho os olhos e imagino o que disse. A imagem dela me vem a cabeça e forço mais a minha ereção contra a sua bunda.

Puta que pariu!

— Ou talvez eu metendo em você, assim como vou fazer agora, do jeito que tanto gosta... — digo, separando as bochechas da sua bunda e passando a ponta do dedo onde logo vou me enterrar — Enquanto ela chupa as suas bolas, ou melhor, enquanto você estiver indo bem fundo nela. Naquele manjar que sabemos que ela tem.

— Oh, porra! Só de pensar já fico...

— Vamos fazer acontecer, amor. — chupo o seu lóbulo — Ela será nossa.

Ele respira ofegante e concorda, tão excitado quanto eu. Se apenas a ideia de incluí-la no sexo já nos deixa assim, não quero nem pensar em quando a coisa for real. Por que ela vai ser!

Mesmo a ponto de explodir, corro até a gaveta do armário e pego um vidro de lubrificante. Tomo uns segundos para admirar Christopher suado e ofegante esperando por mim, e despejo uma boa quantidade do líquido em meu pênis.

Posiciono-o empinado no sofá e depois de espalhar lubrificante o suficiente e prepará-lo com os meus dedos, encaixo a ponta da minha ereção e empurro com cuidado. Seu canal apertado vai abrindo espaço para a minha invasão até que minha pelve cola em seu traseiro.

Aperto sua cintura e começo a estocar. O calor do seu corpo é inebriante e as imagens de Yanna observando, participando, eleva a minha excitação para outro patamar. E considerando o tremor dele e a maneira como exige de mim, leva a crer que está fantasiando também.

Uma... Duas... Quinze... Vinte vezes...

Eu o penetro sem cansar, tocando-o com propriedade em cada parte que alcanço. Imaginamos juntos as cenas eróticas em que desejamos

ter Yanna e entramos num frenesi desenfreado. Meu pau desliza para dentro e para fora do seu ânus molhado e dilatado, levando-nos mais e mais para a borda. Depois de dias sem sexo, é impossível segurar. O orgasmo, tanto o meu quanto o dele, virá rápido e forte.

Envolvo seu membro com a mão e o masturbo, ciente de que mais algumas estocadas e vou enchê-lo com a minha porra. Debruço do jeito que consigo e meto até o fundo. De novo e de novo. Minha mão trabalhando incansavelmente.

— Fantasie que está dentro dela. — murmuro e sinto-o estremecer — Que a minha mão é aquela bocetinha quente e macia, te acolhendo até o fundo.

— Elliot...

— Está imaginando o quanto a nossa Yanna é molhada e apertada?

Christopher solta um palavrão e geme tão profundamente que sei estar perto.

— Eu vou gozar.... Vou gozar...

— Venha, meu amor. Também estou quase.

Meu corpo começa a tremer assim como o dele. Invisto mais algumas vezes, indo o mais fundo e rápido que consigo, e nós dois caímos juntos no abismo do prazer. Aperto o seu pênis e sorrio ao ter minha mão suja com o seu sêmen, ao passo que só falta ir aos céus ao preenchê-lo com o meu. Seu buraco apertado repleto da minha porra. Adoro isso.

Deitado em suas costas suadas e ofegante, continuo mexendo os quadris lentamente até que estou totalmente fora. Caio do outro lado do sofá e sou agraciado pela visão do meu prazer escorrendo entre as suas pernas. Essa visão só ficaria melhor se estivesse vendo um certo outro traseiro virado para mim. Sorrio com o pensamento de que isso logo pode ocorrer.

Chris se ajeita no estofado e suas pernas se entrelaçam com as minhas. Entreolhamo-nos em silêncio um instante e dando um sorriso ladino, ele comenta:

— Se o sexo com você já é fantástico, quando ela estiver aqui...

— Será fenomenal!

Ele concorda e, subitamente, se lança em meu peito. Recebo-o em meus braços e beijo sua boca. Os pequenos e sensuais estalos que nossas línguas fazem vai trazendo de volta o apetite sexual que pensamos ter saciado a minutos atrás.

Ao que parece, não estamos tão satisfeitos assim; Chris pressiona a semi-ereção entre as minhas pernas agora abertas e diz:

— Prepare-se, pois, quem vai foder na próxima rodada sou eu.

Nossa noite será longa.

[...]

Mesmo não tendo conseguido dormir bem a noite (por um motivo MUITO bom, diga-se de passagem), acordo cedo à fim de me preparar para a visita que faremos a casa da minha mãe para o almoço. Sonolento e querendo continuar para cama, despreguiço e forço o meu corpo a se mover em direção ao banheiro. Se eu não fizer isso, vou acabar me rendendo a ideia tentadora de dar meia volta e dormir sabe-se lá até que horas.

Com os olhos quase fechados, encaro o meu reflexo no espelho sobre a pia e coço os cabelos, jogando-os para trás. Eu amo a minha mãe, só que acordar as seis da manhã para visitá-la não é lá uma coisa agradável. Não quando passo a madrugada inteira praticamente fodendo.

Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, caminho outra vez até a cama e sacudo o ombro de Christopher para tentar despertá-lo. Chamo, chamo. No entanto, ele simplesmente resmunga e vira de lado, ainda apagado. Suspiro.

O percurso de carro até Hershey, na Pensilvânia, demora cerca de três horas.

Logo, temos que começar a arrumar as coisas cedo para chegar no horário. Num geral, não temos grandes problemas com isso, mas estando ambos com sono, vai ser complicado. Especialmente acordá-lo e empurrar para fora da cama. Quase uma missão impossível.

— Chris... Christopher, acorde.

— HUUUUUMM...

— Precisamos nos arrumar para o almoço na casa da minha mãe.

Sua resposta é o silêncio, mas sei que entendeu o recado por que começa a se mover preguiçosamente, despertando a contragosto. Ele rola até ficar de barriga para cima e abre lentamente os olhos. Seu corpo definido e levemente bronzeado enrolado nos lençóis me faz reviver as lembranças de noite passada e a minha força de vontade é momentaneamente testada. Eu sou grato pelo noivo maravilhoso que tenho, mas as vezes é difícil conviver com ele. Especialmente quando tenho compromissos importantes e inadiáveis.

— Eli, que horas são? — ele pergunta, esfregando levemente o rosto com as mãos — Não dá para cochilar mais um pouco?

Rio da sua manha e acaricio seus cabelos desgrehados.

— Não, baby. Precisamos nos apressar ou não chegaremos a tempo. Ainda temos que enfrentar três horas de estrada.

— Não podemos ir de trem? Estou com muito sono para dirigir.

— Nesse horário, vai ser impossível encontrar passagens disponíveis, sem contar que demora mais. Pode deixar que eu dirijo. Você o faz na volta.

Ele consente e afunda o rosto no travesseiro outra vez. Christopher sempre teve o sono muito pesado e odeia acordar cedo. Isso não mudou em quatro anos de convivência e duvido muito que irá mudar. Já estou acostumado com essa enrolação toda para levantar.

Deixo-o na cama e vou para a cozinha preparar algo para comer. Não demora mais do que cinco minutos para que o dorminhoco apareça e me agarre por

trás, beijando a minha bochecha em seguida.

Aquela conversa de ontem (e o sexo) realmente ajudaram. Sinto que o clima voltou a ser o que era. Ou até melhorou.

Comemos, tomamos banho e saímos em cima da hora. Decidimos comprar a sobremesa quando estivermos por lá, pois o pobre bolo com certeza não sobreviverá o caminho rumo a Hershey.

Como de costume em nossas viagens juntos, aproveitamos para colocar o papo em dia sobre o trabalho e fazer alguns planos. No entanto, desde que saímos de casa, o único tema em pauta é Yanna e como faremos para conseguir que perdoe-nos. Só que achar uma ideia para tal se mostrou mais difícil do que imaginávamos. Considerando que sempre fomos apenas os dois, lidar com uma terceira pessoa (e que estamos disposto a incluir em nosso relacionamento) é bastante complicado.

Tanto ele quanto eu tivemos experiência com relações heterossexuais antes de nos conhecermos. Só que quatro anos em um relacionamento homoafetivo fez essas vivências se tornarem um pouco obsoletas. Principalmente porque a mulher em questão é completamente diferente das outras (ou assim esperamos ser).

Presos em um impasse a pelo menos vinte minutos, Chris dá um gole no refrigerante que compramos e diz:

— Talvez devêssemos deixar essa conversa para depois. Vamos precisar de um pouco mais de tempo para pensar em uma maneira de nos aproximarmos dela.

— É, tem razão. Estamos apressando as coisas. – concordo, meus olhos presos na estrada – Então do que devemos falar?

— O que acha de recapitular tudo o que aconteceu desde que a conhecemos?

— Beleza.

— Bem, eu vou começar então. — de relance, vejo-o se ajeitar no assento — Lembro que eu contei a você nas mensagens que trocamos durante aquela

semana em Veneza que havia conhecido uma mulher e que ficamos juntos quase todas as noites, até que precisei voltar para casa. E então, você a encontrou em Munique durante o festival e ficaram juntos por dois dias.

— Exatamente. Por essa razão fiquei tão chocado ao descobrir que Poliana e Rebecca eram a mesma mulher. Quero dizer, considerando que eu viajei depois de você e nós nos encontramos em Munique no segundo dia do festival. Provavelmente ela chegou à cidade na manhã seguinte a que você embarcou, e outra, ela estava com os cabelos lilases.

— De qualquer forma, mesmo com tudo o que falei sobre ela, seria impossível para você reconhecê-la. Se eu tivesse mandando aquela foto, talvez sim.

— Mas haviam semelhanças também, como a tatuagem que comentou ter visto na coxa esquerda dela e os olhos verdes. Só que o tal piercing íntimo e o cabelo rosa que você tanto falou não existiam para mim. Logo... — dou de ombros.

— Ela deve ter pintado os cabelos e tirado o piercing antes de viajar. E acabou seguindo com os personagens quando nos reencontramos. Mas, parando para pensar agora, eu deveria ter presumido que alguma coisa estava errada quando você contou que também reencontrou a mulher de Munique na cidade na mesma época que eu. — ele ergue os dedos — Foi muita “coincidência”.

— Sim, sim. Coincidência demais. — roubo um pouco do seu refrigerante — Mas a grande questão em toda essa história é: por que ela fez tudo isso?

— Aí está. Eu não faço a mínima ideia e nós sequer lhe demos a chance de explicar.

Suspiro, assentindo. Se queríamos respostas, o jeito como agimos demonstrou o completo oposto.

Nossa conversa perdura praticamente todo o caminho e, perto do meio-dia, enfim chegamos a Hershey. Fazemos uma parada na confeitaria preferida da minha mãe e compramos um bolo de nozes. E não demoramos mais do

que dez minutos para estacionar em frente à casa em que passei a maior parte da minha vida.

A fachada branca e os canteiros de margaridas que a minha mãe tanto ama cuidar me recepcionam com uma dose de nostalgia. Eu não costumo passar muito tempo sem visitar a minha antiga casa, o faço sempre que tenho tempo livre.

Depois da morte do meu pai, minha mãe passa muito tempo sozinha, apesar do trabalho e do voluntariado nos finais de semana. Eu até sugeri que fosse morar perto do nosso apartamento em Nova Iorque ou que nós nos mudássemos para Hershey, só que ela não aceitou. Sei que ela sente saudades do papai, mas também não quer viver dependente de mim.

Ela é uma mulher muito forte e admirável.

Além disso, não é como se ela não tivesse os seus casos amorosos de vez em quando.

Uma vez que aperto a campainha, bastam alguns segundos para que a porta seja aberta e uma mulher baixinha se jogue nos meus braços (sorte que o Chris está segurando a caixa do bolo).

— Elliot, meu querido! — ela me aperta ainda mais em seu abraço — Que saudade!

— Oi mãe. — beijo sua bochecha — Como está? Também estava com saudade.

— Estou bem, meu filho. Muito bem.

Nayeon, minha mãe, é uma mulher muito bonita e admito que somos muito parecidos, apesar de eu ter herdado os cabelos louros e olhos azuis do meu pai.

Ao contrário de mim, seus olhos e cabelos são escuros. No entanto, nossos traços orientais são os mesmos. Especialmente o formato dos olhos mais estreitos. Ah, é quando sorrimos também.

Ela se vira para Christopher e sorri.

— E como está o meu genro bonito?

— Estou muito bem. Obrigado!

Eles se abraçam carinhosamente e minha mãe faz um carinho nos cabelos castanhos de Chris. Ela o trata como um filho e eu não poderia ser mais grato pela forma que o acolhe, sem preconceitos ou restrições.

Eu sempre fui muito franco e aberto com a minha mãe, principalmente depois que perdemos o meu pai. Logo, não tive qualquer receio de contar a ela sobre minha orientação sexual. Claro que eu imaginei que teríamos um atrito ou ela ficaria chocada. No entanto, quem acabou chocado fui eu ao ser aceito sem problema. E muito mais quando acolheu Christopher, meu companheiro, tão bem (ou até mais) quanto acolheria qualquer pessoa.

Completamente diferente da forma que os pais dele encararam a notícia.

— Isso que está em sua mão é o que estou pensando? – ela pergunta.

— Infelizmente não. Aconteceram tantas coisas essas últimas semanas que acabei esquecendo de fazer a sobremesa que prometi. Eu realmente sinto muito e trarei da próxima vez sem falta.

— Trouxemos um bolo de nozes da confeitaria que você adora. – digo.

— Oh, que maravilha! – pega a caixa e beija-o no rosto – Não se preocupe, querido. Fica para a próxima vez. Assim vocês terão motivos para vir me visitar.

— Não precisamos de motivos para vir visitá-la. Adoramos passar o final de semana com você.

— Por isso não canso de dizer que meu Elliot escolheu bem. Christopher, você é muito galanteador. – dá uma batidinha no ombro dele e nós três rimos. Ela olha para mim — Tome cuidado para esse charme todo não conquistar outras pessoas, hein.

Troco um olhar significativo com o meu namorado e ele apenas sorri. Se

minha mãe soubesse que nós fomos os conquistados, não estaria dizendo isso. O que me leva ao pensamento de que, se der certo, terei que dizer a ela que futuramente estarei em um relacionamento poliamoroso.

Será que ela aceitaria tão bem a notícia quanto aceitou o meu namoro com o Christopher? Bem, não tenho como saber agora.

— Vamos entrar que o almoço está quase pronto. — ela se pronuncia, entusiasmada.

Feliz por estar de volta em casa e rodeado por pessoas que amo, dou a mão para minha mãe e ao lado de Christopher entramos, preparados para mais um final de semana cheio de animação.

Capítulo 03

YANNA

Vislumbro novamente o homem deitado ao meu lado na cama e sopro desinteressada a fumaça do cigarro para o alto, virando o rosto em direção a enorme janela do hotel. Através do vidro, tenho uma vista privilegiada para o mar límpido e azul, mas nem mesmo essa paisagem incrível é capaz de levantar o meu ânimo, que esses dias está rastejando no chão.

A Nova Zelândia já foi um dos meus lugares favoritos, só que agora parece tão sem graça, tão cinza, apesar do Sol estar reduzindo esplendidamente no céu mesmo a essa hora da manhã. Ou será que sou eu que estou assim?

Reprimi por tanto tempo os meus próprios sentimentos, que não sei mais identifica-los. Essa foi a maneira que encontrei para suportar, só não imaginava que voltar a sentir fosse mais doloroso e intenso quanto antes.

Nem um pouco disposta a lidar com a “etiqueta pós-sexo”, termino o cigarro e levanto devagar para não acordar meu acompanhante da noite passada. Começo a recolher as peças espalhadas pelo chão e sigo para o banheiro equilibrando-as nos braços. Tenho que ser rápida ou não vou escapar daqui antes que ele acorde.

Já vestida, mesmo com as roupas amassadas, abro a torneira e lavo o rosto para espantar o sono. Amarro os cabelos de qualquer jeito e encaro o meu reflexo por um instante. A tintura cor de rosa desbotou quase por completo e só restou uma sombra de raiz clara e fios descoloridos, beirando o tom natural.

Sorrio pesadamente ao lembrar do que Elliot comentou no dia em que nos conhecemos em Munique. Talvez eu seja mesmo como a Ninfadora Tonks. Meus cabelos estão cada vez mais sem cor porque estou cada vez mais triste.

Deixando os pensamentos de lado, volto para o quarto e pego uma caneta dentro da bolsa. Escrevo rapidamente um recado num *post it* e ponho-o ao lado do telefone junto com duas notas de cem dólares. É o suficiente para pagar minha parte da noite. Observo pela última vez o homem com quem transei, arrumo a alça da bolsa no ombro e saio do quarto. Esse encontro se encerra aqui.

Logo que coloco os pés para fora do hotel, sou agraciada com os raios da manhã em meu rosto. Instantaneamente sinto-me melhor. Respiro fundo absorvendo o ar marítimo e sinto o calor gostoso do Sol. Por alguns segundos, permaneço parada na entrada apenas aproveitando. A paisagem cinza vai dando lugar a colorida que sempre adorei em Wellington e meu humor se eleva um pouco.

Parando para refletir agora, foi uma péssima ideia transar com um desconhecido enquanto o meu coração e a minha mente continuam sobrecarregados com Elliot e Christopher. Não sei no que raios estava pensando quando aceitei.

Procuro os óculos escuros na bolsa e ajesto-o no rosto. Decidida a fazer o meu dia valer a pena, algo que não me dei ao trabalho desde que cheguei há três dias, encho o peito de determinação e caminho para o hotel onde estou hospedada.

Depois do que aconteceu, larguei o meu "emprego" na cafeteria e comprei a primeira passagem de avião que achei dando sopa no site de viagens, que calhou de ser para a Nova Zelândia. A ideia era simples: me afastar de possíveis embates e remoer os sentimentos que descobri sozinha e em paz.

O que foi uma verdadeira idiotice por dois motivos: primeiro, eles sabem onde é o meu apartamento. Não é como se eu não fosse vê-los outra vez, então as possibilidades de novos embates ainda existem. E apesar de haver a opção de mudar, não vale o esforço. Sem contar que é um verdadeiro saco encontrar um lugar em Nova Iorque que não custe uma fortuna (não que isso seja realmente um problema); segundo: seja em casa ou em qualquer outro lugar do mundo, ruminar esses sentimentos foi tudo o que me sobrou.

Como sempre, eu apenas fugi.

Percorro poucas quadras caminhando, observando a movimentação das ruas, e estou novamente em frente ao luxuoso no InterContinental Wellington, onde reservei uma suíte para a semana. Geralmente eu ficaria em um hostel, mas como queria ficar sozinha, o que melhor do que um quarto enorme para isso?

Após um banho relaxante e demorado, visto uma roupa bem confortável e desço para o restaurante à fim de tomar o café da manhã. Embora o meu coração relembre a cada segundo que foi partido (e ainda por cima, por dois homens) e o meu ânimo ainda esteja murcho, eu preciso fazer alguma coisa além de mofar na cama ou encher a cara e terminar transando com qualquer um como ontem.

Saboreando um enorme pedaço de *hash brown*, abro uma guia no navegador do celular e, depois de uma pesquisa rápida, escolho o meu destino.

Vou para Hobbiton!

Ok, ok... Como fã incondicional de Tolkien, já visitei a Hobbiton algumas vezes (quatro, para ser mais precisa), só que nunca é demais mergulhar no mundo de O Senhor dos Anéis e O Hobbit quando se tem a oportunidade. Além do mais, aquele lugar é tão mágico que com certeza irei me sentir muito melhor o visitando – ainda que eu tenha que cruzar a ilha para isso.

Enquanto termino de comer para subir e arrumar as minhas coisas, aproveito para comprar a passagem de avião, o ingresso para entrar na atração e também reservar um quarto na cidade. Resolvo tudo com somente uns click's (viva a tecnologia!). Como o voo para Tauranga dura cerca de quatro horas e leva mais cinquenta minutos até Matamata, tenho que sair o mais cedo possível à fim de chegar a tempo de curtir o tour e um copo de cidra no Green Dragon Pub.

Faço *check-out* uma hora depois e pego um táxi rumo ao aeroporto. Pela State Highway 1, não demora mais do que quinze minutos para eu estar entregue e no horário; todo o processo de embarque é muito rápido e em questão de instantes, estou acomodada confortavelmente em meu assento.

A viagem ocorre sem problemas. Entre cochilar e beliscar os aperitivos dados pela comissária de voo, ainda sobrou tempo para pensar em Chris e Elliot, sendo que eles também se infiltraram em meus sonhos. Eu estou ficando louca!

Sabe aquele ditado “*quanto mais você não quer pensar, mais você pensa*”?

Quem o disse não poderia estar mais certo.

Com a mochila nas costas e perto de derreter com o calor escaldante que está fazendo, vou em direção a saída para embarcar no ônibus que leva até o centro de Tauranga. Ao contrário dos Estados Unidos que está no inverno, a Nova Zelândia resplandece com o começo do verão. Assim como qualquer outro país com áreas de clima subtropical (exatamente onde me encontro agora), seu verão é muito seco. Resultado: Yanna transpirando mais do que uma fonte.

Munida com um boné, óculos escuros e besuntada com protetor solar, pego o primeiro ônibus. E em vinte minutos, no Terminal de Hamilton, embarco rumo a Matamata para enfrentar mais cinquenta exaustivos minutos de viagem.

Talvez... Só talvez.... Eu tenha escolhido Hobbiton por causa de seu percurso longo. Queria (mais) tempo para refletir sobre o que farei quando voltar, mas acho que estou conseguindo o completo oposto. Não sou capaz de pensar em nada que não seja aqueles dois e suas expressões de decepção.

Na verdade, em tudo o que aconteceu desde que esbarrei com ambos em minhas viagens. Em como nossos encontros parecem ter sido arquitetados pelo destino. Eu nunca fui de acreditar muito nisso, porém, essa força e conexão que senti tanto com Elliot quanto com Christopher não foi normal. Eles trouxeram de volta um (vários, para ser honesta) sentimento que eu pensei ter esquecido há tempos.

Uma vez eu li num livro que ter interesse em alguém é uma luta entre a certeza e a dúvida de gostar dessa pessoa, e essa dúvida e certeza se misturam como maré. Quando a dúvida desaparece, tudo o que resta é a certeza e então começa o amor. Eu lutei contra essa maré o máximo que consegui, mas a

certeza acabou vencendo assim como estava escrito no livro. Não sei descrever ao certo como começou, bem como se esse sentimento que tenho pelos dois pode ser amor.

Dizer que é amor quiçá seja um exagero. Mas eu sei muito bem o que essas emoções reverberando em meu interior querem dizer. Sorte (ironicamente falando) que as verdades vieram à tona antes que realmente pudesse evoluir.

Antes que eu quisesse que evoluísse.

A paisagem que vejo através da janela é linda e tendo como trilha sonora “Le Long de la Route” da cantora ZAZ, parece ganhar outro significado. Encosto a cabeça no assento e observo a estrada correr. O Sol está no topo do céu e mesmo que eu tente de todas as formas manter minha atenção nos campos verdes, meus pensamentos teimam em ir muito longe.

Tal como diz a letra: “*É estúpido que podemos ser tão estúpidos, para se esconder de si mesmo. É estúpido que podemos ser tão estúpidos*”.

Perdida em meus profundos devaneios, sobressalto ao sentir o celular vibrando o visor e me surpreendendo ao ler o nome da minha mãe. Que estranho. Não que ela não costume de ligar, mas nos falamos não faz nem três dias.

— Alô?! Mãe?

“Oh, Yanna! Querida, como você está?”

— Estou bem, mamãe. — olho rapidamente para o visor, um pouco nervosa — Aconteceu alguma coisa?

“O que? Não, meu bem. Está tudo ótimo”.

— Ainda bem, fiquei preocupada por um momento. — solto um suspiro profundo — Por que ligou? Eu disse que ligaria assim que chegasse em casa no final da semana.

“Só queria saber como está e o que anda fazendo. Você disse que estava viajando, mas não comentou em que país está e...”

— O Daniel pediu que ligasse, não é?!

Interrompo-a. A ligação fica muda um instante e ouço sua respiração derrotada do outro lado da linha. Acertei em cheio.

“Ele está preocupado com você, querida”.

— Eu disse para ele que não se preocupasse. Daniel sabe que eu faço isso de vez em quando. Às vezes preciso ficar sozinha.

“Uma coisa é ficar sozinha e outra é não dar notícias para o seu melhor amigo. Impossível ele não ficar apreensivo quando você não ajuda nem um pouco”.

— Dani é um dramático de mão cheia. Não é a primeira vez que isso acontece.

“Ele comentou que você anda meio estranha faz algumas semanas”.

Respiro fundo e volto a olhar para a paisagem. Um sorriso zombeteiro se abre em meus lábios. Daniel é um filho da mãe muito perspicaz.

Ele me conhece mesmo.

— Eu estou bem, acredite. Só aconteceram algumas coisas e tirei uns dias para pensar.

“Algo complicado?”.

— Digamos que sim. Contudo, nada preocupante. Por essa razão, nem a senhora e nem Daniel precisam ficar ansiosos desse jeito. Em três dias estarei de volta em casa e falarei com ele.

“Pobre rapaz. Você o deixa maluco as vezes”.

— Não o proteja. Ele não é nenhum santo.

Trocamos mais algumas palavras, mudando de assunto. Apesar de não estar esperando sua ligação, falar com a minha mãe é sempre reconfortante. Passar tanto tempo longe de casa as vezes é muito difícil e a saudade aperta, por isso

sempre faço questão de manter contato e visita-los nas oportunidades em que posso.

“Vai passar o Natal aqui em casa?” – ela pergunta.

— Vou sim. Mas vou apenas no começo de dezembro. Tenho trabalho para fazer.

“Tudo bem. Quando estiver perto de vir, me avise que vou arrumar seu quarto”.

— Ok! Bom, mamãe, eu preciso desligar agora. Estou no ônibus e falamos tanto tempo que nem percebi que estou prestes a descer. Se o Dani ligar de novo, diga que estou bem e para que ele não fique preocupado à toa.

“Sabe que ele vai lhe dar uma bronca, não é?”.

— Claro que sei. Estou ignorando as mensagens e ligações dele há quatro dias.

“Não seja má, minha filha”.

— Ele merece um pouquinho.

“Bem, seu pai mandou beijos”.

— Mande outros para ele. E para a Babi também. A propósito, como está o Isac?

“Grande e imparável. Ele vai adorar ter a tia favorita aqui para o Natal”.

— Eu sou a única tia dele, tenho que ser a favorita. – rio – Mande beijos para todos.

“Pode deixar. Cuide-se querida”.

— Você também, mamãe.

Despeço-me e a saudade aperta no peito. Tenho vontade de chorar por um instante. As coisas andam tão enroladas e complicadas que estou com os nervos descontrolados e ter a consciência de que a minha família não está por

perto é difícil.

Assim como Daniel, eles também são o meu porto seguro apesar da distância.

O ônibus finalmente chega a pequena e pacata cidade de Matamata. Os turistas que vieram comigo se juntam e esperam pelo guia. Eu, como já conheço, vou andando na frente e logo avisto a placa de entrada: Welcome to Hobbiton.

A paisagem simples e encantadora me dá boas-vindas. Admiro as enormes árvores solitárias e infinitas colinas verdejantes, assim como Tolkien descreveu o Condado em seus livros e suspiro. Deixo-me mergulhar na atmosfera mágica e afasto todas as chateações para longe.

Esse, com certeza, é o meu lugar.

Sem dar importância para o Sol de rachar, caminho entre os pequenos e charmosos *Hobbit holes* e tiro algumas fotos. Até me surpreendendo quando a vontade me faz sacar o celular e abrir a câmera. Ato que me faz recordar de Christopher quase que imediatamente e do jeito como ele capturava cada imagem com entusiasmo e paixão durante nosso passeio em Veneza.

Lentamente prossigo em meu tour, que dura em torno de duas horas e eu praticamente mal vejo esse tempo passar. Como último ponto da visita, entro no Green Dragon Pub, o famoso frequentado por Frodo; Sam; Merry e Pipin, e peço um copo de cidra Pale Ale para terminar bem o passeio. Fico sentada apreciando a minha bebida e o lindo bar que remete ao cenário dos livros de Tolkien e o pensamento de que esse passeio teria sido muito melhor se Christopher e Elliot estivesse comigo me acerta de repente. Ambos são muito fãs da saga Senhor dos Anéis e também de O Hobbit. Provavelmente adorariam tanto esse lugar quanto eu adoro.

Que droga! Quando vou tirar esses dois da minha cabeça e do meu coração?

São mais de quatro horas da tarde quando decido ir embora. Ao invés de

pegar um ônibus de volta para Tauranga assim como os demais visitantes, pego um táxi para o centro de Matamata onde ficarei hospedada pelos próximos dias. Ficar na tranquilidade dessa pequena cidade de pouco mais de 6 mil habitantes será melhor do que voltar para agitação urbana.

De agitação, já basta a que terei que enfrentar ao regressar para Nova Iorque.

[...]

A semana que passei na Nova Zelândia, especialmente o finalzinho em Matamata, me fizeram muito bem. Claro que voltar para casa e confrontar com o cenário onde as minhas emoções enfim vieram à tona foi difícil, mas os dias seguintes foram cruciais para que eu comesse a enxergar a realidade como ela é. Não haveria mais visitas e tudo estava acabado. Ponto.

Daniel, como previsto, encheu o meu saco por que não (nas palavras dele) tive decência de pelo menos avisar que tinha ido viajar e que estava bem. Ter que o ouvir mais de uma hora derramar suas reclamações sobre mim foi realmente chato. Mas, no fim e como sempre, prometi recompensá-lo com uma noite dos melhores amigos e ele se deu por vencido.

Com o final do ano se aproximando e os projetos que meu amigo e eu estamos trabalhando para o próximo ano, não tenho parado desde que retornei de viagem. O que é bom, minha cabeça está focada em outros assuntos. Mudança de foco!

Hoje foi mais uma tarde corrida e cheia de reuniões na editora. Entrei no meu apartamento querendo apenas um banho relaxante e alguma coisa bem gordurosa e doce para comer. E aqui estou, com os pés para cima e devorando um potinho de mousse de chocolate que encontrei perdido dentro da geladeira enquanto assisto os episódios que acumulei de Outlander. Peguei tanta raiva da Claire que parei de acompanhar antes que entrasse na TV e

enfiasse a mão na cara dela. Porém, como Jamie Fraser é um dos meus sonhos de consumo masculino, fui obrigada a continuar para ver no que vai dar.

Estou aproveitando a última colherada do mousse quando o interfone toca e me faz saltar no sofá de susto. Levanto e vou atender sem muita empolgação.

— Quem é?

Ouçõ a voz do zelador.

“Senhorita Yanna, chegou um pacote para você”.

— Pacote para mim? – franzo o cenho – Mas eu não estava esperando nada.

“Acabaram de entregar e disseram que era para o apartamento 1204”.

— Huh, que estranho. Mas tudo bem, estou descendo para pegá-la.

Assim que desligo o interfone, calço meus chinelos e saio rumo ao elevador. Enquanto desço para o hall, fico imaginando quem possa ter mandado um pacote para mim, considerando que eu não lembro de ter encomendado nada nos últimos dias. Até porque, nem aqui na cidade eu estava e voltei a pouco tempo.

Lanço um sorriso simpático para o zelador ao me aproximar e pego a caixa sobre o balcão de sua guarita. Pergunto mais uma vez quem deixou o tal pacote, mas ele diz apenas que foi um entregador normal e que não deu nenhuma outra especificação além de que deveria ser entregue a dona do apartamento 1204.

Ou seja, eu.

Agradeço-o novamente e subo de volta para o meu andar. Observo a caixa bem adornada em minhas mãos e a curiosidade cresce em mim igual a de uma criança querendo saber o que Papai Noel irá lhe presentear no Natal. É uma analogia ridícula, eu sei. Mas é exatamente como me sinto nesse momento.

Uma vez que estou dentro do meu apartamento, caminho apressadamente até

o tapete felpudo da sala e sento sobre ele, colocando o misterioso pacote de frente para mim. Analiso-o um instante. O laço dourado no meio da tampa tem um capricho um tanto duvidoso, porque parece um pouco torto e desproporcional. Contudo, ainda assim, a caixa é muito bonita e animadoramente chamativa.

— Não vou descobrir o que está aí dentro se não abrir, certo?

Reúno minha dose de coragem e, com cuidado, desfaço o laço. Puxo a tampa e coloco de lado. Me surpreendo ao olhar dentro e encontrar duas rosas cruzadas, uma pink e outra lavanda, em cima de um envelope. Encaro as duas lindas flores, pego-as e cheiro. Cada uma exala seu perfume sutil e característico, e quando as aspiro juntas, os aromas se unem e formam um ainda mais perfeito.

Fico encantada, porém, não sei o que pensar.

Daniel, apesar dos mimos que me dá de vez em quando, não é muito de presentear com flores ou de fazer surpresas como essa. Natham menos ainda. E digamos que eu não tenho tanto amigos assim para receber presentes inesperados como esse. Então, quem raios enviou.... Oh, espera!

Aturdida com a possibilidade, pego o envelope no fundo da caixa e o abro devagar. Ao retirar o pequeno pedaço de papel e desdobrar, meu coração salta dentro do peito assim que pouso os olhos sobre o que está escrito.

“Essas flores, apesar de iguais, também são muito diferentes. Nós dois, apesar de diferentes, começamos a sentir o mesmo nessas últimas semanas.

Sabemos que não fomos os mais compreensíveis ou justos, e queríamos pedir desculpas. Talvez pudéssemos conversar e resolver esse mal-entendido, o que acha? Gostaríamos de convidá-la para um jantar em nossa casa”.

Leio e releio o bilhete imersa em incredulidade. Devo ter um enorme ponto de interrogação estampado no rosto.

Isso é alguma brincadeira?

Capítulo 04

CHRISTOPHER

O plano era simples: convidá-la para jantar e colocar tudo à limpo. Mas, definitivamente, a teoria é muito mais fácil do que a prática. Infinitamente mais fácil. Ainda me pergunto se foi uma boa ter escutado e seguido as sugestões de Vince ao invés de pensarmos sozinhos em uma maneira de nos reaproximarmos.

Não que enviar as rosas tenha sido uma ideia ruim. Pelo contrário, de início soou perfeita. Porém, levando em conta que ela ainda não entrou em contato com nenhum de nós, talvez devêssemos ter ponderado um pouco mais antes de entrar em ação.

Se bem que nossas ideias sem Vince foram bem ruins. Primeiro pensamos em ir até o apartamento dela, mas um enfrentamento direto talvez levasse a outra discussão. Então descartamos; a segunda alternativa era ligar. Contudo, considerando que ela não ligou, atender também seria difícil. Ou seja, nada que fosse realmente ter algum resultado.

Vamos lá, somos dois homens em um relacionamento, os problemas que temos são facilmente resolvidos, seja no diálogo ou na base do soco (sim, isso já aconteceu). Faz tempo que não nos envolvemos com uma mulher (nesse caso é ainda mais complicado por se tratar da mesma) e estamos enferrujados em lidar com o sexo feminino além do prazer. A premissa talvez até pareça a mesma, ao menos em relação ao diálogo, mas nenhum de nós seria louco de pensar em levantar a mão para ela. Logo, dá para entender o porque de estarmos tão travados e inquietos.

Por isso Elliot achou que seria válido perguntarmos a alguém que vive cercado de mulheres e sabe como tratá-las, sobre o que fazer para reconquistar uma, e foi nessa que Vince entrou. Mas, convenhamos, estamos

falando de Vince Bennett. Não que ele seja um canalha, só que o cara troca de “namorada” mais rápido do que troca de cor de cabelo. Eu até fiquei surpreso quando ele sugeriu que enviássemos o convite e as rosas, afinal, romance não é muito à praia dele.

Sem contar que explicar a história para ele foi uma dor de cabeça. Admito que a expressão que soltou foi realmente engraçada. Nunca imaginei que alguém como Vince conseguisse ficar tão desconcertado. Ele entende de relacionamentos casuais e ménage, quiçá um pouco de romantismo barato, mas sequer cogitou a vida toda que três pessoas poderiam se envolver sentimentalmente.

Acho que esse ainda é um nível muito avançado para a cabeça oca dele.

De qualquer forma, não deu certo e voltamos à estaca zero (ao menos por enquanto). Forçar e acuar não são opções. Apesar de querermos mostrar que estamos arrependidos e abertos, queremos que Yanna venha por sua própria vontade. Até por que, pressioná-la seria muito pior. Pois, além de não ser uma reciprocidade sincera, ela viria somente para colocar os “pontos nos i's” e acabaria nisso.

O que não é a nossa intenção.

Então, num consenso, resolvemos dar um tempo e retomarmos os planos assim que as festas de final de ano passarem. Não há muito o que fazer além de esperar, apesar de estarmos ansiosos para tê-la de volta.

Elliot e eu geralmente comemoramos o Natal em um encontro, que termina com nós dois suados em nossa cama. E quanto ao ano novo, apesar de ser mais comum comemorarmos o Seollal (ano novo lunar) na Coreia do Sul com os parentes de sua mãe, que acontece em fevereiro, também comemoramos no estilo ocidental. Não é com a mesma importância que damos ao feriado de três dias do Seollal, mas aproveitamos para reunir os amigos e beber acompanhados de boa comida.

Yoan virá da Itália para um trabalho e ficará hospedado em nosso apartamento. Portanto, vai passar a virada do ano conosco, bem como Vince. A mãe de Elliot possivelmente também venha, mas não é certeza, já que o

meu namorado comentou que ela está de paquera com um senhor que a ajuda no voluntariado.

No entanto, quem nós de fato desejávamos que estivesse presente sequer deu sinais de vida. O que é preocupante, mas compreensível. Ela provavelmente não quer nos ver nem pintados de ouro.

Vamos dar tempo ao tempo.

Como falta menos de uma semana para o Natal, Elliot e eu começamos a planejar o que faremos na data. Ele terá uma apresentação de caridade à fim de arrecadar dinheiro para instituições que ajudam crianças, e depois disso teremos a noite só para nós. Pela agenda que não bate, faz meses que não o vejo dançar em um palco e não vou perder a oportunidade.

Eu amo ver o meu homem dançar.

Especialmente quando o tema da apresentação em questão é O Quebra Nozes (como em todos os anos). Elliot fica tão sexy com aquela farda de soldado, que o meu fetiche derivou disso. Seria maravilhoso se Yanna pudesse assistir também, pois, não duvido que ela começaria a compartilhar esse fetiche comigo. Quem sabe mais para a frente.

Termino de enviar os e-mails com trabalhos que finalizei na semana e estou livre para descansar até que o próximo ano se inicie. O bom de ser freelancer as vezes é que posso fazer o meu cronograma e assim encaixar os serviços de modo que não atrapalhe os meus planos. O ruim é que não tenho certeza de porra nenhuma. De quanto receberei no próximo mês ou se conseguirei algum trabalho.

A sorte é que minha demanda é grande e eu lido com diferentes tipos de fotografias, das mais simples até mesmo ser escalado para cobrir conflitos em outros países para algum jornal. Por isso tomei a liberdade de continuar sem vínculo com agências ou estúdios. Além do que, para mim, fotografia é muito mais do que dinheiro.

Fecho o notebook e alongo as costas ainda sentado na cadeira, ouvindo o som nítido de um estalo. Olho ao redor para conferir o estado do meu estúdio e

suspiro ciente de que devo fazer uma faxina o mais rápido possível. Elliot vai encher o meu saco se descobri que adiei outra vez a limpeza (embora esteja na cara que ele já sabe disso e simplesmente preferiu ignorar).

Saio do estúdio e vou à procura do meu namorado. Encontro-o colocando as roupas na lavadora e me repreendo mentalmente ao lembrar que eu deveria estar fazendo isso, pois é a minha vez na semana. Meu suspiro chama sua atenção.

— Eli, deixa que eu termino.

— Está tudo bem. — sorri — Você estava ocupado e eu não tinha nada para fazer. De qualquer forma, já terminei aqui.

Levanta e aperta o botão para lavar. Dou um tapa em seu traseiro quando passa por mim, indo para a cozinha. Ele sorri.

— E o ensaio? — pergunto.

— Acabei por hoje e vou tirar o resto da semana para descansar até a apresentação.

— Estou louco para vê-lo com aquela farda.

— Você já me viu daquele jeito milhares de vezes. — dá risada — Não cansa, não?

— Definitivamente não! E ainda vou convencê-lo a comprar um uniforme daquele.

— Vai sonhando...!

— Qual é? O que eu tenho que fazer para te persuadir a comprar um?

— Poderia começar arrumando aquela baderna que chama de estúdio. O que acha?

Respiro fundo com sua indireta e uso a tática de mudar o assunto comentando:

— Yoan chega dia 28.

— Eu sei. Temos que preparar o sofá-cama.

— Farei isso. E a sua mãe?

— Ainda não deu certeza. Mas estou quase certo de que ele não virá.

— Será que ela vai engatar um namoro depois de tanto tempo?

— Sinceramente, eu não sei. Mas gostaria de vê-la amando outra vez e em um relacionamento. Sei que não será como foi com o meu pai, mas ainda assim...

— Eu entendo, querido. O melhor a fazer é dar o tempo dela. Pelo o que contou, seus pais se amavam muito e não deve ser fácil.

— Eu sei. – ele suspira profundamente e se aproxima, parando no meio das minhas pernas. Seus lábios beijam suavemente os meus – E falando em dar espaço, você acha melhor guardarmos os presentes que compramos para a Yanna? Ou devemos enviar como fizemos com as rosas?

— Vamos esperar. Podemos entregar quando ela vir jantar aqui em casa.

— Se ela vier. Por que estou começando a duvidar que isso aconteça.

— Eu sei que ela virá. Só temos que ser mais pacientes.

Ele concorda e, dando-me outro beijo, diz:

— Você faz o jantar hoje.

— Pode deixar.

— E agora vá arrumar o estúdio.

Suspiro cansado. Sem escapatória. A conversa termina comigo fazendo faxina.

A véspera de Natal chega num piscar de olhos e estou mais do que ansioso para assistir Elliot performar. No decorrer da tarde acertamos os detalhes do

que faremos depois da apresentação e saímos de casa rumo ao Madison Square Park um pouco depois das seis. O espetáculo está programado para começar as oito, mas ele ainda precisa se arrumar e vestir aquela bendita farda que me deixa excitadíssimo.

Eu ainda vou fazer ele comprar uma.

Assim que encontro uma vaga para estacionar e o faço, deixo um aperto gentil e discreto na mão do meu namorado e lhe dou um sorriso. Infelizmente, com tantas pessoas ao redor, eu não posso fazer o que realmente tenho vontade, que é beijar seus lábios desejando boa sorte (ainda que eu saiba que ele será perfeito como sempre).

Elliot pega outra direção e nos separamos na área do palco. Ele vai para a parte de trás enquanto eu vou em busca de um lugar bom para assistir. Apesar de ainda estar cedo, o movimento é grande devido à data, especialmente daqueles que já querem ficar para ver o espetáculo; me embrenho entre as pessoas para me aproximar ao máximo do palco e consigo ficar na grade.

Todos os anos, ao menos os que estou com Eli, a companhia de dança na qual trabalha organiza o espetáculo para ajudar a arrecadar fundos para instituições que ajudam crianças e até idosos em condições mais carentes. Meu namorado adora participar e conquistou o papel principal faz uns dois anos. O foda é que sua parceira seja sempre a Emma. Eu não tenho nada contra a garota, ela é uma excelente bailarina e bonita. Em outros tempos eu até o incitaria, isso se não tivesse a impressão de que ela só o deseja por que não sabe da verdade e que ele jamais aprovaria se envolver com alguém do seu ambiente de trabalho.

A apresentação começa após mais ou menos uma hora. O cenário está impecável e os bailarinos também, mas obviamente os meus olhos estão presos em uma única pessoa, que dança com se estivesse flutuando no palco. E, porra, o que dizer daquele uniforme de soldado?

Elliot transparece tantas emoções com apenas alguns movimentos, que é praticamente impossível não prestar atenção. Ele parece realmente um príncipe. *O meu príncipe*. Os cabelos louros bem penteados e a expressão serena, apesar de eu saber que está dando tudo de si.

Quem o vê assim, esbanjando confiança, sequer imagina que ele fica apavorado todas as vezes antes de entrar no palco.

Embora eu não entenda muito de dança, mesmo sendo noivo de um bailarino, tenho consciência de que chegar a um nível desses requer anos de treino e muito esforço. O que não falta para ele.

E paixão. Ele é apaixonado pelo que faz.

A plateia explode em aplausos e eu sorrio todo orgulhoso. Elliot realmente nasceu para dançar. Por um breve instante nos agradecimentos, vejo que seus olhos procuram por mim e aceno chamando a sua atenção. Ele abre um sorriso e dá uma piscadinha cúmplice e cheia de intenções.

Por um momento, mais do que imaginar a noite incrível que teremos, outro pensamento atravessa a minha mente:

Eu queria que ela estivesse aqui.

[...]

Receber os amigos em casa é uma das coisas que Elliot e eu mais gostamos, mesmo quando se trata do ranzinza Yoan e do degenerado Vince. Eles são nossos melhores amigos, nos conhecemos há anos, e o mais legal é que sabemos que até o final da noite o Yoan estará xingando porque o Vi provavelmente vai irritá-lo até o limite (talvez eu ponha lenha na fogueira de vez em quando, porém, nada muito grave).

Como o esperado, a minha sogra não virá passar a virada conosco. Pelo jeito, as coisas com o tal colega de voluntariado estão progredindo, já que vão comemorar juntos em Hershey. Assim como o meu namorado disse, também quero vê-la feliz e espero de coração que esse homem possa dar a ela o que merece. Caso contrário, bem, acho que Elliot e eu teremos uma conversinha particular com ele.

Compramos vários engradados de cerveja, algumas garrafas de tequila e preparamos petiscos variados. Yoan ajudou a cozinhar e Vince ficou encarregado da organização, visto que ele é um perigo perto de um fogão.

Sentados na sala e com as bebidas em mãos, tigelas em torno da mesa improvisada e ao som de uma música qualquer do Queen, relembramos algumas de nossas histórias mais hilárias e vergonhosas. Coisas que fizemos na época de colegial e achávamos ser sensacionais, mas que se tornaram constrangedoras.

Com o braço ao redor dos ombros de Elliot e relaxado, dou um gole na cerveja enquanto Vince conta algo que os dois fizeram um pouco antes da formatura e todos nós caímos na risada. Apesar de estar nevando e a temperatura caindo cada dia mais, o clima no apartamento é bem quente e acolhedor. Tudo estaria perfeito se não fosse por um detalhe. Viro para o meu namorado e a troca de olhares que temos dá a entender que ele sente o mesmo.

Ficamos nos observando por uns segundos, até que a voz de Vi nos traz à tona.

— Eles disseram que estão apaixonados pela mesma mulher?

Eli engasga com a cerveja e eu quase cuspo o gole que acabo de tomar. Nós dois encaramos o ruivo e logo depois Yoan, que está paralisado. O silêncio recai e, pela primeira vez em anos, tenho vontade de arremessar a garrafa que estou segurando na testa daquele idiota. Não porque tenha contado o que eu já pretendia dizer ao meu amigo mais para frente, mas sim por contar como se fosse nada demais.

Endireito-me no sofá e ponho a garrafa vazia sobre a mesa. Yoan me lança um olhar intrigado e indaga:

— Vocês vão se separar?

— Não. Nós não vamos nos separar.

— Então o que ele quis dizer com estão apaixonados pela mesma mulher?

— Exatamente o que entendeu. — Elliot responde — Nós estamos apaixonados por uma mulher e que calhou de ser a mesma.

— Isso é impossível...

— Nós também pensávamos assim. — me pronuncio, pegando outra garrafa — Até acontecer e o universo provar o contrário.

Contamos toda a história para Yoan, desde a parte em que esteve envolvido em Veneza até descobrirmos toda a verdade, e a atual intenção de reconquistá-la. Não poupamos nem os pormenores, e a expressão espantada do meu amigo até poderia ser engraçada se eu não enxergasse certa negativa em seus olhos.

Ele não é conservador ou coisa parecida, porém, nossas convicções no que se refere a relacionamentos são diferentes. Yoan respeita a forma como Elliot e eu nos relacionamos, só que, como o mesmo disse, *“sou de uma pessoa só”*.

Bem, pelo menos quando está namorando, o que não é o caso agora.

— Então, aquela mulher do cabelo rosa...

— Também estive com o Eli e nenhum de nós fazia a mais vaga ideia.

— Qual a porra da probabilidade de isso acontecer? — questiona, verdadeiramente pasmo.

— Pois é. — dou risada — Parece até coisa de filme.

— Eu fiquei tão surpreso quanto você, Yoan. — Vince comenta — Ainda mais quando os dois disseram que estão dispostos a incluí-la no relacionamento.

— E vocês acham que isso vai dar certo?

— Honestamente, não fazemos ideia. — Eli responde — Mas estamos realmente acreditando que sim.

Meu amigo vira a tequila que segura e balança a cabeça, sorrindo em seguida.

— Sério, essa história é muito surreal. E se eu acreditasse nessas coisas, diria que ela está “destinada” a ficar com vocês.

— Você não acredita em destino, Yoan?

— Depende. Acredito mais que cada um faz o seu destino. Aceitar sem lutar é realmente uma falta de vontade própria.

— Eu também penso assim. – meu namorado diz – Mas também acredito que algumas coisas estão mesmo destinadas a acontecer, querendo ou não, para que a gente mude e cresça. Conhecermos ela pode ser uma dessas coisas.

— Elliot e seu misticismo romântico. – Vi zomba – Ele disse o mesmo ao conhecer o Christopher quatro anos atrás.

— E veja só, ainda estamos juntos. – digo, apertando meu noivo e beijando seus cabelos – Quem sabe o mesmo não valha para a Yanna?

— Eu não duvido que vocês farão de tudo para que sim. – Yoan implica divertido.

— Pode apostar. – pisco para ele.

A conversa toma outro rumo e com ela mais e mais garrafas são abertas.

Um pouco depois das dez, estamos (levemente) embriagados. Impulsionados pela ideia súbita e maluca do meu namorado e seu amigo, colocamos os casacos de neve e saímos rumo ao Grand Army Plaza, à fim de ver a contagem regressiva e os fogos de artifício.

Assim como metade das pessoas nas ruas, também rimos e falamos alto graças as bebidas, e mal vemos o tempo passar em nossa trajetória; em meio ao Prospect Park, paramos onde outros grupos também esperam a virada e, apesar da temperatura que caiu bruscamente, estamos animados demais para ligar.

Quando os números da contagem aparecem no imenso telão, agarro a mão de Elliot e a aperto com carinho. Nós nos entreolhamos rapidamente e contamos juntos até chegar ao zero. Os fogos de artifício explodem em

cores no céu escuro sob a Long Meadow e eu entrelaço os dedos aos do meu namorado. Ficamos frente a frente e me seguro firmemente para não o beijar.

Ao invés disso, abraço-o apertado e sussurro em seu ouvido:

— Feliz ano novo, meu amor. Que mais um ano seja incrível e obrigada por continuar ao meu lado mesmo depois de tanto tempo.

Elliot retribui o carinho e responde:

— Eu que agradeço por tornar a minha vida cada dia mais alegre e completa. Por ser a pessoa maravilhosa que você é. E, principalmente e assim como eu, amar incondicionalmente.

O duplo sentido na última parte não me passa despercebido e eu sorrio por isso.

Continuamos abraçados, curtindo um ao outro, e assim que nos afastamos não é preciso palavras para expressar o que nossos olhos o fazem silenciosamente.

Nós queríamos que ela estivesse aqui.

Capítulo 05

ELLIOT

Encaro a tela do celular como se estivesse vendo um gnomo bem a minha frente. Por que, sinceramente, ler essas palavras depois de praticamente dois meses é quase coisa de outro mundo.

Meu coração dá um salto em expectativa e as poucas esperanças que eu mantinha se renovam de imediato. Quando pensei que nossos esforços não seriam recompensados, enfim, uma resposta.

Foram tantas flores e cartões (sim, nós resolvemos continuar com a ideia que Vince deu) que, mais do que transformar a casa dela em uma floricultura, temi termos ultrapassado a linha e nos tornado insuportáveis.

Felizmente, considerando essa mensagem, não foi o que aconteceu.

Levanto de supetão, pronto para ir atrás de Christopher e contar sobre as boas novas, mas sequer preciso dar um passo fora do quarto, pois, encontro-o na parada na porta e com a mesma expressão surpresa que provavelmente eu estou fazendo.

E ao notar o celular em sua mão, fica claro que, sim, ele também recebeu.

— Você recebeu? — ele pergunta.

— Sim.

Ficamos calados, um observando o outro, sem saber realmente como reagir. Oh, droga! Nós parecemos dois idiotas. Nem a sombra dos homens de quase trinta anos que somos e sim dois adolescentes prestes a ter o primeiro encontro.

Eu até ria da semelhança inusitada que essa situação tem com a que vivi quatro anos atrás ao conhecer Christopher e em como me senti

desajeitado. Isso se não estivesse outra vez me sentindo desajeitado e pateticamente ansioso.

Por sorte, eu não sou o único.

— O que faremos? – ele indaga, se aproximando — Ela aceitou conversar.

— Bem, o que propomos. Um jantar. – dou de ombros – Vamos marcar um dia e recebê-la aqui em casa. E então...

— Não acha que esse assunto deveria ficar para um outro encontro? – questiona pensativo – Podemos assustá-la assim.

— Eu sei. Mas acho que devemos ser sinceros e diretos. Arrastar ou esconder as nossas intenções seria uma tolice.

— Tem razão. – ele suspira – Melhor colocarmos todas as cartas na mesa.

Concordo e, apesar do breve silêncio que recai no quarto, engatamos uma conversa logo em seguida para decidir o que fazer. Estamos ambos sentados na beira da cama, com os celulares em mãos, pensando em como responder a ela. E não demora muito para que nós dois estejamos simultaneamente digitando um dia e horário para que venha em casa.

Ainda que a espera tenha sido longa e nós aprendido a ser pacientes, agora temos pressa, e marcamos para daqui a dois dias o nosso reencontro. Se dará tempo de organizar um jantar decente, bem, isso não sabemos. Tudo o que interessa é que ela aceitou e estamos loucos para vê-la.

Loucos para tê-la entre nós.

Se Yanna vai ou não aceitar a proposta maluca de entrar nesse arranjo conosco, também é algo que não sabemos. Mas temos a esperança de que os seus sentimentos sejam recíprocos aos nossos.

Tanto Christopher quanto eu estamos enferrujados no quesito romantismo. Isso porque somos um casal há quatro anos e vemos em nosso vínculo, nas pequenas coisas juntos, o romance que nos mantém unidos até hoje. Temos os nossos momentos, claro, mas preferimos demonstrar em

atos mais simples.

Em relação as mulheres, foi-se o tempo das paqueras, das longas conversas onde conhecíamos “as parceiras”, as intenções, as afinidades, tanto sexuais quanto pessoais. Afinal, a única intenção era sexo urgente, satisfazer o nosso tesão numa noite casual e ponto. Nada além disso.

Só que com ela é diferente. Atrevo-me a dizer que foi desde o início e nesse momento mais ainda. Queremos conhecer seus desejos, frustrações, medos e sonhos. Quem é a verdadeira Yanna, a mulher por trás das personagens e que conseguiu conquistar a nós dois. Que, pouco a pouco, foi alcançando os nossos corações.

Chegamos a pensar que talvez estivéssemos apaixonados por “Rebecca e Poliana”, as figuras que criou, e não exatamente por ela. Porém, acho que no fundo sabíamos que Yanna deixou de interpretar esses papéis há muito tempo, mesmo que não tenha sido de propósito.

No final, nenhum dos três esperava ou estava preparado para esses sentimentos.

Tendo apenas dois dias para arrumar tudo, começamos um intenso trabalho de pesquisa. Esse jantar deve ser perfeito e não pouparemos esforços para que seja. Pois, além de pedir desculpas pelo modo como a tratamos, também planejamos confessar o que sentimos.

Por isso sugerir aqui em casa foi proposital, uma vez que, sendo um ambiente mais íntimo, poderemos ficar mais à vontade e tornar a ocasião muito atraente. Que lugar melhor para o que pretendemos do que esse, não é mesmo?

Ao longo dos dias, empenhamo-nos na tarefa de ordenar os preparativos. Christopher fica encarregado de escolher o menu e eu de comprar a decoração. Como dito em um dos tantos artigos que lemos, reparar um jantar é uma maneira muito carinhosa e bonita de mostrar o quanto a pessoa é especial em sua vida. No caso, em nossas vidas. E de fato é o que ela é.

Tão importante que desejamos que esteja conosco, muito além de quatro paredes.

— Odeio usar terno. – Chris reclama enquanto tenta dar o nó na gravata – Não deveríamos usar algo mais casual?

— É só por hoje, querido. E outra, você fica muito bem vestido desse jeito.

— Sinceramente, você combina mais com esse estilo do que eu. – suspira derrotado e dou risada – Mas tudo bem. Espero que até o final da noite eu esteja sem ele.

Olho-o e sou incapaz de não gargalhar. Não que o meu pensamento tenha sido muito diferente, só que ele teve a cara de pau de exteriorizar; me aproximo e afasto suas mãos, tomando para mim a tarefa de terminar o nó em sua gravata.

— Vamos torcer para que sim.

Assim que termino de ajeitar a gravata, pouso as mãos em seu peito e sinto como seu coração está acelerado, tal como o meu. Finalmente a noite chegou e estamos ansiosos. Nós nos entreolhamos uns segundos e nos beijamos carinhosamente.

— Você está lindo. – Christopher elogia.

— Você também está.

— Estou nervoso. – confessa.

— Acredite que não é o único.

Sorrimos um para o outro e, de repente, a campainha soa. Trocamos olhares.

Ela chegou.

Respirando fundo para controlar o turbilhão que me acomete, sigo-o até a porta e dou um aperto encorajador em sua mão antes que abra. E então ele o faz.

Tanto Chris quanto eu arregalados os olhos ao deparar com Yanna bem a nossa frente, deslumbrante em um vestido preto e brilhante, que realça o corpo que conhecemos e veneramos. Mas o que realmente chama a atenção são os cabelos mais curtos, na altura dos ombros, tingidos num misto de rosa e lilás que acentua seus bonitos e expressivos olhos verdes.

Putá merda! Eu não quero tirar conclusões precipitadas, mas isso deve significar alguma coisa. E, pela olhadela que Christopher me lança, deve pensar o mesmo.

Ficamos os três parados na porta e um súbito desconforto pesa entre nós. Percebo como Yanna analisa primeiro um e depois o outro, cravando seus olhos verdes em nossos rostos em seguida. Há tanto desejo refletido ali e por nós dois, que nem mesmo sua postura um tanto impessoal pode esconder isso.

A atração é perceptível.

A vontade de beijar sua boca pintada de vermelho repuxa até as minhas entranhas, porém, tiro forças de não sei onde e dou-lhe somente um sorriso para quebrar a tensão. Ela retribui e faz o mesmo com Christopher, que estende a mão e diz:

— Estávamos esperando por você.

Meu namorado beija galantemente o dorso da mão Yanna e eu o acompanho, fazendo o mesmo só que na outra. E murmuro:

— Ansiosamente esperando por você. — olho-a de cima a baixo — E a propósito, você está maravilhosa!

Temos o prazer de ver suas bochechas enrubescer e o desconcerto em seu rosto.

Bem, convenhamos que não fomos os mais simpáticos da última vez que nos vimos, então dá para entender o porquê de ela estar reagindo dessa maneira.

— Entre, por favor. — digo, guiando-a.

Sem relutar e aceitando que minha mão continue segurando a sua, assim como a de Christopher, Yanna entra e noto como observa o nosso apartamento. Ao contrário do seu, o que compartilhamos é maior e tipicamente masculino. Não tem muitas cores, a maioria são tons escuros, mas os acessórios que compramos e as várias fotografias de Christopher espalhadas pelas paredes dão um ar mais divertido em meio a sobriedade.

Como disse, tipicamente masculino.

— Adorei o apartamento. — Yanna comenta, olhando ao redor — Posso estar dizendo bobagem, mas.... Tudo aqui reflete os gostos e a personalidade de cada um.

Chris e eu novamente nos entreolhamos e sorrimos. Ela captou nossa essência como poucas pessoas conseguiram.

Ela continua sua análise e uma exclamação surpresa escapa de seus lábios repentinamente. Olhamos na direção em que encara e sorrimos largamente.

— Oh! — Yanna caminha até próximo à mesa — Vocês fizeram tudo isso para...

— Sim. Para você, Sweetie.

Vejo-a estremecer com o apelido que Christopher praticamente sussurra e mais ainda quando seus olhos encontram os meus. Estamos indo por um bom (ótimo) caminho e espero que sigamos assim até o final da noite — pretensiosamente por muito tempo além de hoje.

— Gostou, baby? — pergunto.

— Eu realmente adorei!

Satisfeitos com o rumo desse encontro (ainda que tenha apenas começado), mas cientes de que ainda temos um longo caminho a percorrer até a impessoalidade desaparecer, conduzimos Yanna para a sala de estar.

— Fique à vontade. — meu namorado diz, indicando o sofá — Não vai demorar

muito para que o jantar fique pronto. Quer beber alguma coisa? Vinho ou quem sabe...

— Se tiver cerveja, eu aceito.

— É para já!

Nós nos sentamos e esperamos por Chris, que não tarda em aparecer com três garrafas de Budweiser. Entrega uma a Yanna, outra para mim e fica com a última. Ele senta ao meu lado, de frente para ela, e aquele constrangimento reaparece.

Não é como se não tivéssemos considerado que isso poderia acontecer. No entanto, estar diante dela é completamente diferente. Bebemos em silêncio, cada um imerso em seus pensamentos, mas trato logo de quebrá-lo.

— O que você achou das flores? — puxo assunto. Melhor ir devagar - Sei que talvez exageramos um pouco, mas...

— Eram todas lindas. Enfeitaram e perfumaram o meu apartamento, embora eu quase tenha confundido a minha sala com uma floricultura de tanta variedade.

Damos risada e bebemos cerveja. Apesar de não ser à minha intenção e nem a de Christopher, o clima continua estranho e de novo caímos no silêncio. Mas que merda!

O constrangimento ronda a sala como uma nuvem negra e tentamos pateticamente ignorá-lo com mais garrafas de Bud. Isso até Yanna pigarrear e iniciar outra vez a conversa (ou uma tentativa frustrada de).

— E como passaram as festas?

— Bem. — Chris responde — Elliot teve uma apresentação de Natal, em que a companhia onde ele trabalha ajuda instituições de caridade, e aproveitei para vê-lo no palco depois de tanto tempo. E na virada do ano, alguns amigos vieram e festejamos juntos.

— Apresentação de caridade? — olha para mim e sorri — Isso é muito bacana!

Eu também ajudo algumas instituições, tanto no Natal quanto em outros meses.

— Uau! Isso sim é bacana.

Sem jeito, Yanna agradece e ajeita uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— E você? Como foi seu final de ano?

— Fui visitar a minha família. Fazia quase um ano que eu não voltava para casa.

— Oh, sério? – indago.

— Sim. Por essa razão, fiquei praticamente o mês de dezembro inteiro com eles.

— Que legal!

— Foi por essas e outras que, bem, eu demorei para responder a vocês.

Os dois consentem. Aquele receio de que não quisesse nos ver dissipa com sua singela explicação. O problema é que, mais do que o receio, o papo também se dissipa. Novamente, o silêncio.

Assim não vai rolar.

Tentar engatar uma conversa banal não vai funcionar. Nem sei porque essa possibilidade idiota passou na minha cabeça. Temos que ir direto ao ponto.

Por enquanto com esse assunto.

— Você já sabe porque nós a convidamos para jantar aqui em casa, mas acredito que não seria educado falar como se não fosse nada demais. – respiro fundo e encaro-a – Queríamos pedir desculpas pelo modo como agimos com você aquele dia. Principalmente eu. Que sequer lhe dei a oportunidade de explicar antes de jogar pedras e culpá-la por algo que.... Bem, não teve realmente um culpado.

— Admitimos que ficamos nervosos, mas não era justificativa para tratá-la

daquela maneira. Não fomos justos com você. — Christopher prossegue — Além disso, nós também erramos por não contar que somos noivos.

Yanna escuta calada as nossas desculpas. O espanto é nítido em seu rosto e tenho que reconhecer que ela fica adorável com esse olhar confuso. O que, combinado com seu cabelo colorido, lhe dá uma aparência de menina que, sabemos bem, está longe de ser inocente.

— Sei que não deve ser fácil perdoar o nosso comportamento tão rápido, porém, estamos mesmo arrependidos. Não queríamos fazê-la se sentir responsável pelo o que aconteceu. De verdade. Nós agimos como babacas. — me pronuncio — Esse jantar, mais do que um pedido de desculpas, é para que não haja ressentimentos entre nós três.

“E para que você aceite fazer parte do nosso relacionamento”, mantenho o pensamento para mim. Tudo ao seu tempo.

Yanna vira o que resta de sua cerveja e observa a garrafa em suas mãos por uns segundos. Isso até erguer a cabeça e fitar-nos.

— Eu também deveria pedir desculpas pelo o que aconteceu. Não era meu intuito levar essa história tão longe. É só que...

Por alguma razão, meu coração acelera. De soslaio, procuro Christopher, e vejo que seu rosto também está cheio de expectativas. Será que as coisas irão se desenrolar mais cedo do que imaginávamos?

— Vocês estão sentindo cheiro de queimado? — Yanna indaga, buscando ao redor.

— O que?

— Puta que pariu! — Chris solta um grito e levanta num pulo do sofá.

Ele corre em direção ao fogão e nós vamos atrás. Observamos o assado ser tirado às pressas do forno e Christopher praticamente jogá-lo sobre a pia. Por um instante, encaramos o assado (agora tostado) que seria o nosso jantar soltando fumaça e fazemos o que qualquer pessoa faria num momento como esse: rimos.

Rimos, e rimos muito.

Depois de gargalharmos da inesperada situação, Yanna se esgueira nas costas do moreno para analisar o estrago.

— Não parece queimada. Acho que se tirar a parte de cima, podemos comer. — comenta — Esperem um minuto.

Sem qualquer cerimônia, ela pega uma faca e um garfo, e começa a retirar a parte chamuscada da carne. A vislumbramos, surpreendidos com a sua atitude e em como tudo parece fluir naturalmente entre nós. Em como mudamos de humor em questão de segundos, mas ainda assim parece tão certo. E, talvez, essa consciência tenha feito a nossa certeza crescer em relação ao que iremos propor a ela.

Nós nos sentamos e, ajudando uns aos outros, servimos os pratos. A atmosfera antes carregada dá lugar a uma conversa tranquila e divertida. Os assuntos desconfortáveis são deixados para trás.

O que uma boa risada não faz?

Inevitavelmente abrimos uma garrafa de vinho e degustamos junto com o menu especialmente preparado por Christopher. Nossos assuntos são triviais, porém, não menos interessantes. Conhecer detalhes sobre o dia a dia dela, mesmo os mínimos, vale muito para nós dois.

Rindo em meio a taças de Carbenet, que Yanna frisou ser alguma tara dos homens por aqui, terminamos o nosso jantar num clima completamente inverso ao que começamos lá na sala de estar, apesar dos olhares desejosos que trocamos no instante em que chegou e abrimos a porta.

Até parecemos amigos de longa data. No entanto, a última coisa que queremos é ser amigos dela. Ou melhor, não queremos ser apenas amigos. Isso não nos basta.

Depois que provamos do seu gosto, ele se tornou viciante e ansiamos prová-lo de novo, de novo e de novo, até estarmos saciados (o que eu acho muito difícil).

Outra vez em silêncio, só que dessa vez agradável, vislumbramo-nos com as taças em mãos e subitamente reparo que Yanna verifica algo em seu celular. Sua expressão se altera por poucos segundos, mas ela logo está sorrindo.

— Está ficando um pouco tarde.

Ela comenta e eu entro em alerta, assim como Christopher. Será que está pensando em ir embora? Porra! Mas nem tivemos a oportunidade de falar. Ela não pode ir.

Não agora.

— Eu deveria ajudar com a louça? – Yanna pergunta, levantando – Sei que fizeram um jantar especialmente para mim e que está tarde, só que nada mais justo do que eu ajudar em algo. Tudo bem se eu ficar mais um pouco para lavar o que sujamos?

Reprimo uma risada. Talvez eu esteja errado, mas sinto que é somente uma desculpa para ficar. Sério que ela pensa que queremos que vá embora? Pois é exatamente o contrário.

Juntando os pratos, Yanna se põe diante da pia e fica parada uns segundos, como se estivesse refletindo sobre algo. Chris e eu nos entreolhamos, e esperamos; ainda de costas para a mesa, ela começa a separar os pratos e então diz:

— Eu fiquei verdadeiramente feliz com o jantar. Vocês foram muito gentis e estou contente que tenhamos ficado entendidos.

Permanecemos quietos, observando sua linda silhueta no vestido justo e os cabelos coloridos balançando suavemente conforme se move de um lado para o outro. Mas nada se compara ao balançar de seus quadris, que está despertando em mim mais do que o permitido. Posso culpar o vinho depois por uma provável ereção, só que Christopher, ou ficaria sem justificativa, ou seremos os dois pegos na mentira. Isso porque o olhar feroz que está lançando para ela deixa mais do que claro que o efeito daqueles quadris também estão o afetando.

Não sei se fiquei tempo demais perdido na minha imaginação indecente, mas só percebo que ela está falando quando vira minimamente o rosto e nos observa por cima do ombro.

— Eu queria mesmo me desculpar por toda a confusão. Como disse, não era a minha intenção levar essa história tão longe. Sei que também falei que fiz com outros homens e de fato é verdade. Mas, com vocês.... Foi tão...

Ela respira fundo e quase não conseguimos segurar a risada ao ouvi-la sussurrar um palavrão, provavelmente por não ser capaz de expressar o que quer.

E então fica muito claro.

Não precisamos de explicações, de desculpas ou palavras. Precisamos dela!

Num ímpeto de determinação, levanto da cadeira e me aproximo. Mais uma vez recorrendo ao lado impulsivo que tenho dentro de mim, seguro delicadamente o pulso dela e faço com que vire para nós. Entendendo o que pretendo e que a coragem finalmente apareceu, Christopher tira os utensílios de suas mãos e arremessa dentro da pia.

Yanna observa-nos e espera o próximo movimento. Seus olhos verdes voando de um para o outro. Planejávamos esperar que surgisse uma brecha em nossa conversa para que fizéssemos a proposta. Torcendo, é claro, para os planos não irem por água abaixo. Mas é como dizem: “*se o momento certo não chega, faça o seu*”.

Melhor do que esperar esse momento chegar, nós iremos cria-lo e será agora.

Foda-se o trabalho que tivemos para montar a noite perfeita. Essa noite já é perfeita por si só porque Yanna está aqui. Christopher e eu apenas queríamos o clima ideal, só que nada relacionado a essa mulher é programado, pelo contrário. É tão espontâneo, que o faz especial.

O que nós três temos ou podemos ter, apesar de inusitado, é muito especial.

Alcanço sua mão caída ao lado do corpo e a ergo em direção aos meus

lábios. Yanna ofega com o contato, suas esmeraldas vibrando a cada mínimo movimento. Christopher se põe em suas costas e o toque de suas mãos nos ombros dela faz com que estremeça. Suas reações tão receptivas são o que eu preciso para seguir em frente.

— Pode ser um pouco repentino o que diremos, mas é exatamente o que desejamos desde que a conhecemos.

Dou mais um passo e ficamos a centímetros de distância. Chris faz o mesmo e ela está literalmente entre nós.

Vejo-a fechar os olhos enquanto me inclino para alcançar o seu ouvido e, num olhar confidente com o meu namorado, dizemos em uníssono:

— Yanna, nós queremos você.

Capítulo 06

YANNA

Mais do que matar a saudade que eu estava da minha família depois de praticamente um ano separados, eu também tomei o tempo de volta em casa para refletir sobre o convite que Elliot e Christopher fizeram ao enviar aquelas rosas, e todas as outras flores. Mais especificamente no que tal gesto significava de verdade e se eu estava preparada para encará-los de novo.

Afinal, além do desastre que foi nosso último encontro, eu descobri.... Ou melhor, admiti a mim mesma que estava (estou) apaixonada pelos dois. Pois é, na falta de um, foram dois homens e que ainda por cima estão noivos. Sem contar que ambos são os tipos com os quais eu não me envolveria de jeito nenhum até uns tempos atrás, um fotógrafo e um bailarino de olhos espetacularmente azuis.

Tinha como ser mais irônico?

Reconheço que fiquei feliz com a reaproximação e as lindas flores que recebi e enfeitaram o meu apartamento. Mas também receosa com todas as possibilidades que isso implicava. Como, por exemplo, cortarmos relações depois de conversarmos e colocarmos tudo a limpo.

Quero dizer, porque raios eles gostariam de esclarecer as coisas, se não com o intuito de acabar de vez com essa história?

Ah, se eu soubesse que estava enganada...

Até cheguei a conversar com a minha irmã, Babi, sobre o que deveria fazer. Se encontrá-los e seguir em frente seria melhor do que continuar fugindo só para não enfrentar a ideia de que não poderia mais vê-los e cada qual tomar seu rumo.

Nós tínhamos levado meu sobrinho Isac para brincar no parquinho perto da casa dos nossos pais. Pois, apesar de relaxada, eu estava inquieta com a resposta que inevitavelmente teria que dar aos dois.

Babi e eu sempre fomos muito unidas. Temos quatro anos de diferença, mas somos confidentes desde pequenas. Quando ela descobriu estar grávida daquele traste ainda na época da faculdade, fui eu quem a ajudou a contar para os nossos pais, cinco anos atrás, e acompanhou durante a gestação.

Minha irmã, apesar de lidar com a tarefa de criar um filho e não ter qualquer ajuda do babaca do ex, não fraquejou ou abaixou a cabeça por ser uma mãe solteira. Nós também não a desamparamos e damos todo o apoio em relação Isac, que virou o dono da casa com seu jeitinho alegre.

Na conversa franca que tivemos enquanto observávamos meu sobrinho correr e rir com as outras crianças, minha irmã aconselhou que eu aceitasse o convite para jantar e contasse que estava apaixonada pelos dois e, fosse o que fosse, eu teria que concordar e entender. Embora o resultado mais provável para toda a confusão estivesse óbvio para mim desde o início.

Lógico que eu quis estapear a minha irmã, porém, no fundo ela tinha razão. Eu precisava resolver as coisas e contar sobre os meus sentimentos. Para o bem ou para o mal, viver com isso entalado na garganta não seria legal. Eu já tinha chegado tão longe permitindo que tais emoções alcançassem novamente o meu coração, apesar de todos o medo, que não seria difícil admitir a eles. O mais complicado eu havia superado ao admitir para mim.

Então, quando voltei para casa em Nova Iorque, a primeira coisa que fiz ao reunir toda a coragem, foi enviei uma mensagem dizendo que aceitava o tal jantar.

Durante os dois dias (entre os vários) em que esperei ansiosamente, visitei um salão para dar um jeito no cabelo. E, surpreendendo-me, decidi retocar o rosa e incluir mechas lilases num impulso momentâneo. Para a minha surpresa (ou nem tanto), assim como as flores, as cores combinaram perfeitamente bem.

A ideia era chegar e, durante o jantar, pedir novamente desculpas e explicar que não fiz realmente de propósito. Que a situação fugiu do meu controle e em muitos aspectos, que eu não tinha a intenção de machucá-los, mas que não consegui me desvencilhar dos nossos encontros e a consequência foi a inusitada paixão que cresceu igualmente pelos dois.

Até pensei em ir de jeans e casaco, só que acabei de última hora optando pelo vestido preto e brilhante que estava esquecido no armário há eras. Eu não precisava exatamente ir “desarrumada” só porque seria algo mais informal. Além disso, num cantinho dentro do meu peito, eu desejava que seus olhares desejosos estivessem em mim pela última vez.

No caminho para o apartamento deles, repeti milhares e milhares de vezes como um mantra que não poderia deixar o nervosismo estragar tudo. Eu só não imaginava que daria de cara com os dois, fascinantes em ternos escuros, e que aquela atração violenta que sentia (sinto) um pelo o outro iria me aceitar como um tapa na cara. Menos ainda que enxergaria naqueles pares de olhos azuis e castanhos o mesmo desejo que consumia cada milímetro do meu ser.

Só que tudo foi por água abaixo no instante em que percebi que as coisas não voltariam a ser as mesmas e ali, diante de mim, estavam dois homens noivos e que eu não fazia realmente parte de suas vidas.

Eu até poderia querer ambos além da cama, só que não era um sentimento recíproco e momentaneamente eu cogitei em guardá-lo para mim. Eu havia suportado muitas palavras entaladas na vida, poderia suportar mais algumas sem problemas.

Ao longo de todo o jantar, quis manter um clima agradável e fiz de tudo para levar um papo animado, já que havíamos mutuamente nos desculpado e o quase desastre da carne contribuiu para que esquecêssemos o constrangimento.

Só que assim que verifiquei o horário no celular e reparei estar tarde, sabia

que a hora de cortar relações com os dois estava se aproximando. Por isso, numa última tentativa de ficar ao menos mais um pouco e tomar coragem para dizer que me apaixonei, me ofereci para lavar a louça.

Uma desculpa patética, eu sei, mas foi a única que me surgiu no turbilhão de pensamentos em que estava envolta. Eu sequer sonhava que a situação teria uma reviravolta tão grande e improvável.

— Yanna, nós queremos você.

Olho de um para o outro, quase torcendo o pescoço, e não sei o que responder. Na verdade, tenho a sensação de que congelei, embora tenha total consciência de seus olhares e suas mãos em meu corpo.

Calma.

Calma, calma, calma.

COMO É QUE É?

— O que você disse? - indago meio atordoada e mais alto do que pretendia.

Os dois riem baixinho e de novo começam a me acariciar por todos os lados. Prendo um suspiro excitado, que inutilmente escapa quando Christopher sussurra:

— Ele disse, *Sweetie*, que nós a queremos.

Porra, usar o apelido é sacanagem! Já não basta o outro me chamando de baby?

Ok, ok.

Yanna, respira. Respira fundo.

Você sabe o que isso significa. Então a questão agora é o que fazer.

Opção A: sair correndo (improvável).

Opção B: me jogar nos braços deles e seja o que o universo quiser.

Opção C: bancar a idiota.

— Me querem? Como assim? – indago.

Tenho vontade de me socar. Que tipo de pergunta ridícula é essa? Somos todos adultos aqui, o que mais eles iriam querer?

Sexo, é óbvio.

Não é?!

— Nós desejamos você. – Elliot quebra o silêncio – Sendo sincero, não sabemos bem como colocar isso, mas gostamos de você, Yanna. Os dois e igualmente. Por essa razão queríamos propor um arranjo.

— Arranjo?

— Você e nós dois. – Christopher se pronuncia – Os três juntos.

Engulo em seco. Nós três juntos?

Ambos se põem diante de mim, suas mãos seguram as minhas, num gesto gentil e acolhedor. Porém, suas expressões relevam uma ansiedade quase visceral.

— A verdade é que você despertou mais do que poderíamos imaginar. – Elliot beija os meus dedos e sorri – Todos esses dias separados mostraram que nos encantamos e não foi pelas mulheres que acreditávamos que fosse.

— Nos encantamos exatamente pela Yanna. – Christopher também sorri.

— Só por você.

Elliot murmura e, sendo o mesmo impulsivo que me puxou para dançar meses atrás, pousa os lábios sobre os meus. Sem presa, abre caminho com sua língua e quem sou eu para negar. Eu o aceito e de bom gosto. Na verdade, acho que perdi a capacidade de raciocinar no momento em que disseram que me querem.

Deixo que me beije enquanto as mãos de Christopher acariciam os meus cabelos. Nós nos separamos, mas não demora um segundo para que a boca do moreno tome a minha. Um pouco mais rude e exigente, porém, igualmente extasiante.

Antes que eu dê conta, estamos os três nos beijando. O contraste do toque passional e de Elliot com a dureza de Christopher envia tantas sensações ao meu corpo, que temo derreter feito uma manteiga no Sol.

— Você não precisa aceitar, se não quiser. — Chris diz, ajeitando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha — A escolha é sua e somente sua. Não iremos forçá-la. Mas o que acha de dar-nos uma chance?

E então um receio inesperado me atinge.

Se eu aceitar dar uma chance, o que acontecerá? Será apenas sexo ou... Será que eu realmente estou pronta para entrar num arranjo como esse? Sexo casual é uma coisa, mas agora que eu estou ciente de que tenho sentimentos por ambos, talvez as coisas se desenrolem de outra maneira. Uma que não serei capaz de controlar. Se bem que, pensando mais a fundo, quando foi que eu consegui controlar algo relacionado aos dois?

Pois é. Nunca.

Afinal, o que eu tenho a perder?

Se é sexo por sexo, disso já partilhamos várias vezes nos últimos meses. Eu não posso mentir e dizer que não fico um pouco desapontada, mas também

não sou inocente e nem burra para jogar a desculpa de que não posso me envolver com eles se não houver a certeza de que irão retribuir os meus sentimentos. Até porque, nem coragem de dizer eu tive e não posso cobrar uma coisa que eles não sabem.

Mesmo incerta e sem uma resposta formada, permito que me guiem através da sala em direção a um corredor. Nós o atravessamos até chegar à segunda porta, e paramos em frente a ela. Eu não sei o que há detrás, porém, só o palpite faz meu coração acelerar. Minha mente trabalha a mil com as possibilidades.

Elliot gira a maçaneta e empurra a porta, dando vista para o quarto, e não preciso de muito para entender que é aqui o lugar que compartilham toda a noite. Observo o espaço rapidamente, a decoração não foge muito do restante do apartamento, à não ser uma ou outra coisa.

— Sente-se. — Christopher diz.

Ele aponta para a poltrona vermelha estrategicamente colocada de frente para a cama e é impossível não pensar que já tinham arquitetado tudo antes de eu chegar.

Bem, eu deveria ter presumido.

— Fique à vontade.

Acomodo-me o melhor que posso, já que minhas pernas estão mais bambas do que posso lembrar que estiveram um dia.

Os dois homens que invadiram meus pensamentos põem-se diante de mim e sou arrebatada pela combinação erótica que suas figuras exercem juntas. Christopher, com sua altura e beleza rústica, encara-me de cima como uma postura dominante; Elliot, mesmo não sendo tão alto quanto o namorado, tem uma postura igualmente poderosa. Porém, os olhos azuis e os cabelos louros fazem dele quase um anjo mal. E unidos eles são minha perdição.

Repentinamente, o quarto fica silencioso. Os dois estão de pé a minha frente e meus olhos alternam de um para outro. A expectativa do que está prestes a acontecer se faz presente, a tensão sexual é palpável.

— Acredite, isso é uma novidade para nós também. — comenta Elliot — Mas faremos ser uma experiência prazerosa para todos. Claro que não iremos obrigá-la a nada, pode apenas observar se quiser. Mas, caso tenha vontade de participar, bem...

Meneio lentamente a cabeça, assentindo.

Oh, eu não tenho dúvidas de que será prazeroso, mesmo que somente assistir os dois. Assim como não tenho dúvidas de que a tentação de estar entre eles será muito, muito grande (leia-se enorme).

Num consenso mudo, ambos se afastam, não antes de cada um beijar suavemente os meus lábios. Observo-os se aproximar da beirada da cama. Eles lançam um último olhar para mim e quase sinto falta de ar quando Christopher segura firmemente os cabelos louros de Elliot e o beija. Sem reservas, mergulha a língua dentro da boca do outro e toma tudo o que deseja.

Minha garganta fica seca. Vê-los trocando beijos é mais excitante do que em meus sonhos. Mil vezes mais. E ser a única presenciando dessa luxúria e na primeira fileira faz com que eu me sinta poderosa.

Pois, mais do que ambicionar o meu corpo e prazer, eles estão confiando sua intimidade a mim. Mostrando lados que provavelmente ninguém tenha visto e me convidando a fazer parte disso. Como eu posso não me sentir tentada desse jeito?

Os dois continuam se beijando, os estalos das língua e lábios ecoando no quarto. Elliot desliza as mãos para dentro do paletó de Christopher e o empurra para baixo, deixando que caia no chão. A gravata azul é a próxima, que ele lentamente puxa e também descarta. O olhar do moreno está imerso em tesão, assim como o do loiro, e eu só consigo ofegar como uma locomotiva desgovernada. Sequer percebi quando minhas unhas fincaram do

estofado de tão embasbacada que estou.

Christopher morde o lábio, atento aos movimentos de Elliot ao desabotoar sua camisa e logo os braços fortes e tatuados dele estão a mostra. Eles voltam a se beijar, ainda mais ferozmente, e tenho a sensação de que o quarto fica extremamente abafado. O calor que ambos emanam é grande demais e o meu corpo está respondendo aos estímulos com mais força do que sou capaz de controlar.

Sinto-me quente. Muito, muito quente.

Absorvida em cada mínimo detalhe, esfrego os joelhos para (inutilmente) aplacar a lubrificação da minha vagina e manter o que resta do meu frágil autocontrole. Eu os quero. Quero demais! Só que algo lá dentro ainda teme pelo o que pode acontecer caso eu entregue tudo de mim, como fiz há anos atrás.

Ainda não sei se estou pronta para tanto.

Procurando focar no que realmente importa, devolvo a atenção para os deuses gregos a poucos passos de onde estou e ofego ao perceber que estão quase nus. Eles se tocam, se masturbam e beijam, absortos em um desejo voraz e intenso.

No entanto, o que realmente leva a minha capacidade de respirar embora é a imagem de Christopher ajoelhando de frente para Elliot e desafivelando o cinto da calça. Ele puxa o tecido com ânsia e o pau ereto do loiro salta rente ao seu rosto, bem perto dos lábios molhados de saliva.

Aperto os braços da poltrona com força e ainda mais os joelhos ao vê-lo escorregar a língua no pênis do namorado. Da base até a ponta, circulando a glândula, e levando-o profundamente na boca.

Christopher chupa da maneira como eu queria estar chupando. Sua cabeça vai e vem, seus lábios deslizam por toda a extensão relativamente grossa, enquanto suas mãos acariciam as coxas malhadas dele e seus olhos castanhos

estão grudados em meu rosto, me instigando, me incendiando.

Elliot, por sua vez, segura firme as madeixas do namorado e me observa com seus lindos olhos azuis repletos de tesão, ao passo que puxa e empurra a cabeça do outro em sua pelve, guiando sua boca.

A visão de seus corpos robustos, belos em suas singularidades, desperta o meu lado mais devasso, egoísta e desejoso.

Merda! Merda! Merda!

Não posso mais segurar. Se eu não fizer alguma coisa, vou acabar explodindo.

Dominada pelo tesão e tendo os olhares sobre mim, subo a barra do vestido até a cintura, afasto a calcinha para o lado e me toco. Só falto gritar quando meus dedos encostam no meu clitóris inchado e os lábios úmidos.

Aaahhh... Delícia!

Deito a cabeça no encosto da poltrona, abro as pernas e empurro o primeiro dedo para dentro. O segundo vai em seguida. Por um instante, fecho os olhos para curtir as sensações que provoco a mim mesma, só que um gemido alto me instiga a sair da minha nuvem de prazer e mirar a cama.

Deitado e também de pernas abertas, agora completamente nu, Elliot geme com as sucções de Christopher. Minha mão trabalha incansavelmente em meu centro quente e molhado. Agarro o meu seio e o massageio devagar, sentindo arrepios de prazer atravessarem todo o meu corpo.

Nosso jogo erótico continua por minutos a fio. Eu me masturbo enquanto, trocando de posição, é Elliot que está sugando o pênis de Christopher com todo o afinho.

Três vozes se juntam em gemidos e ressoam no ambiente. Estou tão rendida a circunstância quanto os dois ali na cama.

O moreno se estica até uma gaveta ao lado da cama, abre e pega um frasco de lubrificante juntamente com uma camisinha. Eu me toco, atenta a absolutamente tudo, louca com as imagens cheias de luxúria que me proporcionam.

Christopher se livra da calça até então embolada em suas pernas e põe-se entre as coxas de Elliot. Destampa o lubrificante, melando alguns dos dedos e empurra entre as bandas do traseiro do loiro, que arqueia com o toque. Enfia e tira os dedos vezes repetidas, provocando suspiros e gemidos, e eu estou a ponto de entrar em chamas!

Quando vejo-o encaixar o pênis e penetrar Elliot com uma estocada lenta e certa, algo em mim culmina e explode. Afasto mais as pernas e enfio os dedos o mais fundo que consigo. Meu corpo convulsiona e sou incapaz de conter o gemido de satisfação que escapa dos meus lábios, assim como o do loiro que está sendo maravilhosamente fodido.

Me entrego ao orgasmo e, mais do que isso, ao que sinto por esses dois. Eles disseram que eu não precisaria entrar, que a escolha era minha e de mais ninguém.

E eu enfim tomei a minha decisão.

Não vou mais lutar contra a maré. Apesar do medo e da incerteza de um futuro que me aguarda, eu quero sentir outra vez.

Eu quero amar outra vez.

Nem que seja um sentimento só meu.

Espero uns segundos para me recuperar e, decidida, levanto da poltrona. O barulho do ranger da cama e pele se batendo é extremamente sensual e me impulsionam a seguir. A passos vagarosos, abaixando as alças do vestido, caminho até a cama e a minha presença faz com que ambos olhem para mim. Mesmo com o coração batendo a mil, dou-lhes um sorriso e mordo o lábio ao

ser vislumbrada tão profundamente.

— Fique nua para nós. — Elliot praticamente exige com um murmúrio.

Respirando fundo, deixo o tecido cair aos meus pés e abaixo a calcinha até a altura dos joelhos, que também cai. Como estou sem sutiã, fico inteiramente nua, e as minhas terminações nervosas vibram com a forma como esses dois homens observam-me despidoradamente.

Eles sorriem satisfeitos e a pouca apreensão que me restava se esvai. Descarada como sei que posso ser, subo na cama e dou um tapa no traseiro do moreno.

Então sussurro:

— Continue fodendo.

Christopher, com um ar sacana, agarra firme as coxas de Elliot e dá um empurrão seco.

Sentada ao lado do loiro, corro os dedos por seu tórax e abdômen definido num carinho sutil, e beijo-o como estava querendo desde que entramos no quarto.

Assim que nossas bocas se separam, ele pega em meus cabelos e pergunta:

— Você tem... Aahnn... Mesmo o piercing?

Sem responder com palavras, levo sua mão entre as minhas pernas e o faço tocar.

— Oh, porra! — geme e esfrega a haste metálica — Você realmente o tem.

Ele me acaricia e, pela posição que estou, consegue facilmente alcançar meu mamilo com a boca. Chupa algumas vezes, outras dá leves mordidinhas, e vejo estrelas.

Eu preciso ser preenchida e agora!

Notando o meu desespero, a forma como me esfrego mais e mais no loiro, Christopher dá uma palmada na minha coxa e eu volto a ajoelhar no colchão.

Encaro-o.

— Ponha uma camisinha nele. — manda, sem parar de arremeter com o quadril, indo mais e mais fundo.

Pego um pacotinho sobre o criado-mudo e rasgo. Com as mãos trêmulas de desejo e uma ansiedade desmedida, desenrolo a camisinha por toda a extensão de Elliot e o masturbo, satisfeita ao perceber como endurece ainda mais entre os meus dedos.

Seus espetaculares olhos azuis estão cerrados, mas nem por isso deixam de buscar os meus. Observar suas pálpebras tremulando a cada investida de Christopher e seus lábios fartos separando-se em gemidos baixos é demais para a minha quase inexistente sanidade.

— Fique de frente para mim. — o moreno diz - Vou colocá-lo em você.

Sem qualquer intenção de contrariar, faço o que manda. Me apoio em seus ombros e quase sufoco quando pega o pênis do namorado e com um movimento acaricia o meu clitóris molhado e inchado, e depois dá uma batidinha. Sinto as mãos de Elliot agarrarem a minha cintura, seu corpo estremece sob mim, assim como o meu também estremece.

Os dedos do loiro escorregam por entre as minhas pernas e separam meus lábios vaginais, num pedido mudo para que Christopher faça logo o que deve fazer.

— Eu sei que você está louca para montar nele. — sussurra rente à minha boca, provocando-me, incitando-me — Vamos. Tome tudo.

Firmo os joelhos e abaixo enquanto o tenho guiando-o para dentro de mim. No instante em que sinto Elliot profundamente, só falta me desfazer. Quatro mãos seguram minha cintura com possessão e deixo-me levar por elas a bel-prazer. Para frente.... Para trás...

Para cima.... Para baixo...

Meus seios roçam contra o peito duro de Christopher e não demora para que Elliot os agarre. Acaricia por baixo, esfregando e apertando, atijando cada um dos meus mamilos com as pontas de seus dedos hábeis e na pele do moreno.

Aos poucos vamos encontrando o ritmo. Christopher me beija, seus quadris não descansam um segundo sequer, fodendo Elliot com tanto desejo quanto o que ele me fode. Somos um emaranhado de corpos, uma confusão de gemidos e arfares, mas uma explosão de prazer inigualável. Olho para baixo e sinto o ar faltar ao ver como nossos sexos dançam perfeitamente juntos. Um calor desconhecido sobe de tal maneira, que penso seriamente que vou entrar em combustão. Entre esses dois, eu não duvido nada que possa acontecer.

— Gosta de ver como eu fodo? — ergo a cabeça ao escutar a voz do moreno, que me parece distante. Ele sorri sacana — Te excita?

Encontrando a minha própria voz em meio a tantos gemidos, murmuro:

— Oh, sim.... Muito!

— Escutou Eli?

— Também vai ser muito excitante quando eu o pegar de quatro e ele estiver comendo você. — responde o loiro num suspiro — Pode ter certeza.

Não que seja muito comum alguém corar num momento como esse, mas sinto as minhas bochechas esquentarem. Imaginar Christopher submetido ao Elliot, céus, deve ser muito excitante de ver. E me imaginar inclusa nisso é ainda mais.

As mãos do moreno deslizam da minha cintura para agarrar firmemente os quadris estreitos de Elliot. Seu ataque se intensifica. O loiro abre mais as pernas para dar acesso e crava seus dedos na minha pele. Agarro o pescoço de Christopher no instante em que se inclina sobre mim e o beijo com força.

Dentro, fora... Dentro fora...

Mais... Mais... MAIS...

Dois corpos movem-se lascivamente em mim e tudo o que consigo fazer é me render. Implorar pelo orgasmo.

— Curve-se para trás e apoie as mãos no colchão. — Elliot dita, ofegante — Não se preocupe, vou segurar você.

Confiando em suas palavras, solto o pescoço de Christopher e curvo-me, ficando completamente exposta para o moreno. Seu olhar castanho reveza entre o meu rosto e o do homem atrás de mim, que continua amassando meus seios e tocando cada centímetro que alcança.

Christopher lambe sensualmente a ponta do polegar e eu dou um grito ao tê-lo esfregando meu clitóris superexcitado. Elliot me balança para frente e para trás, empalando seu pau maravilhoso na minha boceta encharcada ao passo que o olhar do moreno está entre as nossas pernas, a junção prazerosa de nós três.

Tudo isso é alucinante. Louco, quente e intenso. Depravado e impudico, mas igualmente sensacional e delicioso. E eu não poderia estar mais feliz em ter aceito fazer parte desse inusitado arranjo do que agora.

Os dois homens que me enfeitiçaram de modos diferentes, agora me fazem uma parte do que são. Um elo ligado a eles.

Não demora muito para que eu goze como jamais gozei na vida. Minha visão desfoca por alguns segundos e tudo o que sinto é um prazer imenso varrer o

meu corpo, que treme sem parar.

Continuo conectada a Elliot. Percebo como sua respiração aumenta desregulada, indicando que está próximo a vir também. O choque da pélvis de Christopher prolonga o meu orgasmo até que ambos se rendem ao clímax.

Elliot agarra os meus cabelos e puxa-me para inundar minha boca com seus gemidos num beijo desengonçado. Seu peito colado em minhas costas sobe e desce tão rápido quanto posso sentir o de Christopher por cima de mim, que sufoca os seus gemidos cobrindo meus mamilos com suaves chupões.

Sou espremida entre os dois e, sinceramente, gostaria de ficar assim para sempre.

Exausta, deslizo para o colchão e respiro fundo. Ainda imersa no que acaba de acontecer, encaro o teto do quarto, sem de fato acreditar que transei com os dois e ao mesmo tempo. Minutos depois, os homens estão deitados um de cada lado e ficamos em silêncio. Porém, apesar da quietude, suas mãos reivindicam as minhas e entrelaçamos os nossos dedos.

Não é necessário que eu diga e, honestamente, não quero pensar muito sobre isso agora. Só o fato de eu estar em meio aos dois e de mãos dadas diz mais do que eu conseguiria expressar com palavras.

Eu os escolhi.

Eu escolhi fazer parte desse arranjo.

Capítulo 07

YANNA

Acordo sentindo um formigamento estranho entre as pernas. Me remexo inquieta, instintivamente buscando por mais. A sensação vai crescendo e crescendo conforme vou tomando consciência, e em segundos o estranho vira algo totalmente prazeroso.

Abro os olhos e ao focá-los, deparo com a mão de Elliot acariciando meu clitóris enquanto ele chupa o pau ereto de Christopher, que parece ainda estar um pouco sonolento. A cabeleira dourada sacode com os movimentos de sobe e desce, milimetricamente coreografados com os círculos que os dedos fazem em minhas carnes molhadas. E sem poder conter, levo custosamente a mão até os fios de seu cabelo e isso faz com que levante a cabeça e me lance um sorriso.

— Bom dia, baby. — murmura — Comecei a chamar o seu orgasmo antes que acordasse, espero que não se importe.

Sorriso. Me importar? Ele pode fazer quantas vezes quiser, pois a última coisa que irei é reclamar, com certeza.

— A propósito, esse piercing é muito sexy. — circula a haste metálica com as pontas dos dedos — Agora eu entendo porque o Chris não parava de falar nele.

Acho que nunca fui tão agradecida por perder uma aposta maluca de faculdade quanto agora.

Elliot se arrasta no colchão e põe-se entre as minhas pernas abertas. Salpica beijos sobre a minha tatuagem na coxa e depois na outra. Com um sorriso travesso e caloroso que poderia facilmente derreter uma geleira, começa um

rastró de beijos em meu púbis e para com os lábios bem acima do meu clitóris e sua respiração quente faz com que eu me contorça.

— Já que o Christopher ainda está cansado demais para aproveitar, vamos nos divertir.

Puxo o ar com força para os pulmões quando sua língua toca o centro do meu prazer. Agarro seus cabelos e vibro com a maneira que chupa e me estimula. Suas mãos vêm para a minha bunda e apertam mais a minha pelve contra o seu rosto, fazendo sua língua ir mais fundo e eu já não sei se continuo gemendo ou grito para que me dê o orgasmo que sei que dará.

De repente, uma cabeleira escura entra em meu campo de visão e meu seio é tomado pela boca do homem que, até então, parecia estar dormindo. Belo engano.

— Pensei que estivesse dormindo. — murmuro embriagada em meu tesão.

Christopher se afasta e ergue a cabeça para me beijar. Seus lábios, assim como os de Elliot, são como um bálsamo em meio a tanto furor.

— Como posso continuar dormindo quando a cama está pegando fogo ao meu lado?

Se eu não estivesse tão entorpecida, gargalharia. Opa, não duvide. Agora que ele entrou no jogo, mais ainda.

Os dois seguem adorando e consumindo cada centímetro do meu corpo com beijos, toques e deliciosas sucções. No instante em que deixo-me levar pelo ápice, Elliot pressiona a ponta da língua no meu botão extremamente sensível e a sensação intensa do orgasmo se elevando me faz perder o fôlego e amolecer sobre a cama.

Ofegante, vejo-os sorrir e se beijar. O loiro empurra o tronco do outro até que esteja novamente deitado e volta a fazer aquilo que interrompeu para satisfazer os meus desejos e me levar aos céus.

Ainda em minha névoa de torpor, observo-os em uma cena tão íntima e agora familiar, hipnotizada com os mínimos detalhes, que sequer reparo o momento em que Elliot estende a mão. Só me dou conta de que está olhando para mim ao ouvi-lo dizer:

— Quer compartilhar comigo?

Se eu achava que não poderia ficar mais excitada, o convite do loiro mostrou o contrário. Sim, eu só não posso, como estou imensamente mais excitada.

Mesmo trêmulas pelo recente orgasmo, me levanto e posiciono ao lado de Elliot. Nós lambemos o membro de Christopher como se fosse um doce. Eu de um lado, ele de outro, e as mãos do moreno emaranhadas em nossos cabelos. A cada vez que subimos até a glândula, trocamos alguns beijos molhados, estimulando ainda mais a área sensível. Os gemidos roucos nos impulsionam a tomar o que queremos. Nossos lábios trabalham juntos e as vezes um chupa as bolas enquanto o outro põe o pênis todo na boca.

Eu nunca imaginei que um dia estaria chupando e partilhando um homem com outro, por essa razão não fazia ideia do quanto esse jogo poderia ser tão ardente.

Os dedos de Elliot cavam entre as bandas do traseiro forte de Christopher e até eu solto um gemido ao vê-lo deslizar um deles para dentro do canal apertado, lubrificado com a nossa saliva. Sigo o seu exemplo, mas ao invés de juntar meu dedo ao dele, traço um caminho até o mamilo e o provoco. Chris ofega e se contorce em nossas mãos e bocas. Percebo seus músculos ficando tensos, seu abdômen contraindo, pronto para liberar o prazer. Porém, com um olhar cúmplice para Elliot, decidimos torturar o moreno um pouquinho mais, privando-o do orgasmo.

— O que pensam que estão fazendo? — Christopher rosna, totalmente contrariado.

— Pensei que talvez você quisesse gozar em um lugar mais gostoso, Chris.

— Elliot sussurra, acariciando lentamente o abdômen do namorado e olha para mim — Que tal dentro da nossa mulher?

Nossa mulher? Ele disse isso mesmo?

O choque é tanto que não consigo me mover. *Tum, tum... Tum, tum...* Para de bater rápido desse jeito coração!

Os orbes escuros de Christopher recaem sobre mim e ele dá um sorriso ladino, cheio de promessas. Engulo em seco ao vê-lo levantar. Seu braço circula a minha cintura e logo os meus seios estão pressionados contra o seu peito largo.

— Elliot tem razão. Eu vou gostar bem mais de gozar enquanto estiver comendo você.

Ok, podem chamar os bombeiros. Por que esses dois ainda vão fazer eu entrar em combustão espontânea.

Jogando uma camisinha para Christopher, Elliot senta na ponta da cama para observar, também segurando um pacotinho laminado e que eu faço alguma ideia de como irá usar. Só imaginar já faz a minha boceta ficar mais molhada.

Desenrolando a camisinha até a base, Christopher me ajeita sob o seu corpo e afasta os meus joelhos, flexionando-os até que estejam grudados em seus ombros. Meus olhos fecham e eu o recebo em puro deleite. Sinto-o me reivindicar até o fundo, pressionando cada centímetro de nossas pélvis juntas.

Meus olhos alcançam Elliot na beira da cama, masturbando-se com o espetáculo que lhe oferecemos. As investidas de Christopher, suas mãos em minha pele e os olhos azuis do meu outro amante são uma combinação arrebatadora.

De repente, o moreno para e sinto o balançar suave do colchão. A cabeleira loura remexe bem nas costas do homem sobre mim, e logo a expressão dele torna-se extremamente prazerosa. Seus lábios finos se contorcem num

gemido profundo e ele empurra mais os quadris em minha direção, fazendo-me ofegar.

As mãos de Elliot encontram as minhas na cintura de Christopher e nós entrelaçados os dedos, fechando o vínculo sexual em que estamos. As investidas do loiro começam e guiam as de Christopher em mim. Lentamente, vamos encontrando o ritmo perfeito igual a noite passada, e eu sorrio internamente ao pensar que Elliot tinha razão ao dizer que eu gostaria de ver Chris submetido a ele enquanto me penetra.

Eu gosto e gosto muito!

A boca do moreno pousa sobre a minha e nos beijamos avidamente. Também quero os lábios de Elliot, só que a posição não favorece, por isso eu sussurro para o moreno assim que nos separamos:

— Beije-o por nós dois.

Christopher sorri e quebrando um pouco o ritmo, agarra a nuca do namorado e o beija com fervor. Ondulo os quadris para ajudá-lo e logo estamos guerreando atrás de prazer, tanto que a cama parece minúscula para o tamanho da nossa luxúria.

Num impulso forte, Elliot vai até o fim e, conseqüentemente, Christopher também. Meu segundo orgasmo se constrói e rompe em um piscar de olhos. Aquela sensação maravilhosa do clímax me atinge e eu aperto os ombros de Chris enquanto chamo o seu nome e o de Elliot, os dois homens que habitam os meus pensamentos e sentimentos mais profundos.

Eles repentinamente ficam parados. As expressões contraídas em satisfação. Vislumbro-os durante alguns segundos e um calor gostoso invade o meu peito. Eu estou cada vez mais apaixonada por eles e, apesar de imaginar onde tudo isso acabará, só consigo sorrir com essa sensação.

Cansada da sessão matinal de sexo, me aconchego entre ambos e fecho os olhos. Sinto a mão de Christopher em minhas costas e a de Elliot em minha

cintura minutos depois. Sei que preciso voltar para casa, mas fica difícil quando dois homens deliciosos estão dedicando minutos para me acariciar depois do sexo.

Talvez não tenha problema eu continuar um pouco mais aqui e aproveitar, né?!

Bem, certo ou não, meu corpo se nega a levantar. Por isso, simplesmente deixo-me levar até adormecer novamente.

[...]

Ao despertar pela segunda vez, reparo que estou sozinha na cama, mas consigo escutar a voz de ambos ao longe. Provavelmente na cozinha. Despreguio o máximo que posso e empurro o lençol para o lado, sentindo todos os meus músculos levemente doloridos. Sou incapaz de não rir ao assimilar porque estou assim.

À noite (e a manhã) foi boa!

Sem ligar para a minha nudez, vou em direção ao banheiro para jogar uma água no rosto e tomo o maior suspiro ao olhar no espelho. Meu cabelo está igual um ninho de passarinhos colorido, além das leves marcas vermelhas espalhadas em meu pescoço e colo. Eu estou uma tremenda bagunça.

Na verdade, está mais para bem comida.

Depois de ajeitar o cabelo, tomar a liberdade de usar o enxaguante bucal e fazer aquele xixi aliviador, pego um roupão pendurado no cabide da porta e visto. Até pensei em ir sem roupa mesmo, mas daí acabaríamos não conversando de novo (não com palavras, pelo menos).

Devagar, percorro o corredor ouvindo risos e sentindo o cheiro maravilhoso de café recém preparado. Eu ficaria alegre se não tivesse parado na porta e deparado com uma cena tão afetuosa e íntima, que me fez cair na realidade.

Eles sorriem um para o outro, Christopher abraçando Elliot pelas costas e com a bochecha colada na dele, aquela imagem típica de casal feliz.

Parada e observando-os, apesar de poucos passos nos separarem, tenho a sensação de que estamos a quilômetros de distância. Isso porque, querendo ou não, eu sou um elemento estranho em toda essa história. Nós três podemos nos entender na cama e em infinitas coisas fora dela, mas quem realmente tem um relacionamento são eles e não eu. Estou aqui porque me deixei levar e, motivada pelo entusiasmo e as emoções, "concordei" em entrar no arranjo. Não é como se eu tivesse realmente pensado sobre isso. Pois, se tivesse, provavelmente não teria aceitado.

Ou será que teria, no final de tudo?

Sou tirada dos devaneios quando escuto o meu nome ser chamado repetidas vezes. Balanço a cabeça e foco a atenção nos homens que me encaram intrigados.

— Bom dia. — digo enfim, forçando um sorriso — Se ainda for manhã, né?

— Ainda são dez horas. — Christopher responde, retribuindo meu sorriso, assim como Elliot — Então, bom dia.

Me aproximo da bancada onde estão e, surpresa, recebo um beijo sutil de cada um nos lábios. Não sei se já entrei para o time dos bobões apaixonados, mas tal gesto faz com que eu me sinta muito melhor.

— O roupão ficou bem em você. Embora a gente prefira você sem ele. — Elliot brinca.

— Pensei que se viesse do jeito que queria, a última coisa que faríamos é comer.

— Bom, nós iríamos comer sim. — Christopher caçoa e caímos na risada.

Tudo é tão leve e natural com eles, que, se eu já não estivesse

reconhecidamente louca pelos dois, ficaria muito facilmente.

Sento em uma das banquetas e vislumbro-os silenciosamente se mover no espaço da cozinha pegando o que precisamos para tomar café da manhã. Ambos estão sem camisa e vestindo um short folgado, daqueles usados para fazer exercícios. Os cabelos bagunçados e expressões relaxadas levam um pouco da minha apreensão inicial. Talvez eu esteja ficando nervosa à toa, afinal, nem conversamos sobre a tal proposta ainda.

— Eu não sabia que usava óculos. — comento para Elliot ao finalmente perceber que está usando um par de armação quadrada e relativamente grande.

— Oh sim. Mas só quando estou em casa. Geralmente uso lentes de contato porque são mais fáceis e não atrapalham durante os ensaios.

— Então vocês dois usam? — pergunto, lembrando da vez que encontrei Christopher na cafeteria e ele estava com um.

— O Chris usa somente o de descanso. Ele não tem realmente um problema de vista. Além disso, o vaidoso aqui acha que fica bem com óculos de grau.

— Vamos mesmo discutir quem é o mais vaidoso entre os dois?

Dou risada. Não que eu tenha visto antes, porém, algo me diz que eles implicam muito um com o outro. É engraçado.

A atmosfera amena perdura durante nossa conversa despretensiosa. No entanto, uma vez que estamos os três sentados, é que o verdadeiro assunto se manifesta. E sou eu quem o puxa:

— Sei que deixamos o tesão falar mais alto ontem, só que precisamos esclarecer alguns pontos. Ou melhor, todos os pontos.

Tanto Elliot quanto Christopher consentem, olhando-me atentamente.

Ok, por onde começar?

"Que tal pelo começo, espertinha?"

— Então, vocês não são gays de fato? — questiono, um tanto intrigada.

— Bem, nós mantemos um relacionamento homoafetivo sim. Mas vai além disso. Somos atraídos pelo corpo masculino tanto quanto pelo feminino, mas desde o começo não estivemos à procura de outro parceiro. Sempre tivemos tudo o que precisamos um no outro, física e emocionalmente. — explica Chris.

Entrega-me uma caneca fumegante de café. Tomo um segundo para apreciar o cheiro bom e então volto a olhar para ele.

— Elliot e eu nos amamos e estamos juntos há quatros anos por escolha própria. Somos felizes em nossa relação. No entanto, mais do que compartilhar a vida e um teto, nós compartilhamos da liberdade sexual. Claro, sempre de forma consensual.

— Isso quer dizer que?

— Que mantemos um relacionamento aberto para a nossa bissexualidade. — agora é Elliot que responde — Amamos o corpo duro de um homem, os nossos corpos, mas também a suavidade das curvas de uma mulher. Nós nunca vimos a necessidade de incluir uma terceira pessoa em nossa relação, por isso apenas desfrutamos do que o corpo de uma mulher pode nos dar quando viajamos, mas ainda assim sabemos por quem somos verdadeiramente apaixonados. Entende?

— Por incrível que pareça, eu entendo.

E assombrosamente entendo mesmo.

É uma questão muito complicada para quem vê de fora e não tem a mente aberta, mas, estando entre eles, consigo compreender a dinâmica inusitada

desse relacionamento. Ambos são bissexuais, porém, amam um ao outro e respeitam suas opções mutuamente. O que, provavelmente, é o que faz tudo isso dar certo. Além da confiança e aceitação.

Esse é um belo exemplo de como uma relação deveria realmente funcionar.

— E são somente mulheres ou...

— Só mulheres. Como dissemos, temos tudo o que precisamos como dois homens.

— Vocês não sentem ciúmes um do outro?

— Nós sabemos o que temos, o que queremos e quem somos, baby. Não há espaço para desconfianças quando há o conhecimento e o consenso. No entanto, veja bem, uma coisa é estarmos com outras pessoas de maneira consensual, outra completamente diferente é que alguém tente se impor entre nós dois. Então, sim, sentimos ciúmes as vezes.

Bebo um gole do café fresquinho servido por Christopher e encaro-os um instante, ordenando meus pensamentos para ver qual eu exponho a seguir. Não sou uma mulher de muitos questionamentos, mas essa é uma circunstância em que me pego cheia de perguntas e dúvidas. E se eles realmente desejam que eu faça parte desse arranjo, creio que não irão se opor a responder algumas delas. Afinal, acabamos entrando num impasse.

O que será isso que passaremos a compartilhar daqui para a frente?

— Não sei porque, mas tenho medo do que você está formulando dentro dessa sua cabecinha. — ouço Elliot comentar, arrancando risada de Christopher, que concorda com o que diz.

Eu também sorrio antes de falar:

— Eu gostaria de saber uma coisa. — ambos concordam e eu coloco a caneca vazia sobre o balcão. Respiro fundo — Pelo o que eu entendi, os dois só

procuram "diversão" com as mulheres quanto estão viajando porque vocês se bastam quando estão juntos. Então o que eu estou fazendo aqui? Sou apenas uma peça sobrando e, sinceramente, sinto-me um pouco desconfortável com a ideia de ser uma intrusa nesse relacionamento.

Sou firmemente observada pelos dois lindos homens a minha frente e a atmosfera muda repentinamente. Estou sendo franca e espero que sejam também.

— Se lhe demos essa impressão, perdoe-nos. Mas a verdade é que essa pergunta nenhum de nós sabe responder, Sweetie. — Christopher se aproxima e ajeita uma mecha do meu cabelo. Percebo Elliot em minhas costas e suas mãos pousam em meus ombros — Como dissemos ontem, isso também é novo para nós. Não tínhamos a necessidade de uma terceira pessoa para nos complementar, talvez porque não havíamos encontrado alguém que agradasse igualmente a ambos.

— E então você apareceu. — o loiro prossegue, acariciando meus cabelos por trás — E o mais surpreendente é que nos interessamos por você individualmente, sem a mínima ideia de que estávamos dormindo com a mesma mulher, o que prova que você nos agrada de verdade.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estou me sentindo desejada e querida em meio a esses dois deuses gregos. E imensamente tentada em jogar tudo para cima e entrar de cabeça nessa dança.

— Acredite, você não é só mais uma, menos ainda uma peça destoante. Nós queremos que esteja confortável com a ideia.

— Apesar de não sabermos nomear o que começaremos hoje, tanto o Christopher quanto eu desejamos que você esteja conosco muito além das paredes do nosso quarto. Então, enquanto não soubermos o que de fato será, vamos apenas curtir.

Curtir? Talvez não seja uma má ideia.

Considerando que apesar de eu estar apaixonada, não estou realmente procurando um relacionamento, por que não? Sem promessas, sem nomes, apenas um sentimento de querer mútuo.

Eu disse a mim mesma que preferia voltar a sentir, mesmo sendo unilateral, do que continuar sem sentir absolutamente nada. Afinal de contas, já me permiti chegar até aqui, né? Não sei o que acontecerá no futuro, mas, no pior das hipóteses, poderei declarar que eu tentei.

Além do mais, estou tão envolvida que duvido muito que sairia outra resposta que não fosse sim.

Observo as expressões inquietas dos homens diante de mim e tenho vontade de rir. Toco o rosto de ambos delicadamente e me inclino para beijar um e depois o outro. Eles sorriem e então eu digo:

— Vamos curtir!

Sou engolida por quatro braços fortes em um grande abraço acolhedor.

O calor em meu peito de outrora se espalha com ainda mais força e posso dizer com propriedade que, sim, eu entrei para o time dos bobões apaixonados.

É oficial: eu faço parte do arranjo.

— Só tem uma coisa. — digo assim que se afastam — Como isso vai funcionar?

— Seremos um trisal, oras. — Christopher responde zombeteiro e lhe dou um tapinha no ombro — Ok, ok. Eu entendi a pergunta.

— Gostaríamos de manter as coisas entre nós. — Elliot se pronuncia — Assim como existe exclusividade entre Chris e eu, gostaríamos de tê-la com você também.

— Huuumm... Seremos uma espécie de mono-barra-poligâmicos?

Ambos dão risada e concordam.

— Por aí.

— E será apenas sexo ou...

— Vamos deixar rolar. — dá de ombros.

Pois bem, eu não estava planejando (e nem conseguiria depois de ontem) dormir com qualquer outro homem. Então aceito.

Tomamos o café da manhã entre risadas e envoltos num papo descontraído. Toques despretensiosos surgem vez ou outra, mas não passam de selares ou pequenos carinhos (não que eu fosse reclamar se passassem, muito pelo contrário).

Estou ajudando Christopher a secar os utensílios enquanto Elliot lava, e, logo que terminamos, os dois se voltam para mim. Secando as mãos no pano, o loiro apoia o quadril contra a pia e me encara um tanto hesitante. Ergo a sobrancelha intrigada.

— O que foi?

— Entre tudo o que conversamos, nós queríamos perguntar algo importante.

— Pois bem, pergunte. — retruco risonha.

Chris, posicionando a mão em minha cintura, se aproxima para ouvir.

— Como você bem sabe, Christopher e eu somos um casal fixo há quatro anos. Apesar de termos as nossas aventuras durante as viagens e nos protegemos em todas elas, nós.... Bem...

— Nós transamos sem camisinha, Sweetie.

Ooookaaaayyy.... Essa informação nova é um tanto espantosa (porém, não chocante).

— Já que concordamos em ser os três, queríamos saber se está confortável com isso. Se você.... Ah.... Também gostaria de não usar conosco?!

Fico pensativa. Não usar camisinha é um passo realmente grande. Eu tomo o meu anticoncepcional em dia e estou limpa, conforme o último exame que fiz a uns meses atrás. De qualquer forma...

— Não se sinta pressionada, por favor! — Chris se apressa em esclarecer — Se quiser, podemos usar preservativos e continuar assim até que esteja mais confortável em relação a nós. Como é algo comum entre a gente, queríamos saber a sua opinião. E como enfatizamos desde o início, a escolha é sua.

— Essa semana nós vamos fazer o exame de rotina só para confirmar que tudo está bem. Fizemos os nossos a seis meses atrás e deu tudo certo. Se quiser nos acompanhar...

— Esse é um assunto que terei que pensar. — sou honesta — Então me sentirei mais confortável em continuar com as camisinhas durante um tempo.

— Tudo bem. Será do jeito que quiser.

— Quanto ao exame, eu posso acompanhá-los sim e aproveito para fazer o meu. Se vamos ser um trisal, acho que devemos começar a ter confiança sexual também.

Ambos consentem e damos por encerrada essa questão. As coisas estão andando mais rápido do que eu imaginava? Sem sombra de dúvidas.

No entanto, ao invés de assustada, eu estou animada como nunca imaginei que ficaria ao fazer um trio com um fotógrafo tatuado e um bailarino de olhos azuis.

Capítulo 08

CHRISTOPHER

Como a vida pode dar um giro de 360 graus em tão pouco tempo?

Até alguns meses atrás, eu sequer imaginava que poderia me apaixonar por outra pessoa que não fosse Elliot, menos ainda que o meu namorado também estaria apaixonado por ela e que nós dois, em comum senso, gostaríamos de tê-la envolvida em nosso relacionamento. Mas aqui estamos, exatamente nessa impensável situação.

Se eu estou feliz e certo da decisão que tomamos? Bem, se considerar que a cada dia desde que começamos me sinto mais e mais completo, então sim, eu estou feliz e certo dessa decisão. Nós estamos.

O único problema é que, ao não nomearmos essa relação, acabamos escondendo o que verdadeiramente sentimos por ela. Não que fosse a nossa intenção, só que, julgando o fato de que não tocamos no assunto “sentimentos” em momento algum, involuntariamente perdemos a oportunidade de dizer.

O que de certa forma foi até bom. Um tempo depois, sozinhos, Elliot e eu concluímos que já havíamos estipulado coisas demais para uma única vez. Se vamos mesmo curtir e deixar rolar, podemos confessar e assimilar juntos essas emoções mais para frente, não é mesmo?

Até porque, um: apesar da nossa certeza, isso é algo que ainda não temos dela. E dois: temos muito o que conhecer e compartilhar uns dos outros.

Em outras palavras e como fizemos até aqui, vamos dar tempo ao tempo.

Não dizem que a paciência é uma virtude?

As nossas primeiras duas semanas como um trisal foram bem.... Cansativas? No mal sentido? Longe disso! Foram nos melhores possíveis. Cansativas porque, bem, nossa energia sexual à três é realmente explosiva. Se com um já fervia, com os dois então....

Aaahh, fico duro só de pensar.

Por isso, durante os dias em que pudemos nos reunir lá em casa ou no apartamento dela, quase não saímos do quarto (ou de qualquer outro lugar que o tesão permitia-nos alcançar antes de detonar).

Contudo, mais do que a nossa forte conexão sexual, estamos avançando a outros níveis também. Mais profundo e afetivo. Nossas conversas são sempre animadas e estamos nos entrosando cada vez mais. Com seu jeitinho espoleta e língua afiada, Yanna tem ganhado nossa admiração em muitos pontos. Ela é extremamente gentil e carinhosa sem fazer qualquer esforço, mesmo às vezes querendo dar uma de durona. É uma característica inerente dela, tal como a sua sensibilidade para determinadas coisas e sua intensa paixão pelo trabalho.

Encontrar uma mulher que, além de agradar os dois igualmente, aceita nossa orientação e quis ser parte disso por gostar de nós da mesma maneira não poderia ter sido mais incrível. Incomumente louco e maravilhoso.

Só que há um, ‘porém’.

Yanna, embora seja bastante aberta e extrovertida, continua com aquele brilho misterioso no olhar. Aquele que, posso estar enganado, mas parece guardar tantos segredos que mesmo inconscientemente nos convida a desvendá-los. E não segredos bobos que guardamos da infância ou adolescência por vergonha, mas algo realmente grande e doloroso. Elliot também percebeu. E não foi muito difícil concluirmos que tenha relação com o motivo de ela ter inventado “Rebecca e Poliana”, assim como outros personagens para outros homens (nem gosto de lembrar disso).

Esse assunto é um que, tanto Elliot quanto eu, temos curiosidade de abordar, só falta coragem. Afinal de contas, se for tão delicado quanto eu imagino ser, talvez seja necessária uma dose a mais de confiança para que possamos conversar abertamente sobre tal algum dia.

Melhor não apressarmos.

Ao lado do meu namorado e em frente à clínica em que geralmente fazemos nossos exames de rotina, esperamos Yanna chegar para entrarmos. Ela concordou em vir conosco, só que está (muito) atrasada. Como de costume.

Devido ao meu trabalho que acabou atrapalhando os planos que tínhamos, marcamos nossa consulta para a semana seguinte. Essa, no caso.

— Você acha que ela virá? — Eli pergunta, olhando de um lado para o outro — Não que eu esteja realmente duvidando disso, mas pelo histórico...

Dou risada. Eu sei bem do que ele está falando. Também já passei pelo mesmo.

— Acho que é algum tipo de mania dela. — respondo divertido — Daqui a pouco ela estará aqui, pode apostar. Vamos esperar.

— Continuar esperando, você quer dizer.

— Está falando muito para quem faz a mesma coisa. — implico e ouço-o bufar.

— Quem? Eu?

— E quem mais seria?

— Foram só algumas vezes. — resmungo.

Reviro os olhos e sorrio concordando. Vou deixar que acredite nisso, mesmo sabendo que é uma tremenda mentira.

Ele descruza os braços, enfiando as mãos nos bolsos, tal como eu. Jogamos conversa fora enquanto os minutos se passam e tentamos ignorar o frio crescente. Afinal, embora a primavera esteja próxima, o final do inverno ainda é de rachar.

Estou rindo de qualquer besteira que meu namorado disse quando, de repete, ouço ao longe o som de uma música que me é familiar. O som é tão alto que não preciso de muito para reconhecer que é o riff de Bad To The Bone da banda ZZ Top, uma das tantas que escuto em casa e adoro. Olho para Elliot, que também reconheceu, e ficamos procurando de onde vem a música, assim como várias outras pessoas que estão passando.

O som da guitarra vai crescendo mais e mais, e, para o nosso total espanto, sai dos alto-falantes de um conversível vermelho que estaciona subitamente a nossa frente. Porém, o mais espantoso é ver que o motorista, não é ninguém mais ninguém menos, do que a nossa Yanna.

— É sério? — a pergunta sai da minha boca junto com uma risada meio incrédula.

Não sei se fico mais pasmo com o carro (claramente de luxo) ou com o fato de ela não dar à mínima para as leis de trânsito.

Eli, tão impressionado quanto eu, assobia no instante em que ela desce do carro e vem em nossa direção. A música pode ter acabado, mas parece que ainda ouço a melodia dentro da minha cabeça enquanto observo-a se aproximar, a trilha sonora perfeita para o momento.

Yanna está tão linda que atrai alguns olhares para si. Eu até ficaria enciumado, isso se minha atenção não estivesse no par de botas sexy que está usando e bem conheço da primeira noite em que ficamos juntos em Veneza.

Sorrio com a lembrança daqueles saltos apoiados em meu peito enquanto eu deslizava o zíper para baixo e imaginava como seria fodê-la tendo a sensação deles e do couro em minha pele.

Eis uma fantasia que eu ainda quero realizar, assim como a de ter Elliot fardado.

Respiro fundo querendo fugir do rumo que os meus pensamentos indecentes estão me levando, quase falhando ao ter a imagem dos meus dois amantes juntos bem diante de mim. Balanço a cabeça e então vejo-a jogando os cabelos coloridos para trás. Yanna abre um sorrisinho nitidamente desavergonhado e, depois de inesperadamente dar um beijo na bochecha de cada um, ela diz:

— Perdi o horário. Desculpe.

O que dizer depois disso? Nada.

Deus, eu não acredito que vou acabar virando complacente à outra pessoa além do Elliot (embora deveria ter desconfiado do poder daqueles olhões verdes-jade e carinha de menina sapeca).

Tendo conseguido impedir qualquer coisa que pudéssemos falar sobre o atraso (não que o faríamos) com seus beijos e a “chegada triunfal”, Yanna agarra um de cada lado e arrasta-nos para dentro do prédio. Deixo-me levar assim como Eli e logo somos três de frente para o balcão da recepção. A atendente dá um sorriso e olha de um para o outro.

— Em que posso ajudá-los? – pergunta.

— Consulta marcada para às duas. – Elliot responde – Com o doutor Mark.

— Ah, sim. Um momento por favor. – mexe em algo no computador – Quem irá se consultar com ele, por favor.

— Nós três.

No segundo em que a recepcionista assimila tal resposta, ela ergue a cabeça e observa-nos um tanto espantada. Novamente olha de um para o outro e franze

as sobrancelhas. Se havia qualquer intenção de ser discreta, falhou miseravelmente (talvez nem se deu ao trabalho de fazê-lo).

— Huh... Me deem seus nomes, por favor.

Aguardamos as burocracias de praxe e não demora para que ela indique os elevadores, orientando que devemos ir até o sexto andar, consultório doze.

— É impressão minha ou a recepcionista ficou meio chocada? – Yanna indaga.

Sua voz soa divertida.

— Normal as pessoas ficarem um pouco espantadas. – explico, dando de ombros.

— Tenho quase certeza de que ela deve ter imaginado como nós transamos. – Elliot comenta – “Tem alguma posição especial?” ou “Será que vai primeiro um e depois o outro?”, provavelmente foram algumas das perguntas que passaram dentro da cabeça dela.

Yan faz uma expressão pensativa.

— Talvez “Será que essa mulher aguenta os dois?” Ou “Como ela ainda consegue andar?” também tenham passado.

— Ou “Qual dos dois leva por trás?” – entro na brincadeira – “Tenho certeza de que deve ser o mais baixinho”.

— Ei! – meu namorado esbraveja – Eu posso levar, mas você também leva. Eu não sou o único a dar nesse relacionamento. E outra, se ela soubesse o quanto é bom, não teria feito aquela cara.

Concordamos. Se metade das pessoas seguissem os seus desejos e não ficassem limitadas ao conceito de amor que é imposto como “certo”, tenho certeza de que todos seriam mais felizes.

Saímos do elevador no clima agradável que constantemente nos acompanha e seguimos o corredor até o consultório. Bato na porta duas vezes e forço a maçaneta logo que ouço-o dizer entre.

Sou o primeiro a adentrar, seguido pelos dois. Mark, nosso médico de longa data, levanta para cumprimentar-nos com um sorriso simpático no rosto. Bom, ao menos era o que parecia, até ele deter o passo e seu sorriso cair, dando lugar a uma expressão bastante surpresa. Seus olhos estão fixos em algo atrás dos meus ombros. Fixos demais.

De soslaio, noto que Elliot está ao meu lado, o que significa que...

Tanto ele quanto eu viramos a cabeça e deparamos com Yanna também surpresa. Seus olhos verdes estão cravados no médico e seu semblante, além de desconcertado, denota um desconforto explícito. Franzo o cenho.

O que está acontecendo aqui?

— Jennifer?! — Mark questiona, meio incerto.

Jennifer? Oh não.

Não me diga que...

Yanna respira fundo e contrai os lábios num gesto quase inconsciente. O clima antes agradável se transforma completamente e a tensão se faz presente. Ninguém fala por um instante, mas tomando a iniciativa como muitas vezes já lhe vi fazer, ela esfrega as palmas das mãos na calça e estende para o médico.

— Eu sou a Yanna. Muito prazer.

Mark observa a mão estendida em sua direção durante alguns segundos e meneia a cabeça ao apertá-la e devolver o cumprimento. Acho que ele entendeu.

Ignorando a atmosfera embaraçosa criada por esse “imprevisto”, Mark aponta para as poltronas de frente para sua mesa e todos sentamos. Apesar de incomodado, ele pega um prontuário em meio a vários e começa a consulta e seguimos com o de costume. Eu poderia até mentir e dizer que não estou irritado com a situação, mas duvido muito que alguém acreditaria nisso. Não quando a maldita mania de passar a língua na bochecha já me denunciou. E pelo jeito que Elliot está apertando a mandíbula e sério, eu não sou o único enciumado.

Apesar dos pesares e dos olhares que Mark lança vez ou outra para Yanna, tudo corre relativamente bem. Isso, claro, até ele perguntar o que ela está fazendo aqui conosco e o que nós somos.

— Yanna é a nossa parceira. — respondo sem hesitar — Estamos todos juntos.

— Somos um trisal. — Eli complementa.

Se estamos querendo marcar território?

Nem duvide disso.

Mark fica boquiaberto com o que acabamos de dizer, revezando seu olhar, e Yanna somente suspira. Ela sabe que estamos com ciúmes, mesmo não admitindo que dormiu com o médico. Pelo menos não em voz alta.

Ok, ok, é o passado dela e algo que não podemos mudar (e nem queremos). Só que a maneira como Mark sorratamente cobiça a mulher entre nós é demais para que possamos aguentar calados. Nós não mentimos ao dizer que sentíamos sim ciúmes.

— Isso é... Inusitado. — Mark pigarreia e anota qualquer coisa no prontuário — Então vocês vão manter um relacionamento à três?

— Nós *temos* um relacionamento à três. — ênfase, passando a língua no interior da bochecha pela milésima vez.

— Pois bem. – mais anotações e então ele levanta a cabeça – Yanna, você faz uso de algum contraceptivo?

— Sim. Eu tomo anticoncepcional.

— Está regular?

— Sim. Todos em dia.

— Mais algum?

— E preservativos.

Ele faz mais algumas perguntas a ela, mais anotações, e em seguida chama uma enfermeira pelo telefone de sua mesa, que não demora a entrar na sala.

— A senhorita Ana vai levá-los para colher o sangue e fazer o exame agora. – levanta e nós também – Depois da coleta, podem esperar em torno de uma hora para o resultado sair.

Consentimos e, após trocar apertos de mão a contragosto, seguimos a tal enfermeira para fora do consultório.

Eu disse que a vida poderia dar um giro em tão pouco tempo. Se antes eu considerava Mark um cara legal, agora não quero nem vê-lo pintado de ouro.

O procedimento não leva mais do que alguns minutos. Logo que somos liberados, subimos para a cafeteria da clínica à fim de esperar os resultados, que saem em mais ou menos uma hora conforme o que a enfermeira disse.

O lugar não está cheio e pegamos uma mesa próximo a vitrine. Vou até o balcão comprar algo para bebermos enquanto os dois aguardam sentados. Mas que merda! Eu não gostaria que o clima ficasse estranho, só que é difícil quando a minha imaginação está trabalhando contra mim.

Entrego as bebidas à cada um e sento com a minha em mãos. O silêncio é inevitável. Basta eu olhar de esgueira para notar como Eli está se controlando muito para não falar mais do que deve. Ele tem tanta consciência do que eu sobre esse comportamento ridículo, porém, não conseguimos evitar.

Estamos ardendo de ciúmes.

— Sim, eu dormi com ele. Se é isso o que está incomodando vocês.

Tanto Elliot quanto eu, permanecemos calados. Trocamos olhares rapidamente. Se começarmos a falar, é discussão na certa e é o que menos desejamos nesse momento. Não há realmente uma razão.

Sem esperar por perguntas, ela explica:

— Nós nos conhecemos em Wellington, quando viajei para a Nova Zelândia um tempo atrás. Ele tinha ido a um simpósio e depois saiu com uns colegas para beber. Trocamos alguns flertes e acabamos transando na mesma noite. Fim.

Dá um gole largo na bebida.

— Eu não vou pedir desculpas por isso. — sentença aborrecida — Simplesmente porque não faz sentido nenhum.

Nós sabemos e como sabemos. Tenho vontade de bater com a cabeça contra a mesa por estar com raiva de uma coisa que aconteceu antes de estarmos juntos. E Elliot, bem, não posso falar por ele. Ainda que eu esteja certo de que se sente tão patético quanto eu.

— Jamais pediríamos que se desculpasse. — murmuro com os olhos fixos na lata — Só que é... Um pouco difícil de lidar.

— Não gostamos de pensar que outros homens tocaram em você antes de nós. — Eli se pronuncia, expressando o que eu verdadeiramente gostaria de falar.

Ergo os olhos para vê-la dar um sorriso sem graça e beber do que lhe trouxe. Por um segundo, tenho a impressão de que Yanna se perde nos próprios pensamentos ou em lembranças de outros tempos. Não sei ao certo.

— Eu tenho um passado assim como vocês. É algo que não posso mudar. — ela comenta, soltando um suspiro — Admito que eu também não gosto da ideia de que vocês saíam distribuindo “amor” para várias mulheres nas viagens que tiveram. Contudo, se eu ficar presa a isso, não iremos a lugar algum e não dará certo.

Um soco teria doído menos, com certeza.

— Você tem razão. — sou eu quem suspira e me recosto na cadeira — Faz parte do passado e não temos porque reviver.

“Embora tenha outros assuntos referentes ao seu passado que eu quero muito saber. Tal como o fato de você inventar nomes falsos e fingir ser outras pessoas”, mantenho essa parte para mim.

— Ficamos enciumados à toa. Desculpe. — Elliot respira fundo e alcança a mão dela sobre a mesa — É que, sendo sincero, nossa relação não é das mais comuns e temos receio de que você.... Bem, não esteja preparada ou disposta a tudo isso.

Yanna aperta os dedos aos dele e dá um sorriso. Sua outra mão logo está segurando a minha e, com carinho e novamente surpreendendo-nos, beija o dorso de cada uma antes de falar:

— Eu jamais teria aceitado se não estivesse certa disso. Se estou realmente preparada é um mistério, mas que estou disposta a levar o que temos é um fato.

Sorrimos para ela e, aliviados, retribuímos os beijos em suas mãos.

— Você é muito especial para nós, *Sweetie*.

— Não tem ideia do quanto.

— E vocês são muito especiais para mim.

Sem dar a mínima para as pessoas ao redor, aproximo seu rosto do meu e a beijo. Elliot faz o mesmo em seguida. E então nós dois nos beijamos.

Passou longe de ser uma declaração, porém, é o mais perto que chegamos de uma. O que já é um grande avanço.

Uma hora se passa e, mais tranquilos e de volta ao clima agradável, descemos para buscarmos os resultados dos exames.

Apesar de eu saber que estou limpo desde a última vez, inevitavelmente me sinto um pouco nervoso ao pegar o envelope branco na mão. Yanna praticamente prende a respiração e abre o resultado, dando um suspiro profundo e um sorriso ao ler que está tudo bem.

Elliot é o próximo e também respira aliviado ao ver o resultado negativo. Eu, mais nervoso do que antes, desdobro a folha e leio rapidamente para então sorrir.

Estamos todos bem.

Capítulo 09

ELLIOT

A expressão perplexa que Vince faz quando lhe conto as novidades é hilária, ainda mais porque não o poupei nem dos detalhes sórdidos.

Sentados de frente um para o outro e fazendo os alongamentos para mais um dia de ensaio, que ficamos algumas semanas longe devido a pausa, aproveitei para contar sobre o jantar que planejamos para Yanna aquele dia e como as coisas se desenrolaram desde então.

Eu poderia ter contado por telefone ou mensagem, mas não teria o prazer de ver a cara dele como estou tendo agora.

— Você poderia ter omitido certas partes, não é? Mas claro que você não perderia a oportunidade de encher a minha pobre e inocente cabeça com coisas que eu sinceramente não quero imaginar.

— Você perguntou. Eu só respondi.

Dou de ombros e puxo um pouco mais seus braços, o que lhe arranca um resmungo. Ele me encara irritado.

— Além de me traumatizar, você também quer quebrar a minha coluna?

— Não seja dramático. – reviro os olhos – E a propósito, de pobre e inocente a sua cabeça não tem absolutamente nada.

Solto-o e ele discretamente mostra o dedo do meio, fazendo-me sorrir. Estendo os meus braços para que pegue e trocamos a posição.

Vince reinicia a conversa ao perguntar:

— Como vocês estão lidando com isso? Digo, com uma pessoa a mais no relacionamento e que ainda por cima é uma mulher?

— Realmente muito bem. Eu pensei que talvez fôssemos demorar para nos adaptar, mas foi o contrário. Mesmo sendo três em um relacionamento. E o fato de ela ser uma mulher não muda nada, afinal, somos bissexuais.

— E o Christopher?

— O mesmo de sempre. Nada mudou entre nós, Vi, à não ser que somos três ao invés de dois agora. — chego mais próximo para que apenas ele ouça — Eu entendo que a ideia de estar em uma relação poliamorosa seja estranha de início, porém, não é tão complicada quanto parece. Nós nos damos bem e gostamos uns dos outros. Yanna aceita a nossa orientação e que temos uma história juntos antes de estarmos com ela. Acredito que seja exatamente por essa razão que tudo esteja dando certo.

— Então, não poderia estar melhor?!

Lanço uma piscadela como resposta.

— Não pisque para mim. Isso é estranho.

— Já disse que você não faz o meu tipo.

— Sou areia demais para o seu caminhão, Park.

— Eu que sou areia demais para você.

Ele sorri e balança a cabeça, negando. Contudo, sua expressão ainda denota certa dúvida, que incentivo a colocar para fora de uma vez ao falar:

— Pergunte logo.

— Eu só não entendi o porquê de não terem dito que estão apaixonados por ela.

— É um pouco complicado. — resmungo ao sentir os músculos das costas — Como não entramos no assunto e ainda não temos certeza dos sentimentos dela, preferimos não nomear as coisas por enquanto. Conversei com Christopher e chegamos à conclusão de que devemos curtir e ir com calma como estamos fazendo. Mais para frente pensamos nesse assunto de emoções.

— Em outras palavras, vocês estão receosos de que possam perdê-la se colocarem sentimentos na mesa. É isso?

— Mesmo não querendo reconhecer que você foi bem perspicaz, é exatamente por isso. — dou risada, mas não demora um segundo para que eu esteja suspirando — Essa história de trisal não é nova somente para Christopher e eu, mas para ela também. São tantos fatores que podem levar tudo por água abaixo, que ainda ficamos apreensivos. O perfeito exemplo é que não seguramos nossos ciúmes ao descobrir que ela dormiu com o médico. Mesmo garantindo que está disposta a seguir em frente com esse relacionamento, nada impede que vá atrás de alguém que lhe dê monogamia.

— Mas por tudo o que contou e que posso deduzir, não é o que a Yanna está procurando. Ela parece mesmo gostar de vocês. Igualmente dos dois. Então essa insegurança não é um pouco sem sentido?

— Eu sei que é. Nós sabemos. Chris é um pouco mais controlado em relação a isso, eu ainda tenho que aprender a lidar com essa nova realidade. Eu sou temperamental e muito inseguro as vezes.

— Eu, mais do que ninguém, sei disso.

Ao notar seu semblante debochado, me apressou em cortar o mal pela raiz.

— Cale-se!

Lógico que não funciona.

— Só lembrar de como você ficou no teste para entrar na companhia e achou que não tinha passado, ou quando acreditou que o Christopher era hétero. Pior, que você fica mais verde do que um abacate todas as vezes em que está prestes a entrar no palco. É verdadeiramente impressionante como você ainda consegue enganar tanta gente com essa sua pose confiante. Mal sabem...

— Eu odeio muito você, Vince. — corto-o e ele começa a gargalhar.

Solto a mão rapidamente só para dar-lhe um soco no ombro. Mudo de assunto.

— Como foi o encontro com aquela garota?

— Foi bom. — responde sem ânimo.

— Para os parâmetros de Vince Bennett, deve ter sido péssimo.

— Esse é o ponto. Não foi necessariamente péssimo. Foi tudo o que até tempos atrás eu consideraria perfeito, mas dessa vez pareceu tão sem graça e...

— Pode parar. — interrompo-o e dou risada da expressão que faz — Só tem duas explicações para essa situação. Primeira: você finalmente chegou na fase do sossego. Segunda: você está apaixonado.

— Eu não estou apaixonado. — bufa.

— Então é a primeira opção.

— Não faço ideia. Gosto de sexo sem compromisso e da minha liberdade. Mas, sei lá, ultimamente sinto que falta algo.

— Pois é, amigo, pelo jeito você está entrando no repouso.

— Não sei se gosto muito da ideia.

— Acontece com todo mundo. Às vezes é preciso se estabelecer com alguém. Mesmo que seja por algum tempo.

— Com quem eu vou me estabelecer, cara? Metade das mulheres conhecem a minha fama e nem sonhando iriam apostar em algo sério comigo. Eu não apostaria.

Dou risada. Ainda bem que ele sabe.

— O problema é que nenhuma mulher vai querer... Uhn.... Namorar comigo se eu quiser levá-la para cama no primeiro encontro. O que geralmente acontece.

— Ei, vamos com calma. Por que nenhuma mulher iria querer? O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Aquela velha história de que nenhum relacionamento começa na base do sexo.

— Sério que você ainda acredita nisso? – bufo - Praticamente os meus dois parceiros eu conheci desse jeito. E eu estou com um deles há quatros anos. Ou seja, essa história aí está batida.

— Huh... É o que a maioria das mulheres que estiveram comigo na cama disseram.

— E por acaso as mulheres com que estive são as únicas da Terra? Vá conhecer pessoas novas e de preferência em lugares que nunca imaginou conhecer alguém. Você sabe tudo o que precisa para conquistar uma mulher e, apesar de não ser dos mais românticos, sabe como agradar. Use isso a seu favor.

Vince me encara um instante, um tanto impressionado.

Ergo a sobrancelha.

— Já pensou em largar a dança e se tornar conselheiro? — questiona brincalhão.

Sorrio debochado e balanço a cabeça.

— Eu? Conselheiro de alguém?

— É, péssima ideia. Deixa pra lá.

Reviro os olhos e ele sorri.

— De qualquer forma, obrigado. Eu vou tentar.

Terminados os alongamentos e ao som das palmas de Bernard, levantamos e aprontamo-nos para começar o ensaio. Vejo que alguns dos outros bailarinos trazem e posicionam as barras de apoio no centro do estúdio.

— Hoje iremos treinar alguns movimentos clássicos do ballet. — nosso coreógrafo diz — Deixaremos a coreografia contemporânea mais para frente.

Todos concordamos e seguimos sua ordem de tomar nossos lugares; Bernard anda até o aparelho de som e para ao lado dele.

— A sequência é simples e já fizemos milhares de vezes. Fiquem em *en dehors* e vamos iniciar com: *plié, demi plié e grand plié*. Façam na minha contagem e, em seguida, intercalem com *tendu e rond de jambe à terre*. Entenderam? Podemos começar? — bate palmas mais uma vez.

Assim que a música soa, a voz do coreógrafo sobressai e dá início a contagem dos movimentos. Mesmo familiarizado com os passos de tanto repassá-los em casa e aqui, concentro-me em todas as instruções de Bernard. Afinal, embora esteja acostumado desde a adolescência, movimentos clássicos de ballet são realmente difíceis de executar.

Passamos a tarde inteira ensaiando, como não poderia ser diferente. Temos uma reunião logo depois para falar sobre a primeira temporada do ano, a qual

demora praticamente uma hora. E a pedido de Bernard, estendo a conversa em seu escritório já que também ficarei responsável por algumas cenas das coreografias, como no ano passado.

Quando enfim saio e olho para fora através da janela, noto que praticamente escureceu, e também não há mais ninguém além de mim no estúdio. Ou seja, ficarei encarregado de fechar hoje.

Exausto, caminho para o vestiário à fim de um bom banho e relaxar desse dia tão puxado. Pego a bolsa do armário, jogo a toalha sobre o banco e entro no primeiro box que me convém após tirar a roupa.

A água morna é um alívio para o meu corpo cansado. Por um longo instante, encosto na parede e apenas sinto as gotas correndo em minha pele. Isso é ótimo!

Porém e de repente, ouço o barulho da porta do vestiário sendo aberta, o que me assusta levemente. Eu pensei que o restante do pessoal já havia ido embora. Será que me enganei? Tento olhar por cima do vidro, mas não vejo ninguém.

— Vince, é você? – pergunto e a minha resposta é o silêncio.

Ué, será que estou ouvindo coisas?

Huh, estranho.

Chamo mais uma vez. Como ninguém responde, dou de ombros e continuo meu banho. Acho que foi só impressão minha.

Despejo shampoo na mão e começo a lavar os cabelos. Despreocupado e de olhos fechados, esfrego até retirar todo o suor do treino. Contudo, minha despreocupação se transforma em apreensão quando ouço novamente um barulho do lado de fora do box.

Fico parado para tentar ouvir mais claramente, certo de que é o idiota do meu

amigo querendo pregar uma peça.

Errado!

É tudo muito rápido. Antes que eu possa entender o que está acontecendo, sinto as costas batendo contra o azulejo e alguém pressionar a boca na minha de forma rude, quase desesperada. Meu primeiro impulso é querer corresponder ao beijo. Contudo, logo que percebo não conhecer tais lábios e cai a ficha de que não pode ser nenhum dos meus amantes, travo.

Por um instante, não sei como reagir, mas assim que desperto do choque e me dou conta da situação, abro os olhos mesmo correndo o risco da espuma me cegar e um sentimento de indignação cresce assim que vejo Emma bem a minha frente. O que essa mulher pensa que está fazendo?

— Você ficou maluca? – indago, limpando o rosto.

Seguro-a pelos ombros e então afasto.

— Talvez. – ela abre um sorriso sacana – Maluca por querer você.

Franzo as sobrancelhas, aturdido.

— O que você disse?

— Eu fiquei maluca de tanto querer você, Elliot. Não imagina o quanto.

Encaro-a. Só pode ser brincadeira.

Quem me dera.

— E-eu...

Encurralado entre ela e a parede, completamente nu, fico apreensivo em como devo agir. Não quero ser indelicado ou bruto. Afinal, mais do que minha colega de trabalho, ela é uma mulher. Não das mais ajuizadas ou

prudentes, mas continua sendo uma mulher.

Ainda segurando seus ombros para mantê-la afastada, percebo que seus olhos passeiam pelo meu corpo e inevitavelmente sinto-me desconfortável. Isso está ficando cada vez mais complicado e realmente embaraçoso.

— Olha, Emma, eu não sei com qual intenção você entrou aqui, mas quero que entenda que não vai rolar nada.

— E por que não? – impulsionando o corpo, ela tenta chegar mais perto, só que não permito – Eu sei que você vive dormindo com várias mulheres durante as viagens da companhia. Qual o problema de eu ser mais uma?

— O problema é que você é minha colega de trabalho e eu não estou à fim. Não quero e nem vou misturar as coisas.

“E eu sou muito bem comprometido com duas pessoas”, penso, mas não digo. Ela não precisa saber sobre a minha vida.

— Não precisa misturar. Pode continuar sendo o inacessível e profissional Elliot Park que todos conhecemos. Podemos manter em segredo e fora daqui. No meu ou no seu apartamento, tanto faz.

— Emma, eu já disse que não vai rolar. – sou categórico. Não queria agir com grosseria, mas está passando dos limites.

— Qual é, Elliot? Eu não sou bonita o suficiente para você?

— Eu não disse isso.

— Então me acha bonita? – ela sorri.

— Não distorça as coisas, por favor.

— Eu posso ser tão boa quanto as outras mulheres com quem você dormiu. Na verdade, eu posso ser muito melhor.

E quando eu acho que ela não pode ultrapassar mais a linha, Emma me surpreende ao levar a mão até o meu pênis e apertá-lo. Dou um pulo para trás que por pouco não me faz fundir com a parede.

Arregalo os olhos, perplexo.

Putaquepariu! O que foi isso?

— Deixe que eu faça você se sentir muito bem. — ela sussurra através do som abafado da água caindo no chão.

Se pode, não está conseguindo. Porque tudo o que eu me sinto agora é mal.

Com o que resta da minha paciência e nem um pouco à fim de prosseguir com essa palhaçada, empurro-a o mais delicadamente possível e saio do box. Pego a toalha jogada sobre o banco e enrolo na cintura, cobrindo ao menos o quadril; Emma, com a camiseta molhada e os mamilos à mostra, tenta se aproximar outra vez. Porém, não lhe dou chance. Ponho-me atrás do banco, mantendo-o como uma barreira entre nós, e sou contundente:

— Eu não vou e não tenho qualquer pretensão de me envolver com você. Entendeu? Agora saia daqui!

— Não seja tão duro, huh?! Podemos nos divertir muito, basta você querer.

— Aí está. Eu não quero. — dito em um tom duro, surpreendendo-a.

Emma pressiona os lábios em desgosto e me encara. Ficamos ambos calados enquanto eu desejo profundamente que ela saia rápido daqui.

A tensão se constrói ao nosso redor.

Compreendendo que não vou ceder, ela cobre os seios com os braços e caminha à passos pesados até a porta. Abre e bate com força ao sair, largando-me finalmente sozinho. Respiro fundo.

Desabo, caindo sentado do banco atrás de mim. Apoio os cotovelos nos joelhos e esfrego as mãos no rosto, tentando entender o que acabou de acontecer. Sério, o que deu naquela mulher?

Apesar das investidas sutis e os olhares, eu nunca imaginei que a Emma poderia fazer algo desse tipo, me atacar no chuveiro e se sujeitar a ser outra em minha cama. Literalmente se oferecer.

Não que eu tenha qualquer objeção ao fato de ela querer conquistar os homens dessa maneira. Ela faz o que bem entender. Só que desde o início deixei claro que não me envolveria com pessoas da companhia e sempre fui muito reservado em relação a minha vida pessoal. Mas parece que isso acabou criando um personagem que os incitou à acreditarem que sou algum tipo de troféu. Que quem estiver comigo além de uma relação profissional será “um vencedor”.

Yanna estava certa ao dizer que as vezes, para alguns, o que chamam de amor é apenas uma forma de ostentação.

Oh, merda! E por falar em Yanna, como vou contar o que aconteceu a ela e ao Christopher? Quero dizer, não posso casualmente chegar e dizer: *“olha, aconteceu uma coisa interessante hoje lá no estúdio. Uma das minhas colegas de trabalho entrou no banheiro, me atacou e até pegou e apertou o meu pau”*. Claro que sim, bastante efetivo.

Eu não posso esconder isso deles. Bom, na verdade, até poderia. Só que não seria o certo. Sinceridade sempre foi a base do meu relacionamento com Chris e não será diferente com a Yanna.

É isso. Eu vou dizer. Como sempre fiz.

Mesmo com receio de que Emma possa aparecer de novo, termino o meu banho e visto outra muda de roupas; saio do estúdio depois de trancá-lo e entro no carro estacionado próximo a porta.

Durante o caminho para casa, tento me distrair com as músicas que tocam no mp3, mas a cada instante em que noto estar mais perto, mais nervoso fico. Porra, eu não deveria estar assim. Não encorajei qualquer comportamento da parte dela. Logo, o problema em questão não foi meu e sim da Emma.

Entro no estacionamento do prédio e paro na vaga de sempre. Respiro fundo logo que estou dentro do elevador.

Ao abrir a porta, escuto risadas ecoando da sala e assim que atravesso o corredor de entrada, encontro Yanna sentada sobre o colo de Christopher, rindo com as cócegas que ele lhe faz. Meus dois amantes estão entretidos demais na brincadeira para notar que cheguei. Por isso encosto o ombro no batente da porta e observo-os sorrir um para o outro.

Não duvido que se fosse outra pessoa, eu ficaria extremamente enciumado, mas é a nossa mulher ali. E ao contrário do que muitos poderiam pensar ao ver essa cena, o meu coração se enche com boas sensações ao assisti-los.

— Se continuar pulando desse jeito no meu colo, eu vou arrancar suas roupas para que faça isso de outro jeito. — Chris diz, prendendo-a pela cintura.

— Eu não me oponho. — comento, chamando a atenção de ambos. Sorrio — Sendo sincero, adoraria assistir e depois participar.

— Eli! — Yanna exclama e salta do sofá, vindo em minha direção.

Só tenho tempo de soltar a bolsa no chão e abrir os braços. Ela praticamente se joga sobre mim e enche o meu rosto de beijos. O sorriso que abro quase rasga as minhas bochechas. Essa recepção tem acontecido com mais frequência e não reclamo. Yanna está se abrindo cada dia mais para nós e eu adoro ver esse lado afetuoso dela.

Christopher se aproxima e beija suavemente os meus lábios. Dando risada, ele passa os braços em volta do pequeno corpo colado ao meu e nos une em um abraço grupal. Sinto-me acolhido e amado, mas igualmente culpado.

Eu vou me arrepender, eu sei.

Por que, apesar de saber que a verdade é o melhor caminho, eu vou guardar o que aconteceu essa tarde para mim.

Capítulo 10

YANNA

Incrível o que estar apaixonada por dois homens maravilhosos pode fazer com a vida de uma pessoa. No caso, com a minha vida. Além de descobrir uma nova forma de se relacionar que até então parecia-me distante, estou tendo ideias para dar e vender. Transbordando!

Tanto que há dias em que eu praticamente não durmo por que estou ocupada demais digitando incansavelmente. Fazia muito tempo desde que a minha criatividade aflorava desse jeito. Ao menos, sem que eu precisasse me sujeitar a ser outra pessoa.

Agora eu sou apenas a Yanna e nunca me senti tão feliz. Depois de anos presa em meus próprios medos, de me entregar e me apaixonar, não pensei que seria capaz de estar aberta ao que Christopher e Elliot querem oferecer e o fazem desde que engatamos essa relação. Quiçá de permitir que esses dois homens chegassem e dominassem o meu coração.

Mas assim aconteceu e, bem, apesar de todos os receios que insistem em incomodar de vez em quando, posso dizer que estou curtindo e muito isso. Mais do que sequer poderia imaginar.

Finalmente, estou me libertando.

Cantarolando uma música qualquer do Blur, cruzo os braços e encosto na cadeira para reler o que escrevi. Foram mais de quinze páginas e eu ainda tenho a impressão de que falta alguma coisa.

Como sempre.

De tão empolgada e compenetrada, tomo um pequeno susto ao sentir um

beijo estalado na minha bochecha. Abaixo os fones instantaneamente e solto uma risadinha.

— O que está fazendo, baby? — ouço Elliot perguntar e então sinto seus braços ao redor dos meus ombros. Suspiro contente com o beijo que dá em meus cabelos — Escrevendo?

— Sim. Desculpe ter deixado você sozinho, mas é que as ideias fluíram e...

— Não se preocupe. Eu entendo perfeitamente. — aperta a ponta do meu nariz — Quem sou eu para impedir que faça o que mais gosta na vida, huh?

— Não fique com ciúmes, ok? Pois a segunda coisa que eu mais gosto de fazer é estar agarrada em vocês dois. Na verdade, posso considerar quase um empate.

Elliot ri com o meu comentário e eu não poderia ficar mais feliz em escutar o som de sua risada. Mesmo estando de costas, sei que seus olhos se fecharam em dois lindos risquinhos; ponho as mãos em seus antebraços, fazendo um carinho sutil, e me aconchoo do jeito que posso, já que minha cadeira está atrapalhando.

Como no final de semana passado eu fiquei no apartamento deles, concordamos de que esse ficaríamos no meu. Ainda estamos acertando esses pequenos detalhes, mas nada que seja problemático.

Christopher foi para uma sessão de fotos pela manhã e Elliot está de folga. Ou seja, eu o tenho todo para mim. Deveria ter aproveitado mais o tempo em que estávamos na cama? Claro que sim. Porém, como eu disse a ele, as ideias fluíram e não consegui impedir. Nunca consigo. É mais forte do que eu.

— Gostaria que eu fizesse um pouco de café? — ele pergunta — Sua caneca está vazia e, bem, como uma boa escritora você precisa do seu combustível.

Dou risada. Tem como eu não derreter com tanta afetuosidade da parte dele?

— Isso seria muito gentil. — ergo a cabeça para olhá-lo — Mas antes eu quero que faça outra coisa. Pode ser?

— E o que seria?

— Eu quero um beijo bem aqui. — toco meus lábios com a ponta do dedo — Esse é o meu verdadeiro combustível.

As bochechas dele ficam momentaneamente coradas e, sim, é a cena mais adorável do mundo ver um homem como ele envergonhado.

Atendendo ao meu pedido, ele se curva e seus lábios encontram os meus. Seu beijo é doce e suave. E admito que um tanto desengonçado pela posição em que estamos. Assim que sua boca abandona a minha, olho-o ainda com o pescoço esticado e não é preciso mais do que isso para que entenda que não é o suficiente. A maneira que me observa reflete que também não está satisfeito. Precisamos de mais. Muito, muito mais.

Adoro o fato de ele ser naturalmente beijeiro e me aproveito muito disso.

Elliot gira lentamente a cadeira em que estou sentada e, uma vez de frente para mim, ajoelha entre as minhas pernas e acaricia meu queixo com o polegar. Seu torso nu é uma visão e tanto. Percorro as tatuagens com o olhar, seus músculos definidos pela dança, até chegar ao seu rosto.

Todo o conjunto da obra.

Com sua sensualidade e movimentos quase felinos, estica-se e desliza a língua sobre o meu lábio inferior bem devagar, disparando todas as minhas terminações nervosas e levando o meu tesão às alturas.

Suas mãos se encaixam em meu pescoço ao passo que os polegares mantêm minha cabeça parada para que sua língua continue brincando lascivamente, de um lado para o outro, dando uma chupadinha no final que me arranca um gemido ruidoso.

Elliot se afasta e sorri daquele jeito cafajeste que tanto adoro. Não são necessárias palavras. Ele usa a ponta úmida para entreabrir a minha boca e não demora muito para que esteja me beijando de novo, com mais desejo do que antes. Huuuummm... Como gosto! Embrenho os dedos em seus fios louros e aceito tudo o que me oferece. Esbanjo-me.

Ofegamos logo que nos afastamos. Seus olhos tão azuis quanto os mais belos topázios me encaram imersos em admiração e carinho, e atrevo-me a acreditar que aquele sentimento também está ali. Sorrio para ele, que faz o mesmo, e deslizo os dedos por seu maxilar.

— Forças renovadas. — murmuro.

Ele beija minha palma num gesto pra lá de meigo e indaga:

— Quer ir comigo fazer o café?

Consinto.

Com Christopher e ele, eu iria para qualquer lugar, fazer qualquer coisa. Estendendo a mão para que eu levante, e a qual não nego, guia-me até a cozinha e onde pego tudo o que precisa para preparar o líquido dos deuses, também conhecido pelos mortais e popularmente como café; o loiro aponta para a banqueta e não contrário. Me sento.

Enquanto observo-o mexer na cafeteira, acendo um cigarro e solto a fumaça logo depois que dou o primeiro trago. Elliot olha por cima do ombro e suspira. Descobri recentemente que tanto ele quanto Christopher não curtem muito o meu vício, embora o moreno não se importe muito, ainda que não seja fã.

Para ser sincera, faz anos que eu mesma não curto, mas todas as minhas tentativas de parar fracassaram. Talvez o fato de que meus amantes não apoiem seja um impulso para que eu largue de uma vez. No momento, estou querendo reduzir a quantidade que fumo por dia.

— Como está indo o manuscrito? – pergunta. Seus olhos fixos na cafeteira.

— Muito bem. Mas acho que ainda vai demorar um pouco até que eu termine. — sopro a fumaça para o alto e pego o cinzeiro no canto do balcão
— Sabe como funciona. Várias ideias, mas nenhuma delas ordenada.

— Não se cobre muito. Vai dar tudo certo.

— Obrigada querido.

Elliot vira um pouco o rosto e me presenteia com mais um de seus sorrisos.

— Já comeu? Devo preparar alguma coisa?

— Fique tranquila. Estou sem fome.

— Certeza?

Ele assente.

Em questão de minutos, uma caneca cheia de café quentinho está em minhas mãos. Tem coisa melhor do que cheirinho de café misturado com o do homem que você adora logo de manhã?

Se Christopher estivesse aqui, acho que eu teria sentido o melhor cheiro do universo.

Eli para diante de mim, dando um gole da bebida, e não me contenho em contornar seus quadris com as pernas. Ele sorri e leva uma das mãos a minha coxa, fazendo um leve carinho. Também dou um gole e o observo um instante.

Ultimamente tenho notado que Elliot anda um pouco estranho. Na realidade, não fui a única. Ele parece nervoso de uns dias para cá, como se algo o incomodasse. Tentei pensar no que poderia ser e admito que fiquei com a pulga atrás da orelha por alguma razão que me é desconhecida, mas possivelmente seja apenas o estresse do trabalho, já que voltou a ensaiar e

comentou que a temporada desse ano será puxada.

De qualquer forma, não gosto de vê-lo assim. Quero fazer alguma coisa para que se sinta melhor. E vou usar o seu dia de folga para isso.

— Que tal se ficarmos o dia inteiro agarradinhos? Assistir um filme, sei lá.

Sugiro. O loiro brinca com os lábios na borda da caneca, criando um suspense desnecessário, e sou obrigada a lhe dar um beliscão na barriga. Ele sorri.

— Acho uma ótima ideia. – responde.

— Perfeito!

Ergo-me para alcançar sua boca e me delicio com um beijo regado a café. Terminamos a bebida em meio às trocas de carinhos e conversando sobre amenidades. Depois de lavar as canecas, peço que vá até o quarto buscar algumas coisas enquanto eu ajeito o notebook e faço *login* no Netflix.

Estou digitando a senha quando escuto o meu celular tocar. Pego-o e vejo que é Daniel. Atendo de imediato.

— Oi Dani.

Ajeito o aparelho para conseguir falar e digitar ao mesmo tempo.

“Oi Yan. Está ocupada?”

Olho para o corredor onde Elliot entrou há minutos atrás para pegar as cobertas.

— Sim. Por quê?

“Huummm... Você ocupada em um sábado de manhã? Por favor, me diga que você não arrumou outro emprego”.

O desespero em sua voz me faz gargalhar.

— Não. Eu não arrumei outro emprego.

“Menos mal. ” – ele suspira – “Olha, sei que é um saco e provavelmente você irá me xingar, mas preciso que venha a editora em uma hora”.

Meus ombros caem em desânimo.

— Aahh, Daniiii.... Sério mesmo?

“Eu não pediria se não fosse importante, sabe disso. O cara daquela editora francesa chegou ontem à noite e ligou pedindo para adiantar a reunião”.

— Que droga, hein. – suspiro resignada – Tudo bem. É o meu trabalho afinal. Estarei aí o mais rápido possível.

“Obrigada docinho. Te pagarei um almoço depois que sairmos da reunião”.

Nem tenho a oportunidade de dizer que não precisa, pois, meu amigo desliga antes de ouvir qualquer coisa.

Típico dele.

Respiro fundo ao colocar o celular de volta na estante e ainda mais ao ver Elliot se aproximando com as cobertas e travesseiros nos braços. Ele põe tudo sobre o sofá e senta ao meu lado.

— O que foi, baby? Não está mais animada para a nossa sessão de filmes? Podemos fazer outra coisa, se quiser.

— Não é isso. Acabei de receber uma ligação do Daniel e terei que sair.

— Aconteceu alguma coisa?

— O representante de uma editora francesa chegou ontem e pediu para adiantarmos a reunião de segunda-feira. – solto um muxoxo – Daniel quer fechar negócios e pediu que eu estivesse junto.

— Bom, não há muito o que fazer já que é o caso. – beija meus cabelos – Nosso momento agarradinhos vai ter que esperar até que volte.

— Me desculpe. – faço uma expressão de cachorrinho abandonado, arrancando-lhe uma risada – Ah! Talvez eu almoce com ele, já que o desmiolado disse que iria me pagar uma refeição como agradecimento e nem deu tempo de eu negar antes de desligar o telefone.

— Huh, ok. Você vai demorar?

— Algumas horas, provavelmente.

— Tudo bem se eu ficar por aqui?

— Claro. – acaricio sua bochecha – Nem me passou pela cabeça pedir que fosse embora. E outra, o Chris voltará para cá mais tarde e eu quero os dois, bem aqui, quando estiver de volta.

— Sim senhora.

O olhar que lança para mim, por um triz, não me faz repensar seriamente em jogar tudo para o alto e não tirar os pés do apartamento. Droga Dani! Tanta hora para me ligar, tinha que ser justo agora?

Conformada (e minimamente chateada), rumo para o banheiro. Apesar de a tentação ser grande, se trata de um assunto relacionado a trabalho e é Daniel, meu melhor amigo, que está precisando que eu vá. Então, mesmo querendo muito, sei qual é a minha prioridade nesse momento.

Após uma ducha rápida e vestir a primeira roupa que encontro no armário e me deixa apresentável para uma reunião, beijo Eli (beijo demais) e digo para que fique à vontade e use o que quiser.

Consigo fechar com quinze minutos de antecedência na editora e subo direto para a sala de Daniel, que me recebe com um abraço apertado. Retribuo.

— Desculpe mesmo pelo imprevisto. — diz, entregando-me uma pasta — Eu até tentei fazer o cara mudar de ideia, mas ele disse que precisa voltar ainda amanhã para a França. Não duvido que seja só desculpa, mas como eu quero muito essa parceria, resolvi ceder. Negócios são negócios.

— Fez bem. Mas tente não fazer o mesmo durante a reunião. — aconselho.

Dani concorda e saímos rumo à sala de reuniões no andar de baixo. Um homem com aproximadamente a nossa idade levanta assim que entramos e trocamos apertos de mão. Me apresento e todos sentamos.

A reunião dura em torno de uma hora e meia. E mesmo a trancos e barrancos, como diria meu pai, Daniel consegue fechar o contrato e se torna parceiro da famosa editora francesa. Maravilha!

Convidamos o tal editor, que se chama Eric, para almoçar. Porém, ele nega. Não insistimos e o acompanhamos até a saída, dando um último aperto de mãos.

Logo que o homem sai, Daniel nem hesita. Me pega nos braços e gira no meio do saguão da editora. Somos o centro das atenções, embora os funcionários já estejam acostumados com o nosso comportamento nada normal. Eu apenas rio, contente de que seus planos tenham dado tão certo.

Meu amigo merece.

— Eu vou pagar o almoço mais delicioso que você já comeu em toda sua vida!

— Noooossaaaa... Essa eu quero ver.

— Conheço um restaurante ótimo em Little Italy. Abriu recentemente.

— Vamos até lá então.

— Deixe o carro. Iremos no meu.

Consinto e descemos para o estacionamento.

O restaurante em que vamos é bonito e agradável. E a comida divina. Daniel não estava mentindo quando disse que pagaria a melhor comida que já provei na vida. Realmente uma delícia.

Como qualquer encontro nosso, damos muita risada e falamos besteiras. Adoro a companhia do meu melhor amigo. Ele é o meu porto seguro e somos o respiro um do outro quando as coisas não vão bem. Seja nos bons ou maus momentos, eu sei que posso contar com ele e vice-versa.

— Você parece diferente. – ele comenta, encarando-me – Não sei explicar, mas.... Tenho a impressão de que está mais feliz.

Sou incapaz de não rir.

Daniel Jung, você é malditamente esperto. E eu amo e odeio isso.

Suspirando, termino de mastigar o delicioso peixe e largo o garfo ao lado do prato. Vislumbro-o por um instante.

Não espero que Dani me julgue. Porém, considerando que estou escondendo essa história já há algum tempo e calhei de entrar em um relacionamento com seu amigo da época de adolescência (e que ainda por cima é noivo de outro homem), talvez a sua reação não seja a mais alegre. Sem contar o fato de que agi como se não confiasse nele, o que é ainda pior.

Sendo assim, tenho certeza de que ele ficará surpreso e possivelmente um pouco chateado, mas julgar? Jamais.

— Dani, tenho que contar uma coisa.

— Xiiiiiii... Lá vai. – faz uma careta, como se estivesse prestes a levar um golpe.

Talvez seja um golpe mesmo.

— Pare de ser bobo.

— Ok, ok. Diga o que tem que dizer. Não é como se você pudesse me surpreender mais do que já o fez em vários anos.

Seguro a vontade de rir. Ah, Daniel, vou fazer você morder a sua língua.

Bebericando rapidamente o suco de laranja, encaro-o fixamente, e solto:

— Eu estou apaixonada.

Meu amigo instantaneamente engasga com a água e, depois de tossir muito, me observa com os olhos arregalados.

— Repete. – pede, incrédulo - Repete por que acho que ouvi errado.

— Não, você ouviu muito certo.

— Yan, isso é... Isso é maravilhoso!

Apanha minhas mãos e aperta num gesto carinhoso. Sorrio para ele.

— Eu não acredito que está dando uma nova chance a si mesma. Estou tão feliz.

— Não foi bem uma chance. Só.... Aconteceu. – dou de ombros – Quando dei por mim... Puff! Apaixonada.

— Seja como for, é uma ótima notícia. — abre um sorriso — E como está sendo? Se você disser que está sentindo as “borboletas no estômago”, eu jogo

esse espaguete na sua cabeça. – zomba.

Não controlo minha gargalhada.

— Estou apaixonada, Dani, mas a história das borboletas no estômago está velha até para mim. Então, por favor.

— Certo, certo. Exagerei.

Balanço a cabeça, concordando.

— Está sendo... Uhn, normal. – digo simplista, mesmo que por dentro esteja eufórica – Diferente do que imaginei, estou conseguindo me abrir e aproveitar esse sentimento mais do que esperava.

— Estou com vontade de sair saltitando, sabia? – meu amigo comenta emocionado e nós dois gargalhamos.

— Você é tão exagerado. – aperto sua bochecha – Sei que está feliz por mim, eu também estou muito feliz, mas vamos nos poupar de passar vergonha.

— Está bem. — revira os olhos — Agora, diz aí, quem é o felizardo que conseguiu tirar você da concha?

Engulo em seco. Não posso mais adiar.

É hora da verdade.

— Bom, esse é o ponto. — murmuro. A empolgação dando lugar ao nervosismo — Não é um homem.

Meu amigo ergue a sobrancelha.

— É uma mulher? – indaga surpreso.

— Não, Dani. Não é apenas um homem.

— Como assim?

Respiro fundo, o máximo que sou capaz, e enfim tomo coragem de confessar:

— Eu estou em uma relação poliamorosa com o Elliot e o Christopher.

Daniel permanece calado e uma súbita (e muita estranha) inquietude se forma. Suas mãos antes acolhedoras, soltam as minhas e vão parar sobre a mesa.

Novamente engulo em seco.

A expressão que o meu melhor amigo faz é, de longe, a que eu esperava que fizesse.

Capítulo 11

ELLIOT

Sob o olhar repreensor de Vince, solto um longo suspiro e rasgo o bilhete que encontrei de novo em meu armário antes de jogá-lo no lixo com raiva.

Por que essa merda está acontecendo?

Será que não foi suficiente eu deixar claro que não rolaria nada entre nós e ainda rejeitá-la aquele dia? Considerando os bilhetes que anda enviando, é, pelo jeito não. Ainda mais quando suas mensagens explicitam suas intenções e que não são nada boas.

Por que Emma está insistindo tanto?

— Será que ela não se toca? – esbravejo, passando a mão entre os fios do meu cabelo - Já faz quase um mês!

— Você quer mesmo que eu responda isso?

— Estou ficando cansado, é sério.

— Mais do que cansado, você deveria começar a ficar preocupado.

— Preocupado com o que?

— Ainda pergunta? – levanta a sobrancelha, cheio de ironia – Emma está lhe perseguindo e, além de não contar para os seus companheiros, também não contou para o diretor. Isso é assédio, cara! Não entendeu?

— Eu não sou idiota, ok?! Sei muito bem do que se trata. Mas também sei do porque não resolvi contar para ninguém além de você. E você também sabe.

Ando de um lado para o outro.

Quase engolido pela culpa, eu resolvi contar ao Vi o que Emma fez e o que está acontecendo desde então, assim como a ideia espetacular que tive ao decidir manter isso em segredo. Precisava falar com alguém ou acabaria surtando. E sendo ele o meu melhor amigo desde o colegial e com quem já vive inúmeras circunstâncias, não havia ninguém melhor.

— Olha, até entendo o seu receio de contar para o diretor Adam, mas em relação ao Christopher e a Yanna.... Isso eu não posso concordar. É errado, cara.

— Eu tenho consciência disso. — suspiro derrotado — Só que eu.... Sei lá. Contar que uma das minhas colegas de trabalho está fazendo esse tipo de coisa daria margem para mais problemas, entende? Além do mais, não é como se eles já não desconfiassem que algo não está certo. Sabe que sou péssimo para segredos e não sei fingir direito. Christopher está me sondando há dias e a Yanna, mesmo não querendo demonstrar, anda mais observadora do que o de costume.

— Ou seja, é questão de tempo até que a bomba exploda. Não acha melhor contar de uma vez?

Fecho os olhos com força e respiro fundo.

Tem como ficar mais complicado?

Eu pensei que apenas ignorar seria o bastante. Afinal, aparentemente a nossa situação estava clara depois do ocorrido no vestiário e não havia muito o que fazer uma vez que trabalhamos juntos. Eu tentei manter o profissional, embora a atmosfera ao nosso redor esteja péssima.

Só que agora o cenário é outro e continuar levando não é mais uma opção. Tenho que esclarecer as coisas com Emma e pôr um basta nessa história o mais rápido possível. Eu só preciso de uma oportunidade para colocar as cartas na mesa e, assim que tudo estiver resolvido, terei uma conversa franca

com os meus parceiros e pedirei desculpas por esconder algo tão importante.

Tenho que tirar esse peso dos ombros logo.

— Eu vou contar na hora certa. — respondo enfim, meio derrotado.

Vince apenas suspira e faz um gesto qualquer com as mãos.

Visto a camiseta e ponho a bolsa no ombro. Meu amigo levanta do banco e caminhamos juntos para fora do vestiário. De longe, avisto Emma conversando com as outras bailarinas e um suspiro da irritação me escapa. Desvio o olhar assim que ela vira o rosto e desprezo qualquer tentativa de aproximação passando direto e indo para a saída.

Enquanto não tenho a conversa definitiva com ela, vou seguir com o sistema do menosprezo; despeço-me de Vince no estacionamento e não demoro a dar partida no carro.

Entrar em casa é ao mesmo tempo tenso e reconfortante. Tenso porque sempre que coloco os pés aqui lembro do que estou escondendo. E reconfortante pelo motivo óbvio.

— Oi amor. — Chris aparece com uma tigela nas mãos — Chegou mais cedo.

— Ensaíamos somente uma parte da coreografia hoje. — me aproximo e dou-lhe um beijo nos lábios. Suspiro de tão bom que é — Ficou o dia todo em casa?

— Sai para comprar alguns equipamentos que estava precisando. Nada demais.

— E a Yan?

— Disse que ficará em casa. Parece que virou a noite escrevendo de novo e, nas palavras dela, “vai hibernar igual à um urso”.

Dou risada. Não duvido que tenha dito isso mesmo.

É bem o jeitinho dela.

Vejo-o voltar para a pia e colocar mais alguns ingredientes dentro da tigela. Querendo mais do seu contato e sentir o seu perfume depois de um longo e fatigante dia, me aproximo sorrateiramente e o envolvo pela cintura.

Ele sorri ao sentir meu queixo na lateral de seu braço e se curva para fungar os meus cabelos como gosta de fazer. O seu perfume amadeirado me invade e sinto-me instantaneamente mais relaxado, tanto que suspiro. Se a Yanna estivesse aqui, provavelmente eu ficaria embriagado (e muito excitado) com a mistura exótica de seus cheiros, que combinam maravilhosamente bem.

— O que está preparando? – pergunto.

— Nada muito extravagante. Só o que você mais adora, hambúrguer.

Abraço-o mais forte.

— É por isso que eu te amo!

— Você me ama por muitas outras razões.

— Com certeza. — beijo seu ombro — Assim como você me ama.

— Nem duvide disso. – sorri.

— E eu posso saber porque resolveu agradar o seu namorado de repente?

— Elliot, eu vivo para te agradar. — estala a língua no céu da boca, fingindo-se de ofendido — Então não haja como se fosse algo surpreendente, ok?!

Dou risada. É verdade. Eu sou muito mal-acostumado com todos os seus mimos.

Até demais.

Uma pontada desconfortável no peito faz com que eu solte o ar e me afaste. Odeio esconder as coisas dele. Deles.

— Vou guardar a bolsa e trocar de roupa para jantarmos, ok? Precisa de ajuda?

— Não, estou bem. Vai lá.

Depois de dar um tapa em seu traseiro, que lhe arranca um resmungo engraçado, pego a bolsa e vou em direção ao quarto.

Troco os jeans por uma bermuda e permaneço com a mesma camiseta. Tiro as lentes de contato e pego os óculos de grau na gaveta ao lado da cama. Mais confortável, retorno para a cozinha e começo a organizar os utensílios sobre a mesa. Bem como verificar o arroz.

Como todos os dias, nosso jantar é tranquilo. Conversamos a respeito do que aconteceu ao longo do nosso dia e deliberadamente largamos a louça para mais tarde. Embora eu saiba que terei que lavar, já que Christopher fez a comida.

— Se importa se eu jogar um pouco de videogame? – meu namorado pergunta.

— Você não passou a manhã jogando?

— Pois é, mas eu finalmente cheguei naquela fase difícil pra caramba.

Sua expressão pidona é demais para que eu possa negar. Balanço a cabeça suspirando. Chris é impossível quando se trata de videogames.

Feliz da vida, ele se joga sobre o sofá e pega o controle na mesinha. Sento ao seu lado e abro o livro na página em que parei. Eu sou péssimo com esses tipos de jogos, o que só piora porque sou muito competitivo. Combinar essas

duas coisas nunca dá certo, então me abstenho.

Entre tentar me concentrar na leitura e rir das reclamações indignadas do meu namorado por não conseguir passar a tal fase, ouço a campainha tocar. Estranho. Não que esteja tarde, mas é um pouco incomum recebermos visitas à essa hora.

Rumo até a entrada do apartamento com um pouco de preguiça e espio através do olho mágico, surpreendendo-me. Abro a porta e dou de cara com Daniel. Sorrio com a surpresa, afinal, já faz algum tempo desde a última vez que veio nos visitar. No entanto, o meu sorriso vai desaparecendo diante de sua expressão séria e logo estou tão sério quanto ele.

O primeiro pensamento é que aconteceu algo com a Yanna e meu coração dispara. Porém, ao prestar mais atenção, percebo que esse não é o real motivo de sua visita inesperada. O que está rolando?

— Preciso falar com você. — solta, sem cerimônias e numa seriedade que raramente vejo nele.

De repente, ouço passos vindos de trás e Chris se põe ao meu lado.

— Eli, quem está.... Ah, oi Daniel.

— Eu preciso falar com vocês dois.

É tudo o que responde e caímos no silêncio.

Seja o que for, não parece bom.

Dou espaço para que entre e ele o faz. Seguimos até a sala e Christopher pausa o jogo para que possamos conversar.

— Quer beber alguma coisa? – ofereço.

— Estou bem. Obrigado.

Consinto e sento ao lado do meu namorado no sofá. Daniel está na poltrona, de frente para nós. A quietude não dura muito.

— Eu pensei bastante antes de vir aqui. Pensei se realmente tinha o direito de interferir nessa história, mas, se tratando da Yanna, eu não ficarei calado.

Vislumbro Chris de relance e ele parece tão atordoado quanto eu diante das palavras um tanto ásperas de Daniel.

— Yanna me contou que está em uma relação poliamorosa com vocês. Na verdade, me contou tudo desde o início.

Não é como se fosse um imprevisto ele saber. Afinal de contas, ambos são melhores amigos e, uma hora ou outra, ela acabaria contando. A questão é que esse comportamento dele. Não que Daniel precisasse aceitar numa boa, mas, vir até aqui para falar disso é bem esquisito.

— No que estavam pensando quando resolveram colocá-la numa situação dessas? — ele volta a falar, meio alterado — Vocês estão noivos, droga!

— E qual é o problema? — Christopher indaga — Estamos noivos e gostamos dela. Por isso a convidamos para ser parte do nosso relacionamento. Simples. Isso não muda o que sentimos um pelo outro e nem por ela.

— Mas isso não está certo!

— E por que não? — sou eu que pergunto — Se os três estão em acordo e gostam um dos outros, não há problema algum.

— Ah é? E quando vocês cansarem dessa brincadeira, o que vai acontecer?

— Brincadeira? Que brincadeira Daniel?

— Eu não quero e nem vou permitir que vocês usem a minha amiga,

entenderam? – praticamente grita – Se querem diversão, variar no sexo, ou seja, lá o que for, coloquem outra pessoa no lugar e deixem a Yanna em paz!

Novamente em silêncio, encaro-o desconcertado e nada parece fazer sentido dentro da minha cabeça. Sequer encontro palavras para responder à acusação sem cabimento que acaba de lançar. Brincar com a Yanna? Nós?

— Vamos com calma. — Chris intervém — Nós realmente não sabemos o motivo de tanto nervosismo, mas, eu digo com convicção, que não temos qualquer intenção de ferir os sentimentos da Yanna ou usá-la como está dizendo.

— Não mesmo?

— Não.

— Então, do nada, vocês se apaixonam por ela e decidem que seria bom formarem um trisal? Que milagre é esse?

— Se ela contou toda a história, você sabe que não foi “do nada”. E não existe milagre, é algo que aconteceu e pronto.

— Dani, qual é o problema? – questiono-o – Ok, sei que não é fácil aceitar, só que você é o melhor amigo dela. Pensei que, pelo menos, o seu apoio nós teríamos.

— Minha amiga está apaixonada por vocês. Pelos dois. Será que não entendem?

— Sim, entendemos perfeitamente. E, pela milésima vez, dizemos sentir o mesmo.

— Sentem mesmo?

— Por que está duvidando tanto? – eu, já irritado, rebato – Estamos repetindo e repetindo que gostamos sim da Yanna e você continua insistindo que é

mentira. Que eu saiba, você não faz ideia do que se passa entre nós e vem com suposições ridículas. De onde caralhos você tirou a ideia de que só a queremos para sexo? Huh?

— Elliot, se acalme. — meu namorado põe a mão em meu ombro.

Respiro fundo. Tenho que me acalmar. Se eu agir assim, talvez dê a entender que estou ficando nervoso porque tudo o que está dizendo é verdade.

Mesmo que não seja.

— Simplesmente porque relacionamentos como esse não funcionam! Alguém sempre sairá ferido e, ao que tudo indica, essa pessoa será a Yanna. Vocês estão juntos há anos e duvido muito que irão se separar para ficar com ela. E outra, e se acontecer? Se um de vocês estiver mais apaixonado do que o outro e quiser ficar apenas com ela? Como lidarão com isso? E se ela quiser apenas um de vocês?

Meu coração vacila por um momento. E, pelo leve tremor que sinto ao meu lado, o de Christopher também. Nunca pensamos nessa possibilidade. Será que a Yanna pode gostar mais de um de nós?

Em todas as conversas que tivemos em relação a esse assunto, sabemos que não é o nosso caso. A certeza de que amamos um ao outro nunca foi abalada. Eu amo Christopher como sei que ele me ama, e é uma coisa que não irá mudar. Do mesmo jeito que sabemos gostar da Yanna.

Porém, e ela? Durante todo o tempo em que estivemos os três juntos, jamais houve distinção na forma em que tratou os dois. Sabemos que ela gosta de cada um à sua maneira. Afinal, somos pessoas diferentes. Mas não deixa de ser menos intenso e verdadeiro. Por isso pensar que talvez os sentimentos dela sejam mais fortes por um do que outro é assustador.

Indo contra a minha espiral de insegurança, Chris aperta minha mão na sua num gesto protetor e murmura, soltando um riso debochado:

— São muitos “e se”, não acha, Daniel? Me pergunto como você pode ter tanta certeza do que está falando. Você já esteve em uma relação assim, por acaso?

— N-não.

— Então, por favor, não diga o que não sabe. Amar vai muito além do que as pessoas acreditam ser certo ou errado.

— Não disse que é errado, é só que...

— Você disse, sim, que era errado. – me pronuncio – Sabe quantas pessoas já diriam que a nossa relação é errada? Quantas pessoas nos julgariam por causa disso? Não precisamos que nossos amigos o façam também.

— Elliot...

— Por que as pessoas não conseguem acreditar que o amor pode ir além? Por que somos obrigados a amar somente um? O amor é um sentimento grande demais para ser reprimido e nós... – aponto para Christopher e depois para mim – Somos pessoas que decidiram não se frear e amar quem quisermos. Calhou de ser a mesma mulher? Ótimo! Nós realmente a amamos e vamos protegê-la. Agora não venha dizer que um de nós pode amá-la mais do que o outro ou iremos nos separar, ou fazê-la sofrer. Honestamente não sabemos o que pode acontecer no futuro, mas seja o que for, se vamos terminar todos juntos ou não, não será porque alguém como você acredita que o certo é um de nós ficar com ela, pelo simples motivo de que a droga da sociedade acha que é impossível amar mais de uma pessoa com a mesma intensidade e ao mesmo tempo.

Respiro fundo, tendo a atenção de Daniel em mim. Ele está boquiaberto.

O aperto da mão de Christopher fica mais forte. Permanecemos calados.

— Você acabou de dizer que a amam?

Arregalo os olhos. Eu.... Eu realmente falei isso?

Viro o rosto para o meu namorado e vejo-o sorrir, concordando. Também sorrio e devolvo o aperto em sua mão. Olho novamente para Daniel e dito convicto:

— Sim, nós amamos a Yanna.

Meu amigo mantém o olhar baixo e percebo que está envergonhado. Acho que finalmente se deu conta de que passou dos limites.

— Desculpe. – ele murmura e solta o ar com força – Eu fui rude sem razão.

— Tudo bem. – aceito suas desculpas, assim como Chris – No fundo, sabemos que você só está preocupado. E eu também exagerei. Foi mal.

Daniel assente, ainda encabulado.

— Algum problema se eu aceitar aquela bebida agora? Acho que vou precisar.

— Todos precisamos. – meu namorado diz, rindo para quebrar a tensão.

— Vou lá pegar.

Levanto e vou em busca de algumas garrafas de cerveja, o que não leva mais do que uns minutos. Entrego uma para cada e sento com a minha.

Após beber um longo gole, Dani se inclina no encosto da poltrona e alterna seu olhar de mim para Christopher. Então suspira profundamente.

— A Yanna pode fingir ser uma mulher forte e no fundo ela é, só que a minha amiga também guarda um lado muito sensível. Mais do que imaginam.

Encara a garrafa em sua mão por vários segundos antes de continuar falando.

— A Yan finalmente está se abrindo depois de tantos anos. Ela não teve um passado fácil e acabou se fechando por isso. Eu fiquei com medo de que ela pudesse se ferir de novo, principalmente agora que está seguindo em frente.

— Esse passado tem algo a ver com o fato de ela fingir ser outras pessoas?

— De certa forma, sim.

Acho que o ponto de interrogação é nítido em nossas expressões, pois, Daniel sorri fraco e nega com a cabeça.

— Eu não sou a melhor pessoa para contar essa história. Se a Yanna está mesmo apaixonada e quer levar essa relação adiante como me pareceu quando conversamos, tenham paciência, pois ela logo irá se sentir confortável para falar.

Concordamos. Dani tem razão. Se queremos saber mais sobre a Yanna, ela mesma tem que estar disposta a contar.

No entanto, não estamos poupados da curiosidade crescente de descobrir o que levou Yanna a se esconder atrás de personagens só para se proteger.

— Você é um bom amigo. — digo para ele — Obrigado por cuidar tanto dela.

— Não pense que só porque somos amigos, que eu não ficarei de olho nos dois. — nós três rimos — Ela é uma irmã para mim.

— Pelo jeito, teremos que lidar com um irmão muito ciumento, Eli.

— Tudo bem. Vamos dar um jeito de entrar pela janela do quarto dela sem sermos vistos. — dou uma piscadela.

Pouco mais de onze da noite, Daniel vai embora. Nosso papo rendeu bastante e as garrafas adicionais de cerveja contribuíram para tal.

Christopher e eu vamos para a cama não muito tempo depois e, abraçados de baixo do edredom, confidenciamos um ao outro que a paixão se transformou em amor. Ambos amamos a Yanna.

— Eu fiquei surpreso quando confessou aquilo ao Daniel. Com tudo, na verdade.

— Falei por impulso, estava nervoso com as acusações dele. Para ser sincero, eu fiquei com um pouco de medo depois.

— Por que?

— Porque não sabia se estava dizendo só por mim ou por você também. – me aninho mais em seu aconchego – Quando descobriu que a amava?

— Na verdade, eu não faço ideia. E você?

— Também não. Só.... Soube.

— Acho que essas coisas acontecem naturalmente, não é? Assim como aconteceu com a gente quatro anos atrás.

— Pois é.

Suspiro com o carinho que faz em meus cabelos. O cheiro de sabonete em sua pele é refrescante. Gosto de senti-lo.

— Posso fazer uma pergunta? – murmuro.

— O que foi? Tem a ver com o que o Dani disse? Sobre não dar certo?

— Sim.

— Não se preocupe com isso. Ele só falou porque estava com medo de que fôssemos canalhas com a Yanna.

— Eu realmente cheguei a duvidar.

— Admito que eu também. — suspira — Só nós sabemos como funciona o nosso relacionamento. E, mesmo com as dúvidas e inseguranças, sabemos que nossos sentimentos são verdadeiros.

— Você está certo.

Feliz por saber que tanto eu quanto ele temos (mais uma vez) os mesmos sentimentos pela mulher que invadiu e dominou nossos corações, me aconchoo em seus braços calorosos e me preparo para dormir.

Estou quase pegando no sono quando, de repente, ouço a campainha tocando. Procuro o relógio no criado-mudo e noto que passa da meia-noite. Quem em sã consciência aperta a campainha de alguém a essa hora? Será que o Daniel esqueceu alguma coisa importante?

Deixo Chris sonolento na cama e nem me dou ao trabalho de vestir uma camiseta, só a bermuda basta. À passos lerdos e coçando os cabelos, espio pelo olho mágico e meu coração dispara de imediato. O movimento que faço para abrir a porta é tão rápido, que Yanna dá um passo para trás. Mas logo está sorrindo.

— O que faz aqui? — pergunto meio abobado — Pensei que ficaria em casa.

— E perderia a oportunidade de estar abraçada com os dois homens que eu mais adoro? Nem ferrando.

Sem hesitar e tomando a iniciativa, ela se lança em meus braços e eu a pego no colo. Eu sorrio. Sorrio e sorrio.

— Algo me diz que você não veio só para nos abraçar, estou certo?

— Claro que eu vim. Mas não agora. — beija a ponta do meu nariz — Me leve para a cama e eu espero que Christopher esteja muito bem acordado, pois não vou poupar nenhum de vocês.

— E nem precisa.

Escutamos a voz do moreno soar atrás de nós e sou incapaz de não dar risada.

Se não é possível três pessoas se gostarem tão intensamente quanto nós nos gostamos, então o mundo deveria aprender nos observando.

Capítulo 12

CHRISTOPHER

Eu planejava um dia tranquilo.

Passei a manhã jogando videogame e sai apenas para comprar alguns dos equipamentos que estavam em falta. De resto, não pretendia fazer mais nada além de ficar o máximo de tempo possível com as pernas esticadas sobre o sofá e me empanturrando com os salgadinhos que comprei na volta para casa.

Com Elliot no estúdio, ensaiando junto da companhia, e Yanna descansando depois de outra madrugada trabalhando, a ideia era aproveitar esse momento sozinho da melhor forma que fui capaz de pensar. Sim, era o que eu planejava.

Mas tudo mudou com aquela ligação.

Meu bom-humor foi para o espaço, assim como o meu sossego. Já fazia algum tempo, tanto que levei um susto ao pegar o celular e ver o número que brilhava no visor. Em seguida, minha vontade foi de recusar a chamada. Porém, apesar do desconforto que inevitavelmente senti comprimir o meu peito e eu tão bem conhecia, respirei o mais profundamente que fui capaz e enfim atendi. Afinal, poderia ser alguma coisa importante, visto que nenhum dos lados procurava o outro se não tivesse uma boa razão.

Se arrependimento matasse...

Por que eu ainda teimo em bater na mesma tecla quando sei que só irei passar raiva? É sempre a mesma estupidez disfarçada de preocupação, a velha tática da culpa e da lamentação, como se eu fosse o causador de uma desgraça. Uma “desgraça” que sempre esteve longe de ser algo que criei.

Eles a criaram e me usaram de pretexto.

E o pior nem foi escutar as palavras duras que não demoraram vir à tona e sim o instante em que soltou na maior cara de pau aquela ideia absurda. Ah, por favor! O quão longe alguém pode chegar somente para que suas vontades sejam feitas? Eu não suporto isso!

Larguei tudo justamente com o intuito de não ser obrigado a aturar esse tipo de comportamento. Para, mesmo afastados e sem contato, vivermos em paz. Só que não importa o quanto eu esteja distante ou disposto a seguir com a minha vida, essa sombra insiste em perseguir-me de um jeito ou de outro.

Que merda!

Depois de discutirmos por vários minutos, dei minha resposta final e claramente negativa, e desliguei o telefone. Desliguei e fiquei um longo tempo olhando para o aparelho em minhas mãos, ainda desacreditado.

Até quando teremos que repetir esse aborrecimento? Será que não bastou o que fiz? Será que não bastou eu ter ido embora assim como pediram?

Pois é. Tenho a impressão que não.

Ao menos eu tive a “sorte” da ligação calhar de acontecer enquanto meus amantes não estavam por perto.

Irritado e chateado, troquei meus planos e fui arrumar qualquer coisa para ocupar a minha cabeça e dispersar meus pensamentos de outra discussão.

Logo, ao invés de comer salgadinhos e mofar no sofá, fiz tudo o que estava pendente em minha lista de tarefas. Desde organizar meu estúdio a lavar a droga do banheiro. Minha tarde se resumiu em trabalho.

Algumas pessoas ficariam ainda mais enfurecidas, mas, sendo algo que costumo fazer ao estar muito estressado, consegui descarregar o que estava sentindo com esses afazeres. A pobre privada só faltou gritar.

Horas depois, mais calmo e aproveitando que meu namorado ainda demoraria um pouco para chegar em casa, liguei para Yoan pelo Skype querendo desabafar. Precisava conversar com alguém

imparcial. E ele, meu melhor amigo e ciente de tudo o que vem ocorrendo, me aconselhou a resolver o mais rápido possível a situação. O que, honestamente, só o universo sabe o quanto tentei nas diversas oportunidades que tive.

Eu quero resolver. Juro que quero.

Não só por mim, mas também por meus parceiros. Já temos segredos demais envolvendo nós três. Yanna com seu passado e Elliot que, apesar de fingir, está obviamente escondendo algo. E agora eu, que decidi encobrir a ligação.

Assim sendo, eu quero resolver. Tenho que resolver o mais rápido possível.

Mas não é tão simples quando o inimigo é a sua própria família.

Especialmente se estão tentando te obrigar a ir em um encontro com uma mulher completamente estranha e visando um possível namoro arranjado.

Capítulo 13

YANNA

Sentada entre as pernas de Christopher e tendo os pés massageados por Elliot, sinto-me a mulher mais sortuda do mundo. Sendo paparicada pelos dois homens maravilhosos por quem estou completamente apaixonada e mantenho uma relação para lá de inusitada, eu não poderia querer algo melhor.

Às vezes é surreal pensar que já estamos juntos há praticamente cinco meses (oito, se contarmos desde que nos conhecemos). Sei que não definimos o nosso relacionamento ou o que sentimos, mas, considerando que essas emoções continuam crescendo e que desejamos estar em companhia um do outro muito além do âmbito sexual, é inegável que existe algo realmente especial unindo a nós três. Algo que, do fundo do meu coração, torço para que nunca acabe.

Admito que de começo e até um tempo atrás, principalmente depois da conversa complicada que tive com Daniel (e já foi resolvida), fiquei insegura sobre essa relação, sobre o que Elliot e Christopher podem sentir por mim. Eles são noivos, estão namorando há anos, e eu somente entrei como uma terceira peça. O pensamento de que os dois pudessem me descartar a qualquer momento rondou minha cabeça e se tornou um tormento.

Ainda que eu tenha aceitado, independentemente se viveria tais sentimentos sozinha, foi uma escolha em que eu poderia perder muito. Só que ainda assim segui em frente e não me arrependo. Christopher e Elliot foram rompendo aos poucos essa apreensão e mostraram que eu não era apenas uma peça destoante, e sim o encaixe perfeito do arranjo que me convidaram a fazer parte.

E eu não poderia ser mais grata a eles.

Demorei tanto para voltar a provar a sensação de estar apaixonada que,

— Sabe que a probabilidade de não deixarmos você ir embora depois desse gemido é bem grande, não é?

— Vocês estão fazendo de propósito. – resmungo.

— Talvez estejamos. – Christopher murmura divertido.

— Eu tenho mesmo que voltar. Combinei com o Daniel que ajudaria a revisar os manuscritos de alguns dos autores novos e ainda falta um para terminar.

— Não pode terminar depois?

— Não. Preciso entregar todos até amanhã.

— Você não acha que está trabalhando demais, Sweetie?

— Concordo com o Chris. Você mal tem dormido nos últimos tempos, Yan.

Nem lembro qual foi a última vez que alguém além do Daniel, Natham ou a minha família se preocuparam assim comigo. Essa sensação de ser cuidada, ainda que eu me intitule uma mulher independente, é muito boa.

— Eu sei, eu sei. Só vou finalizar as revisões e então descansar. Não se preocupem. Não vou exagerar, eu juro.

Elliot se inclina sobre mim e beija a minha boca, e em seguida a de Christopher. O moreno então puxa o meu rosto para o lado e também me beija.

Adoro tantos beijos!

Passo mais algum tempo sob os mimos dos dois, mas, mesmo a contragosto, levanto para seguir o meu rumo. Entre beijos e toques, pedidos muito sugestivos e comicamente manhosos, saio do apartamento deles para retornar ao meu.

Já em casa, troco a roupa que visto por uma mais confortável e vou direto para o meu escritório. Quero terminar o mais rápido possível essas revisões porque, apesar de eu adorar meu trabalho, meus parceiros têm razão em dizer que estou ultrapassando um pouco os limites. Tenho que descansar ou cairei

exausta.

Armada com a minha caneca e a garrafa de café cheia, os fones de ouvido devidamente ajustados, começo a todo o vapor.

Ao longo das horas, me dedico ao manuscrito e até me surpreendo com a qualidade do enredo. É realmente muito bom. Se Daniel conseguir trabalhar do jeito que eu sei que pode, há grandes chances de ser um sucesso.

Com praticamente todo o livro corrigido, dou-me ao luxo de espreguiçar e levantar para buscar algo para comer. Aproveito para conferir se recebi alguma mensagem, já que tenho o costume de não deixar o celular próximo enquanto estou no escritório para não atrapalhar e me surpreendo ao ver o número de Natham. Não que seja estranho trocarmos mensagens, porém, com o tempo limitado dele graças aos casos que pega, não é sempre que acontece.

Abro a geladeira à fim de pegar leite para comer com cereal e clico no ícone das mensagens para ler o que meu amigo enviou.

“Eu sei que talvez você esteja ocupada com o trabalho, afinal, não mandou nenhuma mensagem até agora. Mas como está perto, achei melhor avisar que nós precisamos conversar sobre...”

Meu coração parece estacar um instante assim que acabo de ler. Para longo em seguida voltar a bombear freneticamente como se tivesse recebido um pulso de energia. Largo o pote de leite sobre o balcão e volto correndo para o escritório, pondo-me diante da mesa e fitando fixamente o calendário.

Puxo a folha do mês passado com tudo, rasgando-a, e ofego ao deparar com o círculo vermelho ao redor da data. Tão gritante que é impossível ignorar.

Eu não seria capaz, nem se quisesse.

Meus braços caem ao lado do corpo e tudo o que faço é olhar atônita para o papel.

Como eu pude? Como?

[...]

Encaro o enorme círculo rabiscado no calendário pendurado atrás da minha mesa e suspiro terminando de abotoar a camisa. Faltam apenas alguns dias.

Imersa no trabalho e na bolha de felicidade que criei ao redor Elliot e Christopher desde que começamos a nos relacionar, sequer me dei conta de que estava próximo. Próximo demais. Se não fosse a mensagem de Natham e a data marcada no calendário, eu acho teria deixado passar pela primeira vez em anos. Sinto-me mal por isso, ainda que não tenha sido minha intenção.

Amarro os cabelos em um pequeno rabo de cavalo simples e analiso meu reflexo uma última vez para ter certeza de que minha roupa é discreta o suficiente para entrar no Tribunal do Distrito Leste de Nova Iorque. Dando-me por satisfeita, pego a bolsa e mando uma mensagem rápida para o meu amigo avisando que estou de saída.

Combinamos de eu ir até o seu trabalho para conversarmos sobre os preparativos e também da possível viagem que podemos fazer, a qual repetimos todos os anos desde aquilo aconteceu em nossas vidas; mais cabisbaixa do que poderia me sentir em dias, entro no carro e sequer ligo o MP3.

Meu companheiro é o silêncio.

O caminho do apartamento para o tribunal não dura mais do que vinte minutos. O trânsito quase sempre caótico resolveu dar uma trégua hoje. Avisto o imponente prédio de paredes brancas e entro pelo estacionamento, tendo que responder mil e uma perguntas antes de finalmente conseguir parar em uma vaga; atravesso a bonita trilha florida que leva até a entrada, aproximo-me do balcão e digo assim que a recepcionista me nota:

— Boa tarde. Eu tenho horário marcado com o advogado Natham Stewart.

— Só um momento, por favor.

Observo ao redor enquanto espero. Faz tempo que não venho aqui.

— Décimo andar, sala dezessete. – ela diz, entregando-me um crachá de visitante – Siga pela direita e encontrará os elevadores.

— Obrigada.

Agradeço-a e sigo corredor a dentro, encontrando vários funcionários andando de um lado para o outro, todos impecavelmente vestidos em seus ternos.

Uma vez no andar indicado, vejo Nam parado em frente a porta que julgo ser a de seu escritório e sorrio de leve para ele. Apertamos as mãos. Geralmente eu o cumprimentaria de uma maneira mais descontraída, porém, não estou no clima e é o seu ambiente de trabalho (e, ainda por cima, um Tribunal).

— É a primeira vez que você sobe até o meu escritório, não é? – ele pergunta, indicando o cômodo um tanto espaçoso.

— Sim. O mais perto que cheguei antes foi o hall. – solto uma risadinha – Estou evoluindo!

Ele fecha a porta enquanto me acomodo na confortável cadeira de couro em frente à mesa de mogno. Observo o escritório rapidamente e, mesmo sendo parte do tribunal, consigo notar alguns detalhes que refletem a personalidade de seu dono. Tal como os livros e os vários cadernos de anotações espalhados.

— Antes de qualquer coisa. – vejo-o circular o móvel e sentar em sua grande cadeira de couro preto e olha para mim – Como você está?

— Estou bem. E você?

— Atolado como sempre. Nada anormal.

— Então posso considerar que esteja bem.

Ele consente e recosta na cadeira. Seus olhos vagam pelo cômodo, como se estivesse procurando as palavras certas para começar a conversa.

— Sei que esse não é o melhor lugar, mas, sabe como é. Muito trabalho.

— Não se preocupe, Nam. — dou-lhe um sorriso compreensivo.

— Obrigado.

Ficamos os dois calados. Um olhando para o outro, compartilhando o que apenas nós dois sentimos com mais força. Embora o tempo tenha passado, continua sendo muito difícil, não só para mim como para Natham também.

Será que nunca vai mudar? Será que essa sensação sempre estará presente em nossas vidas? Mesmo depois de cinco anos?

Parece uma ferida que nunca cicatriza.

Ainda encarando o homem a minha frente, respiro fundo e resolvo tomar a iniciativa.

— E como faremos? Apesar de eu estar trabalhando em um novo manuscrito, estou livre para viajar. Além disso, posso começar a organizar as coisas, já que você está bastante ocupado e ainda temos muito o que fazer.

— Acho que consigo uma folga para irmos até Portland, só que não poderei ficar mais de um dia. Talvez só uma noite, mas voltarei pela manhã.

— Eu não pretendia ficar mais do que isso também.

— Ótimo. Quanto aos preparativos, ficaria grato se pudesse agilizar.

— Pode deixar comigo. Na verdade, depois que mandou a mensagem, eu comecei a separar o que podemos ou não levar.

“A culpa me fez passar a noite em claro”, tenho vontade de dizer.

Durante bons minutos, apenas conversamos e acertamos os detalhes. Como faltam poucos dias, precisamos ser rápidos e resolver tudo antes de ir.

— Podemos comprar por lá, caso falte algo. – termino de explicar.

Nam concorda e volta a ficar quieto. E eu o sigo, sem entender ao certo o seu incomodo. Embora a circunstância em si seja totalmente desconfortável.

Assim permanecemos por alguns minutos.

— Posso fazer uma pergunta? – ele indaga e eu consinto – Você realmente havia esquecido? Quero dizer, se eu não tivesse mandado a mensagem, você...

— É complicado. – respiro fundo – Não é que eu tenha esquecido. Sabia que estava perto, mas.... Não tão perto assim.

— Eu entendo.

— Sinto-me tão mal.

— Não precisa, sabe disso. Eu mesmo já lhe incentivei a...

— Não! – interrompo-o — Eu não posso simplesmente...

— Seguir em frente não fará de você uma pessoa ruim, Yan.

Baixo o olhar para as minhas mãos sobre o colo, que apertam com força a pequena bolsa que carrego. Assim como fiz com Daniel, tenho que contar ao Natham. Ele também merece saber, talvez mais do que qualquer pessoa.

— Essa é a questão. – encaro-o – Eu já segui em frente.

— Como assim? – franze as sobrancelhas — Aconteceu alguma coisa?

Sua expressão de preocupação e interesse é nítida. Sinto-me mais nervosa do que estive com Dani e eu sei bem o porquê. Tenho receio de que me julgue. De que eu possa partir o seu coração outra vez.

— Nam, eu.... Por favor, apenas escute e não diga nada por enquanto.

Com seu gesto positivo, reúno toda a minha coragem e solto:

— Eu estou apaixonada.

Do jeito que pedi, Natham mantém-se reservado. Nós nos entreolhamos longa e profundamente. Sua mudez não dura muito depois disso.

— Por aquele cara que encontramos no café? Para quem mentiu o nome?

— Sim, ele também.

— Ele também? O que quer dizer?

— Não é somente ele. — engulo em seco — Há outro homem.

— Yan, o que...

— Eu estou em um relacionamento com dois homens. — fecho os olhos brevemente e então o encaro — Um relacionamento poliamoroso.

Conto toda a história do meu envolvimento com Elliot e Christopher desde o início até o momento em que nos encontramos agora e, ao invés de indignar-se, Nam solta uma pequena risada e crava seus intensos olhos em mim.

— Se o mundo é pequeno para você, com o amor não seria diferente, não é?!
— sorri breve e tristemente — Você sempre amou com tudo de si.

— Por favor, pare. — peço.

Caímos numa quietude constrangedora, essa que só é rompida quando Nam indaga:

— Você já contou para eles?

Observo fixamente a mesa diante de mim e respiro fundo. A falta de uma resposta é o bastante para que saiba que, não, eu ainda não contei.

— Estou com medo. — confesso baixinho.

— Por que?

— Sinceramente, eu não sei. Talvez seja medo de trazer tudo à tona de novo.

— Ou talvez você não confie neles o suficiente?

— Não, não é isso. Eu... Ainda não sei se tenho confiança em mim mesma para entregar tudo. Porque sei que a partir do momento em que eu contar, as coisas irão mudar. É um passo muito grande para quem está reaprendendo a amar, entende?

Vejo-o assentir com um sorrisinho. De primeira não entendo sua reação, e só depois de alguns segundos me dou conta do que acabo de falar. Arregalo os olhos diante da maior revelação que fiz a ele e a mim mesma. Céus!

— Eu entendo sim. — ri anasalado — Então não é apenas paixão.

Paralisada, encaro quase que devotamente sua mesa. Eu disse que não queria nomear o que estou sentindo, que talvez ainda fosse cedo demais. Mas sequer me passou pela cabeça que alguém poderia fazê-lo por mim. Ainda mais Natham.

— Você ama os dois.

Ele sentencia e não tenho com rebater a mais pura verdade. Fecho os olhos e solto o ar com força, como se pudesse assim quebrar de vez as barreiras que criei para algo que já as ultrapassou há tempos.

Sim, eu amo os dois.

Amo Christopher e Elliot, com seus defeitos e suas qualidades, com suas diferenças e singularidades. Eu amo os dois! Pode parecer precipitado demais, considerando que estamos há poucos meses juntos. Mas existe momento certo para amar alguém?

Não, não existe.

Assim como não é menos intenso ou menos verdadeiro.

Às vezes falta tempo para o tanto que podemos amar uma pessoa. No meu caso, dois homens incríveis. E eu sei, mais do que ninguém, que desperdiçar esses momentos traz muitos arrependimentos.

Por essa razão, não vou mais me deter.

Embora eu tenha que aprender a largar pelo caminho os receios que ainda carrego, e cedo ou tarde os fantasmas do meu passado venham à tona, darei o primeiro passo e também ao meu coração o que ele tanto deseja desde que entendi esse sentimento que agora o habita.

Eu vou nomeá-lo.

Respirando fundo, ergo a cabeça e meus olhos encontram os de Natham. Um turbilhão de emoções se forma em meu peito quando enfim abro a boca e digo:

— Sim, eu amo o Elliot e o Christopher.

O turbilhão repentinamente se transforma em um alívio que, por um triz, não me leva as lágrimas. Foi como se eu tirasse um peso do peito.

Seu semblante compreensivo e um tanto melancólico me faz entender que, apesar de tudo, ele ainda mantinha um fio de esperança. Esse que acabo de quebrar.

— Estou feliz por você.

— Não precisa mentir.

Ele sorri contido e balança a cabeça em negação.

— Não estou mentindo. O que importa para mim é que você esteja bem.

— Nam...

— Eu não pude curar o seu coração, mas.... Eles puderam e é o que interessa.

Lutando contra o choro, alcanço sua mão e aperto-a contra a minha. Novamente trocamos olhares. O toque de seus dedos é gentil sobre os meus.

Engulo o nó em minha garganta e sussurro:

— Você sabe que, mesmo não sendo do jeito que você quer, eu te amo.

— Eu sei, e isso é o bastante para mim.

Vislumbro-o. Mesmo sem dizer uma palavra, tanto ele quanto eu estamos cientes de que, agora sim, é uma mentira. Nunca será o bastante.

Seus sentimentos por mim ainda são fortes, da mesma forma que eram há anos atrás e continuarão a ser até que, assim como aconteceu comigo, alguém venha e cure o seu coração. Natham merece mais do que essas falsas migalhas.

Ele merece tudo o que não posso lhe dar.

Num consenso mudo de que não devemos mais prolongar essa conversa, meu amigo levanta e eu faço o mesmo. Caminhamos silenciosamente até a porta e, antes que eu possa virar e ir em direção ao elevador, tenho minha mão apanhada delicadamente e estamos frente a frente novamente.

— Conte a eles. — sua fala é quase um pedido.

Dou-lhe um aperto firme na mão e então respondo ao soltá-la.

— Eu vou contar, assim que tudo terminar.

Capítulo 14

ELLIOT

Yanna anda estranha.

Não o seu estranha "normal", do jeito maluquinho que costuma agir todos os dias, mas sim distante. Com um olhar cabisbaixo que tem tirado o meu sossego e o de Christopher. Mesmo tentando sorrir ou mostrar que está bem, é nítida a sua mudança de comportamento e isso realmente tem nos preocupado.

Por essa razão, nós resolvemos preparar uma surpresa para ela. Não sabemos por que anda tão desanimada, mas é claro para nós dois que não queremos vê-la assim.

Então, apesar de não sermos especialistas em romance e preferirmos demonstrar nossos sentimentos em pequenos gestos, decidimos que seria bacana fazer algo diferente para animá-la. Sair um pouco, ter um encontro. São raras as vezes em que conseguimos sair, já que não é sempre que podemos expressar afeto na rua (por diversos motivos). Só que Chris e eu decidimos planejar um passeio ao ar livre. Melhor dizendo, planejamos um piquenique no Central Park.

Um pouco antiquado? Talvez seja. Mas sabemos que ela adora essas coisas.

Nós adoramos também.

O que poderia ser melhor?

Combinamos de pegá-la em casa depois do meu ensaio, pela manhã, e eu só precisaria me preocupar em correr para o apartamento e buscar Christopher, pois, concordamos que ele ficaria encarregado de organizar tudo. Bom, isso

se mais um daqueles bilhetes não tivesse aparecido.

Nesse momento, eu tenho outra coisa com o que me preocupar.

Ou melhor, me aborrecer. E aborrecer muito!

Encostado na parede ao lado da entrada do estúdio, vejo Emma sair em direção ao estacionamento e sigo-a até seu carro. Desde que essa palhaçada começou, ela tem saído mais tarde somente para esbarrar comigo, e eu, logicamente, comecei a sair mais cedo para que isso não acontecesse.

Tenho tentado ignorar e levar a situação como posso, porém, estou ficando cada vez mais acuado. E sentindo-me culpado por esconder esse assunto dos meus parceiros.

Sem querer assustar, pigarreio para chamar sua atenção. Ela se vira e então mostro o bilhete que deixou (outra vez) em meu armário no vestiário.

A garota sorri ao notar o papel em minha mão.

— Quero que pare com isso. — digo impaciente e o estendo para que pegue — Você está passando dos limites. Na realidade, já passou.

Seu risinho irônico me tira do sério. Como pode ser tão cínica? Quantas rejeições serão necessárias para que ela pare com essa maluquice?

Eu não aguento mais!

Se eu simplesmente pudesse acabar com tudo. Mas não posso. Pois, o que eu mais prezo pode estar em jogo se alguém descobrir a verdade. Merda!

Notando que ela não dirá nada e nem pegará a droga do bilhete, amasso-o e aperto com raiva. Olhando-a fixamente, bufo, e pergunto irritado:

— Você não se cansa disso?

— Eu disse e repito que não vou desistir, Elliot. Não importa o tempo que demore, terei você para mim.

Isso é ridículo.

— Eu não sou um troféu, droga! — esbravejo — Vou dizer de novo, já que parece não ter entrado na sua cabeça ainda: não vai rolar absolutamente nada.

Passo por ela, indo para o meu carro, e ouço-a gritar assim que abro a porta.

— Eu não sei porque você reluta tanto, mas, pode apostar, mostrarei que sou a mulher perfeita para você, Elliot Park.

Sem um pinga de vontade de continuar dando trela, tomo o banco do motorista e giro a chave na ignição com raiva, engatando a primeira e saindo para a rua.

Nunca haverá ninguém mais perfeito para mim do que Christopher e Yanna.

Por isso, não importa o quanto Emma insista nessa loucura, nunca existirá espaço para ela. Nem na cama e menos ainda em meu coração.

Disposto a não permitir que o que acaba de acontecer estrague o meu humor (mais do que estragou), ponho uma música para tocar e tento relaxar o máximo possível até chegar em casa. Hoje é um dia especial e eu não quero que nada o arruíne.

Emma não vai conseguir o que quer.

Uma vez no apartamento, mais calmo, encontro Chris terminando de arrumar a cesta e vou espiar o que preparou. E, definitivamente, fico feliz que a tarefa de cozinhar tenha sido sua. Além dos sanduíches, ele preparou também batatas chips e duas garrafas de suco natural, e de sobremesa uma tigela com chocolate derretido acompanhada de várias frutas cortadas. Por um segundo, tenho pensamentos muito interessantes do que poderíamos fazer com tanto chocolate. Uma pena que não possamos colocar essas ideias em prática no parque (à não ser que o intuito seja terminar o encontro na delegacia, presos por atentado ao pudor).

— Já ligou para ela? — pergunto, dando-lhe um beijo no pescoço — A propósito, parece tudo delicioso. E não tenho dúvida de que está.

— Foi um pouco corrido, mas garanto o sabor. – sorri – E sim, eu liguei. Ela disse que está se arrumando.

— Em outras palavras...

— Pois é. Nem deve ter entrado no banho.

Sorrimos. É muito típico dela.

— Então, acho que posso tomar uma ducha rápida antes de irmos buscá-la.

— Pode sim. Eu só vou trocar de roupa.

— E eu achando que teria companhia.

— Guarde as energias para hoje à noite. – me pega pela cintura – Porque, como a Yan diz, eu não vou poupar nenhum dos dois. Mesmo com os planos que temos.

Encosta seu corpo no meu e suspiro com o beijo que me dá. Adoro a maneira como aperta a minha bunda e devora-me a boca.

— Vai lá tomar banho. Mais tarde continuamos isso. Nós três.

Com sua promessa de uma noite pra lá de quente, vou em direção ao banheiro.

Meia hora depois e estaciono diante do condomínio chique em Soho. Yanna vem caminhando para o carro logo que nos avista e entra no banco de trás, onde se ajoelha para alcançar a minha bochecha e a de Christopher, beijando em seguida.

Sua expressão parece um pouco mais animada hoje.

— Olá. – ela sorri – Chegaram bem na hora.

— Sabíamos que ainda não estava pronta. – comento, olhando-a sobre o ombro.

— Que ultraje! Como se fosse verdade.

— Sabemos que é, Sweetie.

— Ok, me pegaram. Eu não estava pronta mesmo. Nem tinha entrado no banho.

— Touché!

Dou a partida e rapidamente caio na via que leva para o Central Park.

O trajeto é alegre. Embora Yanna pergunte de cinco em cinco segundos o que pretendemos, mantemos a surpresa firme. Na hora certa, ela descobrirá.

— E aí, vão contar o que estão aprontando ou não? – insiste.

Observo-a pelo retrovisor interno e sorrio.

— Você não está muito ansiosa, baby?

— Claro que estou. Como se fosse uma novidade para vocês.

— Parece que alguém está impaciente, Elliot.

— Não seja mal, Chris. – ela resmunga – Já basta o Eli fazendo isso.

— Eu sou o vilão da história agora? Ah! E golpe baixo usar o beicinho.

— Primeira característica dos sonserinos: alcançar seus objetivos não importam os meios.

— Eu ainda não entendo como fui terminar me relacionando com dois sonserinos. – Christopher dramatiza, revirando os olhos – Logo eu, um grifinório.

— Você fala muito para quem é da Casa Lannister.

Em meio a nossa “discussão” de qual é a melhor casa em Game of Thrones, estamos finalmente no parque. Descemos do carro ainda debatendo e Christopher dá a volta para pegar a cesta estrategicamente posta no porta-malas. Yanna se apruma ao vê-lo erguer o braço mostrando o que preparamos. Seus lindos olhos verdes se iluminam.

— Vocês planejaram um piquenique?

Consentimos e ela sorri tão lindamente que sorrimos também.

— Percebemos que você estava um pouco chateada e queríamos te animar. — digo — Então combinamos de fazer essa surpresa.

— Não é grande coisa, mas esperamos que goste. — Chris complementa — Ah! E considere esse o nosso primeiro encontro oficial como um trisal.

Com o semblante cheio de emoção, Yanna abraça à nós dois inesperadamente e murmura:

— Obrigada, meus queridos. Eu adorei!

Meu coração acelera com o modo que fala.

“Queridos”

É uma palavra tão simples, mas que significa tanto.

Apesar de o dia não estar ensolarado como queríamos, o clima está agradável para um piquenique. Há outros casais espalhados pelo gramado e algumas crianças brincando e correndo nos arredores. Uma típica cena de um sábado à tarde. Não é o exemplo de lugar reservado, mas tudo o que precisamos para um passeio legal está aqui, a privacidade deixamos para depois em nosso apartamento.

Coloco a cesta na grama e me estico um pouco, alongando as costas. Yanna se afasta para observar o lago e Christopher aponta sua câmera para as árvores. Eu fico admirando os dois. A saia longa que ela usa me faz lembrar do dia em que nos conhecemos e dançamos juntos em Munique. E ele está com a câmera *polaroid* que lhe dei de presente em nosso primeiro aniversário de namoro.

Sinto-me momentaneamente nostálgico.

— Estou à fim de jogar alguma coisa. — Chris diz ao se aproximar.

— Tipo o que? — pergunto.

— Não sei. Que tal beisebol?

— Os equipamentos estão lá no carro?

— Eu acho que sim. Posso correr e ir pegar.

— É uma boa. Tudo bem pra mim.

— Então, eu vou perguntar para...

— Eu topo!

Sobressaltamos quando Yanna aparece e praticamente grita ao nosso lado.

— Sei rebater melhor do que muito jogador profissional por aí. – se gaba, colocando as mãos na cintura e fazendo uma pose superior – Podem acreditar.

Tanto Christopher quanto eu rimos. Ele não perde tempo e vai correndo até o carro, e volta tão rápido quanto, mais animado do que um moleque de 15 anos.

— Vai conseguir jogar com essa saia, baby? Consegue amarrar ou sei lá?

— Sem problemas.

De repente, Yanna desce o zíper da saia e o tecido cai sobre os seus pés. Chris e eu arregalamos os olhos, pensando o pior, e suspiramos aliviados ao perceber que ela está usando shorts. Caramba, que susto!

— Vocês acharam mesmo que eu ficaria só de calcinha no meio do parque? – dá risada – Sou louca, mas nem tanto.

Sinceramente, eu cheguei a duvidar um pouco.

Nos posicionamos no gramado, próximo de onde estendemos a toalha e deixamos nossos pertences, e começamos a jogar. Yan se vangloriou de ser uma boa rebatedora e, para a nossa surpresa, era uma grande mentira! Ela é péssima, até arremessando a bola ou pagando com a luva. Gargalhamos de suas tentativas e mais ainda de suas comemorações quando consegue

acertar.

Essa bruxinha é encantadora.

Sentamos sobre a toalha xadrez após uma longa partida de beisebol e comemos os sanduíches que Chris preparou especialmente para o piquenique. Sua mistura de salada de atum é simplesmente a melhor! Tanto que não me contenho e devoro uns quatro, além de beber o suco.

Ao longo da tarde, reparo que o desânimo de Yanna se esvaiu quase por completo. Chris concorda comigo enquanto a observamos brincar com algumas crianças e rir de sua forma fácil e genuína. Valeu muito a pena só para vê-la feliz de novo.

Em dado momento, cansada de brincar com as crianças, Yan cai no gramado com as pernas e os braços esticados. Christopher deita ao seu lado e eu vou logo depois, só que do outro (pois é, de alguma maneira também entramos na bagunça). Ficamos os três olhando para o céu. A brisa fresca sopra, balançando as folhas das árvores, e eu a aproveito. Ainda que outro sopro, mais frio, me faça arrepiar em seguida.

É impressão minha ou as nuvens estão ficando mais densas? Enfim...

Em meio aos burburinhos do parque a nossa volta, permanecemos largados sem dar importância para que esteja passando. Sorrio ao sentir a mão de Yanna alcançar a minha e entrelaçar seus dedos aos meus.

— Me desculpem.

Ouçó de repente e viro a cabeça. Ok, por essa eu não esperava. Por que está pedindo desculpas? Me apoio no cotovelo para observá-la melhor. Christopher faz o mesmo.

— Eu não queria preocupar vocês. Sei que ando meio estranha, mas é que.... É um pouco complicado. — suspira — Honestamente, muito complicado.

De imediato, lembro da conversa que tivemos com Daniel aquela noite. Não duvido que sua falta de ânimo esteja relacionada com algo do passado. O que, apesar de não tocarmos no assunto ou forçar, temos muita curiosidade. O que

somente Yanna pode nos contar.

Talvez.... Talvez se eu der a abertura de que precisa, ela consiga desabafar e acabar de vez com o que lhe aflige. Nos aflige.

— Você quer falar sobre isso? – pergunto sutilmente, porém, apreensivo.

Yan se mantém calada. Será que ultrapassei a linha? Vislumbro meu namorado, que nega com um aceno breve.

— No momento certo. – ela responde e suspira – Por favor, só.... Esperem mais um pouco e eu contarei tudo a vocês.

— Não se preocupe, Sweetie. Na hora certa, nós iremos ouvi-la.

— Obrigada.

Acaricia o rosto dele e o meu.

Não importa o tempo que levar, nós estaremos aqui.

Por um instante, penso em confessar de uma vez o que sinto por ela. O que nós sentimos. Não seria essa a chance perfeita? Meus lábios se abrem lentamente, mas uma pesada gota caindo bem na minha testa interromper qualquer palavra que eu possa proferir. Não acredito!

— É sério? Chuva logo agora? – incrédulo, eu reclamo – Que sacanagem!

Que droga! Nem tivemos a oportunidade de comer a tão esperada sobremesa.

Levantamos apressados e, tal como todo mundo, apanhamos nossas coisas para fugir da chuva. Puxo a toalha até então estendida na grama e dou uma ponta para Christopher, colocamos Yanna entre nós e saímos correndo abrigados em baixo do tecido. Exatamente como aconteceria em uma cena de filme, mas sem o glamour e com grandes chances de ficarmos ensopados. E acredito que tenhamos pensamento exatamente a mesma coisa, pois, sem nenhuma razão aparente, começamos a rir da circunstância. É como dizem por aí: “saiba ter bom humor e a vida será mais leve”.

Junto de Christopher e Yanna, minha vida, além de mais leve, tornou-se

linda.

Embora o nosso passeio tenha acabado antes do esperado devido à chuva repentina, vamos manter o restante do plano como havíamos combinado. Afinal, o piquenique foi apenas a primeira parte da surpresa. Agora em nosso apartamento e de banho tomado para que ninguém corresse o risco de cair gripado, confortavelmente acomodados no tapete ao lado do aquecedor, ouvimos música e curtimos um a presença do outro. Uma atmosfera aconchegante nos envolve.

Porém, essa calmaria está prestes a mudar.

— Que tal aquela sobremesa? – sugiro.

Lanço um olhar cúmplice para Chris, que capta minhas intenções em segundos.

— Uma excelente ideia. – ele concorda, mexendo nos cabelos de Yanna – Esquente um pouco a calda de chocolate no micro-ondas antes de trazer.

Gesticulo um “ok” e levanto. Ajeito uma bandeja logo que tiro a tigela do micro-ondas e complemento com as frutas em pequenos potes e os espetos de *fondue*.

— Aqui está.

Sento novamente e posiciono a bandeja entre nós. Entrego um espeto para cada e começamos a comer. No meu caso e o de Christopher apenas fingimos, pois, o que verdadeiramente queremos comer está com chocolate escorrendo pelo canto da boca, como se estivesse fazendo de propósito só para provocar.

Bruxinha travessa.

Tomando a iniciativa, me inclino para frente e passo a língua em sua pele, limpando o traço de doce que havia escorrido. Ouço-a suspirar e sorrio satisfeito por tê-la instigado. Christopher, entrando no jogo, espalha um pouco de calda do outro lado de seus lábios e também lambe até retirar todo o chocolate.

Yanna, à essa altura, já está ofegante.

— O sabor fica bem melhor em você. – sussurro e mordo o lóbulo de sua orelha.

— Mas, com ou sem chocolate, você é deliciosa. – Chris completa.

Iniciamos um beijo à três. Duro, exigente. O gosto do chocolate presente em nossas línguas é excitante e torna tudo mais quente e afrodisíaco. Único.

Observamos Yanna ofegar pelo beijo intenso que compartilhamos e, eu com a mão por baixo da barra de sua camiseta, e Chris se encarregando de desfazer o cordão da calça que está usando, dou uma mordidinha em seu queixo e digo:

— Eis a segunda parte da surpresa que preparamos. Essa noite será só para você.

Lentamente, vamos retirando suas roupas até que esteja completamente nua. Ela não impõe qualquer obstáculo, se entrega ao calor do momento e as nossas vontades, pedindo para que façamos o que quisermos com seu corpo e seu prazer.

Meu tesão vai à mil. Adoro a maneira como se oferece e exige de nós.

Christopher enfia o dedo na tigela com chocolate e rodeia o mamilo dela, cobrindo-o até a ponta. Assistir sua boca encher-se com o seio e Yanna jogar a cabeça para trás, gemendo com tantas sensações é indescritível. Meu pau, pressionado pelo jeans, se torna gradativamente num incômodo.

Também mergulho o dedo no doce e tracejo uma linha até a altura de seu umbigo. Fico de joelhos e deslizo a língua sobre a pele quente e macia coberta de chocolate. Yanna arqueia em nossas bocas, pedindo por mais, e realizamos seu desejo.

Barriga, seios, pescoço...

Lambuzamos cada pedaço de seu corpo com chocolate e nos esbanjamos.

Com ela deitada no tapete e de pernas abertas, Christopher e eu nos beijamos

enquanto estimulamos sua boceta embebida em tesão. Ele enfia os dedos e eu esfrego seu clitóris inchado e perfurado pelo piercing, num ritmo que, se para nós é gostoso, para ela deve estar enlouquecedor. Considerando o modo como está extasiada, seu orgasmo virá com muita força.

— Chris... Elliot...

Sinto sua mão agarrar meus cabelos e então ela se deixa levar. Goza de tal maneira, que meus dedos ficam ensopados. Levo-os até os lábios de Christopher ao mesmo tempo em que me apodero dos seus, e desfrutamos juntos do sabor dela.

— Acho que vou acabar gozando de novo com essa imagem. — Yanna comenta, recobrando o fôlego.

— Não se preocupe. Você ainda vai gozar de muitas formas essa noite, Sweetie.

— Nós iremos nos encarregar disso.

— Eu não duvido. Mas agora... — apoia-se nos cotovelos e morde os lábios — Sou eu quem vai comer chocolate. Fiquem nus.

Cumprindo sua exigência, tiramos as roupas. Estamos ambos nus diante dela. Yanna mergulha os dedos das mãos no que restou da calda e passa por toda a extensão do meu pau e o de Christopher. E sorri.

Agachada entre nós, chupa-nos ao mesmo tempo. Mama em um, mama em outro. Esfrega nossos pênis em seu rosto só para enfiá-los cada vez mais fundo na boca. Os testículos são os próximos. Beija e suga o quanto pode ao passo que suas mãos, com uma habilidade bem conhecida, masturbam cada um de nós.

Quem vai acabar gozando com essa imagem sou eu.

— Baby, essa sua boquinha é incrível e eu adoro senti-la, mas.... É melhor parar.

— Por que?

A carinha de safada que faz causa uma fisgada em meu baixo-ventre.

— Porque você ficará coberta e não será de chocolate. — Christopher responde risonho — Vem. Vou te levar para o quarto.

Pegando-a no colo, caminhamos para o quarto e largamos a porta aberta. A música continua rolando. Uma vez que Yanna está com os pés no chão, seguro-a pela cintura e ataco seus lábios. Meu pênis pressionado contra seu estômago, bem acima do púbis.

— Fique de quatro por cima de mim. — peço, logo que nossos lábios se separam.

Me ajeito entre os travesseiros e observo-a engatinhar lenta e sedutoramente sobre o colchão, até estar com seus suculentos biquinhos arrebitados em cima do meu rosto. Bem rente à minha boca, que saliva para chupá-los.

Ergo a cabeça e encontro seus bonitos olhos verdes cheios de expectativa e tesão. Dou um sorriso. Não há convite mais tentador do que esse.

Levo a boca ao seu mamilo direito e o acaricio lentamente com a ponta da língua. Yanna solta um gemido que arrepia até a minha alma e me empenho em lhe proporcionar todo o prazer que merece. Mordisco seu biquinho, chupo e beijo enquanto minhas mãos deslizam por suas curvas, parando ao chegar as bochechas de seu traseiro arrebitado.

Mesmo concentrado em mamar, ouço o suspiro forte de Christopher e fico ainda mais excitado por saber que está assistindo. E então tenho uma ideia. Com um toque sutil, faço Yanna curvar mais a coluna e, apertando com um pouco de firmeza sua bunda, separo as bandas devagar e incito Chris a se perder no centro escorregadio e palpitante de nossa mulher.

Minha boca continua trabalhando incansável.

A cama se mexe com um movimento brusco. As mãos de Christopher pousam possessivamente sobre as minhas e o grito de Yanna é o suficiente para que eu saiba que sua doce boceta está recebendo tanta atenção quanto seus peitos.

Nosso jogo é erótico e sem reservas.

Christopher subitamente agarra meu pau excitadíssimo e tenho que parar o que estou fazendo para gemer. Meu corpo treme pela surpresa e a sensibilidade de suas carícias fodidamente gostosas em minha glândula molhada. Oh, porra!

Vou com mais ânsia sobre os seios de Yanna e não demora para que nossos estímulos a conduzam para o clímax. Ela sacode em meus braços e geme longa e profundamente quando chega ao orgasmo. Eu amo ouvir o som de seu prazer, assim como o de Christopher. O dela é alto e suave, enquanto o dele é baixo e quase gutural de tão intenso. Sons diferentes e que formam, para mim, a mais bela melodia.

Seu pequeno corpo desaba sobre o meu. Sinto seus fluídos umedecendo a base do meu pau e fico louco. Consigo perceber como está quente, mesmo sem penetrá-la, e só de pensar na maravilhosa sensação que será me enterrar em sua boceta me deixa a um passo de gozar. Especialmente pelo que Christopher e eu preparamos essa noite. E ele não está ajudando nem um pouco ao me provocar com seu olhar castanho e o rosto sujo com o gozo dela.

— Esse é o seu segundo orgasmo, baby. Está preparada para o terceiro? — sussurro em seu ouvido.

Rio com seu resmungo cansado e ainda mais com o balanço positivo de sua cabeça. Meus olhos vão de encontro aos de Christopher e sorrimos um para o outro. Ele continua acariciando os quadris de Yanna e esfregando-a em mim.

— Nós dissemos que essa noite seria só para você, lembra? — Chris pergunta a ela, ganhando sua atenção.

Com certo custo, Yan se põe sentada e apoia as mãos em meu tórax. Ele, agora sentado ao nosso lado, ajeita uma mecha dos cabelos rosados e nós a observamos.

— Sim, eu lembro. — ela responde, meio ofegante — E admito que estou

gostando muito. Mas, porque está dizendo isso agora?

Christopher e eu trocamos olhares mais uma vez, antes de ele plantar um beijo suave nos lábios dela e dizer:

— Queremos tentar comer você, nós dois ao mesmo tempo.

Tenho vontade de rir. E eu achando que sutileza era o seu forte.

Yanna reveza do meu rosto para o dele algumas vezes, e arqueja ao compreender o que desejamos. Por incrível que pareça, suas bochechas ficam coradas.

— Dupla penetração? – indaga.

Nós consentimos um tanto receosos. Se ela aceitar, será a primeira vez que faremos isso e eu até entendo sua reação apreensiva. Apesar de já ter feito anal, Yanna confessou em uma conversa que nunca tentou o que estamos propondo.

Na verdade, toda a sua experiência com dois homens é totalmente nova. E se for servir de consolo para ela, também será a nossa primeira vez penetrando juntos uma mulher. E não qualquer uma, e sim a nossa mulher.

Posso não demonstrar ou querer admitir, mas estou nervoso pra caramba. No fundo, sei que Christopher também está. Afinal de contas, mais do que o nervosismo de fazer tudo certo e prazeroso, entendemos que é um passo importante em nosso relacionamento. Nós partilharemos o corpo dela, juntos, ao mesmo tempo. Seremos os três interligados intima e sexualmente, mais do que imaginávamos quando começamos a ser um trisal.

Esperamos pacientemente sua resposta, seja positiva ou negativa. Os segundos se arrastam em meio aos acordes de *Knee Socks* do Arctic Monkeys de fundo, isso até Yanna se inclinar para beijar Christopher e depois a mim. Com um sorrisinho travesso, ela joga os cabelos para trás e diz num tom sensual:

— Quero ser completamente de vocês.

— Isso quer dizer que...

— Vamos fazer.

Como se desligasse a sensatez em nós, suas palavras despertam nosso lado mais sem-vergonha. Ainda com ela em meu colo, sento e afundo o rosto em seu pescoço cheiroso para chupar. As mãos dele resvalam em meu peito conforme vai massageando os seios de Yanna. Posso sentir todo o caminho que percorre ao se mover para baixo em suas costelas e barriga, até acariciar o clitóris. Depois voltar aos seios.

— Vou pegar o lubrificante. – avisa.

Em questão de segundos, retorna para a cama e o característico ruído da tampa sendo aberta chama a atenção de Yanna, que espia por cima do ombro.

— Quero preparar bem esse traseiro lindo para me receber. Então, relaxe, Sweetie.

Yanna amolece contra mim, seguindo a orientação. O som do dedo escorregadio penetrando-a me arranca um suspiro. A expressão dela, de início, parece desconfortável. Mais aos poucos vai dando lugar a uma prazerosa.

— Manteremos assim. Eu na frente e Chris por trás. Tudo bem?

Ela consente, imersa nas sensações que os dedos de Christopher lhe provocam ao dilatar lentamente seu cuzinho apertado. Sigo beijando seu rosto e brincando com a haste de seu piercing genital. Temos que deixá-la relaxada e preparada para que nos receba sem dor e tenha muito prazer. Afinal, não queremos que seja uma experiência ruim, nem para ela e nem para nós.

As pálpebras de Yanna tremem quando Christopher põe mais um dedo. Sua respiração acelera e, ao esfregar a palma da mão em suas carnes pra lá de úmidas, noto que está pronta para avançar. Não sei porque, mas estou ficando nervoso de novo. E pelo olhar que meu namorado lança ao erguer a cabeça, entendo que não sou o único a me sentir assim.

— Baby, nós iremos com calma, ok? Se estiver doendo ou desconfortável, por favor, diga. Não queremos machucá-la.

— Tudo bem.

Desenrolando uma camisinha no meu pênis, Chris me encaixa e eu empurro até estar completamente dentro dela. Respiro fundo com o seu calor envolvendo-me, tão gostoso. Ele afasta os cabelos rosados para o lado e planta um beijo em seu pescoço. Ponho a mão na base da coluna dela, deixando-a bem empinada, e mesmo que eu esteja louco para me mover, fico parado para que Chris se acomode. Ele se arruma e posso sentir seus dedos encostando nos meus.

— Por favor, se estiver doendo muito, me avise. — Murmura para ela, que assente — Incline-se um pouco para frente.

Os olhos de Yanna estão focados nos meus. Suas jades brilham intensamente. E tenho o prazer de ver seu rosto transbordar de luxúria no instante em que Christopher começa a empurrar contra o seu traseiro, invadindo-a centímetro por centímetro, tornando-a aos poucos completamente nossa.

Ela suspira nossos nomes, apertando as unhas na pele dos meus ombros. Pressiono sua cintura e fecho os olhos para apreciar a sensação que vai crescendo conforme percebo Chris entrando mais e mais. Porra!

Eu posso senti-lo. Posso sentir os dois.

Meus amantes, meus amores, estão conectados a mim como eu estou a eles.

Ele impulsiona o quadril com um pouco de força e enfim está totalmente dentro. Nós três suspiramos, gememos, deliramos. Nossos corpos emaranhados.

Caralho, isso é incrível!

— Você está bem, baby? — pergunto ofegante.

— Sim! Oh sim, sim.

Sua resposta desesperada me faz sorrir. Busco o rosto do meu namorado e

sou incapaz de não suspirar com a imagem que me oferece. Christopher está uma bagunça. Os cabelos castanhos cobertos de suor e o rosto levemente ruborizado. Sua expressão contorcida em prazer. Deve estar tão apertado que ele não consegue se controlar. O que só me faz ter mais vontade de ser o próximo.

Quando enfim seu olhar recai sobre o meu, num consenso mudo, começamos a nos mover. Ele a segura pela cintura e eu pelas coxas e a estocamos lentamente. Meus olhos reviram no mesmo segundo.

— Eu posso sentir você se movendo contra mim, Chris. Dentro dela.... Oh céus!

— Eu também.... Eu também posso.

Devagar, perdendo as inibições, Yanna vai rebolando timidamente. Aceitando ambos os paus dentro e fora de seu corpo. Aceitando-nos íntima e sentimentalmente.

— Vocês estão... Aaahhh.... Tão fundo. Estou me sentindo tão preenchida.

As mãos dela apertam a cabeceira da cama enquanto seus quadris se movem, encontrando seu ritmo, levando nós dois o mais fundo que a posição permite.

Nenhum de nós três durará muito dessa maneira.

Agarro a bunda de Yanna e a ajudo em seu ritmo. Christopher faz movimentos rasos e rápidos, esfregando o pau várias vezes seguida contra o meu a cada subida e descida do corpo dela.

Porra, porra, porra!

Minha cabeça cai sobre os travesseiros, minha boca se abre e meus olhos reviram com tantas sensações estranhas e maravilhosas.

— Droga! Eu não consigo mais...

Eu não posso mais segurar. Tenho que gozar.

Levo os dedos até o clitóris de Yanna e o fricciono junto com o piercing. Não leva mais do que poucos instantes para que seus quadris dobrem e ela grite alto o suficiente para que todo o prédio escute. O aperto de sua boceta me conduz ao orgasmo de imediato. Deixo vir e Christopher me acompanha.

Enfim, nós três gozamos. E foi fantástico!

Com cuidado, Chris se afasta e o chacoalhar do colchão denota que caiu deitado e exausto do outro lado. Yan desaba em meu peito e tenho que esperar uns segundos para conseguir sair de seu interior.

Depois desse sexo sensacional, estamos acabados. Satisfeitos, mas acabados.

— Foi a sensação mais estranha e incrível que eu já experimentei na vida. — Yanna comenta de repente – Eu podia sentir vocês se esfregando dentro de mim.

— Assim como nós sentimos. – ajeito uma mecha do seu cabelo – Foi maravilhoso.

— Foi mesmo. Mas as possibilidades de eu não conseguir andar por alguns dias é muito grande.

Rimos, porém, a falta de uma terceira voz nos surpreende. Me ergo um pouco.

— Chris? – chamo.

Yanna desliza para o lado e sorrimos ao perceber que Christopher adormeceu.

— Parece que alguém não aguentou o poder da minha bunda.

Cubro a boca para não gargalhar e acordá-lo. Ela e seus comentários.

— Ok, baby, acho que também devemos descansar. O poder da sua bunda foi demais até para mim e olha que nem foi a minha vez.

— Não se preocupe que ela vai chegar. Mesmo que isso signifique que ficarei mais alguns dias sem andar.

Beijo-a na testa e puxo para que deite aos pés da cama, ao lado do dorminhoco. Mais uma vez emaranhados em nossa enorme cama, eventualmente pegamos no sono. Eu, com certeza, com um sorriso no rosto.

Christopher balançou meu mundo. E Yanna o fez girar.

Capítulo 15

CHRISTOPHER

Assim que abro os olhos, percebo que apenas Elliot está na cama. Um tanto sonolento, busco ao redor algum indício de que Yanna esteja no apartamento e respiro aliviado ao escutar o barulho do chuveiro ligado, misturando-se com o da chuva que cai lá fora e só agora parei para prestar atenção.

Despreguio do jeito que posso com o peso de Elliot sobre meu peito e acaricio seus cabelos louros gentilmente, afastando alguns fios de seus olhos, e sorrio ao lembrar da noite incrível que nós três tivemos ontem.

Foi fantástica!

Talvez tenha sido um pouco patético eu cair no sono logo depois de gozar, mas a transa foi tão intensa (mais do que as outras), que consumiu todas as minhas energias e eu apaguei sem sequer perceber. Ok, foi muito patético.

Bem, não há o que eu possa fazer.

Com preguiça de levantar, estendo o braço livre para o lado e fecho os olhos novamente, na tentativa de voltar a dormir. No entanto, o sono não vem. Também, o que eu esperava depois do desmaio pós-sexo de ontem? Lógico que eu não estaria nem um pouco cansado. Preguiça e sono são coisas diferentes.

Continuo de olhos fechados e acariciando os cabelos de Elliot. O aroma do seu perfume e o de Yanna estão impregnados nos lençóis e eu gosto muito disso. Poderia ficar o dia inteiro aqui e imerso nessa mistura deliciosamente viciante.

No entanto, a súbita vontade de mijar me obriga a levantar, o que faço com cuidado para não acordar o dorminhoco ao meu lado. Pego o celular para checar que horas são e, mais do que ficar surpreso que já tenha passado do meio-dia, bufo ao notar que recebi mais mensagens dos meus pais e as quais eu também irei ignorar. Como se eles fossem me ganhar na insistência. Nem pensar!

Bloqueio o aparelho e devolvo ao criado-mudo. De verdade, só quero esquecer isso e seguir com a minha vida como tenho feito até agora.

Ainda nu e sonolento, entro no banheiro coçando os cabelos e encontro Yanna escovando os dentes. Tomo um minuto para admirá-la e sorrio ao ver sua boca cheia de espuma. De camiseta e calcinha, ela fica extraordinariamente sexy.

— Bom dia. Ou melhor, boa tarde. – digo.

Dou um beijo em seus cabelos e levanto a tampa da privada. Eu deveria me sentir constrangido em mijar na frente dela? Com certeza! Mas cenas como essa já se repetiram tantas vezes, que se tornou normal.

Não é isso que chama de intimidade?

Nem meio minuto se passa quando Elliot, também sonolento e nu, aparece no cômodo. Dá um beijo nos cabelos de Yanna como fiz e outro na minha bochecha, desejando bom dia/boa tarde, para logo em seguida se colocar ao meu lado para compartilharmos a privada. Mais um exemplo de intimidade.

— Vocês não acham que o banheiro está apertado demais? – Yan pergunta depois de cuspir a espuma. Ela nos observa através do espelho – Se bem que eu não posso reclamar de estar contemplando meus dois deuses gregos. Principalmente as bundas, que eu adoro.

Damos risada. Eli dá uma rebolada só para provocar.

— Falando em bunda, como você está? – pergunto.

— Que maneira doce de fazer essa pergunta. – ela dá risada – Estou bem. Um pouco dolorida, mas nada insuportável. Vou sobreviver para a próxima.

— Que ótimo. Porque na próxima serei eu. – Elliot diz ao pressionar a descarga – Bom, que tal um banho? Posso encher a banheira rapidinho.

— Desculpem, mas já tomei uma ducha. Estava toda pegajosa por causa do chocolate e, bem.... Outras coisas também. – devolve a escova de dentes para o suporte, ao lado das nossas – Mas posso ficar para fazer companhia.

Eli e eu entramos no box e revezamos o tempo debaixo do chuveiro enquanto conversamos com Yanna, que está sentada na tampa da privada.

Como eu disse, cenas como essa se tornaram muito comuns entre nós e só demonstram que já ultrapassamos a linha da casualidade a muito tempo.

Vinte minutos depois, na cozinha, procuramos algo para comer e repor as energias. Uma vez que não comemos nada além do chocolate noite passada. O problema é que eu não sou o único com preguiça nessa tarde de domingo chuvosa e nenhum de nós quer chegar perto do fogão para cozinhar.

— Já passou da hora do almoço. Não acho que seja uma boa ideia tomarmos café.

— Isso é verdade. Então, vamos comer fora? – Elliot sugere – Aquele restaurante na esquina é muito bom.

— Sinceramente, eu prefiro ficar aqui no apartamento. – Yan diz – Além de estar chovendo, meu quadril ainda incomoda um pouco.

— Desculpe, baby, não pensamos nisso.

— Tudo bem. – ela sorri – Não podemos pedir comida?

— Claro! Ninguém está à fim de cozinhar mesmo. – pego o celular sobre o balcão e clico no aplicativo de delivery – E aí, o que gostariam de comer?

Depois que nossos pedidos são entregues, sentamos em frente à televisão e assistimos um programa qualquer e para o qual na verdade nem damos atenção.

Nossa tarde é bem tranquila. Engatamos uma maratona de filmes e eu encho o saco dos dois até que assistimos a trilogia de Os Vingadores. Elliot, como sempre, implica dizendo que o Capitão América é o melhor. Mas o mundo sabe que Steve Rogers não chega nem aos pés do Tony Stark. Por favor.

Sorte que Yanna concorda comigo nessa. E somos dois infernizando Elliot para que ele se renda de uma vez por todas ao time do Homem de Ferro.

Quando enfim o filme de Guerra Infinita acaba, decidimos fazer outra coisa (mesmo eu querendo estender para a trilogia do Homem de Ferro). Eli liga o aparelho de som somente para criar um clima bacana enquanto pensamos em algo, mas se anima quando “*I love you baby*” do Frank Sinatra começa a tocar.

— Vamos dançar!

Ele agita e Yanna logo se alegra também. E, mesmo não sendo o pé de valsa do ano, sigo-os com um sorriso no rosto. A felicidade deles é a minha.

*“Você é bom demais para ser verdade
Não consigo tirar meus olhos de você
Você seria como o céu para tocar
Quero tanto te abraçar
Finalmente o amor chegou
E agradeço a Deus que estou vivo
Você é bom demais para ser verdade
Não consigo tirar meus olhos de você*

*Perdoe o jeito que eu olho
Não há mais nada para comparar
A visão de você me deixa fraco*

*Não há palavras para falar
Mas se você sentir que eu sinto
Por favor, deixe-me saber que é real
Você é bom demais para ser verdade
Eu não posso tirar meus olhos de você”*

De um jeito engraçado e totalmente improvisado, dançamos ao ritmo da batida contagiante e, embora Sinatra tenha se referido a uma garota, essa letra reflete tudo o que eu sinto por Yanna e Elliot. Eu não consigo tirar os olhos deles. Quero abraça-los e beijá-los para o resto dos meus dias. E agradeço a Deus, ao Universo, o Cosmo... Como queira chamar, por tê-los em minha vida.

*“Eu te amo, amor
E se estiver tudo bem
Eu preciso de você bebê
Para aquecer as noites solitárias
Eu te amo, amor
Confie em mim quando digo

Ah, linda garota
Não me derrube, eu rezo
Ah, linda garota
Agora que eu encontrei você ficar
E deixe-me amar você, querida
Deixe-me te amar”*

Faço Yanna rodopiar e ela cai nos braços de Elliot aos risos. A atmosfera não poderia ser melhor e mais alegre. Sério, as vezes eu tenho a impressão de que estou vivendo um sonho de tão bom que foi o encontro de nós três.

Apesar de não termos planejado isso, também estávamos procurando uma

maneira de pedir que ela se tornasse a nossa namorada. Sei que começamos com a ideia de curtir, mas, desde que descobrimos os nossos reais sentimentos, que a amamos, não achamos certo continuar seguindo como se nosso relacionamento não fosse importante. Porque ele é! Yanna é muito importante para nós dois e, se antes temíamos que confessar esses sentimentos fosse afastá-la, depois de ontem compreendemos que isso não vai acontecer. Não mais.

Está mais do que na hora de oficializarmos o que temos. Nós três.

Olho para Elliot, que agora a abraça por trás, e seu sorriso diz tudo.

— Sweetie.

— Huh?

— Nós queremos dizer.... Na verdade, queremos pedir algo a você.

— E o que seria? – olha-me e depois Eli por cima do ombro. Dá uma risadinha – Vocês parecem nervosos.

E é porque estamos!

Acho que só me senti nervoso desse jeito quando fui pedir Elliot em namoro (e em noivado). E pela maneira que o pomo de adão dele sobe e desce, engolindo em seco, sei que também está nervoso. Finalmente, iremos confessar a ela.

A melodia de *Close To You* do Carpenters preenche a sala. Não é uma das minhas favoritas, mas que melhor música para um pedido do que essa?

— Yanna, nós queremos que você seja...

De repente, ela para. Sem qualquer motivo aparente, Yanna paralisa entre nós e seus olhos repentinamente se enchem de lágrimas, surpreendendo-me. Fico tão sem jeito que me distancio um passo. Lanço um olhar para Elliot e no mesmo segundo ele se põe ao meu lado, ficando tão desconcertado quanto. Sem saber como agir, nós somente a observamos por um instante. Sua expressão se contrai tão dolorosamente, que sinto meu peito apertar em

angustia.

Será que fizemos alguma coisa e não percebemos?

Ou será que.... Não, não. Eu sequer terminei a frase. Não tem como ser isso.

— Yan? — Eli chama num sussurro.

Ela não responde. Ao invés disso, olha-nos com um semblante sofrido e, sem dizer qualquer palavra, dá meia volta e caminha apressada para o corredor do quarto. Elliot e eu, sem a mais vaga ideia do que se passa, corremos atrás dela e a encontramos no quarto vestindo desajeitadamente a saia e pegando a bolsa.

Ela vai embora?

— Yanna, querida, o que está fazendo? Vamos conversar. O que foi? — indago.

Ao virar o rosto, vemos que as lágrimas que antes estavam acumuladas, agora rolam por suas bochechas coradas. Céus, o que está acontecendo? Vê-la desse jeito e não saber de nada está realmente me deixando inquieto.

— Eu preciso ir. — é tudo o que diz. Ou melhor, murmura.

— Baby, você não pode sair assim. Está muito nervosa.

Parada no meio do quarto, os braços caídos ao lado do corpo e o olhar perdido, pela primeira vez, vemos uma Yanna totalmente fragilizada. Não entendemos a razão, porém, definitivamente, este é um lado dela que eu nunca gostaria de ter conhecido. Simplesmente porque, assim como Elliot, eu não consigo suportar assisti-la sofrer. E talvez eu me sinta ainda mais aflito, pois, não sei como lidar com a sua dor. O que só me faz pensar que, mesmo amando-a, eu nunca considereei ou me preocupei em conhecer mais de seus sentimentos. De suas alegrias, seus medos ou seus sonhos. Que tipo de pessoa sou eu?

— Por favor, eu.... Eu só preciso voltar para casa.

Yanna balbucia, limpando as lágrimas. Tanto Elliot quanto eu não nos

movemos. Apesar de ser um pedido claramente desesperado, não queremos deixa-la sair daqui. Queremos conversar e compreender o que tanto lhe angustia. Queremos ampará-la em nossos braços.

— Não sabemos o que está acontecendo, mas estamos aqui. Você não está sozinha. Confie em nós dois. – meu namorado se pronuncia num tom gentil.

Apertando os lábios para conter o choro, ela nega com a cabeça e ajeita a bolsa no ombro, pronta para sair. E então, num estalo, tudo faz sentido para mim. Isso tem algo a ver com o seu passado. Não tenho a mínima ideia de qual maneira, contudo, alguma coisa lá no fundo grita para mim que é. O que ela ainda não está pronta para contar e que lhe fere de um modo tão profundo.

Elliot se apressa para dizer algo que a impeça, mas toco seu ombro antes que o faça. Com um gesto, peço para que não fale. Não vai adiantar, de qualquer forma. Mesmo contrariado, ele respira fundo e assente. Dando-me como derrotado, fecho os olhos um segundo para suspirar e então digo a ela:

— Nós deixaremos que volte para casa. Mas, por favor, pelo menos avise quando chegar. Ou ficaremos preocupados.

“Mais do que já estamos”, tenho vontade de dizer, mas me contenho.

Yanna observa-nos e consente. Em seguida balbucia:

— Obrigada.

Ao passar por nós em direção a porta, toca suavemente em nossas bochechas e sai. Elliot tenta novamente ir atrás, mas o detenho. Ficamos olhando para a porta do quarto até ouvir a da sala fechando. Ela se foi.

Em silêncio, fitamos um ao outro por longos minutos.

— Será que deveríamos tê-la deixado ir? – questiona depois de um profundo suspiro.

— Eu não sei. Mas não tínhamos muito o que fazer além disso.

— Você acha que isso tem algo a ver com o que ela comentou no parque?

— Não estou certo, mas algo me diz que sim.

Respiro fundo e sento na beira da cama, desanimado. Passo as mãos entre os fios do meu cabelo e encaro Elliot, que também está chateado.

— Eu só espero que ela fique bem.

— Vamos confiar que irá. E estaremos aqui para quando a hora certa chegar.

No final, não conseguimos dizer o que sentimos.

Capítulo 16

YANNA

A paisagem corre através da janela do carro de Natham. A brisa da manhã sopra contra o meu rosto como tantas outras vezes já ocorreu, meus cabelos se emaranham no encosto do banco e posso sentir o cheiro da estrada. Esse caminho me é tão familiar e nostálgico, apesar das nítidas mudanças que sofreu ao longo do último ano. Tudo parece da exata maneira que foi há anos atrás.

Quase tudo.

Porque, como eu disse, as coisas mudaram e jamais voltarão a ser as mesmas.

Com a cabeça recostada no estofado, respiro fundo e observo os prédios dando lugar as árvores e meus pensamentos voam longe. Mais longe do que já estão.

Faz uma semana desde que sai do apartamento de Christopher e Elliot daquela maneira e eu só tive coragem de enviar uma mensagem para ambos dizendo que estaria viajando nos próximos dias, mas que iria explicar tudo quando voltasse.

Não contei a eles que iria com Natham, essa é uma parte que decidi omitir por enquanto, pois, teria que dar explicações demais em um momento em que não estava em condições de fazê-lo. De qualquer modo, ele será um detalhe na conversa que teremos futuramente e do qual não poderei desviar. Não só pelo o que ele representa, mas também por ser uma parte importante em minha vida.

Durante a semana que passou, fiquei em casa organizando os preparativos da viagem e refletindo sobre o que vem acontecendo nos últimos meses. Eu

estou feliz, mas não plenamente. E no fundo sabia disso, só não queria enxergar. Mais do que admitir os meus sentimentos por Elliot e Christopher, ainda há algo que preciso fazer, mesmo que me doa muito. Porém, que começou a acontecer antes que eu me desse conta disso. A vida tratou de dar início por si só.

— Vamos fazer o check-in no hotel primeiro e depois vamos para lá. Okay?

Nam sugere e eu apenas balanço a cabeça. Não quero falar. Sei que está fazendo isso para puxar assunto, já que mal abri a boca desde que saímos de Nova Iorque, mas eu realmente não quero. Tenho certeza de que se o fizer, não serei capaz de deter o nó de emoções que sinto na garganta.

Deter absolutamente nada.

Novamente, ele respeita o meu silêncio e continua guiando pela estrada. Estamos cada vez mais perto de Portland e meu coração parece que vai parar a qualquer momento. Meu passado se aproxima mais e mais, ainda que nos últimos meses tenha parecido tão distante. Uma vaga lembrança ruim.

Lembrança...

Quando foi que se tornou apenas uma lembrança?

Talvez esse aperto em meu peito seja exatamente por essa razão. Embora eu insistisse em fugir tantas e tantas vezes, ainda queria e teimava manter vivo. Mas à medida que o tempo foi passando e os novos sentimentos aflorando, ficou para trás e eu sequer percebi, até o dia em que Natham me enviou aquela mensagem e tudo veio à tona. Senti-me culpada. Sinto-me culpada.

Especialmente na noite em que entreguei meu corpo e minha alma aos dois homens que agora amo e as recordações vieram para lembrar que estou sendo cruel em mantê-lo cravado em mim quando tudo o que devo fazer é deixá-lo ir.

Desde aquele dia, finalmente, eu compreendi que é o certo.

Após um pouco mais de cinco horas na estrada, vejo a placa indicando que acabamos de entrar em Portland. Natham dirige por mais alguns quilômetros

e atravessamos a ponte sobre o *Willamette River*, indo em direção ao centro, mais especificamente para o hotel onde ficaremos hospedados essa noite. O Sol da manhã está forte e os feixes de luz refletidos na água são lindos, apesar dos pesares. Em épocas passadas, eu adorava ver o entardecer daqui.

Não demora muito para que Nam estacione. O manobrista pega as chaves logo que descemos e pegamos a pouca bagagem que trouxemos. Entramos no hall e caminhamos juntos até o balcão da recepção. Eu fiz as reservas no decorrer dessa semana para evitar problemas na hora do check-in. Ainda que pudéssemos ir para outro lugar caso não houvesse quartos.

Eu me mantenho quieta e só respondo o mínimo para a recepcionista checar os dados. Assim que Natham recebe as senhas dos quartos, um ao lado do outro, nos dirigimos aos elevadores; meu amigo, preocupado, toca-me o ombro.

— Seria melhor almoçarmos, não acha? Você não comeu nada.

— Estou sem fome.

— Yan...

— Obrigada por se preocupar, Nam. Mas não acho que vou conseguir comer.

Saímos no andar correspondente e cruzamos o corredor até perto do final.

Estamos nos quartos 302 e 304.

— Me avise se quiser alguma coisa, tudo bem? Estou ao lado.

— Muito obrigada.

Tento dar-lhe um sorriso, mas falho miseravelmente.

— Quando se sentir confortável, mande mensagem e iremos até lá.

Meneio a cabeça assentindo. Natham beija minha testa e suspira antes de entrar em seu quarto e fechar a porta. Apertando a alça da bolsa que carrego, respiro profundamente, giro nos calcanhares e faço o mesmo.

Minimamente acomodada e de banho tomado, sento na beirada da cama vestida com o roupão do hotel e vislumbro o cenário abaixo de mim. Portland é uma cidade que, apesar de estar muito relacionada com Nova Iorque, não tem qualquer similaridade com ela. Diferente dos arranha-céus e outdoors, Portland é rodeada por árvores e seus prédios são pequenos se comparados com o de NY. O clima aqui é agradável e tranquilo, um excelente lugar para se viver.

E eu sei do que estou falando.

De novo, encontro-me imersa em memórias de outros tempos. No entanto, estranhamente, tenho vontade de ouvir as vozes de Elliot e Christopher. Tanto que chego a pegar o celular para ligar, só que acabo desistindo logo ao desbloquear o aparelho. Ao invés disso, apenas olho para a foto que Eli colocou de nós três como meu plano de fundo na brincadeira e eu não troquei.

Suspiro. Suspiro milhares de vezes.

Eles me deram a força que eu pensei ter sozinha e mostraram que o amor pode ser maravilhoso até das formas mais inusitadas, o que eu havia esquecido com os anos. Christopher, o moreno de braços tatuados e espírito livre. E Elliot, o loiro de intensos olhos azuis e sorriso fácil. Meus amantes. Meus amores.

Não é justo com nenhum deles que eu guarde esses sentimentos. Não é justo comigo mesma e nem com quem já se foi. Ainda que doa na alma, tenho que estar por inteira nessa relação e é o que tentarei fazer. A partir de hoje, para mim, será uma lembrança que eu guardarei para sempre com carinho.

Mas que deve ficar e permanecer assim: guardada.

Em dado momento depois do almoço e de eu me forçar a comer pelo menos um sanduíche, mando uma mensagem para Natham pedindo que se arrume.

Termino de abotoar o blazer preto e suspiro ao me observar no espelho. A única cor que se destaca é a do meu cabelo em meio a tanta melancolia. Sem maquiagem ou qualquer acessório, essa é a versão mais crua e frágil de mim.

A versão com a qual sempre tenho que lidar quando chega essa época. Não tenho para onde e nem como fugir. Simplesmente porque faz parte de quem eu fui.

De quem eu sou.

Respiro fundo e fecho os olhos por um breve instante, para então abri-los e seguir rumo a porta. Assim que a abro, deparo com Natham encostado na parede e usando um de seus ternos escuros. Como de costume, está bonito. Ele segura ambos os buquês e estende o de margaridas para que eu pegue. Faço-o.

— Está pronta? – pergunta.

— Estou sim.

— Gostaria de dizer que a roupa ficou bem em você, mas.... Não acho que seja a melhor ocasião para isso. Então, desculpe se soou rude da minha parte.

— Você sabe que nunca é rude comigo, Nam. E obrigada, de qualquer forma.

— Vamos?

Assinto e andamos um ao lado do outro.

O trajeto até o Wilhelm Portland Memorial não é longo. Na verdade, escolhi o hotel justamente por ser o mais perto. Caminhamos somente dez minutos até estarmos diante do lugar que, como todos os anos, leva as minhas forças.

Engulo em seco ao dar o primeiro passo e me escorro um pouco em Natham, como se a qualquer instante pudesse não aguentar o peso de minhas pernas. Ele passa o braço ao redor do meu ombro e me aconchego em seu calor. Seguimos devagar e, ao longe, avisto o senhor e a senhora Stewart próximo à entrada do prédio memorial, o que me surpreende um pouco. Pois, geralmente eles chegam mais tarde; afasto-me de Natham e tento me recompor.

— Desculpe, esqueci de dizer que eles viriam antes. – Nam justifica – Meu pai terá que ir a uma viagem de negócios e decidiram adiantar a visita.

Nós nos aproximamos e, uma vez diante deles, me curvo respeitosamente.

— Mãe. Pai. — Nam se inclina um pouco para abraçar ambos — Como estão?

— Estamos bem, querido. Na medida do possível. — responde a senhora Stewart, mostrando um sorriso contido — E você, como está? Trabalhando muito ainda?

— A senhora já deve imaginar. Mas estou bem, não se preocupe.

— Fico aliviada.

Acaricia gentilmente o rosto de Nam como só uma mãe faria e enfim olha para mim. Seu sorriso é triste, assim como o meu. Me aproximo para abraçá-la.

— E você, querida, como está? — pergunta.

Pela primeira vez, sua pergunta tão simples e corriqueira, faz com que eu me sinta incomodada em encarar seus olhos azuis acinzentados, tão parecidos com os dele e os quais estão avermelhados pelo choro recente. Porque os sentimentos que estão comigo agora não são os mesmos do ano passado e, eu sei, jamais voltarão a ser os mesmos; sem graça, respondo:

— Eu estou bem. Trabalhando bastante também. Vivendo um dia de cada vez.

— Está certo. Faz muito bem. — toca minha bochecha com carinho — Apesar de cinco anos terem passado, eu sei que continua sendo difícil. Sempre será.

Consinto. Tenho dito isso a mim mesma incessantemente. Ainda que meu coração não esteja mais preso, sempre será difícil em minhas memórias.

Cinco anos.

Hoje fazem cinco anos. Como o tempo passou depressa ou ao menos pareceu passar. Talvez a minha constante necessidade de fuga tenha feito com que eu não enxergasse os dias correndo em frente aos meus olhos. Ou eu simplesmente tenha parado de conta-los desde aquele dia. Não sei qual é a verdade.

— Já prestaram suas homenagens? – indago.

— Acabamos de sair.

Viro para o senhor Stewart e também o abraço. Eu deveria visita-los com mais frequência, porém, tenho consciência de que seria tão desconfortável para mim quanto para eles. Principalmente para eles, que preferem continuar fingindo.

Minha presença traz à tona todas as dores deles e também as que carrego.

— Iremos entrar agora. – Nam diz e olha para mim.

Encaro as portas do memorial um instante e todo o meu corpo grita para eu correr o mais rápido e o mais longe possível daqui. Estou com medo, afinal.

Medo de esquecê-lo, medo de apaga-lo.

— Yan?

Meu lábio trêmulo é o bastante para que Natham entenda que estou perto de desmoronar. Gentilmente, ele apanha minha mão e entrelaça nossos dedos. A senhora Stewart acaricia meus cabelos e o senhor Stewart toca minhas costas.

— Eu estou com você. – meu amigo sussurra – Vamos?

Engulo em seco de novo e consinto. Despedimo-nos de seus pais e esperamos até que tenham atravessado o portão para entrar no prédio.

Ainda de mãos dadas, caminhamos até a ala onde está o memorial de Bryan e meus olhos se enchem de lágrimas ao ver sua foto do outro lado do vidro.

Nam se afasta para depositar o buquê de tulipas sob os pés dos degraus e eu abraço fortemente o que estou segurando. Ele toca de leve o vidro e sorri.

— Olá, brother. – diz ele – Já faz um ano desde a última vez que eu vim. Espero que não fique bravo com o seu irmãozinho. É que ele é viciado em trabalho.

No decorrer dos próximos minutos, observo Natham conversar com seu

irmão mais velho e fico me perguntando como ele consegue sorrir dessa maneira. Eu sei que ele também sente muito a falta de Bryan, embora não conte a ninguém. Meu amigo e ex-cunhado sempre teve essa personalidade reservada, mesmo que suas emoções sejam tão claras quanto a mais límpida água.

Eu, melhor do que qualquer pessoa, sei como sofreu com a perda do irmão e teve que esconder a própria dor para amparar a dos pais. A minha dor. Comparada a ele, eu sou uma farsa. Sempre quis manter a fachada, mas a realidade é que me tornei uma mulher quebrada desde a morte de Bryan.

Tal como seus pais, eu também preferi fingir do que encarar a verdade como ela é: dura e fria.

Eu sou uma grande farsa.

Perdida em mim mesma, sobressalto com a voz de Nam tão perto do meu ouvido repentinamente.

— Eu sei que você tem muito o que falar para ele.

De relance, vislumbro o memorial de Bryan e sinto-me vacilante.

— Eu deixarei você sozinha. — murmura, tocando suavemente meu ombro e eu lhe afago a mão como agradecimento. Preciso muito disso.

Ouçó o som de seus sapatos diminuir conforme vai se afastando e, em poucos minutos, só resta o silêncio. Permaneço parada diante do memorial de Bryan, ao lado dos demais, observando. Minha mão treme e faz com que as flores que ainda seguro também. Minha vista está embaçada pelo choro que estou custosamente contendo ou ao menos tentando.

Eu pensei tanto durante esses dias, mas, ainda assim, não sei se estou pronta para o que gostaria de dizer. Na verdade, acho que nunca estarei pronta, mas não quero que isso aconteça ocasionalmente com o tempo. Ele não merece.

Quando enfim tomo coragem para dar o primeiro passo, ajeito o lindo buquê de margaridas que trouxe, e me endireito para olhá-lo novamente. Tal como Natham fez, toco o vidro que me separa de sua foto, e encosto a testa em

seguida. Num esforço doloroso, encontro minha própria voz e sussurro:

— Como você está, meu bem? Desculpe não vir antes, mas é que.... Eu poderia dizer o mesmo que o Nam e culpar o trabalho, só que você saberia que estou mentindo. Você sempre soube, não é? Então não irei mentir. Estava com medo.

Ergo um pouco a cabeça e encaro sua foto sorridente. Os olhos azuis pelos quais me apaixonei e a cabeleira loura. A expressão animada e cativante. Eu ajudei sua mãe a escolher essa foto, é uma das minhas favoritas. Fui eu quem tirou.

Durante intermináveis minutos, apenas permaneço com a testa apoiada no vidro e com a mão rente à sua fotografia do outro lado. Continuo lutando contra o choro, que parece querer vencer a qualquer custo. Meu coração está acelerado.

— Eu tenho que confessar algo a você. Eu nunca fui muito boa com datas, mas.... Eu quase esqueci o seu aniversário esse ano. Sou patética, não é?

Novamente, tento sorrir. Só que não sou capaz.

— Para ser sincera, essa não é a minha confissão verdadeira. É uma parte dela. Você poderia escutar pacientemente, assim como sempre fez?

Dou um passo para trás e respiro fundo. Pressiono um lábio no outro e engulo de forma deplorável o soluço que me sufoca por um segundo.

— Muitas coisas aconteceram ao longo dos últimos meses. Eu ainda prossegui com aquela ideia maluca que contei, sabe. De fingir ser outras pessoas. Mas, em uma dessas vezes, algo mudou e... Foi e está sendo muito bom.

Respiro fundo uma e outra vez e levanto a cabeça para barrar as lágrimas que querem escapar, ainda que algumas delas estejam conseguindo.

— Bryan... Eu, depois de todos esses anos, voltei a amar. Desde que o seu coração parou, eu também pensei que o meu havia parado. Só que.... Nos últimos meses, duas pessoas muito especiais me fizeram perceber que ele

ainda pulsa forte. Tão forte que não consegui escapar do sentimento que nasceu em mim. — faço uma pausa para suspirar — Sim, duas pessoas. Parece loucura, não é? Mas eu estou amando dois homens. Os nomes deles são Elliot e Christopher. São bons para mim e acho que me amam também, ainda que nenhum deles tenha confessado. Eu sinto que sim, lá no fundo. Quando contei para o seu irmão, ele disse nas entrelinhas que eu não tenho limites.

Solto uma risadinha. Essa que logo dá espaço para as lágrimas e um soluço que escapa antes que eu sequer possa prever. Não posso mais segurar.

— Fiquei com tanto medo de pensar sobre isso, fugi com todas as minhas forças, mas a realidade é que... E-eu.... Eu acho que estou superando você, Bry. Depois de todo esse tempo, cinco anos, estou começando a esquecer de você.

Tenho que dizer. Não posso voltar atrás agora. É o melhor para mim, para ele, e para Elliot e Christopher. Preciso deixa-lo ir. Tenho que deixa-lo ir.

— Me desculpe. Você continuará sempre em minhas lembranças mais preciosas, só que agora... O meu coração não é mais somente seu como eu pensei que seria para sempre. Enfim, vou deixa-lo ir, meu bem. Me dói tanto, mas eu sei que você seria o primeiro a pedir isso se tivesse a oportunidade. Saiba que, apesar de tudo, eu sempre amarei você. — ponho a mão no vidro pela última vez — E espero que, onde quer que esteja, fique feliz por mim.

Fecho os olhos com força e beijo o vidro sobre sua foto.

— Por favor, fique feliz.

De repente, um sopro forte da brisa atravessa a janela lateral e acerta o meu rosto delicadamente. É quente e gentil, como um carinho. Olho para o céu claro do lado de fora e meu peito se aperta. Eu não sou uma mulher de acreditar em sinais, mas, algo dentro de mim, diz que Bryan recebeu minhas palavras.

Emocionada, levo as mãos ao rosto, tampando-o. Permito que meus joelhos cedam e sento no chão. Choro. Choro tudo o que tive vontade e guardei para mim ao longo dessa semana. Choro aliviada em saber que estou deixando-o ir

em paz depois de cinco anos e que estou aceitando seguir em frente sem ele.

O homem que eu tanto amei e com quem sonhei compartilhar uma vida inteira.

Estou deixando-o finalmente partir.

Tomo alguns bons minutos para me recompor e só então vou encontrar Natham do lado de fora. Ele se assusta com a minha aparência lastimável, mas dou-lhe um pequeno sorriso, dizendo que estou bem. Que ficarei bem.

De volta ao hotel, uma hora mais tarde, recomposta (apesar dos olhos inchados) e usando um dos meus pijamas, encaro a foto do nosso casamento e que trago sempre comigo no aniversário de sua morte. Relembrando o dia em que pisei naquela igreja e o vi, lindo em seu terno cinza, esperando por mim no altar.

A versão de “Close to You” da Olivia Ong soa baixinho do meu celular pela segunda vez e é inesperadamente abafada pelo barulho da porta sendo aberta. Espio por cima do ombro e vejo Natham se aproximar da cama. Sorrio. Ele senta ao meu lado e ficamos os dois observando a foto em minhas mãos.

— A mamãe acertou em cheio com a escolha do seu vestido. – comenta.

— Minha mãe, por incrível que pareça, concordou na hora em que viu. Foi a única coisa entre todas do casamento em que elas concordaram sem brigar.

— É verdade.

Por mais de meia hora, conversamos sobre as boas recordações que temos de Bryan. Algo que não fazíamos há vários anos. Do nosso casamento e de todas as confusões que nos metemos juntamente com Daniel.

Éramos os quatro inseparáveis.

Éramos...

Rindo de um comentário que Nam acaba de fazer sobre a vez em que tentamos acampar em frente ao Oaks Amusement Park, sou pega de surpresa quando diz:

— Eu nunca contei isso a você, mas o meu irmão vomitou no dia do casamento.

— O que?

— O Bryan mal conseguiu dormir na noite anterior e, segundo o que ele disse, não poderia segurar uma uva que fosse no estômago de tanto que revirava ansioso. Pior que ele ainda inventou de querer aquele carro antigo e a síndrome de cinetose atacou bem no caminho. Ainda bem que você estava dentro da igreja na hora em que descemos ou teria visto seu noivo vomitar na calçada.

Sou incapaz de segurar a risada.

Soa realmente como algo que aconteceria com ele.

— Não acredito.

— Pois é, ele estava muito nervoso. — olha para a foto — Mas também muito feliz.

Deslizo lentamente as pontas dos dedos sobre a imagem e sorrio emocionada.

— Eu também estava muito feliz. Eu fui muito feliz.

— Eu sei que sim.

Novamente o silêncio permeia entre nós. A presença de Natham me reconforta, mesmo que não haja palavras suficientes para fazê-lo por enquanto.

— Dança comigo? — peço, ainda observando a foto.

Cuidadosamente, ele retira o porta-retratos de minhas mãos e põe sobre o colchão. Entendendo o recado, coloco “Close to You” para tocar desde o início e me aconchoo em seus braços. Encosto a cabeça em seu peito largo e balançamos lentamente de um lado para o outro no centro do quarto.

*“Por que os pássaros aparecem de repente
Toda vez que você está perto?
Assim como eu, eles querem estar
Perto de você...”*

*Por que as estrelas desabam do céu
Toda vez que você passa?
Assim como eu, elas querem estar
Perto de você*

*No dia em que você nasceu
Os anjos se reuniram
E decidiram tornar um sonho realidade
Então eles espalharam poeira da lua em seus cabelos
E luz dourada das estrelas em seus olhos azuis*

*É por isso que todas as garotas da cidade
Seguem você, por toda parte
Assim como eu, elas querem estar
Perto de você”*

Seguimos o ritmo suave da música e a ouvimos em silêncio.

Isso até Natham, mantendo os braços ao redor do meu corpo, apoiar o queixo no topo da minha cabeça e soltar de repente:

— Yan, pare de vir aqui.

Ainda que eu queira perguntar o porquê, não o faço. Não é necessário.

Pressiono mais o rosto contra seu peito e aperto o tecido de sua camiseta. As lágrimas que eu pensei terem acabado, inundam meus olhos rapidamente.

— Agora que você voltou a amar, deve seguir...

— Eu estou deixando-o ir. — interrompo-o.

Nam para de se mover e pega meu rosto entre suas mãos. Nós nos entreolhamos longa e profundamente, e ao encostar a testa sobre a minha, diz:

— É a melhor decisão.

Respiro fundo e consinto. Eu sei que é a melhor decisão.

Deixá-lo ir é o certo.

Bryan sempre estará em mim, mas preciso seguir a minha vida ao lado de Elliot e Christopher, estando inteiramente ao lado deles a partir de agora.

Capítulo 17

YANNA

A noite posterior ao memorial de Bryan foi mais tranquila do que eu imaginava. Tranquila no sentido de que não fiquei rolando de um lado para o outro na cama, ainda que tenha derrubado mais algumas lágrimas depois que Natham voltou para o próprio quarto. No entanto, ao invés de tristeza, o que senti ao chorar antes de pegar no sono foi algo parecido com alívio. Não sei explicar ao certo.

Acho que ser sincera em relação aos meus sentimentos e finalmente permitir que o passado fique em seu devido lugar, amenizou o arrependimento que guardava e mostrou que, independentemente do que for, Bryan sempre estará comigo.

Eu nunca irei apaga-lo ou esquecê-lo. Ele viverá sempre em meu coração.

Pegamos a estrada de volta para Nova Iorque após o café da manhã. Eu consegui comer mais do que no dia anterior e Nam ficou contente ao perceber isso. Meu humor também aumentou um pouco, embora aquela sensação de desânimo ainda esteja presente. Não é como se eu fosse melhorar de uma hora para a outra, né?

Daniel ligou avisando que iria para Portland essa tarde, uma vez que ficou preso em uma reunião ontem, e eu até poderia ficar para o esperar. No entanto, acredito que já tive emoções demais por um dia. Sem contar que prometi a mim mesma e ao Nam que só viria esporadicamente. Não deixarei de o visitar, até porque não seria certo, mas não o farei com os sentimentos tristes de antes.

Com a cabeça encostada no banco, tamborilando os dedos na coxa enquanto uma música qualquer toca baixinho no MP3 do carro, penso

em Christopher e Elliot. Estou com tanta saudade deles. Tanta que mal cabe em mim. Eu não deveria ter ficado esses dias sem entrar em contato com eles, à não ser para mandar aquela mensagem avisando que iria viajar e outra um pouco antes de sair de Portland dizendo que estou retornando. Ouvir suas vozes e saber que poderia contar com eles provavelmente teria me deixado mais tranquila.

Eu ainda tenho que reaprender muitas coisas no que se refere a relacionamento e uma delas é me permitir apoiar em meus companheiros quando precisar.

Não são nem onze da manhã quando chegamos ao condomínio em que moro em Soho. Viro para apanhar minha mala no banco de trás, porém, Natham é mais rápido e salta do carro antes que eu possa detê-lo.

— Está roubando minha bagagem por acaso? – brinco, seguindo-o.

— E eu tenho cara de quem quer roubar alguma coisa sua? – debocha.

— Então pode devolver?

— Eu vou levar lá para cima.

Sorrio. Seu lado gentil nunca muda.

— Não precisa, Nam. Obrigada. – insisto – Eu consigo levar sozinha.

— Só estou tentando ser educado, ok?

Ele não vai desisti até eu dizer que sim.

— Sei, sei. – reviro os olhos e sorrio – Tudo bem, senhor educação, pode levar a minha mala. Como recompensa, vou dar uma dose daquele conhaque que eu comprei e ainda não abri. Sinta-se honrado de ser o primeiro, hein?

— Opa! Isso sim que é recompensa. Levo até seis malas, se você quiser.

Dou um tapinha em seu ombro.

— Não tinha a necessidade de levar nem essa, mas, como eu sou uma boa

amiga, não vou chutar você e ainda darei um aperitivo de bônus.

— Ser educado tem suas vantagens.

Caminhamos juntos e cumprimentamos o zelador, que lança um olhar esquisito para nós, e que eu ignoro; entramos no elevador, um ao lado do outro.

— Posso perguntar uma coisa? – Nam se pronuncia de repente.

— Claro.

— Quando pretende contar aos seus.... Namorados? Bem, aos caras com quem está saindo toda a história?

Encaro o meu reflexo nas portas de metal uns segundos, pensativa.

— O mais depressa possível. – respondo – Já adiei demais essa conversa.

Meu amigo balança a cabeça concordando. Sinto sua mão em meus cabelos.

— Estou orgulhoso de você.

Fico encabulada com seu comentário e sem saber o que dizer. Natham apenas sorri para as minhas bochechas coradas e me empurra levemente para fora no instante em que as portas do elevador se abrem no meu andar.

Ainda processando suas palavras e o que representam para mim, tomo um susto ao encontrar Elliot e Christopher parados em frente a porta do meu apartamento. Paraliso momentaneamente. O que eles fazem aqui? Quero dizer, tudo bem que eu queria muito vê-los e avisei que estaria voltando, mas não imaginei que viriam tão rápido. Além disso, já faz quase um mês que dei acesso livre aos dois e, assim como Natham e Daniel, eles podem entrar quando quiserem. Não apenas no prédio, mas no apartamento também.

Então por que estão do lado de fora?

Nós nos observamos. A presença de Nam é estranha, embora Chris já o conheça de outros tempos e eu o tenha citado algumas vezes. A questão aqui é que estamos chegando juntos de uma viagem que eu sequer dei indício de

que iria acompanhada. Por isso, entendo a tensão que se formou ao nosso redor.

As expressões apreensivas de Elliot e Christopher inquietam meu coração ainda mais. Claro que não é o que provavelmente estão presumindo, mas não posso culpa-los se o fazem. Mesmo que eu diga e repita que é apenas um amigo próximo e querido, além de ex-cunhado, é aceitável todo o receio que sentem.

Será que estão pensando que posso trocá-los por um relacionamento monogâmico? Como se fosse possível eu querer outra pessoa que não eles.

Não expressar nossos sentimentos tornou a nós três inseguros.

Continuamos encarando uns aos outros no silêncio do corredor. Eu queria encontrar o momento certo para enfim revelar essa parte da minha vida que até então mantive escondida, porém, acho que não existe esse tal de momento certo.

— Você não pode mais adiar essa conversa, Yan. Você tem que contar a eles.

Natham diz e eu concordo. Não posso e não quero mais adiar.

— Contar o que? — Elliot indaga, hesitante.

O tom trêmulo de sua voz me parte em duas, assim como o olhar desorientado de Christopher. Não gosto de vê-los assim. Não suporto machucá-los.

Mas eu mudarei isso.

Sem dar importância para o que os dois ali parados possam pensar, Nam beija a minha testa e sussurra para que eu ligue caso precise de alguma coisa.

A covarde em mim gostaria que ele ficasse, mas essa é uma conversa que devo enfrentar sozinha. É algo que devo compartilhar com Christopher e Elliot sem a presença de mais ninguém. Será um momento íntimo e inteiramente nosso.

Natham e os meus amantes trocam um último olhar antes de ele dar as costas e desaparecer entre as portas do elevador. Sozinha com os dois, respiro fundo e ajeito a alça da mala na mão. Caminho devagar até a porta e a destravo.

— Por favor, entrem.

Elliot e Christopher se encaminham para a sala, acompanhados por mim.

— Querem beber alguma coisa? – pergunto, um tanto agitada.

Ambos negam e caímos na quietude de novo. Pois é, não terá oportunidade para preparações. Na verdade, se houvesse, eu possivelmente não iria querer.

Sob seus olhares atentos, inspiro o ar com força, soltando-o da mesma forma.

— Eu disse que, quando chegasse a hora certa, explicaria tudo. Não é? – os dois consentem – Sei que demorou mais do que deveria, mas, por vários motivos, eu ainda não estava pronta para falar. Eu agradeço pela paciência.

— Você não tem que agradecer nada, Yan. – Chris diz com sorriso tímido.

— Iríamos respeitar o seu tempo mesmo que não pedisse. – Elliot acrescenta.

— De qualquer forma, muito obrigada.

É agora. Não irei mais fugir.

Pego o porta-retratos na bolsa e suspiro ao observar a imagem de nosso casamento. Dirijo-me até o sofá onde os dois estão sentados e então paro diante deles. Nós nos entreolhamos e, assim que estendo a fotografia para que veja, tanto Christopher quanto Elliot arregalam assustadoramente os olhos.

— Você foi casada? – o moreno balbucia.

Balanço a cabeça consentindo. Dois pares de olhos estão cravados em mim.

— O nome dele era Bryan Stewart. E, sim, ele era o meu marido.

Meu olhar pousa sobre a foto em suas mãos novamente e uma longa

respiração me escapa. Permanecemos os três calados durante vários minutos, observando a foto que Christopher segura. A atmosfera não poderia ser mais densa. Sinto a tensão pesar sobre os meus ombros como pedras.

Tomando a iniciativa, Elliot põe a mão em meu pulso e indaga:

— Como assim ele *era* seu marido? Vocês se separaram?

Tomo um segundo para me acalmar. É agora. O que vim escondendo deles, o meu passado doloroso, enfim confesso após um suspiro:

— Não. Ele... Ele faleceu há cinco anos.

Se eu achava que não era possível que arregalassem mais os olhos, o que acabo de dizer provou o contrário. Seria engraçado se a situação não fosse trágica.

— Faleceu? Isso quer dizer que...

— Você é viúva, Yan?! – Chris murmura, espantado.

Mais uma vez, balanço a cabeça. Ambos me observam em silêncio. Um silêncio tão profundo que chega a ser intimidante; ciente de que preciso ser franca com eles para que possamos levar nossa relação em frente, sento entre ambos e respiro profundamente. Não demoro em apanhar novamente a fotografia.

Vislumbro-a rapidamente antes de começar a contar.

— Nós nos conhecemos na faculdade, na época em que sua família ainda morava fora dos Estados Unidos. Natham, o homem que estava comigo lá fora até agora a pouco, é o irmão mais novo dele e meu ex-cunhado. Nós fomos ao memorial em Portland. Ontem, como eu disse, fez cinco anos desde a sua morte.

Tanto Elliot quanto Christopher assentem, visivelmente pasmos e desconcertados. Não esperavam que Natham fosse um “membro da família”. Nem teria como desconfiar disso, sendo que nunca dei a entender algo desse tipo.

Vejo em seus rostos que estão arrependidos de terem presumido o pior e dou-lhes um pequeno sorriso, demonstrando que está tudo bem. Logo volto a dizer:

— Ele era dois anos mais velho e estávamos no mesmo prédio. Eu tinha apenas dezenove anos na época. Bryan era fotógrafo, assim como você, Chris. – dou uma risadinha – Amava o que fazia. Às vezes dizia que era mais apaixonado pela fotografia do que por mim. E eu sempre fingia ficar com ciúmes.

Lembro das brincadeiras que costumava fazer e em como eu mentia dizendo que, se ele amasse tanto suas fotografias, deveria ter casado com elas. Claro que nunca falava seriamente. Jamais iria competir com a sua paixão profissional.

Bryan tinha amor o suficiente para tudo em sua vida.

Percebendo que minhas emoções começam a aflorar graças à essas recordações, engulo em seco e me controlo para continuar falando. É tão difícil reviver.

— Namoramos por três anos e, no impulso, decidimos casar. Nossos pais ficaram surpresos com a decisão repentina, diziam que éramos muito jovens, mas estávamos apaixonados demais para considerar qualquer opinião contrária ao nosso casamento. Tínhamos algo muito forte. Era surreal de tão intenso.

“Tão surreal quanto o que eu sinto por vocês”, penso ao ver os semblantes levemente tristonhos dos dois. Eu ainda direi o que preciso. Mas cada coisa ao seu tempo. Primeiro, irei partilhar essa parte escondida da minha vida.

— Nos casamos quando me formei na faculdade, dois meses depois. Ele com 24 e eu com 22. E então, em pouco tempo, fomos morar em Portland com a sua família. Foi uma mudança e tanto, só que eu estava disposta a tudo por ele. Vivemos em uma pequena casa perto dos meus sogros durante um ano. Finalmente conhecemos Daniel pessoalmente e nos tornamos ainda mais amigos. Natham também fazia parte do grupo. Éramos inseparáveis.

— Agora entendo porque Daniel foi tão cauteloso em vir falar conosco.

Eli comenta e eu assinto. Amo Daniel pelo grande amigo que ele é e, mesmo tendo ficado um pouco surpresa com sua reação negativa ao lhe contar sobre o meu novo relacionamento, entendo perfeitamente seu receio.

Dani só estava cuidando de mim, como sempre.

— Você disse que Bryan era fotógrafo, certo? – Chris questiona, chamando a minha atenção – Ele trabalhava com isso? Digo, assim como eu ou...

— Primeiro, ele trabalhou para uma empresa. Mas não demorou muito para que se aventurasse como freelancer. Eu já escrevia, mas ainda era uma novata. As coisas só foram se ajustando e melhorando com o passar dos meses.

E finalmente, a parte que eu menos gostaria de contar chega. Mas é inevitável. Mesmo que me doa profundamente entrar de novo nesse assunto, se quero seguir inteira ao lado deles, tenho que falar. Esse é um pedaço de mim.

Respirando fundo pela milésima vez desde o início dessa custosa conversa, encaro a fotografia em minhas mãos e prossigo:

— Os trabalhos dele começaram a ganhar reconhecimento, especialmente os jornalísticos. Por isso, ele foi convocado para fazer parte da equipe de um jornalista correspondente na Síria, no auge da guerra civil, em 2014.

— O que? – soltam em uníssono, alarmados.

Faço um gesto com a cabeça. Continuo:

— Eu fui contra, claro. Não concordava de jeito nenhum com a ideia de o meu marido ir para um conflito como aquele. Mas Bryan era teimoso. Disse que ficaria tudo bem, que já havia ido à outras áreas de confronto e que os soldados estariam junto com a equipe o tempo todo. A região para a qual foram designados não estava no centro dos ataques e que seria apenas por uma semana. Ainda assim, eu fui contra. Algo lá no fundo pedia que eu o detivesse.

Pressiono os lábios um contra o outro, tentando conter o choro. Minha garganta se fecha com um nó. Recordar meu erro é como enfiar uma faca em meu peito.

Contar essa história faz a ferida que nunca cicatrizou sangrar e doer ainda mais.

Sentindo a primeira lágrima rolar pela bochecha, respiro profundamente para engolir penosamente o choro que a cada segundo me vence e balbucio:

— No final, ele acabou indo mesmo contra a minha vontade. Nós discutimos feio na noite anterior... E Bryan viajou sem que fizéssemos as pazes. Antes de ir, ele disse que me amava e eu, por pura birra, não respondi.

Meu peito sobe e desce apressado. Já não sou capaz de segurar a tristeza acumulada em meu interior. Com a voz trêmula e a garganta ardida, sussurro:

— Três dias depois.... Houve um ataque na cidade onde eles estavam acampados com o exército... – aperto o porta-retratos com força contra o peito, sentindo as lágrimas doloridas descerem pelo rosto – A equipe de reportagem foi atingida.

— Yan...

— Ninguém sobreviveu. – termino – Nem mesmo o meu marido.

Escondo o rosto entre o peito e a fotografia, e deixo que o choro venha forte. Que minha dor transborde em meio aos soluços altos e descontrolados.

Eu definho lenta e dolorosamente por intermináveis segundos.

— Quando eu recebi a notícia, o meu mundo desabou. Mais do que a dor de o perder, fui consumida pelo remorso. Por que eu simplesmente não disse que o amava? – minha voz sai quase um grito agoniado – Eu fui tão estúpida!

— Yanna...

— Vocês conseguem imaginar como me senti? – retruco angustiada. As lágrimas encharcando a gola da minha blusa — Embora eu pudesse dizer

milhares de vezes que o amava, ele não estava mais vivo para escutar nenhuma delas!

Subitamente, os braços de Christopher e Elliot me cercam fortemente. Fecho os olhos e suspiro esgançado com o calor de seus corpos contra o meu, tão acolhedores e gentis. Por um longo instante, ficamos os três abraçados em silêncio. O carinho em meus cabelos acalenta minha alma ferida.

— Não precisa continuar, Yan. — Chris murmura sutilmente — Não se force.

Nego com veemência. Tenho que continuar.

Já cheguei até aqui e irei terminar de explicar tudo. Eles merecem isso.

Ainda um pouco vacilante, afasto-me de seus braços protetores e amorosos, e seco rapidamente algumas lágrimas. Respiro fundo uma e outra vez.

— Depois que tudo aconteceu, eu prometi a mim mesma que não deixaria outro homem entrar em meu coração. — volto a dizer — Além de não querer passar por todo aquele sofrimento de novo, não achava justo que eu dissesse “te amo” para outro quando não fui corajosa o suficiente para dizer ao Bryan antes de partir. E também foi por essa razão que prometi que jamais voltaria a me envolver com um fotógrafo ou homem de olhos azuis, pois, sempre lembraria...

— Dele. — Eli comenta e Chris concorda — Agora tudo faz sentido.

— O remorso foi o meu companheiro e me assombrou durante os três primeiros anos. Parei de escrever, pois não tinha mais criatividade ou inspiração para nada. Me fechei para o mundo. Daniel e Natham, além dos meus sogros e a minha família, me ajudaram a levantar e juntar os meus cacos. Aos poucos voltei a fazer alguns rascunhos, porém, longe de ser algo bom. Foi então que...

— Você começou a inventar seus “personagens”?! — Chris intuí e eu consinto.

— Exatamente. Foi a maneira que encontrei de proteger a mim mesma e voltar a ter inspiração. Enquanto eu estivesse fingindo ser outra pessoa,

estaria tudo bem. E eu vivi dessa maneira nos últimos dois anos, até conhecer vocês.

Observo-os fixamente. Meu coração trovejando dentro do peito. Bate tão rápido que posso escutar nitidamente. Ou será que são as batidas de Elliot e Christopher?

— Sei que não é uma justificativa, mas.... Agora entendem o porquê de eu ter feito tudo o que fiz? Nos outros encontros casuais que tive e que menti o meu nome, não foi mais do que sexo. Só que com vocês... Depois de tanto tempo.... Eu comecei a sentir algo, me apaixonar, e mesmo com medo queria experimentar todas aquelas emoções outra vez. Queria apenas voltar a sentir.

Eli acaricia suavemente os meus cabelos e beija a lateral da minha cabeça. Chris faz o mesmo do outro lado.

Um calor gostoso me preenche por dentro.

— Então, apesar de todas as mentiras e saber que estava errada, não consegui dar um fim aos nossos encontros. Eu queria mais e mais de cada um de vocês.

— E conseguiu. – Christopher murmura com carinho.

— Conseguiu tudo de nós. – Elliot completa.

Inevitavelmente um sorrisinho me escapa. Sinto-me querida.

Sim, eu realmente consegui, como eles também conseguiram tudo de mim.

— Ainda assim, foi errado. — justifico — No momento em que eu percebi que estava sentindo mais do que atração, eu deveria ter contado a verdade e...

Christopher pousa o dedo indicador sobre meu lábio, calando-me de repente. Meus olhos vão dele para Elliot, e então o moreno declara:

— Apesar da surpresa, nós também ficamos muito felizes em descobrir que estávamos envolvidos com a mesma mulher. Sei que a nossa reação não foi

das melhores e que a insultamos naquele momento, mas.... No fundo, mesmo com toda a insegurança, sabíamos que estávamos perdidamente apaixonados.

— Também erramos em não contar que estávamos noivos. — Elliot dita — Tal como erramos em dizer todas aquelas asneiradas sem ao menos saber pelo o que você passou. E céus, baby! Você é uma mulher tão forte. Tão.... Incrível.

Dou risada com sua declaração. Não considero que eu seja tudo isso.

— Na realidade, eu sou uma mulher muito fraca. Vivi em um emaranhado de mentiras por tantos anos porque não era capaz de lidar com a minha verdade.

— Claro que não! Você é simplesmente admirável. Poucas pessoas aguentariam o que aconteceu contigo. Acredite ou não, você é uma vencedora.

— Talvez, se eu não conhecesse vocês, ainda estaria daquela forma...

— Sweetie, não importa o que poderia ter sido. O que importa é que nós nos conhecemos e estamos juntos. — Christopher pega minha mão e a beija.

Uma felicidade desmedida preenche-me por completo. Chris tem razão. O importante é que eu os conheci e estou vivendo como a pessoa que realmente sou. Não Rebecca, Poliana, ou tantos outros nomes. Apenas Yanna.

Somente Yanna.

Entrelaço os meus dedos aos de Elliot e Christopher. Mais aliviada por ter colocado tudo para fora, seco o rosto com a manga da blusa que estou usando e inspiro e expiro o ar lentamente. Fico mais calma.

Meus dois companheiros prosseguem com suas carícias e lembro que tenho mais um ponto a esclarecer em meio a tantos outros.

— Antes que perguntem, eu gostaria de dizer que fui embora aquele dia do apartamento de vocês por causa da música.

— Nós presumimos que tivesse sido. — Elliot responde — Mas por quê?

— Bryan me pediu em casamento com aquela música. — suspiro —
E eu sempre escuto no dia de seu memorial. Por isso, ouvi-la estando envolta em tanta felicidade naquele momento, fez com que eu me sentisse culpada. Ah, e também percebesse que precisava me despedir de uma vez por todas dele para seguir em frente.

— Você o amou muito, não é? — Christopher questiona em um murmúrio.

— Sim. — observo a foto agora posta na mesinha ao lado do sofá e sorrio —
Eu o amei mais do que alguém poderia amar e fui muito feliz ao lado dele.

Dando um impulso nos joelhos, levanto e fico de frente para os dois ainda sentados. Mais do que contar sobre o meu passado, eu também decidi que nunca mais pagarei o preço ou carregarei o peso de uma palavra não dita. Logo, todos os “eu te amo” que reprimi ao longo de todos esses anos, eu direi a partir de agora.

Tanto Christopher quanto Elliot, quietos, me encaram. Reunindo toda a determinação em mim, começo a falar novamente:

— Ainda que a nossa relação estivesse me fazendo muito feliz, a verdade é que eu não estava inteiramente nela. O dia em que ouvi aquela música foi o que me fez entender isso. Como eu expliquei, eu precisava me despedir do Bryan e foi exatamente o que fiz ontem no seu aniversário. Afinal, para seguir em frente, eu tinha que deixar o passado para trás. Sim, eu o amei muito, mas...

Eles assentem, ainda calados. Minhas mãos suam de nervoso. Dizem que há coisas na vida que você nunca esquece quando aprende, como andar de bicicleta, por exemplo. Expressar nossos sentimentos também deveria ser, mas, durante toda a nossa vida, somos obrigados a reprimi-los por vários motivos e nos tornamos quase crianças aprendendo a falar outra vez quando queremos exteriorizá-los. É exatamente assim que me sinto, como uma criança inexperiente.

— Desde o início, nasceu algo muito especial entre nós. Mesmo quando para mim era apenas atração, ou assim eu acreditava. Houve uma conexão tão forte e... Inexplicável. Foi surreal. Quase como se... Se fosse mesmo para

acontecer...

Me embolo toda. Merda! Estou de fato nervosa.

— Bem, o que eu quero dizer... O que eu quero dizer aos dois é...

A expectativa é notável em seus lindos rostos; eles também estão de pé.

Meu coração bate muito, muito rápido. E então, num ímpeto de coragem...

— Eu amo vocês! – enfim confesso – Demorei tanto para admitir os meus verdadeiros sentimentos, contudo, eu não irei mais detê-los. Quero viver intensamente esse relacionamento e é por isso que digo: eu amo vocês, Christopher e Elliot. E se contei toda a história do meu passado é porque eu quero estar inteiramente com vocês a partir de agora. De corpo e de alma.

Sorrio emocionada ao notar as lágrimas em seus olhos azuis e castanhos.

— O meu coração é de vocês. E mesmo com todas as minhas falhas, eu espero que o aceitem, pois estou entregando-o completamente com tudo o que sou.

Estáticos em meio a minha sala de estar, Eli e Chris observam-me atentamente, ambos em prantos. Minha confissão realmente impressionou-os.

Acho que a circunstância num geral foi impressionante.

A falta de reação até poderia me preocupar, se não estivesse tão claro para mim os sentimentos que brilham em seus olhos úmidos de emoção.

A mistura perfeita de azul e castanho que eu tanto amo.

Subitamente, sou engolida por seus braços e enchida de beijos. Seus lábios estão em todos os lugares e eu rio extasiada com tanto amor. Sim, amor.

Porque, mesmo não dizendo, eu sei que eles me...

— Nós também amamos você. – dizem juntos, cada qual em um

ouvido meu.

Aperto-os ainda mais e deixo que as lágrimas, agora de alegria, deslizem pelo meu rosto. Um sorriso se alarga em meus lábios. Finalmente, nós dissemos.

Eu não acredito que consegui dizer!

Ficamos abraçados por vários minutos, apenas apreciando o calor um dos outros. Mas não demora para estarmos nos beijamos, os três, imersos em sentimentos tão nossos. Em amor.

Logo que nos separamos, Christopher caminha até a mesinha e pega a minha foto de casamento. Parada, só observo. Não sei o que pretende ficando ao lado de Elliot, porém, sinto o meu peito agitar quando eles seguram juntos o porta-retratos e dizem olhando para a imagem de Bryan:

— Nós iremos amá-la e protegê-la como você infelizmente não pôde. Yanna é uma mulher extraordinária e merece todo o amor que somos capazes de oferecer a ela.

— Bryan, onde quer que esteja, saiba que iremos fazê-la muito, muito feliz.

Outra vez me debulhando de chorar, vislumbro-os com a pulsação a mil. Elliot coloca a foto de volta na mesinha e se aproxima juntamente com Christopher em seguida. Tomando delicadamente minhas mãos e encarando profundamente meus olhos, ambos perguntam:

— Yanna, aceita ser a nossa namorada?

Incapaz de pronunciar uma palavra sequer, balanço freneticamente a cabeça e me jogo sobre eles, que me acolhem.

Finalmente, eu sou completamente deles.

Capítulo 18

ELLIOT

Faz uma semana desde que começamos a namorar oficialmente com Yanna.

Uma semana desde que revelou seu passado doloroso e que fizemos aquela promessa ao retrato de Bryan, que daremos tudo o que podemos oferecer a ela. Christopher e eu ficamos realmente emocionados com sua confissão e, motivados por ela, conseguimos finalmente declarar os nossos sentimentos.

Dizer que a amamos.

Olhando para ela, tão serena em seu sono, mal consigo acreditar que ela passou por tudo o que nos contou. Perder a pessoa que ama e ainda mais daquela maneira, conviver com a culpa e o ressentimento de não ter dito o que queria por tantos anos...

Céus! Eu não consigo sequer imaginar o quão difícil deve ter sido isso.

Se eu estivesse em seu lugar, não sei o que faria. De verdade. Por essa razão, eu não tenho palavras para expressar o quanto minha amada mulher de cabelos coloridos é a pessoa mais fantástica do mundo. Afinal, independentemente do que fizera para se reerguer, ela conseguiu e hoje está ao nosso lado, sorrindo e amando outra vez.

Sendo feliz e fazendo a nós dois muito felizes também.

Christopher se remexe do outro lado da cama e dou risada com sua tentativa inconsciente de alcançar Yanna e eu com sua perna comprida. Ele resmunga e vai abrindo lentamente os olhos. Sorrio ao ter sua atenção sobre mim e estico a mão para tocar seu rosto amassado pelo colchão. Com a voz ainda rouca, Chris murmura:

— Bom dia, cabecinha loira.

Rio debochado e respondo:

— Bom dia.

— Que horas são?

— Da última vez que eu conferi, era quase sete da manhã. Deve ser sete e meia agora.

— Ok. Dá tempo de eu fazer o café da manhã antes de você sair.

— Obrigado amor.

Christopher despreguiça e eu enfim tomo coragem para levantar da cama. Olho mais uma vez para Yan adormecida e não tenho qualquer vontade de interromper seu sono.

— Ela passou a noite escrevendo de novo. Vamos deixa-la descansar mais um pouco. — Chris diz, cobrindo-a com o lençol e dando um beijo em seus cabelos — Antes de você ir, eu venho chama-la para se despedir.

— Tudo bem.

Faço o mesmo em sua bochecha, arrancando um resmungo sonolento e encantadoramente fofo, e saímos silenciosamente do quarto.

— E então, amor, você já arrumou o que precisa levar? — indaga, pegando-me por trás e também beijando meus cabelos. Eu consinto — Certeza?

— Sim. Eu listei tudo antes de arrumar a mala.

Passarei quatro dias em Seattle para duas apresentações no 5th Avenue Theatre. É quase como um pequeno festival de dança, visto que outras companhias também irão participar ao longo dessa semana.

— De qualquer forma, devo conferir para você? — ele insiste.

— Honestamente, eu prefiro que faça aquelas panquecas com calda de framboesa. Estou faminto e querendo demais comê-las.

Christopher ri e aperta o corpo contra o meu. Seu quadril roçando em mim é uma tentação. Especialmente quando sinto, mesmo flácido, seu pênis resvalar de leve em minha bunda. Sério, eu queria que estivéssemos nus agora.

— Meu namorado é tão guloso. — sussurra de maneira provocante bem perto da minha orelha e sorri ao notar como eu arrepio de tesão.

— Você vai pagar por isso, guarde as minhas palavras.

— Vou esperar ansiosamente. — beija minha nuca — Ah, e a Yanna também.

Querendo sua boca na minha, viro e o abraço pelo pescoço. Nossa diferença de altura não é absurda, mas, admitindo ou não, sou uns bons centímetros mais baixo. Uns cinco ou seis, provavelmente. O que me obriga a levantar a cabeça sempre que quero beijá-lo. Só que não dou a mínima.

Às vezes, eu gosto de ser subjugado pela altura dele.

— Nunca pensei que diria isso, mas.... Eu realmente queria ficar em casa.

— Elliot Park colocando o trabalho em segundo plano? O que está acontecendo?

Chris brinca e dou risada. No entanto, meu sorriso logo se desmancha. Mais do que a saudade que sentirei dos dois, a história com a Emma ainda me assombra. Será a primeira vez que viajaremos juntos desde que suas investidas começaram e eu não sei como farei para lidar com ela. Ou mesmo se terei paciência.

Quero dizer, ela e o restante da companhia sabem que Vince e eu temos nossas “aventuras sexuais” durante essas viagens. Melhor colocando, tínhamos. Bem, Vi possivelmente vai continuar, mas eu estou fora dessa. Afinal de contas, Yanna é a única mulher que desejo sexual e emocionalmente em minha vida, logo, não há sentido em procurar outras. E eu nem iria querer.

No entanto, temo que Emma possa tentar alguma coisa tendo esse fato como

desculpa. Bem, eu espero que não.

Minha sorte é que devido à falta de assentos, o diretor Adam teve que dividir os bailarinos em dois grupos, e o de Emma viajou antes. O que me poupou de precisar lidar com a sua presença dentro do avião. Pelo menos isso.

Mas o problema não termina aí. Na realidade, o problema está longe de terminar se eu não tomar uma atitude e rápido. Depois que Yanna confidenciou seu passado conosco, sinto-me ainda mais determinado em dar um fim nessa brincadeira de gato e rato que já durou tempo demais. E é o que farei.

Se nossa namorada foi corajosa em compartilhar uma parte tão dolorosa de sua vida conosco, o mínimo que eu posso fazer é tomar vergonha na minha cara e, além de contar toda a verdade para eles, dar um basta em Emma e seu assédio.

— Eli, está tudo bem? — ouço Chris questionar, chamando minha atenção.

— Ah, sim. Só estava passando mentalmente se coloquei tudo na mala ou não.

Perante seu olhar profundo, eu minto mais uma vez. Que merda! Sendo sincero, eu nem sei porque ainda me dou ao trabalho de fazê-lo, afinal, apenas um idiota acreditaria que alguém como ele não suspeitaria de que há algo errado.

Eu sou muito patético.

Jogando esse problema de lado, pela milésima vez, dou-lhe um beijo.

— Por isso perguntei se você não queria que eu conferisse. — aperta meu queixo.

— Não. Está tudo bem. Tenho certeza de que coloquei tudo o que eu vou usar.

— Então vá tomar banho, que irei fazer as panquecas e agilizar a calda.

— Obrigado.

Beijo-o e entro no banheiro do quarto de práticas para não acordar Yanna.

Vinte minutos depois, devidamente vestido para viajar, sento na banqueta do balcão e fico observando Chris se mover de um lado para o outro na cozinha. O cheiro das panquecas e da calda acordam o meu estômago faminto, que ronca pedindo comida. Meu namorado dá um sorrisinho e murmura que está quase pronto.

Para passar o tempo, puxo assunto:

— Eu estava pensando em levar a Yanna para conhecer a minha mãe. Agora que estamos realmente namorando, acho que é o melhor momento para isso.
— comento — Além disso, eu gostaria que essa viagem fosse especial. Passarmos algum tempo juntos e despreocupados seria muito bom.

— É uma ótima ideia. Digo, passar um tempo juntos. Mas, não vai pegar sua mãe de surpresa? Quero dizer, na última visita, você tinha um namorado e agora tem uma namorada também? Sei que sua mãe é uma pessoa incrível, só que.... Vai ser um pouco chocante se aparecermos lá sem qualquer aviso prévio, não?

— Eu meio que estou dando indiretas já faz algumas semanas. Também falei muito sobre a Yan, então acredito que tenha uma vaga ideia do que está acontecendo. Irei conversar com ela pelo Skype enquanto estiver viajando e serei franco. Vou abrir o jogo e, dependendo do que rolar, marcamos de ir até Hershey um final de semana.

Christopher consente e põe o prato com panquecas sobre o balcão. O aroma é de dar água na boca. Não duvido que o sabor esteja também.

Ele é um cozinheiro incrível.

Sirvo duas panquecas para mim e derramo uma grande quantidade de calda de framboesa. Depois de devorar um pedaço que me leva aos céus, questiono-o:

— Você acha que a Yan vai gostar da ideia? Ou será que estou apressando as coisas? Fico pensando se não é um passo muito grande, afinal, só passou uma

semana.

— Bom, só vamos saber perguntando a ela.

— Perguntando o que para quem?

A voz de Yanna soa de repente na cozinha e sorrimos ao vê-la cambalear sonolenta em nossa direção. Os cabelos coloridos desgrehados e a calcinha de algodão azul, a única peça que está vestindo, são uma combinação pra lá de excitante. Tanto que sinto a braguilha da minha calça subitamente apertada.

Seus pequenos e arrebitados seios balançando conforme se aproxima é um convite para que eu os tome em minha boca e, outra vez, eu queria ter mais tempo para ficar em casa e apreciá-la juntamente com Christopher.

Os dois juntos.

— O que vocês estão comendo? Huuumm.... Parece gostoso. – Yanna rouba um pedaço da minha panqueca com calda e enfia na boca, suspirando deleitosa.

— Vem aqui, espertinha. – puxo-a pela cintura e ela cai sentada sobre o meu colo – Então, você acha que pode sair pegando o café da manhã dos outros e sair impune? Huh, eu acho que não. – olho para Christopher – O que devemos fazer?

— Ela merece um castigo. – ergue uma sobrancelha, fingindo estar pensativo – Cócegas na barriga ou nos pés? Qual seria melhor?

— Nem um e nem outro. – Yan contesta – Sabem que eu odeio cócegas.

— Não é o que parece quando você está se contorcendo de tanto rir. – cutuco de leve sua barriga, ganhando uma risadinha – Preciso dizer que você é muito fofa?

— Precisa sim. – passa os braços em volta do meu pescoço, beija meu queixo e então olha para Christopher – Vocês dois precisam. Porque, afinal, é isso o que eu sou.

— Modesta também, devo dizer. — Chris caçoa — Mas não deixa de ser verdade.

Nosso namorado dá a volta no balcão e abraça a nós dois. Ele beija o pescoço de Yanna e depois a minha bochecha. Apesar de gostarmos da nossa namorada independente e entusiasmada, também gostamos do seu lado manhoso as vezes. É uma faceta que somente nós podemos ver.

— A propósito, do que estavam falando? — Yan pergunta, ainda em meu colo.

Hesito por um instante. Será que é um bom momento? Foi apenas um comentário aleatório com Chris, mas, eu verdadeiramente gostaria que elas se conhecessem.

Ficaria muito feliz.

— Bem. — bebo um gole do café — Eu estava pensando em leva-la para conhecer minha mãe.

— Sua mãe?

— Sim. Eu sei que é um pouco cedo, já que começamos a namorar faz apenas uma semana, mas acho que é um bom momento para apresenta-las. Ela mora em Hershey.

Yan permanece calada, pensativa.

— É apenas uma ideia. — prossigo — Além disso, seria uma ótima oportunidade para passarmos um tempo relaxando na praia.

— Mas, a sua mãe não vai achar estranho.... Como posso dizer? Eu ser a sua namorada, sendo que você já tem um namorado?

— Nossa sogra é uma mulher adorável e muito compreensiva, Sweetie. — Christopher se pronuncia — Claro que o Eli vai conversar com ela antes de irmos. Afinal, seria mesmo chocante o filho dela chegando com dois namorados do nada.

— Já andei falando de você para a minha mãe, baby. Como comentei com

o Chris, provavelmente ela faça alguma ideia do que está acontecendo. Mas, de qualquer forma, falarei com ela por Skype durante a viagem.

Yanna balança a cabeça e aproveita a chance para roubar mais um pedaço de panqueca do meu prato, mesmo que Christopher tenha servido uma porção para si.

Assim que termina de mastigar e lambe a ponta do dedo (o que me causa certa excitação), ela respira fundo e responde:

— Pois bem. Estou disposta a conhecer... - suspira e coça a nuca – É um pouco estranho dizer isso.... Enfim, a minha nova sogra. Só espero que ela goste de mim.

Contente com sua resposta positiva, beijo seus lábios com sabor de framboesa e digo:

- Minha mãe irá adorar você. Tenho certeza.

Christopher concorda e ficamos combinados de visitar minha antiga casa em Hershey logo que houver uma oportunidade.

É um passo e tanto.

Com a mala em mãos, despeço-me dos meus namorados, querendo mais do que tudo permanecer em seus braços. Nós três nos beijamos e fico de mandar mensagem assim que chegar ao hotel, em Seattle.

O número de Vince brilha em meu celular e sei que já está esperando lá embaixo. Troco um “Eu te amo” com Chris e Yanna, e saio rumo ao elevador.

Encontro meu melhor amigo escorado na lateral de seu carro e sou surpreendido por seus cabelos, antes de um vermelho intenso, num tom quase cinza de tão platinado.

— O que raios você fez no cabelo? – indago.

— Mudei, ué. — dá de ombros.

— Você sabe que ainda vai acabar careca, não é? – debocho ao entrar no veículo.

— Mesmo careca, eu continuarei lindo.

Joga uma piscadinha e eu faço uma careta. Pior que o filho da puta tem razão.

Mesmo careca, não duvido que continuará bonito.

Vince Bennett é um homem realmente atraente e não estou dizendo por ser bissexual (até porque ele é meu melhor amigo e eu sou muito bem comprometido). Mas eu não sou cego e muito menos hipócrita. É tão patético um homem não reconhece a beleza de outro só porque a sociedade vê como algo errado e rotula como “gay” quem o faz.

A verdade? Todos os homens reparam uns nos outros e não é necessariamente por serem gays. Pode ser por inveja ou simplesmente por considerar aquele cara foda e querer se espelhar nele. A questão é que ninguém quer exteriorizar isso com medo de ser ridicularizado. Tão estúpido.

Vince dá a partida e segue em direção ao Aeroporto Internacional John F. Kennedy. O caminho, como sempre, é cheio de risada e assuntos sem sentido. Meu amigo diz que, assim como eu, também está pensando em parar com seus encontros casuais durante as viagens. E se eu não estivesse sentado, provavelmente teria caído para trás com a surpresa.

Pergunto a ele se tem um motivo para essa decisão tão repentina e sua resposta é um dar de ombros. Conheço Vince bem o bastante para saber que está escondendo alguma coisa. Será que finalmente conheceu uma pessoa legal?

Eu espero que sim.

O voo é tranquilo, sem escalas. Desembarcamos no Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma após seis horas no ar e encontramos Bernard esperando no saguão. Além de Vince e eu, vieram mais cinco pessoas da companhia no mesmo avião. E o coreógrafo ficou responsável de levar todos ao hotel.

O lugar onde estaremos hospedados pelos próximos quatro dias se chama W Seattle. Só a entrada já me dá uma prévia do que encontrarei lá dentro; ao sairmos da van alugada para a nossa locomoção na cidade, caminho ao lado de Vince e os demais bailarinos para realizar o check-in na recepção. Bernard vem logo atrás.

Estou papeando animadamente, curioso para saber como devem ser os quartos desse hotel tão luxuoso, quando a pessoa que eu menos gostaria de encontrar surge bem a minha frente. Respiro fundo e me preparo para ignorar quaisquer que sejam seus ataques. No entanto, o improvável acontece.

Emma passa direto, sem sequer direcionar um de seus olhares insinuantes para mim. Ela simplesmente troca palavras rápidas com Bernard e segue andando ao lado das outras bailarinas, e é quase como se eu não existisse.

Espantado com a mudança drástica de comportamento, pergunto ao meu amigo:

— O que está acontecendo?

— Sei lá. — Vince responde, tão surpreso quanto — Psicologia reversa, talvez?

— Eu não faço a mais vaga ideia. Mas, sendo sincero, espero que fique assim.

— Então, o problema foi resolvido por si só?

Cruzo os braços e encaro a porta por onde ela acaba de sair. Eu vou pagar para ver. Duvido muito que seja esse o caso. Talvez ela esteja apenas disfarçando, já que suas investidas no estúdio só aconteciam depois que todos iam embora e restava apenas nós dois lá. Algumas vezes, com Vince junto. Mas Emma nunca foi cara de pau o suficiente para fazer o que fazia na frente de outras pessoas.

Algo não parece certo. Porém, admito que ficaria aliviado se ela tivesse “espontaneamente” entendido a situação e se dado por vencida. Mesmo que seja mais fácil porcos criarem asas e saírem voando por aí do que isso acontecer.

De qualquer modo, ficarei esperto com qualquer passo em falso que ela der.

Bernard, após fazer nosso check-in e pegar os cartões de acesso, entrega um de cada para as duplas que irão dividir os quartos. Vince e eu, obviamente, estamos juntos mais uma vez; assim que põe o cartão em minha mão, ele repentinamente diz:

— Elliot, eu posso conversar com você mais tarde?

— Claro. – respondo, curioso.

— Nos encontramos no bar, às oito. Okay?

— Tudo bem.

Dá uma batida amistosa em meu ombro e sai caminhando, largando-nos para trás.

— O que será que ele quer? – Vi indaga.

— Eu não sei. Seja o que for, só saberei mais tarde. – dou de ombros – Vamos subir.

Meu amigo concorda e é o que fazemos.

Faltando pouco mais de quinze minutos para as oito horas, desço para o bar do hotel e me acomodo no balcão, próximo da porta. Peço um drink ao *bartender* e dou um gole enquanto observo ao redor. O lugar é bacana, com uma decoração descontraída, bem ao estilo de Seattle. Não há muitas pessoas além de mim, mas acredito que é por conta da baixa temporada.

Não demora mais do que cinco minutos para que Bernard apareça ao meu lado. Guardo o celular de volta no bolso assim que termino de enviar uma mensagem para os meus namorados avisando que estou bem e sorrio para o meu coreógrafo.

— Chegou agora? – ele pergunta.

— Há alguns minutos. Tomei a liberdade de pedir um drink enquanto

esperava.

— Então, eu tomarei a liberdade de pedir um agora. – brinca, chamando o *bartender*.

Uma vez que tem o seu Dry Martini em mãos, Bernard faz sua taça tilintar contra o meu copo e dá um gole servido na bebida; faço o mesmo com a minha e questiono:

— Bem, sobre o que gostaria de falar? Aconteceu alguma coisa?

— Não se preocupe. Na verdade, não aconteceu nada demais. – dá outro gole em sua taça - Eu lhe chamei aqui porque gostaria de propor algo.

— Propor? – franzo as sobrancelhas.

— Sim. Bem, talvez seja um pouco cedo para isso, mas... O que você acha de ficar responsável pela próxima coreografia da companhia?

— O que? – quase engasgo com a bebida e o encaro realmente surpreso.

— Você é o nosso melhor bailarino. Um dos principais e já ajudou a criar parcialmente outras coreografias. Andei conversando com o Adam e concordamos que você merece essa chance. – toca meu ombro — E então, topa ser o responsável pela coreografia completa do espetáculo da próxima temporada?

Por um instante, fico tão paralisado que não sei o que responder.

Eu? Coreógrafo responsável pelo espetáculo da próxima temporada?

Isso é... Wow! Isso é uma honra e tanto.

Bernard solta uma risada, provavelmente da cara de paspalho que estou fazendo, e balança meu ombro de leve como se quisesse me acordar para a realidade.

— Acha que é muito pesado para você?

— Claro que não! – exclamo – E eu, com certeza, aceito. Será um privilégio e

tanto.

— Eu sabia que você aceitaria. — sorri satisfeito — Pode contar com a minha ajuda se precisar, ok? Mas deixarei os movimentos e o conceito ao seu encargo.

— Tudo bem.

— Eu comentei que talvez fosse um pouco cedo para conversarmos sobre isso, porém, é melhor começar a fazer suas pesquisas com antecedência para que tudo dê certo.

— Concordo com você. Quando voltarmos a Nova Iorque, já darei início as pesquisas e vou pensar em um bom conceito para a próxima coreografia.

— Pois bem. Contamos com você.

Consinto, imensamente realizado e agradecido com o convite. Mais uma vez, vejo os esforços do meu trabalho árduo dando frutos e não poderia ficar mais feliz.

Terminamos as nossas bebidas discutindo sobre os detalhes da proposta e eu subo de volta para o quarto depois de mais dois copos de Irish Bomb, e encontro-o vazio. Vince provavelmente foi dar um giro em torno do hotel ou alguma coisa do tipo. Seria um milagre se estivesse dormindo num horário desses.

Apesar de estar “*mais pra lá do que pra cá*”, como diz Yanna, deito (lê-se desabo de qualquer jeito) na confortável cama do hotel e pego o celular no bolso da calça. Sorrindo, digito uma mensagem para os meus dois amores e deixo que o meu braço caia pesadamente em cima da minha barriga. O sono aos poucos vai me vencendo, contudo, não detém o sentimento de felicidade que se espalha dentro do meu peito.

Para essa felicidade ficar completa, eu só preciso fazer uma coisa. Não importa se há muito em jogo, eu farei o máximo para que tudo se mantenha intacto.

O que eu já deveria ter feito há muito tempo.

Na manhã seguinte, ao longo de todo o ensaio no 5th Avenue Theatre, percebo que Emma prossegue com sua tática de me ignorar. De primeira, achei que fosse impressão minha, mas Vince também notou que, fora os momentos que precisamos estar juntos na coreografia, ela está descaradamente correndo de mim.

O que raios deu nessa mulher?

Será que, assim como sugeriu o meu amigo, ela está usando da psicologia reversa? Isso não seria um pouquinho ridículo? O que Emma acha que eu sou?

Uma criança?

Não é que eu esteja sentindo falta de seus ataques e nem nada do tipo. Na realidade, toda essa indiferença me alivia. Mas, convenhamos, depois de tanto tempo agindo daquela maneira, ela parar sem qualquer motivo aparente é para desconfiar.

E desconfiar muito.

Sigo com o ensaio ainda de olho, só que um pouco mais desencanado. Tudo bem que eu disse que pagaria para ver, porém, tudo leva a crer que minha colega de trabalho se deu por vencida em sua batalha unilateral. Ou será que ainda é muito cedo para contar vitória? E gostaria de gritar “*Finalmente!*”, pois já não aguento mais. Só que algo lá no fundo não me permite relaxar como deveria.

— Ela realmente está ignorando você. — Vi comenta só para que eu ouça.

— Você não sabe como eu fico grato por isso. — desdenho.

Meu amigo olha de relance para o grupo de bailarinos onde Emma está, assim como eu, e cruza os braços em seguida.

— Algo não está certo, Elliot.

Respiro fundo e desviou a atenção do grupo, mirando o chão.

— É, eu sei que não. — respondo.

— Por favor, cara, tome cuidado. Eu sinto que isso ainda não terminou.

— Não se preocupe. Eu darei um fim nisso assim que voltarmos.

— Seja rápido, mesmo que já tenha postergado esse assunto por tempo demais.

Apenas consinto ao meu amigo.

Sim, eu preciso dar um fim nisso o mais depressa possível. Porque não estou gostando nem um pouco do mal pressentimento que está subindo minha espinha.

Capítulo 19

CHRISTOPHER

Yoan está voltando para os Estados Unidos.

Recebi seu e-mail semana retrasada, avisando que estaria retornando e agora sem data para ir embora. Pelo o que resumiu na mensagem, ele conseguiu um emprego aqui em Nova Iorque e será o mais novo curador em uma famosa galeria de fotografia contemporânea. Ou seja, ficará responsável pela concepção das obras, montagem e supervisão das próximas exposições de fotografia. Tinha como ser mais foda?

Eu realmente estou feliz pelo meu amigo. É um emprego e tanto. Assim como eu, Yoan gosta de mexer com tudo o que se refere a fotografia, independentemente se é ele que esteja as tirando ou não. E o cargo de curador veio bem a calhar.

Apesar de ser contratado por aquele estúdio italiano, Yoan também não tinha muita estabilidade, uma vez que dividia o trabalho com outros fotógrafos, ganhando a chefia de um ou outro projeto de vez em quando. Então entendo porque ele resolveu largar tudo para agarrar essa vaga. Sem contar que já havia comentado em nossas conversas o quanto gostaria de volta a Nova Iorque, nem que fosse por um tempo antes de sua veia aventureira o mandar para outro lugar nesse grande mundo.

Ao contrário do meu amigo que veio em busca de algo mais estável, eu estou bem com a minha liberdade de freelancer. Por enquanto, é claro. Talvez mais para frente eu também queira me estabelecer, quem sabe. Mas prefiro continuar desprendido para fotografar do jeito que for mais confortável para mim. Afinal, mais do que minha profissão, fotografar é a paixão da minha vida (bem, uma delas).

Enfim, como disse, estou contente pelo novo começo do meu amigo. Só não muito satisfeito porque fui “convidado” a sair de casa às cinco da manhã para vir pegá-lo no aeroporto. E ainda terei que o ajudar a ajeitar o novo apartamento que alugou próximo do distrito de Alphabet City, o que implica em comprar coisas e limpar o lugar (o que é uma ironia, considerando que eu sou o cara mais desorganizado de toda a cidade.).

Resumindo: o meu dia será cheio.

Aceno para o loiro rabugento assim que vejo-o cruzar o portão de desembarque e apertamos as mãos logo que se aproxima. Sorrimos um para o outro.

— Bem-vindo! — digo.

— Valeu.

— O que está sentindo por voltar a morar nos Estados Unidos?

— Eu acabei de chegar, idiota. Então não faço ideia. — revira os olhos e eu dou risada de sua resposta ácida — Mas acredito que não será muito diferente de antes.

— Bom, pelo menos você estará perto dos amigos.

— Não preciso de amigos.

Dou um soco em seu ombro e ambos rimos. É claro que ele está mentindo. Porém, mesmo que eu sabia disso, poderia usar o que disse como uma desculpa para fugir de todo o trabalho que terei que fazer (pena que sou mole demais).

Ajudo-o com as malas e caminhamos para o estacionamento do aeroporto. Diferente de quando cheguei aqui, o Sol está apontando no céu, o que significa que fiquei boas horas esperando o bonitão desembarcar, sendo que eu poderia ter vindo depois.

Mas tudo bem, se trata do meu melhor amigo, afinal de contas.

E eu vou cobrar o favor futuramente.

Com tudo organizado no porta-malas, entramos no carro e eu não levo mais do que um minuto para dar a partida e pegar a rodovia em direção a capital.

— Eu ainda estou para entender como funciona essa sua síndrome. — Yoan comenta — Você não deveria estar enjoado enquanto dirige? Ou algo do tipo?

— Já disse que não é bem assim que funciona. — rio — Quando eu dirijo, não enjoo.

— Qual a lógica?

— A lógica é que estou me concentrando em uma tarefa e acabo não sendo afetado pelos sintomas. — bufo — Caralho, Yoan, já te expliquei isso milhares de vezes.

— É que eu não presto muita atenção. — desdenha.

Tenho vontade de o socar, mas não valeria tanto a pena assim. Além disso, ainda que aparente ser fraco pelo corpo esguio, Yoan é muito bom de briga. E eu sei do que estou falando porque já saímos na mão uma vez há muito tempo atrás.

— Enfim, e o que você faz mesmo para aliviar isso?

— Muitas coisas, na verdade.

Lembro de Yanna comentando que sabia como amenizar os enjoos com massagem nos pulsos porque Bryan também sofria com isso. Sinto-me um pouco incomodado. Não por ciúmes e sim porque não gosto de reviver a dor da minha Sweetie. Ela realmente sofreu maus bocados em seu passado.

Deixamos de lado o papo sobre a minha síndrome de cinetose e engatamos em assuntos mais interessantes.

Percorremos o trajeto até Alphabet City em trinta minutos.

Como o apartamento onde Yoan passará a morar está quase todo mobiliado, pelo o que ele mesmo comentou, ficamos de comprar apenas utensílios

básicos para que possa se estabelecer essa semana e então ir arrumando o restante.

Andamos de um lado para o outro ao longo de toda a manhã.

Quando enfim entramos em sua nova casa, dou uma boa olhada ao redor assim que ponho as várias sacolas no chão. O lugar é espaçoso, confortável e arejado. Os móveis são recentes e a decoração bastante simplista, refletindo o gosto minimalista do meu amigo. Além de ter uma ótima localização.

Yoan acertou em cheio.

— Vamos almoçar antes de começar a arrumação? – meu amigo sugere e eu consinto – Deve ter um restaurante por perto, não?

— Acho que vi um no quarteirão anterior ao seu. Podemos ir até lá.

— Beleza. Largue essas coisas aí no canto e vamos logo comer. ‘Tô morrendo de fome.

Não discordo, porque eu também estou.

O restaurante não fica longe, menos de cinco minutos a pé. Não duvido que será o mais novo ponto favorito de Yoan daqui a alguns dias, mesmo que ele cozinhe tão bem (ou melhor) do que eu; somos recebidos por uma senhora muito simpática, que indica uma mesa vaga próximo ao balcão.

O lugar está relativamente cheio.

Já que está fazendo calor, pedimos sanduíches de bagel com cream cheese, salmão defumado e cebolinha. Um para cada. Eu até gostaria de uma cerveja gelada para acompanhar, mas como estou dirigindo e tenho que voltar para casa ainda hoje, deixarei para outro momento. Me contento com um suco mesmo.

— Como estão os seus namorados? – Yoan pergunta repentinamente.

— Estão muito bem.

— Então, a coisa do trisal deu mesmo certo?!

— Mais do que você imagina. — sorrio ao lembrar dos meus amores.

E acho que é exatamente a minha cara de “bobo apaixonado” que o faz rir.

— Confesso que, de início, duvidei dessa ideia de vocês. Mas depois de tudo o que contou em nossas conversas e vendo essa expressão em seu rosto, bem...

— Eu também tive muitos receios no que diz respeito a esse relacionamento, admito. Só que com o passar do tempo, as preocupações foram indo embora e eu percebi que, sim, é possível amar duas pessoas. Estou muito feliz com o Elliot e a Yanna.

Meu amigo sorri e consente.

Essa é a maneira de ele dizer que está contente por nós.

— Quando começa no trabalho novo? — questiono.

— Na semana que vem. Ainda tenho algumas coisas para resolver.

— Animado?

— Acho que estou mais para ansioso. É um trabalho e tanto, afinal de contas.

— Vai se sair bem, assim como em todos os outros.

— Obrigado.

Rio anasalado de seu constrangimento e volto a comer o meu sanduíche.

Durante alguns minutos, apenas nos concentramos em terminar o almoço.

— Me diz. — viro o que restou do suco que pedi — Já tem planos para uma nova exposição? Ou por enquanto ficará responsável só pelas burocracias?

— Um pouco dos dois. O antigo curador deixou algumas pendências que precisarei resolver, mas já estou planejando algo. Na verdade, idealizando.

— Entendi. Bom, assim que inaugurar sua primeira exposição, me avise.

Yoan se mantém quieto. Trocamos olhares e sou incapaz de segurar uma careta intrigada ao notar a seriedade em seu rosto. Essas mudanças de humor às vezes me assustam. Ele vai da água para o vinho em questão de segundos.

— Christopher, eu estava pensando em esperar até que terminássemos de arrumar o apartamento para falar isso, mas, já que tocou no assunto...

— O que foi?

Recostando na cadeira, meu amigo pousa as mãos cruzadas sobre o joelho e diz:

— Quero indicar você como um dos artistas para a próxima exposição da galeria.

Levo uns segundos para entender suas palavras. Pisco meio atordoado.

— O que você disse? – indago.

— Isso o que ouviu. Quero indicar o seu trabalho para participar da minha primeira exposição como curador. Já havia dito antes que gosto muito da sua perspectiva artística. Você é metódico, refinado, e ainda assim espontâneo. – dá um gole em seu refrigerante — A galeria precisa de mais fotografos com essa visão.

Não sei se fico mais lisonjeado com o convite ou com o elogio.

Eu? Expor em uma famosa e conceituada galeria? Wow! Essa é uma oportunidade e tanto. Sem dizer que estarei explorando um lado do meu trabalho que não faço com frequência, que é a fotografia artística (embora fotografar seja uma arte para mim, não importa o conceito); Yoan é um dos fotógrafos que eu mais respeito e não é só por ser meu amigo. Por isso, eu nem sei o que pensar depois de um convite desses.

“Não pense. Apenas aceite”.

— O que me diz? – ele indaga – Quer fazer parte da exposição?

— Mas é claro que eu quero! – praticamente grito – Será uma honra.

Meu amigo dá risada e balança a cabeça satisfeito com a minha resposta.

— Perfeito! Eu só preciso que você escreva um projeto para mim. Destacando em linhas gerais, o conceito, motivações, etc. Consegue fazer isso?

— Sem problema nenhum. Para quando?

— Te darei o prazo de um mês para montar tudo. Depois que eu resolver o que está pendente, terei uma reunião com o pessoal e apresentarei os projetos dos artistas que selecionei, incluindo o seu.

— Beleza. É tempo o suficiente.

— Pois bem.

O loiro estende a mão por cima da mesa e eu a aperto. Sorrimos.

— Estarei esperando seu projeto, fotógrafo Christopher Hayes.

— Lhe darei o melhor, curador Yoan Collins.

Mal posso esperar para contar essa novidade a Yanna e Elliot.

Meu amigo e eu trabalhamos em seu apartamento ao longo de toda a tarde. Seu estúdio e escritório é o cômodo que exige mais de nossa atenção, uma vez que temos que montar equipamentos e arrumar vários outros detalhes. O que, graças ao perfeccionista do meu amigo, leva mais tempo do que imaginávamos.

Ponho a muda limpa de roupa que trouxe logo que saio da ducha e estou pronto para pegar o caminho de casa. Já anoiteceu e meus dois namorados estão esperando por mim. Além disso, depois de tanta arrumação, eu só quero descansar e curtir o que resta da sexta-feira com eles.

Ah, claro, e contar sobre o convite de Yoan.

— Obrigado pela ajuda, cara. – meu amigo agradece.

— Sabe que pode contar comigo sempre que precisar.

— Eu sei que sim.

— Não abuse. — resmungo — A propósito, vá em casa qualquer dia desses. A Yan vai adorar infernizar você junto com o Elliot.

— Pode deixar. Marcamos um dia para eu a conhecer.

Despeço-me de Yoan e sigo para o estacionamento.

No caminho para o apartamento, paro em uma loja e compro uma garrafa de vinho Carbenet Sauvignon para comemorarmos as boas novas, da mesma forma que fizemos quando Elliot contou que estaria à frente da coreografia de um dos espetáculos da companhia em que trabalha. Teremos uma noite e tanto.

Ansioso e cheio de saudades (mesmo passando apenas algumas horas longe deles), pego a sacola com o vinho e subo para o nosso andar. Fico pensando em como contarei sobre o convite enquanto olho para o visor do elevador. Sei que não é o acontecimento do ano, mas estou verdadeiramente empolgado com a possibilidade.

Destravo a porta do apartamento despreocupado, como sempre faço. No entanto, toda a minha tranquilidade se vai quando ouço gritos. Me assusto. Largo os tênis e sacola de qualquer jeito na entrada e disparo para a sala, onde encontro Elliot e Yanna discutindo, visivelmente alterados. Tanto que nem percebem que eu cheguei.

Aturdido com a situação, fico observando para entender o que acontece, mas falto perder o fôlego no instante em que Elliot a pega firme pelos ombros e começa a sacudir gritando algo como “você não vai ficar com ele”.

— O que você pensa que está fazendo?

Esbravejo alto o bastante para que escutem. Os dois sobressaltam e me encaram surpresos. A sala cai em silêncio. Nervoso com o que acabo de presenciar, me ponho diante dela como um escudo e encaro Elliot com as sobrancelhas franzidas. Meu coração bate forte. Minhas mãos tremem.

— Eu amo você, Elliot, mais do que qualquer um possa imaginar. Mas juro pelo o que é mais sagrado que, se você tentar machucar a Yanna, eu te arrebento!

Ambos continuam calados. A tensão palpável no ar.

— O que deu em você, afinal? Nunca foi de agir dessa maneira. Por que está...

De repente, meus namorados começam a rir. E não é uma simples risada, eles gargalham de arrancar lágrimas. Olho de um para o outro, e interrogo enraivecido:

— Mas o que caralho está acontecendo aqui?

— Chris. Chris, querido. — risonha, Yanna me segura delicadamente pelos braços e diz — Nós só estamos fingindo.

— O que? — gaguejo.

— A Yan precisava de ajuda com uma passagem do manuscrito que não conseguia desenvolver e me pediu para recriar a cena com ela. — Eli explica, enxugando as lágrimas dos cantos dos olhos — Nós nos empolgamos com a brincadeira e decidimos recriar essa cena também, do ex-namorado possessivo. E do jeito que você ficou nervoso, deveríamos receber um Oscar.

— Escritores fazem muito isso, sabia? — Yanna esclarece.

— Então, vocês.... Não estavam brigando?

— Não de verdade. Ou você achou mesmo que eu tentaria agredi-la?

— Eu.... Eu não sei. Só fiquei muito assustado com a situação e... Porra! — confesso, desconcertado, e bagunço os cabelos — Quer dizer que fiquei preocupado por nada?

— Exatamente. — Eli se aproxima e me abraça de lado.

— Me desculpe, amor. Eu realmente...

— Está tudo bem. — ele sorri — Eu provavelmente teria feito o mesmo.

“*Você teria feito mil vezes pior*”, penso comigo. E pelo sorrisinho que Yanna dá, ela concorda. Tenho certeza de que ele teria me batido sem nem avisar.

— Vocês me deram um susto e tanto. Achei que meu coração fosse parar.

Yan sorri e afaga meu rosto com carinho. Resfolego com o seu toque. Ela então vai para perto de Elliot e diz sorridente, depois de beijá-lo nos lábios:

— Obrigada pela ajuda, querido. — se vira para mim, dando-me um beijo também — E desculpe por assustar você, Chris.

— Está bem. — suspiro — Não fazendo de novo.

— Não prometemos. - respondem em uníssono e, inevitavelmente, dou risada.

Eu não esperava menos deles.

Mais tranquilo por tudo não ter passado de um grande (e assustador) mal-entendido, sento no sofá e enfim posso relaxar. Deitado e com os braços apoiados atrás da cabeça, observo meus amores se moverem de um lado para o outro, falando sobre banalidades e sorrindo tão naturalmente.

Sorrio sempre que olham para mim e sinto-me mais do que feliz.

O cansaço aos poucos vai ganhando seu espaço. O dia foi bem cheio. Estou quase cochilando quando ouço Yanna perguntar, fazendo-me abrir os olhos:

— Chris, essa garrafa de vinho é sua? — ergue a sacola que esqueci jogada no calor do momento — Encontrei ali na porta, perto dos seus tênis.

— É sim. — levanto para pegar — Obrigado.

— Ganhou do Yoan por ter ajudado a arrumar o apartamento ou foi mais um dos presentes que ele deliberadamente ignorou? — Elliot caçoa.

— Como assim? — nossa namorada estranha — Ele não aceita os seus presentes?

— Não foi bem assim. Mas o Elliot gosta de ficar debochando da minha cara.
— reviro os olhos. Estamos os três ao redor do balcão — A questão é que eu comprei uma garrafa de vinho para o idiota do meu amigo na viagem que fiz a Argentina e mandei uma mensagem avisando que trouxe um presente para ele. Mas...

— O Yoan nunca respondeu. — Elliot completa aos risos.

— Ele visualizou e não respondeu. Fiquei tão puto, que bebi a garrafa toda.

— Depois de uma semana, vale frisar.

Yanna dá risada e me abraça. Abraço-a de volta e beijo seus cabelos coloridos.

— Bem, se você não ganhou e nem comprou para presentear, por que o trouxe?

Ela questiona e só então lembro o que estava tão empolgado para falar (e que foi por água abaixo quando deparei com a “briga”); coloco a garrafa sobre o balcão.

— Tenho uma coisa para contar a vocês. Por isso o comprei. — solto e seus olhares curiosos recaem sobre mim — E é uma novidade muito boa, a propósito.

Yanna se anima e puxa a banquetta entre Eli e ela para que eu sente. Eu o faço.

Sem demora, narro para eles o que aconteceu durante o almoço com Yoan e como fui convidado para, quem sabe, expor na galeria em que meu amigo trabalha agora. Sou coberto de beijos por todos os lados e parabenizado ao mesmo tempo. É engraçado. Mas, admito, gosto muito disso. E com os braços envoltos na cintura de cada um, recebo seus carinhos de bom agrado.

Isso até Yan se afastar e exclamar:

— Devemos comemorar! Vamos abrir logo essa garrafa de vinho e brindar.

— Vou pegar as taças. — Eli caminha até o armário.

Trato de pegar o saca-rolhas e destampar a garrafa.

Sirvo uma dose generosa para cada um e brindamos pelas ótimas novidades que tivemos em poucas semanas.

— Por falar em novidades, eu conversei com a minha mãe. — Elliot comenta — E adivinhem? Ela disse que está ansiosa para conhecer a Yanna.

Nossa namorada arregala os olhos e põe a taça sobre o balcão, perplexa.

— É sério?

— Sim, querida. Eu disse a você que minha mãe adoraria conhece-la.

— Eu.... Nem sei o que pensar.

— Não pense. Vamos apenas marcar uma data e ir até lá.

— Que tal no próximo final de semana? — sugiro — Eu não tenho trabalho agendado e, mesmo que você precise estudar para montar a coreografia, pode dar uma pausa. — olho para Yanna — Acha que pode adiantar um pouco o trabalho também e ficar livre?

— Consigo sim.

— Ótimo! No próximo final de semana, iremos para Hershey.

Sirvo mais vinho em nossas taças e voltamos a brindar. No entanto, vendo meus namorados bebendo com tanta vontade, uma ideia surge em minha cabeça.

— Que tal se fizermos algo mais interessante com o resto desse vinho? — insinuo maliciosamente — Tenho certeza de que o sabor ficará ainda mais gostoso se eu estiver chupando um de vocês. Ou melhor, se eu estiver chupando os dois.

Tanto Yanna quanto Elliot sorriem. Palavras não são necessárias.

E nossa comemoração se estende para o quarto.

Capítulo 20

YANNA

Sob o olhar atento (e um tanto debochado) de Daniel, corro de um lado para o outro dentro do quarto, pegando tudo o que precisarei levar na viagem e enfiando na mala aberta em cima da cama. Enfim, chegou o dia.

Estarei indo para Hershey com Elliot e Christopher para conhecer a minha nova sogra, a senhora Nayeon Park.

Preciso dizer o quanto estou nervosa?

E o meu melhor amigo inerte, ao invés de ajudar, permanece tranquilamente sentado na beira da cama, como se eu não estivesse à ponto de dar um treco.

Preciso dizer o quanto quero bater nele?

— Yan, você só vai conhecer a sua sogra e não fugir do país. — Dani comenta aos risos, olhando para o tanto de roupas que peguei — Bom, pelo menos, é o que eu acho.

Respiro fundo e devolvo algumas peças ao armário. Ele tem razão. São apenas quatro dias, é um exagero levar tudo isso. Se continuar assim, logo estarei com duas malas cheias de coisas inúteis e que só vão ocupar um espaço desnecessário.

Começando a ficar impaciente, fuzilo meu amigo ainda sentado e resmungo:

— Mas que droga, Dani! Eu te chamei aqui para me ajudar a escolher o que levar e você não mexeu essa bunda preguiçosa desde que chegou.

— Ei! Não desconte o seu nervosismo em mim, senhorita irritadinha. — retruca e enfim levanta. Coloca as mãos nos quadris e me encara — Você está andando de um lado para o outro como uma barata tonta. O que eu deveria fazer?

— Me parar talvez fosse uma opção.

Daniel dá um peteleco em minha testa. Faço uma careta desgostosa.

— Fique calma, ok? Eu sei que está ansiosa com a viagem e também por conhecer a mãe do Elliot, mas, tudo vai ficar bem. Não tem como não adorar você.

Me jogo nos braços do meu melhor amigo, que afaga meus cabelos com delicadeza enquanto ri. Ele sempre sabe o que dizer para que eu me sinta melhor.

— Obrigada, Dani.

— Não tem que agradecer.

— Eu realmente estou nervosa. Já faz tanto tempo desde a última vez em que fui conhecer os pais de alguém. Além disso, é tão estranho. Ainda considero os pais de Bryan e Natham meus sogros, só que agora eu chamarei outra pessoa assim.

— Não duvido que seja um pouco amedrontador. Porém, como eu disse, ficará tudo bem. Os Stewart continuarão sendo seus sogros de consideração, só que você está seguindo em frente e precisa enfrentar as mudanças que vêm junto.

— Você está certo, Dani. — ergo a cabeça para observá-lo e sorrio — Estou me preocupando à toa. Eu respeito o senhor e a senhora Stewart como meus sogros, mas é apenas isso. E outra, se a mãe do Elliot vai gostar de mim ou não, é uma coisa que eu só saberei quando chegar lá. Não adianta ficar sofrendo por antecedência.

— Essa é a minha amiga! — pressiona minhas bochechas até que um biquinho se forma em meus lábios — Mesmo que você more isolada num trailer no meio do mato, sei que vai se sair bem. Eu não lhe ensinei boas maneiras e convívio social por nada.

Dou risada com sua brincadeira e aperto a ponta de seu nariz com força.

— Eu sou um exemplo de civilidade, bobão.

— Ahã. Claro que é. — caçoa.

Cumprindo com o que prometera, Daniel (até que enfim) me ajuda a arrumar o que preciso para a viagem. Leva alguns minutos até que eu consiga fechar a mala e ter certeza de que não esqueci de colocar nada importante. Meu amigo e eu repassamos mentalmente mais uma vez e, assim sendo, damos por terminada essa tarefa.

— Vou dizer. Quero tanto causar uma boa impressão que até retoquei a cor do meu cabelo. — comento, olhando-me no espelho, e em seguida viro — Acha que ficou bom?

— Sim, como sempre. Ficou interessante essas nuances de azul em meio ao lilás nas pontas, embora o resto esteja rosa. — faz um “okay” com os dedos — Só que, vou dizer, daqui a pouco você vai ficar parecendo com um arco-íris ambulante.

— Esse é o intuito. — pisco para ele.

— Só tome cuidado para não ser confundida com um palhaço também.

Jogo uma almofada com força contra ele, que cai para trás no colchão esperneando quando acerto seu rosto. Dou risada de seu exagero e então arrasto-o para a sala.

— Quer passar a noite aqui?

Pergunto ao entregar um copo com Sprite, seu refrigerante favorito.

— Você não viaja amanhã de manhã, criatura?

— Sim. E qual é o problema?

— Dormir é a última coisa que fazemos quando estamos juntos. E você sabe disso. — bebe de seu refrigerante — Depois não quero seus namorados reclamando comigo.

— Eu estou ansiosa demais para dormir. E você, Dani, como meu melhor

amigo e companheiro de todas as horas, não vai se negar a ficar aqui. Não é?!

Ele revira os olhos e suspira.

E eu sei que ganhei a briga.

Abro os olhos devagar por conta da claridade e tomo o maior susto ao encontrar Christopher e Elliot parados de pé, observando-me de forma divertida. Limpo o rastro de baba no canto da boca e sento, logo vendo Daniel desacordado ao meu lado, lembrando aos poucos do que aconteceu ontem à noite.

Vamos recapitular: eu o convenci a ficar; passamos horas aqui na sala conversando; daí ele disse que eu deveria tentar dormir nem que fosse um pouco e como não consegui, resolvemos tomar uns drinks para relaxar e... Ai, merda!

Nós bebemos todas e apagamos.

— Que horas são? — pergunto aos meus namorados.

— Dez e meia. — Elliot responde risonho.

— Droga! Eu deveria estar no apartamento de vocês há mais de duas horas. — aperto os olhos com as pontas dos dedos e quase surto ao recordar o motivo de termos combinado sair tão cedo — Oh, merda! Sua mãe?! Nós dissemos que estaríamos lá para o almoço e ainda temos três horas de estrada pela frente. Não vai dar tempo.

Tento levantar depressa e uma tontura me acerta em cheio, além da dor de cabeça. Chris me ampara e ajuda a sentar no sofá. Em seguida, Eli estende um comprimido e um copo com água para mim.

— Aqui. Vai ajudar com a dor de cabeça.

— Obrigada querido. — engulo o analgésico com certo custo e vislumbro-os encabulada — Desculpe. Eu não deveria ter bebido ontem. É que estava tão ansiosa com a viagem, que resolvi tomar uns drinks com o Dani para

relaxar...

— Passaram da conta?! – caçoa Christopher – É, nós percebemos.

— Realmente, me desculpem.

— Não tem problema, baby. O importante é que você está bem. Ficamos preocupados com a sua demora e viemos até aqui. – acaricia o topo da minha cabeça – E outra, quanto a minha mãe, ela sabe que nunca chegamos no horário marcado.

— Ah, menos mal. — suspiro aliviada — Chegaram agora?

— Na verdade, faz uns quarenta minutos.

— E por que não me acordaram antes?

— Nós tentamos, acredite. – Chris dá risada – Mas você só resmungava e ainda tentou acertar um tapa no Elliot.

— Você é tão agressiva quando dorme, baby.

— Então, deixamos que dormisse mais um pouco e eu aproveitei para fazer uma sopa para a sua possível ressaca.

— Desculpa. – murmuro.

Eles riem e eu faria o mesmo se a minha cabeça não estivesse latejando. Observo-os parados e ergo a sobrancelha ao notar algo diferente.

— Chris, é impressão minha ou o seu cabelo está maior do que antes?

— Eu disse a ele que está na hora de cortar. – Eli passa a mão sobre a franja castanha de nosso namorado, afastando de seus olhos — Mas sabe como ele é teimoso.

— Eu vou cortar assim que puder, ok? Por enquanto, deixarei assim. Venha comer a sopa, Yan. Não vai demorar para o remédio fazer efeito e você se sentirá melhor.

— Enquanto isso, tentarei acordar o Daniel.

Elliot caminha para perto do meu melhor amigo desmaiado no chão.

Depois de comer uma tigela de sopa na companhia dos meus namorados e amigo para lá de indisposto, tomar um longo banho e conseguir ficar apresentável, enfim saímos para seguir viagem até Hershey.

Daniel se despede e segue para o seu apartamento de táxi. Ficamos de marcar algo assim que voltarmos na segunda-feira.

Passaremos todo o final de semana na casa da minha nova sogra. Na realidade, quatro dias. Já que, mais do que uma visita, também aproveitaremos para descansar e nos divertir. Meus namorados planejaram várias atividades ao longo desses dias para que eu possa conhecer mais de Hershey que, para a minha surpresa, também é a cidade natal de Christopher. Engraçado como, mesmo nascendo no mesmo lugar, eles só foram se conhecer anos depois e em outra parte do país.

Engraçado como, independentemente do lugar onde você nasceu ou está, pode-se encontrar o amor em qualquer parte desse mundo enorme.

Apesar de ser um caminho de quase quatro hora, mal vejo o tempo passar estando com eles. Christopher pediu para dirigir devido a sua síndrome de cinetose, uma vez que é uma viagem longa e ele facilmente ficaria enjoado, enquanto Elliot está ao seu lado no banco do passageiro e eu atrás com todo o conforto do banco só para mim.

Uma música animada qualquer toca no MP3 do carro e, [à medida que](#) nos aproximamos, sinto como o clima vai esquentando. É a minha primeira vez visitando Hershey e, se eu achava que em Nova Iorque era quente, percebo que estava enganada.

Entramos em um bairro tipicamente residencial e não preciso de muito para entender que esse é o antigo bairro em que nosso namorado morava. Chris estaciona em frente a uma casa com portões de madeira; da calçada, observo a fachada branca e o bonito canteiro de margaridas bem cuidadas. É uma linda casa. Parece tão aconchegante, um bom lugar para se viver com a família e criar os filhos.

Eu não tenho dúvidas de que Elliot foi muito feliz morando aqui.

De repente, uma mulher de meia-idade (mas longe de aparentar) surge na porta. Ela sorri. De primeira, noto as semelhanças com Eli, especialmente pelo sorriso. Tem os mesmos traços, apesar de os cabelos e olhos serem escuros.

É uma mulher muito bonita.

— Filho! – ela exclama e vem correndo.

Os dois se abraçam forte e sorriem um para o outro. São muito parecidos.

Definitivamente, ela é tudo o que eu *não* imaginava.

Nayeon se aproxima de Christopher e também o abraça. Vejo-os trocar algumas palavras e ela acaricia o rosto dele, fazendo-o corar. Quero sorrir por ver um homem desse tamanho ruborizar, mas começo a ficar nervosa de novo.

Logo será minha vez.

Assisto como ambos, como familiaridade e ao lado de Elliot, conversam um pouco e inevitavelmente sinto-me uma intrusa. Porém, no instante em que ela se vira para mim, toda a apreensão vai embora com o abraço inesperado que recebo. Um abraço apertado que me faz paralisar de início. Afinal, não esperava por uma recepção assim.

Não demoro a retribuir. Admito que me sinto um pouco estranha com isso.

— Então, você é a Yanna? A namorada do meu filho e... Do namorado dele?!
– dá uma risadinha – É um prazer finalmente conhece-la.

— O prazer é meu, senhora Nayeon.

— Pode me chamar apenas pelo nome, se quiser. Christopher me chama assim.

— Ah, muito obrigada.

De repente, se afasta ainda segurando em meus ombros e reparo que seus olhos estudam meu rosto. Quero parecer confortável, mas, é a última coisa que estou.

— Você tem olhos tão lindos. – comenta – São verdes como jades.

— Obrigada.

— E o seu cabelo parece um algodão doce.

Sou incapaz de segurar a risada. Elliot que costumava compará-lo desse jeito.

— Mais uma vez, obrigada.

— Ela é ou não é uma gracinha? – Eli indaga brincalhão.

— Primeiro um genro bonito e agora uma nora adorável. – toca meu rosto com delicadeza e sorri — Você realmente sabe escolher seus namorados, filho.

Por um momento, lembro de minha mãe e a saudade de casa aperta no peito.

Não tenho dúvidas de que ela receberia Christopher e Elliot tão bem quanto estou sendo recebida. Quando contei para ela e papai via Skype, ambos ficaram relativamente chocados, mas depois disseram que me apoiariam se eu estivesse realmente feliz.

Minha irmã, aquela louca que já sabia de tudo, pulou de alegria com o nosso namoro. Reconheço que deixei algumas lágrimas caírem enquanto conversávamos e, principalmente, por saber que ela também está feliz com o novo *affair*.

— Venham! Como eu sabia que iriam demorar, terminei a comida agora.

Nayeon se apressa em colocar-nos para dentro de casa. De braços dados com minha nova sogra, tendo meus namorados em nosso encalço, enfim entramos.

O cheiro de comida recém preparada enche as minhas narinas. Meu estômago

ronca mais alto do que deveria. A sopa que comi de manhã serviu apenas para acabar com a minha ressaca e não comi mais nada depois que pegamos a estrada. Em outras palavras: estou morrendo de fome.

Sobre a mesa, há vários pratos. O aroma é tão bom quanto o aspecto de dar água na boca; Nayeon nos convida a sentar e assim fazemos.

O almoço, assim como todo o resto desde que chegamos, é mais divertido do que eu imaginava. Minha nova sogra é uma mulher maravilhosa. Como diria minha mãe: *“um doce de pessoa”*. Além de simpática, em momento algum vi qualquer relampejo de reprovação em seus olhos ou outro sentimento que pudesse demonstrar que minha presença aqui lhe desagradava. Pelo contrário. Ela é extremamente atenciosa comigo.

Por que raios eu pinteí uma imagem ruim dela, afinal de contas?

— Elliot contou que você é escritora. Verdade? — pergunta.

— Sim. Já faz alguns anos.

— E qual o gênero que escreve?

— Um pouco de tudo. Mas, a maioria dos meus títulos são romances.

— Então, vocês são um casal.... Calma! Como se chama casal de mais de duas pessoas?

— Trisal, mãe.

— Isso! — ri — Vocês são um trisal artístico.

— Fomos feitos uns para os outros. — Chris sorri, pegando a minha mão e a de Elliot — Um fotógrafo, um bailarino e uma escritora. Não soa perfeito?

Ela balança a cabeça consentindo e observa-nos com apreço.

Ver como Nayeon aceita a orientação do filho e o fato de que ama duas pessoas é muito bonito. Ao invés de julgar, ela acolhe a nós três e respeita a maneira que nos relacionamos.

Durante a tarde, ficamos sentados em cadeiras no jardim, perto dos canteiros de margaridas, bebendo limonada e jogando conversa fora. O clima continua quente. Ajudei a lavar a louça do almoço com Christopher (que comentou que essa é sempre a sua tarefa, embora nossa sogra teime em não deixá-lo fazer) e me ofereci para cozinhar algo diferente para o jantar.

Nayeon se alegrou com a ideia.

— Vocês irão à praia amanhã? – ela pergunta. Suas pernas estão esticadas sobre o colo de Elliot, que não dá importância.

— Sim. Iremos levar a Yanna até Rehoboth Beach. Não quer vir com a gente?

— E eu tenho cara de quem vai atrapalhar um encontro? Claro que não. Podem ir e se divertir bastante. Até porque, eu também já tenho o meu compromisso.

— Vai sair com o namorado? – Eli indaga, meio enciumado – Falando nisso, já não passou da hora de eu conhecê-lo?

— É exatamente por isso que vou encontrá-lo amanhã. Quero que se conheçam ainda esse final de semana. O que acha de sábado?

— Por mim, tudo bem.

E o assunto se encerra assim. Engatamos rapidamente em outro.

[...]

Acordamos cedo para ir à praia.

Nós visitaremos Rehoboth Beach. Como Hershey fica em uma parte afastada no oceano, teremos que pegar a estrada, uma viagem de mais ou menos 3 horas.

Animada com a ideia de que passarei o dia sob o Sol e ao lado dos meus namorados, longe de preocupações e aborrecimentos, pego o biquíni novo que comprei especialmente para a ocasião e o visto depois de tomar uma chuva rápida. Não é muito ousado (mais comportado se comparado com os que eu já usei antes) e tem uma bonita estampa geométrica. Cai bem no meu corpo.

Prendo os cabelos em dois coques no topo da cabeça, um de cada lado, quase como orelhas de urso. E estou pronta. Espero que eles gostem, porque eu amei.

Assim que saio do banheiro e entro no antigo quarto de Elliot, vejo os dois terminarem de arrumar o que levaremos. Estão deliciosamente provocantes com os peitos nus e usando bermudas e, tenho certeza, vão chamar a atenção da praia inteira.

— Falta mais alguma coisa? – questiono.

Ambos olham para mim por reflexo e paralisam ao notar como estou vestida. Ter a atenção deles em meu corpo faz com que eu me sinto poderosa e muito desejada.

Talvez, só talvez, eu tenha rebolado intencionalmente ao me aproximar.

— Pelo jeito, nós teremos que quebrar uns narizes hoje, Chris.

Elliot comenta, cruzando os braços e fingindo uma postura séria. Christopher concorda, também fazendo cara de bravo.

E eu só consigo rir dos dois. Como são exagerados.

— Então, eu também terei que me envolver em algumas brigas, já que estarei ao lado de dois homens maravilhosos e sem camisa na praia. Quem está na pior, huh?

Brinco e são eles que dão risada; ponho um vestido soltinho par cobrir o biquíni e os meus namorados vestem suas camisetas. Descemos para tomar café.

Nayeon deseja um bom divertimento logo que entramos no carro depois de comer e então partimos. Rehoboth Beach é uma das praias mais conhecidas de Delaware, no sudeste de Baltimore. Elliot contou que, durante o verão, acontecem vários eventos culturais e festivais. E consigo entender o porquê uma vez que estamos diante dela. A cidade conserva ares de antiguidade.

A areia é branca e áspera, tanto que posso sentir como adere aos meus pés. O mar é uma bela mistura de verde e azul, e se estende por toda a costa até perder de vista. Tal como o calçadão, com quase 1,6 quilômetro de extensão.

— É lindo, não é? — Elliot comenta ao meu lado e eu consinto — Sabia que existe até uma livraria aqui na praia?

— Está brincando?

— Não. É sério. — sorri — Podemos ir lá mais tarde.

— Fechado!

Alugamos um guarda-sol e duas boias em um quiosque na entrada da praia e vamos atrás de um bom lugar para ficar. Sorte que ainda é cedo e a areia não está tão lotada, como Chris comentou ficar de vez em quando.

Hoje está quente. Um bonito dia de verão. O clima é agradável e, apesar de baixo, o Sol já está ardendo na pele. Certeza de que eu pego um bronzeado.

Observando ao redor, percebo que algumas mulheres estão usando saltos altos mesmo na areia, o que me é estranho de início, mas Elliot disse que é mais comum do que parece. Além disso, vejo diversos casais “exibindo afeto” sem qualquer vergonha, o que também me surpreende um pouco.

Pelo jeito, os ares praianos realmente mexem com as pessoas. O que é ótimo, pois, eu estou muito à fim de exibir afeto com os meus namorados o dia inteiro.

Depois de nos ajeitarmos em um pedacinho perto do mar, finalmente tiro o vestido e fico apenas de biquíni. Reparo que alguns olhares alheios recaem sobre mim. Bem, não apenas eu. E tenho consciência disso quando dois descamisados se colocam ao meu redor, quase como uma barreira de

proteção com um aviso de “*Afastese!*”.

Dou risada. É tão bonitinho vê-los enciumados, mesmo não tendo motivos para tal. Só não é bonitinho notar como os olhares femininos estão secando eles agora. Christopher chama muita atenção com seus braços e peito tatuados, e Elliot com sua barriga sarada, tão atrativa quando a de nosso namorado.

Dois colírios para os olhos.

Eu disse que quem ficaria na pior seria eu.

Não faço o estilo ciumenta, mas admito que é um pouco desconfortável ver o interesse de outras mulheres em meus homens. Se bem que, sendo positiva, eu deveria era me gabar por tê-los somente para mim. De corpo e de alma.

Sou ou não sou uma mulher de sorte?

Estendo as toalhas que trouxe entre os meus pertences e vou ajudá-los a armar o guarda-sol (porque, aparentemente, eles não sabem como fazê-lo).

Nossa manhã é bastante divertida. Apesar dos olhares curiosos e meio chocados, troco beijos com Elliot e Christopher, e sou mimada tanto quanto mimo os dois. Fico deitada ao Sol, curtindo o calor, e quase faço xixi de tanto dar risada quando meus namorados grudam em mim ao ouvirem um assobio de longe. Eles só faltam deitar em cima de tão perto, o que eu não reclamaria, se estivéssemos em um lugar privado.

Em dado momento, ao entrarmos na água, Christopher fica girando a boia em que estou apoiada até o ponto de eu ficar realmente tonta. Depois, é a vez de Elliot sofrer com as travessuras de nosso namorado hiperativo. E, como castigo, nós o deixamos com um “probleminha” para resolver entre as pernas e saímos do mar, largando-o só.

Na hora do almoço, pedimos uma pizza, que é entregue diretamente em nosso guarda-sol. Optamos por beber refrigerante, uma vez que viemos de carro; aproveito para ler um pouco ao longo da tarde, enquanto Christopher e Elliot cochilam esticados sobre as toalhas em baixo de uma sombra. As mulheres continuam admirando os dois, mas,

sinceramente, se eu fosse elas e encontrasse homens como eles, também olharia na maior cara de pau. Não tenho que me sentir insegura.

Eu sei que me amam.

Bem como eu amo profundamente os dois.

Perto das quatro horas, resolvemos entregar as coisas e andar um pouco pela orla antes de irmos embora. Entramos em algumas lojas, assistimos apresentações de rua e também arrasto os dois para a livraria que eu estava louca para conhecer desde manhã.

Me disponho para dirigir, já que Eli veio conduzindo e Chris não parece disposto a tal. Graças ao pouco trânsito, fazemos o caminho em pouco mãos de duas horas e meia. É por volta de sete horas quando chegamos.

Nosso dia na praia foi muito gostoso.

— Minha mãe não está em casa. — comenta Elliot ao acender as luzes da sala — Deve ter ido encontrar com o namorado.

— Será que ela volta ainda hoje? — Christopher pergunta.

— Honestamente, eu não sei. Bem, ela já é uma mulher adulta, então... — dá de ombros — Não é como se eu pudesse proibi-la de transar, não é mesmo? E outra, minha mãe ainda é jovem e bonita, tem mais é que aproveitar a vida depois de tanto tempo sofrendo pela perda do meu pai e se esforçando para me criar.

— Isso é verdade.

— Já que estamos sozinhos, temos que pensar em algo para comer. — mudo de assunto — Ou vocês preferem pedir alguma coisa? Só não pizza, por que...

— Que tal se a gente se comer? — o moreno solta de repente, como se não fosse nada demais — Ou acharam mesmo que eu não cobraria aquela brincadeirinha sem graça lá na praia? Ha! Mas é claro que não, amores.

Olho para Elliot, que sorri sacana. Quem somos nós para dizer o contrário? Até por que, queremos isso tanto quanto ele (digamos que o

“castigo” saiu pela culatra).

Se bem que, será que é uma boa ideia transarmos na casa da sogra? Não que eu não tenha feito isso na vida, mas, é a minha primeira visita aqui e... Hum...

— Reviver a adolescência. Ótima ideia, Chris. — Elliot dá risada — Se minha mãe bater na porta do quarto e atrapalhar a transa, vai ser nostalgia pura.

Ergo as sobrancelhas e indago irônica:

— Quer dizer que o senhor já trouxe seus casinhos para transar em casa?

— Eu não tinha um tostão quando era adolescente e estava com os hormônios à flor da pele. Não havia muitas opções.

Fazendo uma expressão indiferente, digo:

— Bom saber que eu não era a única a fazer isso. Minha janela vivia destrancada.

— Ah, então a senhorita gostava de burlar regras?

— Podemos saber quem pulava a sua janela durante a noite? — Chris se aproxima perigosamente de mim — Daniel está sabendo disso? Por que dá última vez, ele comentou o quanto a irmãzinha de consideração dele era inocente e indefesa.

Mordendo o lábio de maneira provocante, dou um passo para trás e murmuro:

— Talvez eu não seja tão inocente e indefesa assim.

— De inocente, você só tem esse rostinho lindo, baby. E que fica pecaminosamente excitante quando imerso em prazer.

— Vocês estavam planejando isso desde o começo, não é?! — ironizo.

Eles se fazem de desentendidos e só o que me resta é sorrir, e entrar na brincadeira.

— Usem o banheiro de baixo. Espero vocês no quarto em quinze minutos.

Subo as escadas e entro no quarto de Elliot, indo direto para o chuveiro. Se eu pensava estar esgotada do dia na praia, a simples insinuação de um sexo gostoso afugentou o cansaço; tomo um banho completo e nem me dou ao trabalho de secar os cabelos, estou com muito tesão para isso. Portanto, apenas sigo o meu desejo e vou para a cama, onde me deito à espera dos meus namorados.

Como se tivesse passado uma eternidade, por fim, eles aparecem vestindo somente roupões de banho. Que desaparecem tão rápido quanto eu esperava.

Me masturbo observando os dois, lindos e completamente nus, diante de mim. Entrando no jogo, Elliot desliza a mão por toda a extensão do abdômen de Christopher até agarrar seu pênis duro. O moreno não hesita em fazer o mesmo e ambos se masturbam mutuamente, me oferecendo uma cena e tanto.

Nossos olhares não se desconectam. Estamos envoltos em nossa redoma de desejo e luxúria. Apesar do pouco espaço que nos separa, sinto como se estivéssemos intrinsecamente unidos, compartilhando as mesmas sensações tão intensas.

Eles se juntam a mim na cama.

Ajoelhados sobre o colchão, nós três trocamos beijos e acaricias. Nossas línguas e lábios, tão íntimos, se encaixam em uma dança erótica ao passo que nossas mãos sobem e descem pela superfície suave de nossas peles.

Dividimos suspiros e arrepios de prazer.

Mudo de posição e é Chris que está no meio. Chupo meus dedos enquanto observo-os aos beijos e Elliot sorri ao se afastar e notar o que faço. Num consenso, decidimos compensar o moreno pela brincadeira na praia.

Abraço-o por trás e estimulo seus mamilos sensíveis com os dedos molhados de saliva enquanto nosso namorado debruça para chupar seu pau com gosto. Beijo a tatuagem em suas costas, que é a letra de Seize The Day, do Avenged Sevenfold. Eu amo essa tatuagem e tudo o que ela representa,

assim como os caracteres chineses que descem do peito até o osso do quadril de Elliot, e significam “o momento mais belo e feliz da vida”.

E é o que estamos vivendo agora.

Assisto por cima do ombro largo como Elliot suga e lambe o pênis de Christopher, que geme sem qualquer vergonha. O tom levemente rouco de sua voz envia centelhas de tesão para todo o meu corpo, umedecendo ainda mais a minha boceta.

O moreno começa a tremer em meus braços e respirar mais forte. Está perto de vir. Porém, tomando a iniciativa, ele puxa decididamente os cabelos louros e eu mordo os lábios ao notar o fio de saliva que se estica da boca de Elliot e o pau lambuzado de Christopher.

— Eu disse que vocês iriam pagar. Por isso, não vou gozar agora.

O modo dominador com que fala me faz estremecer. Chris tem um jeito mandão quando quer e nós gostamos muito disso. Hoje é ele quem vai comandar.

Despertamos seu lado mais perverso.

Ajeitando-se na cabeceira da cama, Christopher bate em suas coxas e diz:

— Senta aqui, Sweetie.

Trêmula com seu pedido que soa quase como uma ordem, passo uma perna de cada lado de seu quadril, e suspiro ao ser beijada com força. Seu pau roça em meu estômago, aquecendo o centro do meu desejo.

Com a boca na minha, sussurra:

— Vire de costas e se apoie em mim.

Novamente obedeço.

Sento entre suas pernas. Ele abre as minhas e escora em cima de seus joelhos levemente flexionados. Estou aberta para Elliot, molhada e receptiva, delirando com seu olhar azul que mostra o quanto deseja a nós dois.

A expectativa é crescente.

Com a cabeça sobre o ombro de Christopher e através de minhas pálpebras semicerradas, vejo o outro engatinhar em nossa direção. As mãos do moreno acariciam delicadamente meus mamilos intumescidos. Elliot deita e sua boca vem direto para as minhas dobras, faminta. Quando sua língua quente toca meu clitóris excitado, aperto os braços de Christopher e arqueio me escorando nele. Seu pênis, assim como os lábios do loiro, também roça em minha entrada e tudo o que eu mais quero é que os dois me penetrem. Sim, os dois. Ao mesmo tempo, me fodendo bem gostoso, do jeito que apenas eles são capazes de fazer.

Desculpa sogra, mas não consigo recusar esses dois, menos ainda gemer baixo quando estão me comendo.

É sério, eu espero MESMO que ela não chegue cedo.

— Eu vou penetrar você, Sweetie. Vou pedir para o Elliot me pôr na sua entradinha molhada para que eu possa empurrar até o fundo. O que acha?

Ele realmente acredita que eu dou conta de responder alguma coisa depois disso?

Definitivamente não.

Christopher sabe como provocar, ainda mais descarado dessa forma.

Pouso a mão sobre a cabeça de Elliot, que continua me lambendo e tocando com maestria, mas para ao comando de nosso namorado. Eu poderia ficar frustrada, só que sei que algo melhor me aguarda; Chris me senta ao seu lado e pede:

— Pegue algumas camisinhas na bolsa.

— Não. – interfiro e ambos me encaram confusos – Eu quero fazer sem.

— Tem certeza? – Elliot indaga, um tanto receoso – Sabe que não temos problema em esperar até que você...

— Eu tenho certeza. Quero sentir os dois, pele com pele, sem nada para

atrapalhar.

Eu já pensei demais sobre o assunto. Somos um casal oficial agora, nós nos amamos e não há nada que impeça transarmos sem preservativos. Até fizemos exames juntos.

Confio plenamente neles para dar esse passo.

Tanto Christopher quanto Elliot ficam em silêncio por um instante e então consentem. Percebo que estão levemente surpresos com a minha decisão, mas nada que um boquete duplo não desfaça. Em questão de minutos, estamos com tanto tesão quanto antes, até mais porque finalmente vamos sentir uns aos outros.

Deito de pernas abertas para Chris, que se acomoda entre elas e me encara com anseio. Eli escorrega seus dedos abrindo meus lábios vaginais e então enfia a glândula do moreno em minha fenda. Apenas isso é capaz de me enlouquecer.

— Posso confessar uma coisa? — Chris murmura, seus olhos nos meus. Eu consinto — É a primeira vez que eu transo com uma mulher sem camisinha. E quer saber mais? O Elliot também nunca fez sem, à não ser comigo.

— Isso quer dizer que...

— Você é a nossa primeira.

— E a única. — completa o loiro.

Se eu estou feliz? Nem tenho palavras para expressar o quanto.

Christopher se abaixa para reivindicar minha boca e me penetra. Sinto cada centímetro seu deslizar para dentro de mim. Já fazia tanto tempo desde que transei pela última vez sem usar preservativo, que as sensações parecem novas e mais intensas.

— Tão molhada e escorregadia, puta que pariu! — o moreno xinga, imerso em seu torpor — Tão bom. Tão bom. Oh, Sweetie, você é perfeita!

Observar sua expressão se contorcer em um prazer bruto e violento é incrível;

Elliot ajoelha ao meu lado e não penso duas vezes em colocar o seu pau na minha boca. Chupo-o como se estivesse provando o mais delicioso dos doces.

— Adoro ver você chupando ele. — Chris murmura. Sua voz embargada em tesão.

Solto-o da boca um pouco, apenas para dizer:

— Eu também adoro quando você o chupa. — masturbo nosso namorado e o ofereço — Eu sei que você quer. Vamos, tome-o.

Chris sorri desavergonhado, se inclina sobre mim e leva Elliot aos lábios. A cena me faz gemer, mas não tanto quanto a estocada profunda que dá.

Permanecemos em nosso jogo erótico durante vários minutos e, no momento em que alcanço o orgasmo, meus músculos protestam cansados. No entanto, o desejo interminável que há em mim não permite qualquer descanso. Tive Christopher e agora quero Elliot. Depois quero os dois.

Trilhando beijos que se iniciam em minha testa, o loiro pousa suavemente os lábios sobre os meus e diz de maneira instigante:

— Vou foder o seu traseiro lindo. Bem gostoso, até você gritar de prazer outra vez.

Assim como aconteceu antes, não consigo responder.

Cada pelinho do meu corpo se arrepia.

Se eu continuar gritando com o tanto de sensações que estão me proporcionando, vou acabar rouca (não que eu me importe).

— Vem cá, querida, fique por cima de mim. — Chris sussurra, me acariciando.

Faço o que pede. Ponho-me por cima, meu rosto rente ao seu pênis ereto. Sinto suas mãos deslizando pelo comprimento de minhas pernas, lentamente, até se juntarem as do outro nas bandas do meu traseiro empinado. Tal como fiz antes, não hesito em abocanhá-lo. Não demora muito para que os dedos

lambuzados de lubrificante abram espaço e dilatem vagarosamente meu ânus. Com cuidado, Elliot enfia e tira os dedos, até que estou confortável para que seu pau tome o lugar.

Christopher não para de massagear meus seios e beijar uma e outra vez meu púbis. Acho que tenho alguma ideia do que pretende e admito que estou ansiosa.

Ao separar as bochechas da minha bunda, Elliot encaixa sua ereção entre elas e começa a empurrar devagar. Suspiro com força. A pressão inicial é um pouco incomoda, mas, assim que sinto-o completamente dentro, o prazer que se alastra é avassalador. E que só fica maior no segundo em que se move e a língua de Christopher, como imaginei, desenha círculos tortuosos em meu clitóris.

Envolta em tantas e tantas emoções, até esqueço de continuar chupando e apenas me deixo levar. Uma estocada, um suspiro. Uma lambida, outro gemido.

Entrego-me aos meus homens sem reservas, com tudo de mim.

Elliot geme profundamente em minhas costas e empurra com mais força. Pelo espelho ao lado do armário, vejo que Christopher está enfiando os dedos em nosso namorado e o lambendo como também me lambe. A imagem de nós três ali refletida é simplesmente hipnotizante. Tanto que o loiro sorri ao notar que estou encarando o espelho e, tendo a atenção em seu rosto ruborizado, arrepio no momento em que diz ao pé do meu ouvido:

— É a beleza de nossa junção, baby.

Não tenho como discordar, porque é verdadeiramente lindo.

— Mas, ao invés de se concentrar em nossa imagem. — arremete com um impulso, fazendo-me fechar os olhos e curvar a cabeça para trás — Se concentre em nós dois.

Puxa meu rosto para trás e me beija.

— É tão bom foder seu cuzinho, amor.

Uma... Dez... Vinte.... Várias e várias vezes...

Sou estimulada de todos os lados, de todas as formas.

De repente, Christopher se arrasta no colchão e fica ajoelhado de frente para mim. Pega meu queixo e o ergue. Em seguida, se inclina e sussurra em meu ouvido, tão sensualmente que estremeço:

— Também quero gozar dentro de você, Sweetie. Vamos enchê-la com a nossa porra.

Engulo em seco e sinto meus lábios subitamente secos.

— Elliot, fique de lado com a Yan e a penetre por trás. Assim fica mais fácil.

Em um segundo, estou vazia. Com delicadeza, o loiro me puxa para deitar e logo seu pau está se enterrando em minha bunda de novo. Chris põe minha perna em cima de sua coxa e guia seu pênis até estar dentro. Agarro seus cabelos castanhos e permito que um gemido mais alto escape ao sentir como se movem, juntos, trazendo aquela sensação estranha e igualmente incrível que experimentei da vez anterior.

Algumas mulheres podem considerar dupla penetração um absurdo ou ter receio, mas, eu tenho como uma das melhores coisas da vida. Especialmente porque estou fazendo com os homens que amo, e que me enchem de beijos e carinhos enquanto veneram apaixonadamente o meu corpo.

Eu poderia querer mais que isso?

Meu segundo orgasmo se constrói mais rápido, mais arrasador. Quatro mãos me acariciam ao passo que dois paus entram e saem num ritmo enlouquecedor.

A fricção me leva a gozar tão forte, que algumas lágrimas escapam de meus olhos. Eu grito, sem dar a mínima se minha sogra está em casa e ouvindo tudo. Somente me rendo ao prazer. E quase chego ao orgasmo de novo quando Elliot e Christopher se apertam contra mim e enfim gozam, despejando suas porras em meu interior. Me enchem com suas satisfações.

Céus! Como foi bom!

Ofegantes, esperamos uns minutinhos para então esparramar na cama. Caímos em um silêncio confortável. Acho que nenhum de nós têm força para dizer qualquer coisa. De qualquer maneira, não é necessário.

Sabemos exatamente o que sentimos.

Talvez o cansaço da praia enfim tenha dado as caras juntamente com o do sexo maravilhoso que fizemos, porque meus olhos pesam e sou incapaz de mantê-los abertos. O que só piora com as carícias de meus amores.

Fecho-os e suspiro contente.

Viajar com eles está sendo uma experiência e tanto.

Acordo com uma enorme vontade de ir ao banheiro e tomar água. Vejo Christopher e Elliot adormecidos, e sorrio. Nem parece que faltaram me virar de ponta cabeça até algumas horas atrás, de tão serenos que estão; levanto devagar por conta da súbita dor nos quadris e caminho até o banheiro. Além do xixi, aproveito para me lavar um pouco, já que eles gozaram dentro e não quero nada escorrendo pelas pernas.

Me enrolando no roupão, desço para o primeiro andar e me assusto ao perceber que a luz da cozinha está ligada. Cautelosamente me aproximo e encontro Naeyon sentada na mesa com uma xícara de chá em mãos. Ela sobressalta com a minha presença, mas sorri em seguida e pede que eu sente ao seu lado.

— Oh, senhora Nayeon? Não sabia que já havia chego.

Meu Deus, será que ela estava aqui desde aquela hora?

Se sim, acho que vou enterrar a minha cabeça no buraco mais próximo.

— Faz alguns minutos. Pensei que estivessem dormindo, estava tão silencioso.

— Ah, sim. – suspiro aliviada internamente – Chegamos da praia cansados.

A informação de que transamos loucamente depois pode ser omitida.

— Eu imagino. Se divertiram? Gostou de Rehoboth Beach?

— Muito! É uma praia realmente agradável e aproveitamos bastante.

— Que bom. – ela sorri – O que veio fazer na cozinha?

— Desci para tomar um pouco de água.

— Oh, desculpe. Eu pego para você.

Tento impedi-la, mas em um segundo há um copo com água diante de mim.

— Obrigada. – digo.

Bebo um gole e o silêncio repentinamente se forma. Não me sinto desconfortável ao seu lado, porém, não conversamos sem a presença de Elliot e Christopher. Claro que a ideia de que não aceitasse o nosso relacionamento se dissipou com o passar dos últimos dias, só que ainda existe uma dúvida persistente em minha mente.

Preciso ter certeza de que não estou me equivocando.

— A senhora não acha estranho? Digo, não é tão comum casais poliamorosos.

— Contanto que o meu filho esteja feliz, o resto não importa. Elliot sempre foi muito aberto comigo e, sendo sua mãe, cabe a mim respeitá-lo e amá-lo, não importa sua orientação sexual ou com quantas pessoas ele namore. – solta uma risadinha, fazendo-me rir também – Christopher e você são boas pessoas e o amam. O que mais eu poderia querer?

Mesmo sabendo que posso estar ultrapassando a linha da informalidade, apanho sua mão e aperto entre as minhas. Tal ato a surpreende um pouco, mas, ao contrário do que pensei, ela não se afasta. Sorrio com carinho.

— A senhora é uma mãe incrível! Eu fico realmente feliz e agradecida por ter vindo conhece-la. E, é claro, por me receber tão bem em sua casa.

— Eu que agradeço. Você é uma moça muito especial. Não é à toa que meu filho e Christopher te escolheram e deram seus corações a você.

Suas palavras tocam-me fundo. Fico emocionada.

— Eles que são muito especiais. E eu os amo.

— Isso é bom. — afaga minhas mãos — Amar é a melhor coisa da vida.

Ela olha para a xícara de chá sobre a mesa e de volta para mim.

— Eu estou reaprendendo a amar com o meu novo namorado, sabe? Ainda é um pouco estranho as vezes, mas estou me esforçando. E ele é um bom homem também.

Eu assinto e ela prossegue:

— Não sei se Elliot contou, mas o pai dele faleceu quando tinha apenas dez anos. Eu pensei que morreria também. Mas precisei ser muito forte pelo nosso filho. — suspira — Você não imagina o quanto foi doloroso perder o homem que eu amava.

— Na verdade, eu sei sim. — confesso baixinho — Eu também perdi o meu marido.

— Você foi casada? — indaga surpresa.

— Sim, foi há cinco anos atrás. Nós nos casamos muito jovens.

Conto minha história de vida para Nayeon e compartilhamos algumas lágrimas, relembrando o passado, e como fomos capazes de dar a volta por cima apesar de tudo. E, ao longo de nossa conversa na madrugada, percebo que vir conhece-la foi a melhor decisão que tomei.

Capítulo 21

CHRISTOPHER

Hoje é o dia em que Elliot vai conhecer o namorado de sua mãe.

Poderia ser uma ocasião até que legal, não fosse um detalhe: o cara não sabe que ele também gosta de homens e menos ainda que está em uma relação poliamorosa. O que, sinceramente, pode fazer desse encontro um fracasso total.

Bom, isso considerando um cenário pessimista. Porque, vendo por outro lado, o tal namorado pode muito bem receber essa informação sem problema nenhum e aceitar (ou ao menos respeitar) a orientação sexual de Elliot, e ponto final.

O que deveria ser o mínimo.

Nayeon explicou que vinha analisando o comportamento de Charles (o namorado) perante ao assunto e decidiu que só apresentaria Elliot se sentisse confiança o suficiente de que o tal não destrataria seu filho. Esses meses de início de namoro serviram exatamente para que construísse essa segurança.

De qualquer forma, nós conversamos e concluímos que seria melhor apenas Elliot ir dessa vez. Pois, dependendo de como o encontro vai se desenrolar, Yanna e eu iremos no próximo. Claro que ficamos apreensivos de deixa-lo “enfrentar” a situação sozinho, mas, tanto ele quanto a nossa sogra, garantiram que tudo ficará bem.

Em todo caso, deixei sobre aviso que poderiam ligar se eventualidade precisassem.

Termino de colocar as roupas no varal (tarefa que sobrou para mim, já que meus namorados estão ocupados desde o café da manhã) e subo para o

quarto.

Ao entrar, encontro-o de frente para o espelho, abotoando um dos punhos de sua camisa aberta. Tomo um momento para admirá-lo. Elliot sempre foi vaidoso e nunca se poupou de estar bonito (vamos concordar, ele fica bonito até vestindo um saco de batatas velho). Porém, o que mais me encanta é que sua beleza não se limita apenas a parte externa.

Nosso namorado é tão belo por dentro quanto por fora.

E esse é um dos motivos pelos quais Yanna e eu o amamos.

— Vai ficar babando em mim até quando? — sorrio com o comentário dele e me aproximo. Ele também sorri e pergunta — Onde está a Yan?

— Com a sua mãe, ajudando a escolher uma roupa.

Concorda e vira em minha direção, estendendo o braço. Entendo o que quer e abotoo o punho que falta. Uma vez que o faço, pego-o pela cintura e assim ficamos.

— Sabe, eu estou muito feliz que as duas tenham se dado bem.

— E você ainda tinha dúvidas disso? — sorrio — Sua mãe é tão extrovertida quanto a nossa namorada e, convenhamos, é impossível não gostar da Yanna.

— A gente que o diga, não é mesmo?!

Afago suas costas e consinto. Fomos conquistados por ela da mesma forma.

— A propósito, tudo bem se eu a levar para conhecer a cidade essa tarde? — questiono — Eu sei o quanto você queria ir passear conosco, mas...

— Sem problemas, querido. Não ia querer que ficassem o dia trancados aqui. Vão e divirtam-se. Podemos fazer alguma coisa amanhã antes de voltarmos.

— Obrigado. — beijo-o com carinho.

Ao me afastar, percebo sua expressão levemente preocupada.

— O que foi?

— Eu estou nervoso. — confessa — Não deveria, mas estou.

Ah, eu sabia. Estava estampado em seu rosto desde que recebeu a notícia.

— Por que?

— É o primeiro namorado da minha mãe desde a morte do meu pai, e ainda tem o fato de que eu não sei se ele é homofóbico. Não que eu espere que ele me aceite, aprove, ou algo do tipo. Nem faria sentido eu querer uma coisa assim. Só que ela parece gostar mesmo do cara e eu não quero que se afastem por minha causa.

Não quero ser pessimista e nem serei. Contudo, sou sensato e mando a real:

— Sua mãe não terminaria o relacionamento por sua causa, Elliot, e sim porque a pessoa com quem está não compartilha dos mesmos princípios. Lembre-se, ela não quer respeito apenas para nós. Ela quer para todos que são como nós.

Ele consente e respira fundo, um pouco mais tranquilo. Olha-me.

— Você está certo.

— Então, não fique nervoso e seja você mesmo.

— Obrigado. Estou bem mais calmo agora.

— Sabe que sempre pode contar comigo.

— Eu amo tanto você, Christopher.

— Eu também te amo muito.

Aperto-o sutilmente contra mim e nós nos beijamos.

— Trocando juras de amor enquanto estou longe? — viramos ao ouvir a voz de Yanna soar da porta — Pelo menos façam isso na minha frente, eu gosto de ver.

Sorrimos para ela e eu estendo a mão para que se junte a nós, o que ela faz de muita boa vontade. Lhe acomodamos em nosso abraço e, brincando, solto:

— Vamos lembrar de esperar você chegar antes de fazer juras de amor.

— Muito bem.

Beijo-a e logo Elliot faz o mesmo. Sento na beirada da cama em seguida e Yanna, encarando o peito desnudo de nosso namorado, cruza os braços e questiona:

— Não que não seja uma visão e tanto, mas porque sua camisa ainda está aberta?

— Oh, nós estávamos conversando e acabei esquecendo. — ele responde.

— Venha aqui. Eu vou fechar para você.

— Huh, isso é novidade. Geralmente você só abre as nossas camisas.

— Cale a boca. — dá risada enquanto se encarrega dos botões — Sua mãe está pronta e esperando na sala. É melhor se apressar ou acabarão se atrasando.

— Já vou descer.

O observamos terminar de se arrumar e descemos juntos para nos despedirmos; nossa sogra está linda em um vestido laranja, que elegeu com a ajuda de Yanna, e os cabelos presos num coque. Lado a lado, a semelhança entre mãe e filho é enorme.

Acompanhamos os dois até a porta. Yanna dá um beijo em Elliot e eu faço o mesmo, e em seguida cumprimentamos respeitosamente para nossa sogra.

— Tenham um bom almoço. — digo.

— Se divirtam no passeio.

Acenamos quando saem com o carro e, em questão de segundos, estamos a sós. Ainda parados na varanda da entrada, Yan se agarra ao meu braço e

pergunta:

— E então? O senhor pretende me levar aonde?

— É uma surpresa. — aperto a ponta de seu nariz — Vamos nos aprontar.

Não leva mais do que vinte minutos para estarmos prontos. Nem preciso dizer o quanto Yanna está linda trajando um short de cintura alta e uma camisa xadrez. Eu preferi as roupas folgadas e confortáveis de sempre, mas troquei as botas por tênis.

Dado que Elliot levou o carro, chamamos um táxi. Minha ideia é levar Yanna para conhecer o Hersheypark. Tenho certeza de que ela irá adorar, pois, é considerado uma das maiores atrações turísticas da cidade. Com suas treze montanhas-russas, dezenas de outros brinquedos e até um parque aquático.

Um o ambiente perfeito para longos dias de verão como hoje.

Minhas suspeitas são confirmadas assim que o táxi estaciona em frente à entrada do parque e Yanna vislumbra maravilhada através da janela aberta.

Sorrio com sua reação.

— Pronta para conhecer a Hersheypark?

— Mas é claro que sim! — exclama animada e, de repente, me encara — Essa pergunta pode soar um pouco estúpida, mas, por acaso esse parque tem algo a ver com aquele chocolate Hershey? Aquelas luminárias têm o formato daqueles Hershey's Kiss, sabe? Que parecem um pinguinho de chocolate e...

Sou incapaz de não gargalhar. Sério que ela só notou agora?

— Yan, querida, essa é a cidade dos chocolates Hershey's.

— Como é?

— A fábrica foi fundada aqui em 1894, moça. — o taxista, também achando graça, responde — Por Milton S. Hershey. Pois é, ele tinha o mesmo nome.

— Nossa, por isso fiquei com a sensação de que o nome era tão familiar?! — ela ri de si mesma — Ok, sinto-me um pouco patética. Muito patética.

Beijo seus cabelos e balanço a cabeça em negação.

Tem como não considerar essa maluquinha adorável?

Pago o taxista e saímos do carro. Honestamente, teríamos que tirar o dia inteiro para visitar tudo, de tão amplo que o lugar é, sem contar que nem poderemos aproveitar do parque aquático. Porém, ainda que seja um passeio reduzido, valerá muito a pena. Só esse olhar deslumbrado da minha namorada já vale.

Droga, eu queria que Elliot também estivesse presenciando isso.

De mãos dadas, percorremos as ruelas movimentadas, há brinquedos espalhados em todos os cantos possíveis. Yanna olha de um lado para o outro feito uma criança curiosa e eu só sei rir. Agora entendo por que nosso namorado gostaria tanto de vir, pois, sabia exatamente que ela se comportaria assim.

Vamos na Fahrenheit, uma das maiores montanhas-russas do parque, e descubro que Yanna grita tanto quanto Elliot em brinquedos como esse. Com pena da carinha pálida dela depois de sairmos da atração, decido pegar leve.

Almoçamos em um dos restaurantes e, uma hora depois, nos aventuramos no Skyview para observar o parque de cima. O passeio abrange ida e volta pela região de Hollow e por Spring Creek. Tiro algumas fotografias com a câmera do celular e aproveito para mandar imagens de Yanna para Elliot.

Nosso passeio continua nas horas que se seguem. Enviamos ainda mais fotos para o nosso namorado e, faltando um pouco mais de quinze minutos para as três, resolvemos ir embora. Bem, esse era o plano, se Yanna não tivesse pedido para andarmos um pouco pelas ruas ao redor do parque antes de pegar um táxi de volta e então se plantado em frente a uma loja de fachada rosa.

Dou risada ao perceber que é uma loja de bolos a qual encara quase em transe.

— Você quer provar? — aponto para os cupcakes que ela tanto namora na vitrine — Podemos entrar e comer alguns. Ou quem sabe, levar para casa e...

— Ora, ora. Vejam só quem está aqui.

Entro em estado de alerta ao escutar tal voz e toda a minha animação se esvai.

Endireito-me e respiro fundo antes de virar e estar diante daquele que não vejo pessoalmente a quase cinco anos. No caso, desde o dia em que fui expulso de casa. Trocamos olhares como os inimigos que nos tornamos e eu quero rir dessa triste coincidência. Isso sim é uma puta ironia do destino.

E também uma grande merda.

— Oi para você também, pai. — retruco, vendo-o sorrir com sarcasmo.

— Pai? — Yanna murmura ao meu lado, surpresa.

Meu silêncio é a resposta.

Embora eu não precise dizer, pois, a semelhança entre nós é visível para qualquer um. Os mesmos olhos, as mesmas feições.... Sou praticamente uma cópia dele. Porém, como o mesmo gosta de salientar, defeituosa.

— Quem diria que eu fosse encontrá-lo logo em Hershey. — ele comenta.

Seus olhos estão fixos em mim. A aversão que há neles e antes me afetaria, agora não é mais do que nada. Já não sou mais aquele jovem em busca de aprovação.

— Digo o mesmo. — enfim respondo.

Admito que uma certa curiosidade me atinge. Afinal, ainda que seja minha cidade natal e tenhamos passado boa parte da vida em Hershey, mudamos no começo da minha adolescência para Nova Iorque e, logo depois de ser posto para fora de casa, ouvi do meu irmão que o pai aceitou uma transferência de trabalho para Califórnia, do outro lado do país, e lá ficou com a nossa mãe pelos últimos anos. Então, o que ele está fazendo aqui?

Será que voltaram ou está apenas de passagem?

Bom, mesmo que eu queira saber, já deixou de ser da minha conta há muito tempo.

A tensão entre nós é inegável e tão pesada que é quase palpável; Yanna continua segurando minha mão e observando calada, como uma mera espectadora.

— Não tem atendido mais as ligações, posso saber o porquê? — indaga.

Todo o meu corpo enrijece. Ah, não. Ele vai mesmo tocar nesse assunto?

Encaro-o uns segundos, temendo que uma palavra errada possa trazer à tona o que venho mantendo illogicamente em segredo de meus namorados a meses.

— Não havia necessidade de eu atender. — rebato o mais firme que consigo.

Sua expressão, apesar de contrariada, denota que não irá insistir.

— Quem é ela? — aponta para Yanna e o tom que usa para se referir não me agrada nem um pouco. Noto com sua atenção está no ato que nos une.

Penso em não responder, mas não seria justo com a minha namorada, sem contar que poderia soar como se eu estivesse com vergonha ou algo parecido.

Além disso, eu não tenho o que esconder dele. Afinal, mesmo que eu não deva satisfações, é a minha vida e dane-se o que possa pensar (até porque, eu já sei que não vai ser nada de bom). Bom, seja como for, assim ele já fica ciente do porquê não atendi e nem vou atender suas ligações ou concordar com aquela ideia estúpida; entrelaçando meus dedos com os de Yanna, digo de uma vez:

— Ela é a minha namorada.

Por um instante, meu pai parece surpreso. Contudo, sua surpresa se desfaz e dá lugar a um sorrisinho debochado. Sem hesitar, solta um de seus comentários ácidos:

— Ah! Então você finalmente resolveu ser um homem de verdade?

Reviro os olhos. Tão típico.

— Eu nunca deixei de ser um. E se esse comentário quer se referir a um possível término com o Elliot, sinto informar que não. Eu ainda estou com ele e muito bem.

O desconcerto em seu rosto seria hilário se a situação num geral não fosse trágica.

— Como assim? — franze as sobrancelhas.

— Eu namoro os dois, se é isso o que quer saber. E estou muito feliz, obrigado.

Meu pai solta uma gargalhada rouca, que chama a atenção das pessoas que passam ao nosso lado. Instintivamente trago Yan para mais perto e somente o observo.

— Quer dizer que você é o brinquedinho deles? Não tem vergonha de se sujeitar a ser vadia de dois ‘viados’?

Direciona-se para Yanna e eu só não perco a cabeça porque se trata dele e porque a mão dela aperta a minha com força, pedindo assim que eu permaneça calmo.

Só que calmo é a última coisa que eu estou nesse momento.

— Pai, é melhor medir suas palavras.

— Por que? Estou dizendo alguma mentira? — desdenha e o nojo é nítido ao cuspir — Você é uma aberração, Christopher. Você e esses seus namorados depravados.

Sem paciência para continuar ouvindo suas injúrias e não querendo que Yanna seja obrigada a suportar mais dessa situação constrangedora, agarro-a firme pelo pulso e dou meia volta, afastando-me rapidamente. Largando meu pai para trás e falando sozinho.

Irritado como poucas vezes estive na vida, marcho pela rua, indo em qualquer direção sem realmente me importar com qual seja. Eu acreditava que meus pais não seriam mais capazes de me ferir, mas estava enganado. Especialmente em relação ao meu pai. Como ele teve coragem de falar aquele tipo de absurdo? De não ter um pinga de bom senso? A questão não é nem eu ter escutado tudo aquilo, afinal, já estou acostumado com os seus insultos. E sim Yanna ter sido inferiorizada e ridicularizada daquela maneira, até mesmo Elliot que nem presente está.

Pelo amor de Deus, onde pode chegar à intolerância de uma pessoa?

— Chris. Por favor, vá devagar.

Detenho o passo ao perceber o que estou fazendo e impulsionado pelo pedido dela. Continuo respirando rápido por causa da caminhada e da irritação, o que me força a buscar ar algumas vezes até estar um pouco melhor e mais calmo.

Viro para Yanna e vejo que está massageando o punho que eu segurava, e onde agora há a marca dos meus dedos. Droga! Mil vezes droga!

— Desculpe querida. Por favor, me desculpe. — apanho delicadamente seu pulso e o acaricio — Sinto muito. Não foi por querer.

— Eu sei. Está tudo bem.

— Não! Não está tudo bem. — respiro nervoso. Minhas mãos estão trêmulas

— Eu não queria que você... Merda! Eu não queria que você passasse por aquilo. É claro que você não é uma vadia e não estamos brincando com você. Sabe disso, não é?

Sou calado por um abraço apertado. Fecho os olhos com força e afundo o rosto no vão de seu pescoço, apertando-a contra o meu peito. Quero chorar.

De frustração, de vergonha.... De raiva.

— Não precisa pedir desculpas, querido. — afasta-se e acaricia minha bochecha — Jamais peça desculpas pelo o que os outros fazem de ruim. E, principalmente, pelo o que não é verdade. Eu sei melhor do que ninguém o

quanto sou amada por vocês dois, então, não fico nem um pouco ressentida com o que seu pai disse.

— Yan...

— Vamos voltar, tudo bem? Conversamos em casa, será mais sossegado. Pode ser?

Consinto. Eu não tenho condições de prosseguir com esse passeio.

Todo o caminho para a casa da nossa sogra é silencioso. Yanna não solta minha mão em instante algum e mentalmente a agradeço por isso. Ter o seu conforto, mesmo que sutil, é o que me conserva inteiro. Também queria Elliot ao meu lado agora.

Ao chegarmos, ela me guia gentilmente até a cozinha e sento em uma das cadeiras da mesa, sentindo-me derrotado. Yan ergue meu rosto entre suas mãos e beija minha boca com delicadeza. É apenas um selinho, mas que acalenta o meu coração.

— Vou preparar um chá. — murmura.

— Se não se importar, eu prefiro álcool, querida.

— Tudo bem. Acho que tem cerveja na geladeira que sobrou das que trouxemos.

— Eu gostaria de algo mais forte, mas, pode ser.

Ela traz quatro latas e põe sobre a mesa. Nem espero e estou abrindo a primeira, dando o maior gole que sou capaz com um fôlego só. Quando já tomei mais do que a metade, apoio os braços no móvel à minha frente e suspiro profundamente.

— Deu para reparar que minha família não aceita “muito bem” o fato de eu ser bissexual, não é?! — tento rir, só que sai mais como um grunhido amargurado.

— Infelizmente, deu sim.

— Eu nunca comentei dos meus pais com você porque, bem, não havia muito o que falar além de coisas ruins. Num geral, eu ajo como se eles não existissem. O que é exatamente o que fazem comigo. Nós nos ignoramos mutuamente há uns quatro anos.

— Você não fala com mais nenhum deles?

— Na verdade, as vezes mantenho contato com o meu irmão mais velho. Mas é raro conseguirmos conversar. Ele mora fora do país com a esposa e trabalha bastante.

— Entendi.

Yan também abre uma lata e dá um gole. Ficamos quietos uns segundos.

— Posso estar sendo invasiva, mas.... Como foi que tudo aconteceu? — questiona.

— Claro que não está sendo invasiva, querida. É mais do que justo eu contar a você.

Termino rapidamente a primeira lata e abro a segunda.

— Como todo adolescente, eu fiquei assustado com as mudanças que sentia. Comecei a perceber no colégio que me atraía tanto por meninas quanto por meninos, e, por algum tempo, pensei que houvesse algo de errado comigo. Acho que até os dezesseis ou dezessete anos.

Ela pousa a mão sobre a minha livre e aperto-a com carinho. Prossigo:

— Não demorou muito para que eu percebesse que não havia nada de errado. Sempre fui muito curioso e fui atrás de tudo o que pudesse explicar o que eu sentia. E foi quando descobri que era.... Que eu sou bissexual. Ainda levou um ano para aceitar plenamente, sem julgar que eu era estranho ou coisa parecida. Foi um processo.

Recosto na cadeira e respiro fundo. Olho para a lata em minha outra mão.

— No entanto, eu escondi dos meus pais até completar vinte e três anos, ainda não estava pronto para contar. Foi nessa época que eu conheci e

me apaixonei pelo Elliot. Ele é o primeiro homem com quem namorei de verdade e, certo dos meus sentimentos, tomei isso como o passo impulsionador para assumir de uma vez para a minha família. — rio sem humor — E foi o que eu fiz. Só não esperava a reação que viria a seguir.

— O que eles fizeram?

— Me colocaram para fora de casa. Não sem antes me humilhar e deixar bem claro que eu já não era mais filho deles. Meu pai chegou a dar um tapa em mim.

— Ele bateu em você? — Yanna arregala os olhos.

— Sim, no rosto. Serei sincero, doeu e até arrancou um pouco de sangue tamanha a força que ele usou. Porém, nem se comparou com a dor que senti com a rejeição.

Respiro fundo novamente e bebo mais cerveja para entorpecer as lembranças.

— Eu não sou menos homem e nem menos humano por amar outro homem. Eu continuo sendo o mesmo Christopher, a mesma pessoa. E é isso que os meus pais não entendem. Eu não deixei de ser filho deles ou me tornei um tipo de canalha, mas, para eles... — engulo em seco, encarando um ponto qualquer — Foi tão difícil perceber que eu tenho uma identidade e eles não aceitam. Em relação às outras pessoas, eu nunca dei a mínima, mas lidar com pais que sequer respeitam... É tão frustrante!

— Chris.

— Sabe o que é mais engraçado? Eu sempre tive em mente que deveria ser sincero com os meus pais. Eles sempre foram tão gentis e compreensivos, por isso decidi não continuar escondendo a minha sexualidade e dizer que gostava de homens também. Eu só não imaginava que os "gentis e compreensivos" me colocariam para fora de casa e cortariam qualquer tipo de comunicação comigo. Como disse, eles fingem que eu não existo.

Subitamente, igual aconteceu na rua, sou abraçado com força. Sorrio com o ato de minha namorada e beijo seus cabelos que roçam na lateral do meu

rosto.

— Obrigado querida. — sussurro — Sente aqui no meu colo, vou terminar de contar.

Ela o faz e enlaço sua cintura com o braço. Nossos lábios se encontram em um beijo suave. Yanna passa a mão entre os fios do meu cabelo e empurra a franja para trás, destampando os meus olhos, que se fixam em suas lindas jades.

— Depois que tudo aconteceu, eu fui morar com o Eli. Nós alugamos um apartamento pequeno e segui com a minha vida. Fomos construindo as coisas passo a passo. Apoiando um ao outro. O desprezo dos meus pais me feriu por muito tempo, até eu aprender a lidar com ele. A cada dia, mais fácil ficava, e então chegou um momento em que não sentia mais nada. Eu pensei que, se não posso ser aceito do jeito que sou, prefiro a distância do que viver em uma mentira.

Dou de ombros. Essa é a verdade.

Às vezes ainda me pego pensando em meus pais ou o que aconteceu aquele dia. Contudo, ao invés de ficar triste, é felicidade que eu sinto ao ver tudo o que conquistei. Mais do que meu emprego dos sonhos, hoje eu tenho ao meu lado duas pessoas incríveis e que eu amo mais do que tudo. Além disso, por mais inusitada que seja, eu tenho uma família: meus namorados, Vince, Yoan e minha sogra.

Eles são a minha família.

Se meus próprios pais não foram capazes de me acolher, não faltou quem o fizesse.

— Desculpe. — sussurro.

— Por que?

— Por todas as besteiras que o meu pai disse.

— Não se preocupe. Como eu disse antes, sei melhor do que ninguém o

quanto sou amada por vocês dois. E outra, se sou um brinquedinho, isso é problema meu.

Rio brevemente e a beijo de novo.

— Você não é um brinquedinho. Nunca vai ser.

Abraçado com minha namorada, aproveito seu calor e as carícias que distribui em meus cabelos. Seu silêncio é mais do que acolhedor. Como de costume, palavras são desnecessárias para o tanto que entendemos um ao outro. É reconfortante.

Após alguns minutos assim, Yanna se afasta um pouco e observa-me.

— Chris.

— Huh?

— Posso perguntar mais uma coisa?

— Claro. O que foi?

— Seu pai andava ligando para você?

Minha respiração engata. Um arrepio corta minha espinha. Porra!

Óbvio que não ia passar despercebido por ela. Yanna é muito astuta.

Não posso manter isso em segredo para sempre. Na realidade, eu não deveria nem ter escondido, para começo de conversa. Por que eu fui tão estúpido?

Tenho que contar de uma vez. Porém, gostaria que Elliot também estivesse aqui para que conversássemos nós três juntos. É um assunto que corresponde a todos, afinal.

— Sobre isso, eu acho melhor esperar...

De repente, o barulho do lado de fora denuncia que um carro acaba de estacionar. O que só pode significar que ele chegou.

Mas que droga de *timing* perfeito é esse?

— Acho que é o Eli. — comenta.

Não é uma casualidade que ele tenha retornado. O horário do almoço já passou faz horas e provavelmente a mãe dele queria algum tempo com o namorado a sós. Só calhou de o universo dar um empurrãozinho de fazê-lo chegar no ponto crucial da conversa; não demora para que o ruído da porta da frente ressoe.

— Cheguei! — ouvimos o loiro gritar — Tem alguém em casa?

A sala é praticamente colada à cozinha, logo, nosso namorado avista-nos e sorri. No entanto, ao se aproximar e notar as expressões em nossos rostos, ele para e observa. Com o cenho franzido, Elliot permanece quieto um minuto, até dizer:

— O que aconteceu?

Engulo em seco. Eis o momento.

Eu tenho que contar.

Leia os primeiros trechos de "Sempre Três"

ELLIOT

Estar diante do namorado da minha mãe é um pouco, admito, estranho.

Não porque eu não aprovo seu envolvimento com ela, mas sim porque é o primeiro homem que entra em sua vida desde a morte do meu pai.

A verdade é que depois de todos esses anos, querendo ou não, me acostumei em vê-la sempre sozinha. Fosse trabalhando, cuidando de mim ou fazendo os seus voluntariados rodeada de pessoas. Mas, no fundo, sempre sozinha.